

40

CADERNO DE RESUMOS

WWW.SEBRAMUSREPOSITORIO.UNB.BR

SE BRAMUS

SEMINÁRIO
BRASILEIRO DE
MUSEOLOGIA
BRASÍLIA.DF

DEMOCRACIA:
DESAFIOS PARA A
UNIVERSIDADE
E PARA A
MUSEOLOGIA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

29 JULHO A
1º AGOSTO
2019



Ilustração inspirada em intervenção do artista visual Bené Fonteles, em escultura "A Justiça" de Alfredo Ceschiatti, em 1996.

CADERNO DE RESUMOS

ORGANIZADORES:

PROF.^a DRA. ANA LÚCIA DE ABREU GOMES (UnB), PROF.^a DRA. ANDREA CONSIDERA (UnB),
PROF. DR. CLOVIS CARVALHO BRITTO (UnB/UFBA), PROF. DR. EMERSON DIONISIO GOMES DE OLIVEIRA (UnB),
PROF.^a MS. JULIANA PEREIRA SALES CAETANO (UnB), PROF.^a DRA. MONIQUE MAGALDI - coord. (UnB).

4º SEBRAMUS

SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA

BRASÍLIA-DF

DEMOCRACIA: DESAFIOS
PARA A UNIVERSIDADE E
PARA A MUSEOLOGIA

29 DE JULHO A 1º DE AGOSTO DE 2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ISBN 978-85-64593-84-8

Título: 4º SEBRAMUS: Seminário Brasileiro de Museologia: caderno de resumos

Tipo de Suporte: E-book

Formato Ebook: PDF

Capa e Editoração eletrônica:

MAÍRA ZANNON | ILHA DESIGN

COMITÊ CIENTÍFICO

DRA. ALICE SEMEDO

Universidade do Porto, Portugal

DR. BERNARDO JAVIER TOBAR QUITIAQUEZ

Universidade de Cauca, Colômbia

DR. BRUNO CÉSAR BRULON SOARES

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

DRA. CLÁUDIA PENHA DOS SANTOS

Museu de Astronomia e Ciências Afins, Brasil

DR. CLOVIS CARVALHO BRITTO

Universidade de Brasília/Universidade Federal da Bahia, Brasil

DRA. ELAINE REYNOSO HAYNES

Universidade Nacional Autônoma do México, México

DRA. IRINA PODGORNYY

Universidade Nacional de La Plata, Argentina

DR. JESUS PEDRO LORENTE

Universidade de Zaragoza, Espanha

DRA. LUISA GERTRUDIS DURAN ROCCA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

DRA. MARIA LÚCIA DE NIEMEYER MATHEUS LOUREIRO

Museu de Astronomia e Ciências Afins, Brasil

DRA. MARIA MARGARET LOPES

Universidade de Brasília / Universidade de São Paulo, Brasil

DR. MIRUNA ACHIM

Universidade Autônoma Metropolitana, México

DR. VAGNER CARVALHEIRO PORTO

Universidade de São Paulo, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

PROF.^a DRA. ANA LÚCIA DE ABREU GOMES (UnB)

PROF.^a DRA. ANDREA CONSIDERA (UnB)

PROF.^a MS. ANNA PAULA DA SILVA (UnB/UFBA)

PROF. DR. BRUNO MELO DE ARAÚJO (UFPE)

PROF.^a DRA. CARMEN LÚCIA SOUZA DA SILVA (UFPA)

PROF. DR. CLOVIS CARVALHO BRITTO (UnB/UFBA)

PROF.^a MS. DEBORAH SILVA SANTOS (UnB)

PROF.^a MS. ELIZÂNGELA CARRIJO (UnB)

PROF. DR. EMERSON DIONISIO GOMES DE OLIVEIRA (UnB)

PROF.^a MS. FERNANDA WERNECK CÔRTEZ (UnB)

PROF.^a MS. GLEYCE KELLY HEITOR (Parque Lage)

PROF.^a MS. ISABELLA MARIA DE OLIVEIRA ALMEIDA (UnB)

PROF.^a MS. JULIANA PEREIRA SALES CAETANO (UnB)

PROF.^a MS. LUCIANA MAGALHÃES PORTELA (UnB)

PROF.^a DRA. MARIA MARGARET LOPES (UnB)

PROF.^a MS. MARIJARA SOUZA QUEIROZ (UnB)

PROF.^a DRA. MONIQUE MAGALDI - coord. (UnB)

PROF. MS. PEDRO ERNESTO FREITAS LIMA (UnB)

PROF.^a MS. SILMARA KÜSTER DE PAULA CARVALHO (UnB)

PROF.^a DRA. VERONA CAMPOS SEGANTINI (UFMG)

COORDENADORES DA REDE DE PROFESSORES E PESQUISADORES EM MUSEOLOGIA - REDE (2017 - 2019)

PROF. DR. BRUNO MELO DE ARAÚJO (UFPE)

PROFA. DRA. VERONA CAMPOS SEGANTINI (UFMG)

PROFA. MS. GLEYCE KELLY HEITOR (UFG)

ESTUDANTES VOLUNTÁRIOS

ANA CLARA BORGES COSTA
ARTHUR MARCOS SOARES LACERDA
ATHENEA GOMEZ
AYANA MAHARA DOS SANTOS DINIZ
DENIZE PEREIRA DE SOUZA
DIEGO BRYAN DE JESUS BRAGA
EDWARD LOUIS PICQUET III
ÉRIKA MATHEUS CUNHA
GUSTAVO IGOR LOPES DE JESUS
ISABELLA FRAZÃO JORGE
ISABELLA WARTHA ALMEIDA
ISADORA GODOY
JOAQUIM FELIPE OLIVEIRA E SILVA
JOQUEBEDE OLIVEIRA TELES DA SILVA
KARLA CRISTIANE RODRIGUES DOS SANTOS
KAROLINA ABRANTES
KÁTILA THAILANNY MACÊDO DA SILVA
LORENNNA OLIVEIRA
LUCELIA GARCIA
MARIA CECÍLIA COSTA DE SOUSA
MARIA EDUARDA DE ANDRADE FILHUSI
MARIA LUIZA PEREIRA DE OLIVEIRA
MARIANA BARBOSA
MATHEUS DA CRUZ TEIXEIRA
MAYARA RODRIGUES DA SILVA
PEDRO HENRIQUE ANCHIETA BRITO
RAFAELA ROCHA DOS SANTOS
RAMONI MONTEIRO DE SOUZA SILVA
REBECA PIRES MATIAS
REGINA DE ALMEIDA FERNANDES
RODRIGO SILVA
ROGELIA C. T. SOUZA
SANDRA SUELLEN SILVA DE OLIVEIRA
TAMINE ALANA OLIVEIRA PINTO
THATIANE SILVA RODRIGUES
YARA JANNE BELO COSTA
YASODARA TALISSA LEMOS BRITO

ÍNDICE

PÁG.

GRUPOS DE TRABALHO

7	GT-1
7	GT-2
8	GT-3
9	GT-4
10	GT-5
11	GT-6
12	GT-7
12	GT-8
13	GT-9
14	GT-10
14	GT-11
15	GT-12
16	GT-13
17	GT-14
17	GT-15
	30 DE JULHO - TERÇA
19	9h às 10h30
	31 DE JULHO - QUARTA
39	9h às 10h30
64	10h40 às 12h
	1º DE AGOSTO - QUINTA
95	9h às 10h30
128	10h40 às 12h

GRUPOS DE TRABALHO - GTS

GT 1

EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

Na atualidade muitos qualificativos acompanham o termo curadoria; desde diferentes tipologias de espaços de memória até os de acervos digitais. O que converge, como ponto de interseção entre as concepções, é a figura do sujeito enunciativo, com poder decisório, o especialista, expertise, cientista, de saber aprofundado, aquele que detém o conhecimento e é capaz de estabelecer uma seleção, ordenação para uma melhor preservação com vistas à pesquisa e à divulgação do conhecimento. A compreensão de base teórica do campo museológico, apesar das poucas publicações sobre a temática, evidencia que o desafio se encontra no entendimento de uma dimensão constitutiva sobre os critérios de seleção, ressignificação, conservação, documentação e comunicação, a partir de uma concepção de ciclo completo. Essa perspectiva deve encaminhar para a reflexão sobre o significado da curadoria museológica, exercida pelo seu profissional que, a partir de seus conhecimentos, se insere nos denominados “especialistas” sujeitos enunciativos, mas que, no entanto, possui um cenário de desafios institucionais no cotidiano das práticas museológicas. A proposição deste Grupo Temático visa gerar reflexão acerca do conceito de curadoria museológica, as especificidades no cenário atual e os desafios institucionais de profissionais como viabilizadores desse ciclo relacionado à materialidade das coleções, as elaborações simbólicas e acionamentos informacionais, bem como a dimensão ontológica do termo curadoria. Os plurais entendimentos acerca dos processos curatoriais, a diversidade metodológica e a necessária reflexão acerca do exercício museológico, enquanto prática curatorial, recomendam a proposta de desenvolvimento de grupo temático, de forma que as pesquisas sobre o tema e os relatos de experiências profissionais possam ser apropriadamente compartilhadas.

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo; Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro

GT 2

ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

O ensino da Museologia no Brasil tem atravessado décadas, evidenciando diferentes olhares sobre este campo de conhecimento, propondo distintas articulações interdisciplinares e articulando influências nacionais e internacionais. Herdamos dessa trajetória universitária o desenho de um cenário plural e com multivocalidade para a capacitação técnica, formação profissional e desenvolvimento acadêmico. Nesse contexto, emergem entre muitos outros atributos as metodologias de ensino, especialmente aquelas estruturadas a partir de potencialidades democráticas e participativas e preocupadas em inserir a formação e a pesquisa em Museologia

nos enquadramentos que buscam a valorização das ações coletivas, compartilhadas e socialmente construídas. A partir dessa perspectiva, propomos este GT para conhecer, compartilhar e discutir metodologias de ensino que têm direcionado o ensino da Museologia – em suas distintas modalidades – para a construção e valorização de ações democráticas. A nossa inspiração está ancorada em duas variáveis. Por um lado, na proposta do SEBRAMUS 2019 - “Continuam, os profissionais de museus, falando apenas de si mesmos e para si mesmos? Que reconhecimento têm eles da sociedade? No universo de trabalhadores, como nos situamos e agimos?”. Com esses questionamentos, a museóloga Waldisa Rússio problematizou, em 1989, a função dos museus e a ação política de seus agentes em um período em que grande parte das práticas museológicas e de ensino da Museologia se sustentava em discursos conservadores e, por vezes, antidemocrático”. Por outro lado, identificamos entre os professores dessa área, nas últimas décadas, diversas experiências instigantes e desafiadoras para o ensino de Museologia que ainda não foram devidamente abordadas, discutidas e valorizada.

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Viviane Sarraf

GT 3

MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

Atualmente, no que concerne o diálogo entre cultura e política, não é raro verificar intensa presença do debate sobre a cultura tanto em sofisticados mecanismos de gestão da diferença – editais de fomento, festas populares, processos de patrimonialização etc. –, quanto compreendida como principal instrumento de organização de vida e consumo coletivos de grupos de resistência. Em meio aos debates que envolvem políticas culturais – especialmente pensadas a partir de uma perspectiva dos Estudos Culturais – ganha atenção uma miríade de relações políticas que se constituem entre os equipamentos de cultura e novos projetos de (e para representação da) sociedade. Este GT tem como objetivo central dar continuidade ao debate sobre políticas de gestão de cultura por equipamentos culturais, bem como o recurso da cultura enquanto ferramenta de dobra permanente de sentidos e arranjos do social. Desejamos reunir trabalhos que discutam desde as políticas culturais no Brasil até reflexões críticas sobre lugares comuns do elemento cultural no mundo contemporâneo, tendo o dispositivo de cultura como referência, e/ou passando por discussões sobre processos de patrimonialização, musealização, museus e políticas da diversidade, políticas de tombamento, projetos de cidade, novas tipologias de museus, elementos para uma teoria museológica crítica e correlatos possíveis, além de estruturar-se, sobre o lugar geral (e desafiador) de uma reflexão pós-colonial em Museologia. Interessa-nos ainda a promoção do debate possível entre o fazer museológico e os temas indissociáveis das formas políticas do contemporâneo e suas traduções nos aparelhos de cultura, tendo sua tomada como importante recurso econômico do projeto hodierno de globalização. Neste sentido, entendemos que a percepção do museu enquanto dispositivo (AGAMBEN, 2005) que opera e produz relações de poder interessadas em inscrever sentidos que impliquem em relações de governo sobre e nos indivíduos/sociedade (FOUCAULT, 1979), se adequada aos nossos propósitos de construir uma agenda de pesquisa crítica; não celebrativa das políticas culturais que alçaram o museu ao seu status atual, estando nossos interesses voltados, portanto, mais para questões de teoria, política e poder do que para a eficácia, eficiência e boas práticas de gestão que aprimorem o que é hegemônico. Consequentemente, interessa-nos uma agenda

que dê centralidade ao papel político dos museus no contexto de instrumentalização da cultura na contemporaneidade.

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor

GT 4

MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE

O Grupo de Trabalho “Museus, gênero e sexualidade” propõe apresentar e debater a pertinência das categorias gênero e sexualidade para o campo da museologia e dos museus. Ao desvelar as relações de poder assimétricas presentes no sistema sexo-gênero em nossas sociedades, percebemos que as diferenças entre mulheres, homens e sexualidades dissidentes são também construções sociais e culturais. Importa-nos problematizar como os museus tem tratado essa questão, a partir de suas práticas e processos, refletidas à luz de uma museologia crítica. Serão pertinentes trabalhos teóricos bem como relatos de experiências a partir de práticas museais e patrimoniais que pensem sobre gênero, sexualidade e suas interseccionalidades à luz de conceitos como patriarcado e heteronormatividade – enquanto sistemas sociais de dominação/opressão – e feminismo – enquanto movimento social e político emancipatório, associados às práticas e processos de musealização e patrimonialização. Neste sentido, serão bem-vindos trabalhos que:

- Discutam sobre visibilidade/invisibilidade, rupturas, permanências, narrativas e silenciamentos de temas relacionados a gênero, sexualidade e história das mulheres e populações LGBTQI nos museus e na museologia;
- Investiguem a prática social do colecionismo e das coleções evidenciando o protagonismo e ação das mulheres e populações LGBTQI;
- Levantem questionamentos sobre implicações de gênero e sexualidade na história dos museus, das coleções e das práticas colecionistas;
- Analisem as relações entre pessoas de diferentes gêneros e sexualidades com a cultura material, a memória social e o patrimônio ampliando o olhar para além da dicotomia mulher/homem;
- Problematizem a questão de gênero e as formas de representações sociais da mulher e populações LGBTQI a partir das interseccionalidade, considerando as multiplicidades presentes no interior dessas categorias (classe, raça, etnia, geração, nacionalidade, entre outros marcadores possíveis);
- Considerem o recorte de gênero e sexualidade nos estudos e pesquisas sobre formação e atuação profissional no campo dos museus e da museologia;
- Reflitam sobre os museus e a museologia numa perspectiva descolonizadora e decolonial;
- Tragam relatos de intervenções museais voltadas a subverter as assimetrias do sistema sexo-gênero;
- Promovam o debate sobre democracia, justiça social e igualdade na diferença. Justificativa da relevância do tema Historicamente os museus estão associados à construção das identidades nacionais europeias, nas quais se expressa uma forma de cidadão pleno: homem, branco, ocidental, heterossexual e proprietário. Da mesma forma, tais instituições nasceram fortemente imbricadas com os colonialismos e imperialismos. Na modernidade ocidental, as identidades construídas a partir dos museus foram marcadamente machistas e sexistas, contribuindo para a opressão e subordinação das mulheres e outras “minorias políticas”, tal qual as populações que podem ser compreendidas como lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans, queer e interessexuais (LGBTQI). Tais posturas marcaram as mentalidades expressas nos museus, em suas coleções, equipes, exposições e ações educativas até os dias atuais. Nesse sentido, coloca-se como especialmente relevante uma análise crítica das instituições museológicas e seus processos como parte de um amplo espectro de agenciamentos e normatizações, tendo como objetivo a coesão social

e a uniformidade, no presente e no passado, de forma a calar as vozes subalternizadas. Trata-se de compreender que houve uma transferência europeia da cultura dos museus para as Américas de modo geral. Herdamos um modelo de museu moderno enciclopédico, classificador e hierarquizador que tratava de apresentar as referências culturais em termos nacionalistas, cientificistas, com destaque para os grandes eventos da história, dos heróis e principalmente dos homens. Essas marcas também estão presentes na museologia como campo de conhecimento, sendo necessário examinar criticamente como a produção do conhecimento e a formação nesse campo tem perpetuado essa herança sexista. Ademais, quando ampliamos as identificações de gênero e sexualidade para além da dicotomia mulher-homem, percebemos invisibilidade ainda maior das outras formas de ser pessoa, bem como de temas relacionados à regulação dos corpos. Trata-se de desafiar as lógicas hegemônicas presentes nos museus criando espaços e ações de resistência que garantam a entrada em cena de sujeitos excluídos historicamente dessas instituições. A resistência às hegemonias nos museus pode operar em muitas direções como a diversidade sexual, social, étnica criando cismas e abalos nas políticas culturais elitistas e nacionalistas em que se sustentam a maioria dos museus brasileiros, em maior ou menor grau. Trazer o gênero e a sexualidade para o campo da museologia é uma forma de melhor compreender o museu enquanto dispositivo de reprodução e mudança social. Será possível incrementar os discursos museais, repensar, ressignificar e reescrever a história da relação entre pessoas, coleções e as memórias construídas nessas instituições e processos?

Coord: Ana Audebert; Jean Baptista; Mariana Sombrio

GT 5

MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

A pesquisa em Museologia ampliou suas perspectivas de abordagens com o enfoque sobre os usos das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) nas formas de produzir e vivenciar o patrimônio, principalmente com o enfoque na análise e desenvolvimento de estratégias para democratização do conhecimento. Estudos que voltam-se a estas tecnologias na contemporaneidade em ambientes museais inter e hiperconectados, como espaços de memória expandidos, on line ou off line. Este grupo de trabalho tem como propósito prosseguir na formação de uma rede para o diálogo e reflexões sobre investigações e experimentos de socialização do patrimônio e concepção de espaços museológicos expandidos através das técnicas e tecnologias da informação e comunicação, mobilizando inclusive perspectivas interdisciplinares para (re)pensar problematizações epistemológicas neste campo. São exemplos destas experiências o uso de Realidade Aumentada, Realidade Virtual, games, softwares, dispositivos interativos e sistemas cognitivos de inteligência artificial que dinamizam a gestão da informação e as exposições nos museus, conectando com as tecnologias sociais que fazem parte do cotidiano dos seus visitantes, os cibernuseus ou museus digitais, exposições on-line, as ações de digitalização, virtualização e imersão do patrimônio em 2D e 3D em ambientes criados e imagens veiculadas na internet com ou sem vínculos com acervos físicos, desenvolvimento de aplicativos, entre outros. Este GT pretende trazer e fomentar debates sobre os desdobramentos e interferências destas práticas nas formas de pensar e planejar os processos museológicos de tratamento e comunicação do patrimônio. São esperadas discussões sobre a articulação entre estas práticas e as teorizações em Museologia, seus novos e os antigos paradigmas, procurando

incentivar pesquisas interdisciplinares dentro da perspectiva temática voltada para o patrimônio e os museus na Cultura digital, transmidiática e conectada em rede, visando a socialização de saberes e a (ciber)democracia cognitiva.

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva

GT 6

CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O Grupo de Trabalho Conservação de Bens Culturais e a Participação Social tem por objetivo divulgar e promover pesquisas sobre conservação aplicada em instituições tradicionais ou de iniciativa comunitária, assim como mediar debates e experiências sobre processos de conservação já realizados ou em curso e que tenham por finalidade a preservação de acervos culturais. A Conservação abrange a Conservação Preventiva, a Conservação Curativa, e a Restauração já conceituada pelo Grupo de Conservação do Conselho Internacional de Museus (ICOM-CC, 2008). Diante de novas abordagens do campo museológico, acrescentamos a Conservação Participativa com o intuito de oportunizar a reflexão de atividades de conservação em espaços não tradicionais. Os fatores de degradação agem de forma isolada ou conjunta devendo ser cuidadosamente analisados. Desta forma, a conservação tem a finalidade de prevenir e estabilizar os processos de degradação e manter as condições adequadas dos acervos, visando o acesso seguro às gerações atuais e futuras, respeitando os materiais originais. Assim, a pesquisa é imprescindível para diagnosticar as causas de degradação, reconhecer a tipologia dos materiais que compõe os acervos, assim como verificar quais os meios possíveis à sua permanência. Os temas a serem contemplados por esse Grupo de Trabalho são os aspectos teóricos e práticos da conservação, a pesquisa através da utilização de técnicas e métodos científicos, além de novas tecnologias em conservação. Justificativa A conservação de acervos e obras individuais vem crescendo e ganhando certa visibilidade nos últimos anos, proporcionando orientação para os profissionais da área, na implantação de metodologias de trabalho e de execução de procedimentos técnicos com aplicação de novos materiais e métodos. Contudo, ainda é necessária a divulgação de pesquisas, concluídas ou em execução, com o objetivo de fomentar as discussões entre os pesquisadores e os profissionais da área acadêmica sobre questões teórica e prática específicas da conservação e que ajudem as instituições museológicas a alcançar seus objetivos de conservar, investigar e difundir seus acervos a fim de estar “a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento” (ICOM, 2001). Considerando que as pesquisas em conservação são complexas e dinâmicas, o Grupo de Trabalho em Conservação de Bens Culturais Móveis é um espaço importante para a reflexão científica da área.

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli

GT 7

ARQUITETURA DE MUSEUS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA SUA DEMOCRATIZAÇÃO

Boa parte do patrimônio cultural preserva-se e apresenta-se em diversos tipos de museus. Muitas destas instituições – tanto públicas como privadas – foram implantadas em imóveis já existentes, que tiveram de ser adaptados para sua nova função. Muitos outros museus foram instalados em edifícios já concebidos para abrigá-los. Junto ao dever de custodiar e apresentar ao público as coleções e os seus próprios edifícios, os museus têm a importante responsabilidade por adaptar constantemente seus espaços a múltiplas demandas curatoriais, técnicas, sociais e culturais do presente. Esta sessão temática coloca o tema da arquitetura de museus como uma especialidade da arquitetura, desde uma postura ética que compreenda tal materialidade como uma mediação dos processos de democratização de acesso, fruição e problematização da ação museal e de suas dinâmicas processuais. Convida, numa perspectiva de estímulo a abordagens interdisciplinares, a arquitetos, museólogos, engenheiros, restauradores, historiadores, arqueólogos, cientistas sociais e demais profissionais relacionados com o mundo dos museus a apresentar e analisar projetos arquitetônicos e intervenções de ampliação, reabilitação, restauração, requalificação em edifícios de museus, casas museus, museus de sítios e centros de interpretação. Propõe-se a discussão em torno às relações entre lugar, memória, temáticas, acervo e público e a mediação por meio da arquitetura de museus, expografia e processos projetuais. Também são bem-vindas análises da história dos edifícios que foram destinados a museus, incluindo-se as relativas a intervenções neles realizadas, em diálogo tanto com as teorias do restauro que as orientaram, quanto com demandas por expansão física e por peculiaridades curatoriais específicas à sua ação museal. O day after desses projetos é também um tema de relevo, pois coloca em questão a gestão e manutenção dos museus. Destaca-se também a importância da revisão crítica da arquitetura contemporânea globalizada, que hipervalorizou desmesuradamente a autoria das intervenções arquitetônicas em museus, fomentando a elitização e/ou a mercantilização da cultura. Por último ressalta-se o compromisso da arquitetura de museus com a qualificação dos entornos urbanos, com a preservação da memória, dos edifícios e das coleções, com a educação plural e inclusiva e com a fruição democrática dos bens culturais.

Coord: Luisa Gertrudis Durán Rocca; Paulo Cesar Garcez Martins; Anna Beatriz Ayroza Galvão

GT 8

MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS

Nos últimos anos os povos originários nas Américas vêm atuando em diversas iniciativas que correspondem à pesquisa e registro das suas memórias e à patrimonialização e à salvaguarda das suas referências culturais. O advento de museus indígenas, museus tribais e/ou museus étnicos de caráter comunitário, nascidos de processos educacionais e de mobilização política destes povos, bem como de centros de documentação e casas de culturas em seus territórios, indicam que a preocupação destas coletividades com a construção social da memória é uma demanda política do/no presente. Inúmeras questões surgem com o envolvimento das comunidades

indígenas em projetos museológicos de construção de espaços específicos que representem as suas culturas em primeira pessoa e que busquem ressignificar seus ritos, conhecimentos e memórias, ao narrar sua história em seus próprios termos. Neste sentido, este GT convida pesquisadores indígenas e não indígenas para discutir algumas dessas questões: a relação entre memórias e mobilizações políticas, os efeitos da patrimonialização dessas culturas; o modo pelo qual essas experiências traduzem seus repertórios culturais e comunicam as suas especificidades, reveladoras de suas “cosmopolíticas”, seus modos ecológicos e relacionais de interação com os humanos e extra-humanos (animais, plantas, espíritos, objetos, etc); a relação com pesquisadores, escolas indígenas e associativismo. A partir da análise dessas experiências, o GT visa discutir quais as suas contribuições para uma reflexão no campo museológico e das ciências humanas e sociais.

Coord: Alexandre Oliveira Gomes; Eliete Pereira; Alexandre Oliveira Gomes

GT 9

MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

A importância do debate e da reflexão acerca da Museologia Social em consonância com os Direitos Humanos se faz mais do que necessário nos dias atuais, tendo em vista a importância do tema na construção de redes de mentalidades, capaz de fortalecer uma sociedade mais justa, uma vez que ainda predomina o pensamento colonialista, patriarcal, racista e homofóbico diante de grupos minorados em nosso país. Cabe lembrar que os direitos são atribuídos por lei. O Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos diz que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” e o Artigo 2º “Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou outra, origem nacional ou social, fortuna, nascimento ou outro estatuto”. Isto posto, o GT Museologia Social e Direitos Humanos pretende reunir pesquisas que investiguem estratégias de enfrentamento realizadas no campo epistêmico da Museologia nas interfaces com a temática dos direitos humanos e a ética profissional. Para tanto, privilegiará propostas que discutam experiências em Museologia Social como estratégias para reafirmação da diversidade cultural, questionamento das desigualdades e defesa dos valores democráticos; a relação entre processos museológicos e tentativas de restituição de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas e conhecimentos populares. A proposta é de, a partir de diferentes metodologias e referenciais teóricos construídos na confluência entre políticas públicas, práticas comunitárias e ações museológicas e museais, proporcionar um espaço de reflexão sobre a relação entre Museologia e Direitos Humanos, problematizando o papel da Museologia em um contexto em que de modo geral há um retrocesso nos direitos e na democracia no país.

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho

GT 10

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES

Este GT tem como proposta congregar trabalhos sobre colecionismo, percursos, estudos de performances culturais e representações artísticas em coleções de museus, com ênfase nos acervos relacionados a expressões de cultura popular. Serão apreciados principalmente, mas não exclusivamente, trabalhos que abordem musealizações de acervos de arte e cultura populares e seus assemelhados, tais como objetos de cultos de matriz africana e de origem indígena, que apresentem aspectos não usuais, ou que causem estranheza no contexto tradicional da formação de coleções museológicas. Interessam-nos trabalhos que abordem os conceitos de arte e cultura populares, com possíveis implicações na política de constituição de acervo e nos sistemas de documentação e conservação das instituições museológicas, a exemplo de objetos que são alterados em sua forma física ao longo de sua trajetória no museu, por serem postos em interação constante com a realidade social circundante, ou por tomarem parte em eventos do calendário festivo das cidades em que se inserem. Interessam-nos igualmente, acervos relacionados a temáticas incomuns ou que levantem questionamentos relativos à patrimonialização, documentação e conservação, em contraposição aos interesses e anseios da sociedade envolvida com o bem em questão. São bem vindos trabalhos de pesquisa e relatos de experiência que subvertem ou põem em discussão a origem e aquisição de acervos de arte e cultura populares que fujam aos padrões tradicionais de constituição das coleções museológicas. Resultados de disputas, em campos de tensão criados e performados no interior do mundo museológico, esses objetos espelham visão de mundo que têm se modificado, alterando também as instituições que os abrigam.

Coord: Vânia Dolores Estevam de Oliveira; Ricardo Gomes Lima; Elizabete de Castro Mendonça

GT 11

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

O Grupo de Trabalho História e Memória dos Museus e da Museologia no Brasil é dedicado à apresentação de pesquisas finalizadas ou em andamento sobre escritas da história e processos de construção de memórias sobre museus e práticas museológicas levadas a cabo por agentes do campo da Museologia em experiências institucionais, produções científicas, formulação de conceitos, pensamentos, etc., numa abordagem de trajetória individual ou de grupo, de análise institucional e biografia de coleções e objetos museológicos. Dedicam-se também à divulgação de trabalhos voltados à cientificação das práticas museológicas e sua institucionalização em cursos de graduação e pós-graduação, privilegiando também uma abordagem de análise institucional, de trajetória individual ou de grupo. Enfim, o GT se constituirá em um espaço de divulgação, reflexão e debates sobre as diferentes contribuições (teóricas, empíricas e acadêmicas), institucionalizadas ou não, individuais e em grupo que constituíram o campo museológico brasileiro e atualmente são objeto de estudos na História, Museologia, Antropologia, Sociologia e outras áreas do saber. O GT justifica-se pela possibilidade de constituir um fórum de divulgação, reflexão, debates e

trocas de produção científica sobre a história e memória dos museus e da Museologia no Brasil. Através desse espaço é possível não apenas que se conheçam os trabalhos sobre o tema que se tem desenvolvido no Brasil, mas também se fortaleça esse campo de pesquisa que muito tem crescido e contribuído para a elaboração de políticas e diretrizes no âmbito dos museus, da Museologia e do Patrimônio.

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho

GT 12

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA

Em sua atualidade, a Museologia tem por desafio a resolução da tensão entre seu desejo de autonomia e sua tendência por metodologia interdisciplinar. No Brasil, episódios como a nova classificação de seus cursos pelo CINE Brasil 2018 evidenciam a ausência de consenso sobre o lugar epistemológico da disciplina, posto que seu efeito – associado aos de outras classificações institucionais – faz a Museologia flutuar entre ciências sociais aplicadas e humanidades. Levando em conta o teor das críticas que se seguiram à classificação, é notável a diversidade dos pontos de vista sobre o que seja a Museologia, fenômeno que parece indicar a ausência de acordo epistemológico – quer dizer, ausência de articulações teóricas em torno de um objeto franco – capaz de integrar os rasgos teóricos dispersos pelo campo no país. Por outro lado, o termo musealização tem sido, talvez, a Ideia-força mais promissora para o campo. Entendemos, a partir das pesquisas recentes na área, que o conceito se encontra no entremeio entre o campo museal (ligado ao trabalho prático do museu) e a amplitude do campo museológico (que se refere à disciplina Museologia), o que nos leva à tomá-lo como um conceito chave para a discussão epistemológica aqui evocada. Sensível a essa problemática, interessa a esta edição do GT Perspectivas Contemporâneas em Teoria Museológica, recolher e fomentar o debate de trabalhos e pesquisas que considerem o processo de musealização ponto de partida para a urdidura de um acordo epistemológico para a Museologia. Sobre esse processo, seu investimento é duplo: interessa-lhe tanto novas perspectivas sobre a relação entre museu e processo de musealização quanto a eleição e articulação de um conjunto de termos e teorias capazes de produzir, a partir desse processo, uma analítica. Esse esforço (de acordo epistemológico) que, esperamos, ocupará outras edições desse GT, deseja, também, se constituir como resposta à questão formulada pela temática do IV Sebramus, qual seja, sobre os compromissos da Museologia na atual conjuntura política. Nesse sentido, o GT Perspectivas Contemporâneas em Teoria Museológica sugere que um desses compromissos seja com a teoria.

Coord: Alexandro Silva de Jesus; Bruno Brulon Soares; Daniel de Souza Leão Vieira

GT 13

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

De acordo com Paulo Freire (1978), o tempo de trânsito é o movimento necessário entre a ruptura do antigo paradigma para o novo, ainda em construção. O tempo de trânsito, para Freire, não seria uma simples mudança, pois promove novos temas, novos paradigmas. A transitividade crítica altera as justificativas míticas por pesquisas baseadas em metodologias preocupadas com revisionismo e diálogos, no lugar de polêmicas. Substitui explicações mágicas por princípios causais, procurando testar paradigmas. No âmbito da Museologia, citamos a experiência cubana de Marta Arjona, pioneira na América Latina, a qual incentivou a criação de museus municipais em parceria com as escolas locais. A autora nos propõe questionar como usar a tecnologia em prol do desenvolvimento da cultura diante dos escassos recursos nos museus da América Latina e Caribe. Arjona apresenta como alternativa o uso criativo dos meios disponíveis em diálogo sensível com a população local (ARJONA;2000). Ainda no que diz respeito à aplicação e transformação social, corrobora com essa linha de pensamento o educador Paulo Freire quando questiona a quem se destina a tecnologia e os seus avanços. Por sua vez, também é importante indagar se todos possuem a mesma qualidade de acesso a Internet, conforme questionado por Nestor Canclini, uma vez que não podemos desconsiderar às desigualdades sociais e o cerceamento da indústria cultural aos patrimônios culturais produzidos pelas diversidades étnicas. Nesse sentido, o uso das Tecnologias Sociais (TS) é uma metodologia desenvolvida para resolver um problema da população local, a tecnologia é reaplicável e o caminho utilizado por países considerados em desenvolvimento, e uma alternativa de financiamento para ações culturais como as exposições e ações educativas. No caso Brasileiro, no tocante à sociedade, é importante citar Waldisa Russio que apresenta a ideia de socialização do patrimônio, para além de uma comunicação sem pessoas e de uma socialização sem a sociedade. Para a autora, os museus deveriam, então, começar suas transformações proporcionando um espaço que inicie o processo pela comunidade e para a comunidade (RÚSSIO;1987). Tal pensamento é explorado por Felipe Lacouture (2002) quando entende ser o museu o coadjuvante nos processos das transformações da sociedade, sendo a população local a protagonista. Para promover ações de diálogo e provocar a emancipação crítica na sociedade, é importante questionar a finalidade das ações culturais educativas e expográficas na atualidade, especificamente no que diz respeito à relevância social de tais ações, incluindo-se análises críticas junto aos patrimônios e aos espaços de musealização. Deste modo, reflexões sobre a relação entre as ações expográficas, as ações educativas e culturais em museu junto à sociedade vêm despertando estudos diversos, incluindo pesquisas sobre Interatividade, Tecnologia Social (TS) e Cibermuseologia. No âmbito da Educação em museus, é importante lembrar da nova proposta apresentada ao cenário museológico, para além da Educação Patrimonial: a Política Nacional de Educação Museal, PNEM. A PNEM, com os seus princípios e diretrizes, apresenta uma nova possibilidade para as atividades educativas em instituições museológicas. Contudo, estudos críticos que analisem as divergências e aproximações entre a PNEM, a Educação Patrimonial, Educação permanente, Educação em Patrimônios e Ação Cultural para Liberdade, entre outros, são apresentados ainda timidamente no campo da Museologia. Assim sendo, promover reflexões críticas sobre os impactos sociais das ações educativas e comunicacionais acerca do exercício museológico justifica a presente proposta de grupo temático, espaço destinado ao compartilhamento de relatos de experiências profissionais de metodologias e de pesquisas teóricas.

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes

GT 14

CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

Diante do processo de mudanças políticas que afetam o campo dos Museus e da Museologia brasileira, quando alcançamos conquistas em torno da valorização e do investimento no campo da prática museológica, que culminou no aumento significativo de cursos de graduação e Pós-Graduação em Museologia e provocou um novo, porém tardio incômodo dos vários grupos sociais ainda não contemplados enquanto representatividades nos espaços museais do país e se veem nesse contexto, ameaçadas de desaparecerem, senão, correndo o risco de estagnarem-se em meio ao caos social que ronda o país. Nesse sentido, é a ausência de uma epistemologia que fomente a reflexão sobre a pluralidade de ideias advindas da diversidade cultural e decerto, de contradições e também de desajustes no campo da teoria e por conseguinte da museologia contemporânea, que abre como fenda mesmo vácuo, e adentra o sentimento de instigar, provocar ou mesmo de inserir as questões de gênero, classe, raça e sexualidade a partir das intersecções que dialoguem numa perspectiva de decolonizar corpos negros, a partir dos não lugares simbólicos que produzem e reproduzem memórias quando colonizam e ocultam narrativas femininas, ao mesmo tempo em que a de falta de identidade e pertencimento surgem com os rasgos da subjetividade entre os diversos sujeitos e seus pensamentos. Assim, o Grupo de Trabalho, “Corpos femininos negros: representação nos espaços de memórias”, se interessa por discussões no campo das narrativas, das memórias do feminino em diferentes espaços alternativos, comunitários, que a partir da construção de uma Museologia democrática, reflita em torno de fenômenos cujos elementos simbólicos materiais e imateriais, instiguem a produção científica no campo dos Museus.

Coord: Maria das Graças de Souza Teixeira; Joana Angélica Flores Silva;
Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar

GT 15

MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

Este grupo de trabalho tem como principal objetivo estimular reflexões sobre as confluências da arte e a museologia evidenciadas tanto no meio universitário como no âmbito extramuros, incluindo debates sobre processos de democratização dos saberes. Propomos analisar as realidades museais e museológicas vinculadas a essas confluências e seus possíveis desdobramentos. Neste sentido, o GT estimulará discussões que envolvam aspectos teóricos e práticos dos diálogos entre arte e museologia, abrangendo cenários institucionais e independentes como: museus e galerias; pontos de memória; exposições e curadorias; bienais e outros eventos de arte; mercado da arte; gestão de acervo; critérios e procedimentos de musealização; políticas e ações de conservação; estratégias patrimoniais; docência, pesquisa e extensão em cursos de graduação e pós-graduação; laboratórios; processos e criações artísticas oficiais e alternativas, incluindo, dentre outras, manifestações vinculadas com o espaço urbano e expressões ligadas ao universo popular; além dos métodos e práticas educacionais realizadas

nas instâncias aqui elencadas. As comunicações deverão abordar as confluências mencionadas a partir de metodologias interdisciplinares que aceitem a rica diversidade de concepções/ noções de arte e de museologia, querendo assim promover discussões epistemológicas que deixem transparecer as contribuições recíprocas entre as áreas. Como resultado, desejamos dar visibilidade à produção de antigas e novas narrativas entre arte e museologia e ao processo crítico decorrente, abrigando os possíveis dilemas, confrontos e sobreposições de ideias, os quais podem enriquecer a pesquisa, a conservação, a documentação e a comunicação museológica.

Coord. Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández

30 DE JULHO 2019

TERÇA-FEIRA

Das 9h às 10h30

GT1 - EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

MESA 1

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo;
Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

9h A Coleção Amazoniana de Arte da UFPA – Seção Arte Pelo Olhar Da Museologia

João Victor Polaro Soares (UFPA); Orlando Franco Maneschy (UFPA)

Resumo: O presente resumo da pesquisa possui como objetivo trazer o panorama que está sendo pesquisado enquanto reflexão acadêmica sobre a Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará - UFPA, contudo, dando especial destaque a seis artistas da chamada Seção Arte. Busca-se por meio da abordagem de suas obras, mostrar a importância da coleção para os estudos em Museologia, sobretudo em Museologia na Amazônia, destacando os desafios da produção dessa área de conhecimento para a região, sendo específico e não colonializante. Assim, esse estudo teve início partir da pesquisa concebida na iniciação científica PIBIC/CNPq, ano 2017/ 2018, cujo título do plano de trabalho é "Coleção Amazoniana de arte da UFPA - Perspectiva no Encontro dos Documentos no)Arquivo(da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA", sendo vinculado ao projeto Percursos da Imagem na Arte Contemporânea e seus Desdobramentos - Arte e Patrimônio Artístico na Amazônia com a orientação do Artista e Curador Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy. Para tanto, faz-se nessa recente pesquisa um apanhado conceitual abordando os significados de Museologia, musealização, onde se encontra entender esse processo de transformação do objeto em um objeto museal, dentro do diálogo entre espaço, objeto e sociedade, e aplicação desse conhecimento epistemológico na área das Artes, e por fim, às coleções. Logo em seguida, é apresentado o objeto de estudo, onde busca-se traçar a trajetória da coleção destacada em conjunto com sua historiografia e olhares de agentes próximos, como o curador geral e artístico, um museólogo e pesquisadores da academia, pois seus entendimentos são essenciais para justificar a relevância da coleção para os estudos em Museologia. Em suma, conclui-se com a aplicação do olhar da Museologia sobre a coleção, desta forma, abarcando o processo fenomenológico da musealização, os quais analisam a contribuição do Museu da UFPA como espaço desse acontecimento, além de indicar a função de uma possível curadoria museológica, onde se permitiria traçar diretrizes museais como documentação, conservação e comunicação eficientes para a referida coleção.

Palavras-chave: Museologia; Amazoniana; Artes; Musealização; Curadoria Museológica.

9h20 Cartografias Curatoriais: dos bastidores às exposições de arte

Doris Freitas do Couto(UFRGS); Ana Maria Albani de Carvalho (UFRGS)

Resumo: Propõe-se comunicar os resultados parciais da pesquisa em curso a nível de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, com enfoque na entrevista realizada, in loco, com a

curadora Lola Hinojosa Martínez, do Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, ocorrida em Madrid em novembro de 2018, em que se desvela os bastidores das montagens de exposições, a partir do acervo composto de mais de 22.400 obras, no referido museu. A Curadora entrevistada integra a equipe do Reina Sofía desde 2006 e apresenta, passo a passo, os procedimentos curatoriais da Instituição, cujo tempo transcorrido entre a pesquisa e a montagem propriamente dita podem chegar a dois anos de trabalho, envolvendo diversos atores. A partir das leituras e do cotejar com as pesquisas práticas e de campo da autora, constrói-se os perfis de diferentes tipos de curadores, perspectivas de curadoria e as relações que se estabelecem entre os envolvidos, onde os jogos de poder e os tensionamentos presentes nos bastidores, de algum modo impactam as exposições. É ainda alvo da investigação as aproximações e distanciamentos entre a curadoria de arte e a curadoria museológica, levando-se em conta o olhar abrangente sobre os processos e métodos curatoriais propostos pela Museologia e a aqueles adotados por curadores de arte cuja formação é bastante diversa. Conclui-se que a curadoria de arte se foca de modo exclusivo na obra de arte, tendo como compromisso destacá-la, de modo que, por si mesma, esta estabeleça com o público os caminhos para a sua interpretação, enquanto a curadoria museológica dedica especial atenção à maneira como o público vai fruir a exposição, levando em conta, por exemplo, a inclusão de públicos historicamente considerados “não público” como as pessoas com deficiência, desde as primeiras decisões curatoriais.

Palavras-chave: Curadoria; Bastidores das exposições; Exposições de arte.

9h40 A curadoria e o discurso expográfico no Museu COPE no Laos, Vietnã: relato de um visitante

Meiriluce Santos Perpetuo (UFBA)

Resumo: A atividade do profissional curador dentro dos museus é refere-se a um extenso campo de atividades, entre elas, a de possibilitar a mediação entre tudo o que envolve a produção artística, a crítica, o mercado consumidor, o público e a obra. Sob o aspecto da montagem de exposições, a curadoria pode refletir um propósito definido, assumindo função social e educacional, sendo o curador um construtor de diálogos e discursos, podendo propor recortes em um conjunto de obras que talvez não tenham ocorrido sequer ao próprio artista, evidenciando detalhes que podem parecer irrelevantes, mas que proporcionam a criação de discurso marcante de um momento cultural, artístico e/ou histórico. Dentro da perspectiva museológica, é na montagem de exposições que a curadoria encontra maior aplicação e visibilidade. Suas ações se concentram, principalmente, na criação de discursos expositivos, quando os acervos adquirem atributos e significados que vão além do vínculo direto e imediato que os objetos mantêm com a realidade, dando novos sentidos, buscando causar um efeito no público, produzindo novos conhecimentos e validando a importância dos museus como instituições científicas e culturais. Buscando contextualizar a relevância dos discursos expográficos intencionais das exposições montadas por curatorias, o trabalho traz, como exemplo, a experiência vivenciada por um visitante no Museu COPE (Cooperativa Ortopédicos e Protéticos Enterprise), em Laos, no Vietnã. Sua exposição conduz o visitante num relato comovente e apelativo, contextualizando historicamente a guerra do Vietnã, suas atrocidades e as vítimas que ainda sofrem com suas consequências. A expografia alcança seu êxito quando consegue tocar o espírito de solidariedade do público que, ao final, é convidado a contribuir com a instituição, depositando dinheiro num cofre em forma de prótese. O museu, assim, serve como intermediário para angariar fundos para financiamento das próteses para pessoas mutiladas por bombas remanescentes da guerra. O exemplo do Museu do Laos demonstra como as ações de curadoria podem construir propostas

voltadas para um objetivo, no caso, altruísta. A esse respeito, constata-se que a utilização de recursos expositivos criados pela curadoria, além de validar a importância dos museus como instituições científicas e culturais, afirma sua função social. A experiência apresentada evidencia a responsabilidade assumida pelo curador ao propor uma exposição, demonstrando que toda curadoria reflete um propósito definido, estabelece valores e nunca é descomprometida. Além disso, demonstra como as coleções adquirem sentido diversos, voltando-se para objetivos específicos, na medida em que vão sendo planejadas, selecionadas, recortadas, classificadas, ordenadas, montadas e disponibilizadas para consumo público.

Palavras-chave: Curadoria; Montagem de exposições; Discursos expositivos; Função social dos museus.

GT2 - ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

MESA 1

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Viviane Sarraf.

9hA Tecitura de uma Museologia Paulista: tramas históricas de suas perspectivas democráticas
Léa Blezer Araújo (PPGMUS/USP; ACAM Portinari)

Resumo: O presente documento consiste em uma proposta de comunicação oral que se apresenta ao IV SEBRAMUS, e por sua vez insere o conteúdo da dissertação de mestrado, concluído em 2017, no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMUS) da USP, sob orientação da profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno. A partir das fontes estudadas sobre a formação em Museologia em São Paulo, Curso de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo –Fesp; e no Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo –CEMMAE USP, a comunicação abordará os aspectos democráticos de forma a contextualizar a problematização acerca da democratização e dos desafios enfrentados pelos profissionais de museus no âmbito de sua formação profissional. Assim, pode-se contribuir para a discussão trazendo e historicizando elementos relevantes da Museologia Paulista, realizando uma reflexão crítica.

Palavras-chave: Formação em museologia; Museologia Paulista; Acesso e democratização.

9h20 Laboratório de Documentação e Arqueologia da UFRB: diretrizes institucionais e inclusão social

Carlos Alberto Santos Costa (UFRB); Fabiana Comerlato (UFRB);
Henry Luydy Abraham Fernandes (UFRB)

Resumo: A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) foi criada em 2005, a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A instituição nasceu no âmbito das políticas nacionais de interiorização do ensino superior federal, que na Bahia preencheu uma lacuna na distribuição regional da oferta da formação universitária. O Recôncavo da Bahia é conhecido pela paisagem e por abrigar um patrimônio edificado, definido por prédios imponentes e cidades históricas, e saberes tradicionais, que decorrem da ocupação

contínua do território nos últimos 500 anos e dos processos de fricções interétnicas entre grupos africanos escravizadas, populações indígenas autóctones e europeus colonizadores. Muito desse patrimônio cultural material, imaterial e paisagístico foi alvo de ações de patrimonialização pelo Estado, via tombamento, chancela ou registro. Contraditoriamente a essa riqueza, a região é historicamente negligenciada nas políticas públicas estatais, no atendimento de necessidades básicas – saneamento, saúde, educação, segurança, renda, transporte etc. – com expressão negativa no IDH brasileiro. Essas condições definem o perfil histórico da comunidade da UFRB e delimitam a importância do seu papel. Atualmente a universidade tem cerca de 12.400 estudantes, 2.000 servidores (técnicos, terceirizados e docentes), 64 graduações, 9 especializações, 2 residências médicas, 17 mestrados e 2 doutorados. Trata-se da universidade mais negra do Brasil, com 83,4% dos estudantes autodeclarados pretos e pardos; 92% provenientes da Bahia e 79,6% do interior do estado; 82% são das classes C, D e E; e 63,8% do público é feminino. Esse perfil indica a necessidade de atuação institucional com foco nas políticas de inclusão social, o que leva ao desenho institucional a deter uma Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (Propaae) e a normatizar as cotas para o ingresso na graduação, pós-graduação e concursos. O Laboratório de Documentação e Arqueologia (Lada), ligado ao Centro de Artes, Humanidades e Letras (Cahl), criado em 2010, tem o objetivo de proporcionar aos estudantes, em especial da graduação em museologia e, recentemente, do mestrado em arqueologia e patrimônio cultural, a formação no campo interdisciplinar entre a museologia e a arqueologia. O princípio de atuação é a valorização das realidades locais e das vivências dos estudantes, alinhado com as políticas de inclusão social da UFRB. Com esse foco são induzidas ações institucionais e interinstitucionais de: pesquisas; ensino de graduação e pós-graduação; iniciação científica, à extensão e ao ensino; eventos; exposições; estágios; monitorias; publicações com diferentes alcances; e guarda de acervos arqueológicos. Busca-se a interação entre discentes, técnicos, docentes e população local na produção e promoção de conhecimentos que valorizem a região e as pessoas do Recôncavo da Bahia.

Palavras-chave: Lada/UFRB; Recôncavo da Bahia; Inclusão Social.

9h40 Contribuições do Tirocínio Docente para o ensino da Museologia: relato de experiência Ritta Maria Morais Correia Mota (UFBA); Joseania Miranda Freitas (UFBA)

Resumo: O ensino da Museologia no Brasil vem, ao longo de décadas, proporcionando aos profissionais da área olhares diversos sobre a forma de atuação e construção de abordagens nas instituições museológicas ou afins, desenvolvendo ações pautadas na sensibilidade em perceber o quanto é fundamental a contribuição interdisciplinar no desenvolvimento de suas atividades. A partir de 2003 novos cursos de Museologia foram abertos, a partir da Política Nacional de Museus. Com isto, a partir do primeiro curso de Mestrado na área, o exercício didático de mestrados e posteriormente doutorandos (a partir de 2012) tem proporcionado uma riqueza de abordagens para a formação docente. Esta comunicação relata uma experiência didática, que tem desenvolvido uma metodologia de ensino que colabora para o fortalecimento da construção social e ações que refletem na formação de profissionais com olhares mais amplos e inclusivos. Trata-se do estágio docente no ensino superior (Tirocínio Docente), no semestre 2018.1, no Programa de Pós-Graduação em Museologia, da Universidade Federal da Bahia (PPGMuseu/UFBA) - criado em 2013. A experiência foi no componente curricular Arte Decorativa e proporcionou a oportunidade de vislumbrar um “olhar descolonizado” sobre as narrativas históricas das coleções de mobiliário, cerâmica e metais, suscitando novas reflexões sobre os objetos, levando inclusive à construção de novas narrativas relativas ao objeto de

estudo do mestrado. Em lugar de aceitar a síntese eurocentrada do conceito “faiança”, o estudo partiu para a compreensão do fazer cerâmico da louça vidrada em várias sociedades, buscando abarcar a diversidade de informações às quais os objetos cerâmicos estudados indicavam, através da inclusão da biografia dos objetos e dos sujeitos nos objetos. O termo “descolonizar o olhar” não se aplica tão somente aos acervos coloniais, trata-se de um campo epistemológico que visa ir além dos conhecimentos eurocentrados. O exercício didático proporcionou a releitura dos objetos pesquisados: conjunto de louça vidrada do Cemitério Nosso Senhor dos Aflitos; em Nazaré-BA – levando à busca de elementos para compreender como as louças importadas de Portugal foram inseridas no cemitério de uma região famosa por sua fabricação secular de objetos cerâmicos.

Palavras-chave: Ensino de Museologia; Louça Vidrada; Descolonização do olhar.

GT 3 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

MESA 1

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor.

9h Um passeio pelas políticas públicas de museus no Brasil: século XX e atualidade

Fernanda Santana Rabello de Castro (Ibram)

Resumo: A Política Nacional de Museus (2003) completou 15 anos em 2018, sendo fruto do amadurecimento do setor museal nos campos político, teórico e prático. Apresentaremos brevemente a trajetória das políticas culturais, de museus e de memória que levaram ao desenvolvimento da história política de uma museologia e prática museal que culminaram em uma política pública construída de forma democrática e participativa, contando com atores do campo e da sociedade civil. Entendemos política pública como uma prática política construída intencionalmente e com objetivo de transformação social, elaborada e implementada pelo Estado em sua composição integral, ou seja, estrutura estatal combinada com a atuação de uma sociedade política e uma sociedade civil historicamente constituídas em meio a relações de negociação e conflito. Analisaremos criticamente os acontecimentos contemporâneos ligados ao universo dos museus e da cultura, com a extinção do Ministério da Cultura (1985-2019) bem como a ameaça ao setor museal que significou a assinatura de uma medida provisória que autorizou a criação da Agência Brasileiro de Museus e extinção do Instituto Brasileiro de Museus, identificando o caráter privatista e antidemocrático desse ato do poder executivo brasileiro, que obteve rápida e intensa resposta do setor Museal organizado. Defendemos que a atuação da sociedade civil organizada contribui para o fortalecimento e desenvolvimento da área, dando corpo às suas principais transformações e impelindo o poder hegemônico a institucionalizar, por vezes, práticas originadas no seio de instituições e movimentos por ele não controlados. Nesse sentido, demonstraremos como a constituição de uma cultura política baseada na democratização do acesso e da produção cultural, em especial no campo dos museus e da memória tem-se institucionalizado e tomado força no Brasil, em especial a partir da Política Nacional de Museus (2003).

Palavras-chave: Museus; Políticas públicas; Políticas culturais.

9h20 Mudanças e permanências nas políticas públicas para a cultura no Brasil a partir da Política Nacional de Museus

Gabriela Santos da Silva (UFBA); Sidélia Santos Teixeira (UFBA)

Resumo: O presente estudo pretende abordar uma reflexão acerca da trajetória das políticas públicas para a cultura no Brasil e as transformações advindas com a Política Nacional de Museus de 2003. Seu objetivo consiste em identificar as nuances que diferenciam os modelos de gestão de políticas culturais ao longo da história do Brasil, bem como fazer considerações acerca da relevância da Política Nacional de Museus para o setor. Destaca-se de que forma estas diretrizes contribuíram na valorização dos museus brasileiros, o que conseqüentemente, afetou a sociedade como um todo, visto que estes espaços possuem a responsabilidade social de salvaguardar os patrimônios produzidos pelas sociedades e comunidades. Para a confecção do artigo, além da bibliografia, será utilizado a documentação oficial referente às políticas públicas para a cultura. Até o presente momento, é possível verificar que apesar de ter sido um grande avanço no modo de se pensar e fazer políticas públicas no Brasil, os museus, infelizmente, ainda enfrentam problemas que são substanciais.

Palavras-chave: Museus; Políticas Culturais; Política Nacional de Museus.

.....

9h40 A Criação do Instituto Brasileiro de Museus e do Programa Pontos de Memória: uma análise sobre discurso e prática

Robson Santana (UFPE)

Resumo: O objetivo desta pesquisa é criar uma análise genealógica da documentação que tange a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e do Programa Pontos de Memória, relacionando suas informações com o contexto histórico aos quais pertenceram, assim como quais desdobramentos tais iniciativas públicas e comunitárias obtiveram após suas respectivas ações. O IBRAM cria no ano de 2009 o Programas Pontos de Memória, resultado da parceria entre os Programas Mais Cultura, do Ministério da Cultura e do Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania do Ministério da Justiça, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de uma política pública de direito à memória. Um dos Pontos de Memória investigados é o Ponto de Memória Museu Mangue do Coque, um dos 12 projetos pioneiros do programa. O pré-requisito baseado no alto índice de violência e baixo Índice de desenvolvimento humano para ser um dos pontos de memória foi considerado por parte da comunidade como um dos fatores para uma dissidência que cria o Museu da Beira da Linha do Coque, tema que também será discutido. As documentações analisadas se referem à Lei 11.906 de 20 de janeiro de 2009 que cria o Instituto Brasileiro de Museus; a lei 13.019 de 31 de julho de 2014, conhecida como marco regulatório da sociedade civil e a lei 13.018 de 22 de julho de 2014, conhecida como Lei Cultura Viva e a Portaria nº 315 de 6 de setembro de 2017 e publicada em 11 de setembro de 2017, sobre a institucionalização dos Pontos de Memória do IBRAM. Pretende-se identificar quais redes de alianças, pontos de apoio e discursos utilizados quando se deram na criação do Instituto Brasileiro de Museus e demais documentações, tendo em vista que o discurso possui uma ligação com o desejo e o poder. Têm-se uma bibliografia com referências como Michel Foucault e sua ideia baseada na tensão entre o sujeito e as relações/redes nas quais o sujeito está inserido; Reinhart Koselleck e os mecanismos de experiências a partir da história vivenciada como um tempo novo; Bruno Brulon Soares, Hugues de Varine, Mário Chagas e Odalice Priosti no que diz respeito às experiências de museus comunitários no qual a questão do território seja uma das prerrogativas de criação de tais espaços de memória, assim como entrevistas com

lideranças dos dois projetos comunitários e pessoas ligadas direta ou indiretamente ao IBRAM.

Palavras-chave: Instituição; Memória; Museus Comunitários; Museologia Social.

GT 5- MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

MESA 1

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva.

9h Entre conceitos e experiências virtuais: estudos sobre Museus Virtuais Brasileiros

Kátia Silene Souza de Brito (UnB); Joquebede Teles da Silva Oliveira (UnB);

Monique Magaldi (UnB).

Resumo: Com o surgimento das Tecnologias de Informação e Comunicação- TIC's, os museus puderam ampliar as suas ações interativas, buscando manter uma comunicação mais próxima com o usuário da informação, o que pode ser claramente percebida com as manifestações museais via internet, seja através das páginas eletrônicas dos museus ou por meio dos Museus virtuais eletrônicos. O novo contexto imposto pelo progresso tecnológico permitiu a inserção de Tecnologias nos museus brasileiros, seja em sua manifestação territorial ou virtual, e criou novas exigências, estimulando transformações nas ações museais. Os museus vêm buscando ampliar as suas ações e ser, cada vez mais, acessível, seja no que diz respeito ao seu acervo, ações educativas e culturais, exposições realizadas, entre outras atividades. Deste modo, para que tais experiências sejam ampliadas e compreendidas, debates sobre o ciberespaço vêm sendo promovidos, cada vez mais, por profissionais e pesquisadores de diferentes áreas, especialmente da área de Museologia. A partir de tal contexto, a presente pesquisa tem como pergunta partida: como os museus virtuais, que se manifestam através da Internet, fazem uso das Tecnologias da Comunicação e Informação? Para tanto, o objetivo geral é analisar como os museus virtuais eletrônicos brasileiros usam a Internet para se manifestar. A metodologia utilizada foi levantamento documental, revisão de literatura e estudo conceitual e terminológico de palavras como 'cibermuseologia', 'museu', 'virtual', 'digital', 'webmuseu', 'cibermuseu', 'patrimônio digital' e 'patrimônio virtual'. Serão realizados estudos sobre os conteúdos disponibilizados por museus virtuais brasileiros. O presente projeto de pesquisa coletará dados, a partir da necessidade de obter informações e apresentar levantamentos quantitativos e qualitativos sobre os museus virtuais brasileiros, de acordo com as pesquisas desenvolvidas por órgãos como o Instituto Brasileiro de Museus- IBRAM. Assim sendo, o resultado parcial da pesquisa entende os museus virtuais como importantes ferramentas de experimentação, mas que necessitam, em alguns casos, ampliar as suas possibilidades interativas, educativas, comunicacionais. Os seus conteúdos devem estar disponíveis em sistemas responsivos e integrados que permitam a recuperação da informação, a qual deverá estar baseada, por sua vez, em conteúdos desenvolvidos por equipes interdisciplinares, não se restringindo somente à clicks e belas imagens de acervos.

Palavras-chave: Museu; Tecnologias de informação e comunicação (TIC's); Cibermuseologia; Museu Virtual; Tipologias de museu.

9h20 Vivências e Reconfigurações do Patrimônio Cultural na Internet Brasileira

Carmen Lúcia Souza da Silva (UFPA); Ana Claudia da Cruz Melo (UFPA)

Resumo: Este trabalho aborda como, em um contexto de profundas mudanças provocadas pelas tecnologias digitais e de comunicação em rede, a sociedade brasileira vem, cada vez mais, encontrando-se com novas formas de vivências do Patrimônio Cultural. Um processo que, especialmente nesta última década, passa por permanentes e inúmeras reconfigurações. Metodologicamente, fundamenta-se em observações, mapeamentos e cartografias de espaços de patrimônio cultural expandidos na internet brasileira, especialmente aqueles relacionados aos Museus do País. Tem como reflexão teórica conceitos e problematizações acerca de Cibermuseu, Patrimônio Digital, Virtual, Cibermuseologia, Museus na Web e Cibercultura, Ciberespaço e Museus. São estudos realizados no âmbito do projeto de pesquisa Cartografias na Internet – Entre Memórias e Patrimônio, desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA). A partir do site do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, que abriga a plataforma de informações intitulada de “Museusbr”, foi possível, por exemplo, partir para observações que levaram a identificar que, entre 2017 e 2018, as principais reconfigurações do uso da tecnologia digital e de comunicação em rede por instituições museológicas no País foram os recursos às formas imersivas e interativas, entre as quais de QR Code, Aplicativos, Reconstruções/Digitalizações 3D, Realidade Aumentada, Museu/Visita Virtual de acesso ao acervo, jogos digitais educativos. Tecnologias usadas, em grande parte, como outras estratégias para socialização de informações e dados com o visitante, além de buscar atraí-lo para visitas presenciais. Estudos anteriores a 2017 já apontavam que essa rede digital se formava predominantemente por websites com finalidade de divulgação de serviços, informar sobre a missão institucional e apresentar acervos. Ao lado dessa forma, se destacava em seguida algumas experiências de disponibilização de visitas pela internet com visualização 360° dos museus, exposições e de patrimônio cultural. Nesse sentido, esse trabalho visa demonstrar que a expansão do patrimônio cultural para a rede se reconfigura, chega à “palma da mão”, com formatos tecnológicos cada vez mais interativos e imersivos, motivando e nos colocando diante da necessidade de permanentes reflexões acerca do patrimônio virtual, da cibermuseologia e da (ciber) democratização do conhecimento.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Internet; Cibermuseologia; Cibermuseu.

.....

9h40 Exposições Online: uma experiência para aplicação de estratégias museológicas em espaços expandidos

Rita de Cassia Maia da Silva (UFBA)

Resumo: Desenvolvemos um estudo sobre aspectos técnicos e teóricos para a criação de exposições museológicas aplicados às telas de dispositivos digitais. Observamos questões relativas à acessibilidade buscando compreender a natureza deste tipo de espaço. Tomamos os hiperlinks e recursos de enquanto elementos para montagem de um circuito expositivo, traçamos paralelos entre o espaço físico e o espaço digital. Observamos as tipologias de acervo, mobiliário e recursos informativos utilizados na composição das exposições museológicas ao analisarmos exposições online de várias naturezas. Exploramos os recursos e modelos de portais de informação, páginas de instituições museológicas e outras instituições culturais a exemplo do Google, Arts&Culture Project (<https://artsandculture.google.com/>), Canadian Museum of History (<https://www.historymuseum.ca/exhibitions/online-exhibitions/>), da revista Select (<https://www.select.art.br/categoria/exposicoes-on-line/>) do Museu Casa de Portinari (<https://www.museucasadeportinari.org.br/exposicoes-virtuais>) museu virtual do laboratório Nacional

de astrofísica. (<http://www.lna.br/~museuvirtual/evolucao.html#primordios>). Como resultado, construímos uma exposição para o Museu Digital do Ilê Aiyê, utilizando elementos de conteúdo de acervo de vídeos, áudio e imagens, adequando os textos explicativos a natureza dos recursos e ao espaço digitais. Com este trabalho, observamos, identificamos e aplicamos técnicas e elementos que podem fornecer princípios para criação deste tipo de exposição.

Palavras-chave:

.....

GT 6 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

MESA 1

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli.

9h Os gradis de ferro do Colégio Gentil Bittencourt: a relação entre comunidade, o patrimônio e a educação

Suzete Montalvão Fraiha (UFPA); Luiz Tadeu da Costa (UFPA); Flávia Olegário Palácios (UFPA)

Resumo: A cidade de Belém durante o final do século XIX e início do século XX foi marcada por grandes transformações na malha urbana, com modificações nas estruturas e estilos arquitetônico. A modernização da cidade se deu por razões econômicas que foram alargados pela comercialização da borracha. Neste período, o comércio se expandiu, contribuindo para o aumento das relações comerciais com a Europa. Na intenção de acompanhar as novas mudanças oriundo dos países europeus, Belém tratou de acelerar as reformas urbanas, em especial nas estruturas arquitetônicas, aderindo a aquisição de novas técnica de construção e de materiais em ferro que a princípio tinha a função estrutural da edificação, porém logo depois passou a ser objeto para decoração e ornamentos das fachadas dos prédios e casas. Neste contexto é que este trabalho tem como objeto de pesquisa os gradis e ornamentos de ferro do Colégio Gentil Bittencourt, edificação que possui características europeias e durante a construção do prédio foram importados para compor o conjunto arquitetônico como elementos estruturais e ornamentais. Tem como objetivo compreender a relação que se estabelece entre o patrimônio, o espaço e a comunidade estudantil, investigar qual o entendimento que a comunidade estudantil possui com relação ao bem patrimonial, sugerir estratégias de ações educativas por meio da educação museal, a partir da criação de um circuito museológico de conhecimento do objeto de ferro para tornar-se conhecido e despertar sentimento de pertencimento e preservação do patrimônio, pois observou distanciamento entre o educando e o objeto dentro do contexto escolar. Durante as etapas desta pesquisa são apresentados os estudos históricos sobre o Colégio e os gradis de ferro e por meio do estudo de público, pois constatou-se o desconhecimento que a comunidade estudantil possui sobre o potencial histórico e museológico que os gradis de ferro possuem. Com base nos resultados obtidos criou - se um roteiro de conhecimento dos pontos expositivos de cada bem cultural com descrição técnica do material e elaboração de um folder ilustrativo como subsidio para mediação. As ações educativas museológicas propostas servem como recursos utilizados para o conhecimento e valorização do objeto cultural como potencial histórico e museológico.

Palavras-chave: Colégio Gentil Bittencourt; Educação Museal; Patrimônio; Gradis e Ornamentos de Ferro.

.....

9h20 Esculturas urbanas metálicas do final do século XIX e início do XX: histórico e valores

Tayná Mariane Monteiro de Castro (UFPA); Flávia Olegário Palácios (UFPA)

Resumo: Entre os séculos XIX e XX, a cidade de Belém- PA vivia o auge de um período de transformações socioeconômicas e culturais, que influenciaram na importação de um modelo europeu de sociedade, denominado “Belle Époque”. Delimitado pelo apogeu do ciclo da borracha na Amazônia, que propiciou construções de prédios públicos, monumentos, praças e esculturas públicas urbanas. Escultura urbana significa monumentos instalados em espaços públicos e patrocinados pelo estado que narram um fato ou adornam o ambiente. Esse tipo de esculturas comemorativas e educativas foi a corrente principal da prática da arte pública desde o período medieval até o século XIX na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil, este movimento teve início em 1862 com a inauguração da Estátua Equestre do Imperador D. Pedro I, na Praça Tiradentes do Rio de Janeiro, seguindo o modelo francês desenvolvido no período da revolução francesa. Esses monumentos fazem parte da memória coletiva, celebra temas e personagens ligados às estruturas de poder e à própria história do Estado e do País. Localizadas, em geral, em praças públicas, as estátuas compõem a função do lugar como locais de convívio social, contemplação e lazer. Essas esculturas integram a categoria de monumentos intencionais e possuem elementos essenciais que cumprem uma função de rememoração. Porém, em razão da ausência ou ineficiência de políticas públicas de preservação ou valorização destes bens, os significados e o que eles representam podem passar despercebidos pela população, ou até mesmo terem sua intencionalidade confundida com a de outros monumentos. Desse modo, foram analisadas cinco esculturas, de artistas italianos, francês, belga e português, pertencentes ao período de 1882 a 1906, localizadas na cidade de Belém com enfoque na identificação dos valores que lhes são atribuídos, com base na teoria de Riegl e Viñas. A atribuição dos valores depende da sociedade que os legitima em âmbito coletivo, embora não sejam permanentes, são essenciais para conservação do patrimônio. Além disso, qualquer transformação no patrimônio afeta as características intrínsecas ao objeto e altera a relação desses monumentos históricos, que são parte integrante do patrimônio paraense, com a sociedade, bem como seus valores.

Palavras-chave: Esculturas urbanas; Metais; Preservação; Valores.

9h40 As calhas metálicas no centro histórico de Belém (PA): entre preservação e o público

Jaiane Lima da Silva (UFPA); Yasmin Caldas Moraes (UFPA); Flávia Olegário Palácios (UFPA)

Resumo: Com o aperfeiçoamento de técnicas para extração do ferro no século XVIII, o material se tornou a principal matéria prima em fábricas emergentes da Revolução Industrial na Europa. A partir desse período o ferro começou a ser amplamente usado na Arquitetura e construções inteiramente metálicas foram concebidas. O sucesso dessas estruturas levou ao estabelecimento de um mercado de exportação ao longo dos séculos XIX e XX entre as fábricas europeias e países não industrializados como o Brasil, uma das principais exportadoras foi a escocesa Walter MacFarlane's. Demandas de ornamentos metálicos da Walter MacFarlane's vinham de cidades brasileiras como São Paulo, Fortaleza, Manaus e Belém, com destaque para a capital paraense, pois o auge econômico do ciclo da borracha proporcionou a burguesia local recursos para a urbanização do centro de Belém e seu entorno. Vistos como símbolos de modernização e progresso, as peças importadas por meio de catálogos variavam entre mobiliário urbano, equipamento sanitário e ornamentos prediais como os dutos verticais de ferro para condução de água da chuva, esse último prezado por sua estética e funcionalidade em consonância com os ideais higienistas do então intendente do Estado do Pará Antônio Lemos. As calhas

se caracterizam hoje como evidências da Arquitetura do ferro em Belém, todavia encontram-se sujeitas cotidianamente à danos causados por variados agentes de degradação, como o descaso, tanto por parte do poder público, quanto por parte da população. Considerando o potencial histórico e tecnológico das calhas Walter MacFarlane's é necessário voltar nossos olhares para a preservação desses objetos. Portanto a pesquisa busca, por meio de um estudo de público, compreender o posicionamento dos moradores do Centro Histórico de Belém que possuem calhas Walter MacFarlane's em suas residências, acreditando que ao conhecer as causas que levam estes bens à substituição/remoção, poderão ser pensadas medidas para sanar esta problemática, além de promover o debate acerca de uma possível musealização em situ das calhas. Como resultado da pesquisa foi realizada uma análise quantitativa e qualitativa dos dados e a partir das informações obtidas espera-se poder criar métodos de aproximação entre objeto e população, tendo em vista que a valorização por parte da comunidade tende a somar com a preservação tanto da materialidade, quanto da imaterialidade desses bens.

Palavras-chave: Calhas de ferro; Arquitetura industrial; Estudo de público; Centro histórico.

GT 9 - MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

MESA 1

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho.

9h Seja museu, seja herói: repensando estratégias de sobrevivência e alinhamento dos museus à Declaração Universal dos Direitos Humanos

Alejandra Saladino (UniRio/Ibram)

Resumo: Nas últimas décadas, o setor museológico do Brasil passou por importantes transformações resultando, entre outros aspectos, em políticas culturais baseadas na diversidade cultural, na memória e patrimônio, na desconcentração e democratização do acesso à cultura. Estas mudanças caracterizam o fortalecimento do setor, com a criação da Política Nacional de Museus, mais de uma dúzia de cursos de graduação em Museologia (e também alguns cursos de pós-graduação), do Instituto Brasileiro de Museus e de vários programas de incentivo e desenvolvimento. No entanto, a necessidade de ampliar o orçamento anual das instituições e de investir na contratação de profissionais e execução de ações de manutenção e conservação para museus e suas coleções expandiu dramaticamente com a crise política e econômica dos últimos anos. O propósito deste artigo é refletir sobre as estratégias que os museus públicos podem desenvolver em um contexto em que o setor cultural está sob ameaça, mantendo-se firmes e alinhados aos artigos referentes às memórias e aos patrimônios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Museologia; Museu; Políticas Públicas; Declaração Universal dos Direitos Humanos.

9h20 Políticas públicas para os museus no Brasil: reflexos e anseios da museologia social

Átila Bezerra Tolentino (UFPB)

Resumo: A partir da análise do processo de concepção e implementação da Política Nacional de Museus, instituída pelo Ministério da Cultura em 2003, a presente reflexão visa descrever como o campo da museologia social e dos museus comunitários conseguiu ser incorporado à agenda dessa política pública específica. Para tanto, é pertinente um estudo mais detalhado sobre a participação dos diferentes atores sociais no processo de construção da PNM, pois, uma de suas premissas, como traz o seu próprio texto, é “a constituição de uma ampla e diversificada rede de parceiros que, somando esforços, contribuam para a valorização, a preservação e o gerenciamento do nosso patrimônio cultural”. Interessa-nos analisar a participação de representantes de determinado segmento da comunidade acadêmica do campo da museologia, detentores de forte poder simbólico no jogo social de construção das políticas, que tiveram uma considerável atuação na concepção da PNM e posteriormente na sua implementação, refletindo, nas pautas e agendas dessa política, as demandas da museologia social. A produção acadêmica e o engajamento desses profissionais com o campo da museologia social foram ponto-chave para que a PNM tivesse em seu texto e em suas ações os reflexos dos anseios desse segmento do campo da museologia. As reflexões teóricas desses profissionais podem ser percebidas no teor da escrita das bases da PNM, que orientaram a sua concepção e implementação, onde fica clara a inserção, como tema de uma política pública, uma pauta voltada para os museus comunitários e ecomuseus. Interessa-nos analisar também como a então conjuntura política contribuiu para que o campo da museologia social ganhasse corpo nas agendas e políticas públicas para museus dentro do MinC a partir da implantação da PNM. E, para isso, foi fundamental a participação desses atores-chave nas discussões dessa política e no corpo funcional do governo federal ligado à cultura. As pautas da museologia social estão inseridas desde a concepção da PNM, como nos desdobramentos posteriores, constantes, por exemplo, do Plano Nacional Setorial Museus - PNSM. Com vigência para os anos de 2010 a 2020, o PNSM é resultado de um processo de discussão com o setor museológico, cabendo ao Ibram a sua implementação, monitoramento e coordenação. Essa proposta de agenda política e de planejamento do setor museológico brasileiro também comporta um eixo setorial específico correspondente aos museus comunitários e ecomuseus. O desafio e a reflexão que se colocam é a premência de se reforçar políticas que tenham pautas sociais, ou até mesmo manter as existentes, haja vista a onda avassaladora do conservadorismo e das políticas neoliberais que vêm tomando corpo e se avolumando recentemente no Brasil após a deposição do governo de Dilma Rousseff. Aliada a esse desafio, a pergunta que está em jogo é como garantir que diferentes atores sociais, inclusive aqueles que lutam pelos direitos e pela memória dos grupos não hegemônicos, tenham vez e voz na agenda das políticas públicas voltadas para o campo dos museus.

Palavras-chave: Museologia social; Política Nacional de Museus; Museus comunitários.

.....

9h40 Direito de memória e dever de museus

Inês Cordeiro Gouveia (UniRio/MAST); Mirela Leite Araujo (Museu de Arqueologia de Itaipu)

Resumo: O objetivo da comunicação é realizar uma análise das noções de direito à memória e dever de memória na relação com os museus na contemporaneidade, a partir de referências bibliográficas, a exemplo de Sébastien Ledoux, Ulpiano Bezerra de Menezes, Marilena Chauí e outros autores. Partimos dos usos teóricos e sociais destas noções de direito e dever de memória, reconhecendo que emergem da tensão entre as demandas e as estruturas de poder na

sociedade. Observa-se no Brasil a relação histórica entre conquista de direitos, direito à memória e dever de memória, especialmente no tocante à ação dos movimentos sociais nos anos 1980, conforme debatem Maria da Glória Gohn e Boaventura de Souza Santos. Debate-se sobre esses aspectos na sociedade contemporânea, observando como Estado e sociedade civil negociam o desejo de memória, o desejo de esquecimento, a luta pela reparação, o direito à verdade e o direito à justiça. Reflete-se sobre como essa noção de direito e de dever correspondem ao espírito do tempo presente no Brasil, em face de suas tensões sociais e políticas entre lembrança e esquecimento. Passa-se a problematizar o lugar do museu como agente do direito e do dever de memória, a partir de contextos empíricos atuais em que a memória está em disputa e as relações dessas instituições com grupos e indivíduos para os quais interessa usar a memória como instrumento de reparação e transformação. Observa-se, deste modo, as relações entre a comunidade de pescadores tradicionais de Itaipu (Niterói, RJ) e o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI/IBRAM). Enfoca-se, também, a luta dos moradores da Vila Autódromo (Rio de Janeiro), responsáveis pelo Museu das Remoções e, por fim, fala-se sobre a memória de Marielle Franco (vereadora vítima de assassinato no Rio de Janeiro) e o Museu da Maré (Rio de Janeiro). Por fim, busca-se indagar: qual o papel dos agentes envolvidos no campo museológico no exercício do dever de memória e do direito à memória? Cabe às instituições museais buscar incidir no espaço da verdade, da justiça e da reparação? Quais são as estratégias possíveis para ações nesta direção, considerando as estruturas de poder atuais em nossa sociedade?

Palavras-chave: Direito à memória; Dever de memória; Museu; Reparação; Museologia Social.

GT 11 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

MESA 1

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho.

9h Museus Pedagógicos nacionais: aproximação entre França e Brasil (século XIX)

Zita Possamai (UFRGS)

Resumo: No transcurso do Século XIX, a educação, o patrimônio e os museus foram inseridos num movimento de construção do Estado-Nação em diversos países. Diversos elementos foram valorizados para imaginar uma identidade nacional e, nesse sentido, a educação pública irá popularizar o ensino da língua e construir o « homem novo », cujos valores estavam ligados aos ideais republicanos. A educação revestiu-se de grande importância por difundir as ideias racionais, sendo objeto de investimento no sentido da construção de uma educação científica amparada em novas ideias pedagógicas, novos materiais e métodos de ensino. Nesse contexto, foram criados os museus pedagógicos nacionais, como um movimento internacional em prol da modernidade pedagógica. Esses museus foram criados em diversos países, nas Américas e na Europa, e apresentavam características comuns. Podiam conter biblioteca pedagógica, lojas para comercialização de materiais didáticos, coleções de materiais escolares, arquivos de documentos oficiais, além de se preocuparem com a realização de estudos estatísticos comparativos sobre a instrução; possuírem serviços de publicação, de formação e de auxílio a professores e alunos. Esse largo espectro de atuação convergia para um objetivo comum de reunir informações e materiais necessários à organização de uma ciência positiva da educação, a partir de artefatos e dados observados, num centro de formação continuada para os professores, responsáveis por popularizar a instrução primária. A França criou o Museu Pedagógico em 1879 e o Brasil

criou o Pedagogium em 1890. Com objetivos similares, mas em contextos nacionais diferentes, o percurso desses museus foi bastante diverso. O Pedagogium brasileiro teve vida efêmera, sendo definitivamente extinto em 1910. O museu francês reiventou-se ao longo de mais de um século de existência, passou por inúmeras modificações e ainda hoje continua ativo no Museu Nacional de Educação, localizado em Rouen. No lugar de coleções de obras artísticas ou de valor histórico, esses museus pedagógicos reuniam e guardavam artefatos prosaicos do cotidiano escolar; suas coleções estavam à disposição de professores, diretores de escolas e alunos para serem utilizadas, emprestadas ou comercializadas. Assim, para a Museologia, a história desses museus reveste-se de importância por dar a ver uma apropriação diferenciada do museu pelos agentes da educação em prol do desenvolvimento educacional.

Palavras-chave: Museus de educação; Museus pedagógicos; Pedagogium; Museu Nacional de Educação.

9h20 Diretores, museus e fazeres museais no Brasil nas décadas de 1880 e 1890

Andréa Fernandes Considera (UnB)

Resumo: A história da museologia no Brasil certamente apresenta entre as décadas de 1880 e 1890 um dos períodos mais interessantes da formação do pensamento museal brasileiro, apesar da quase inexistência de escritos da época sobre o tema. São esparsos os textos de Ladislau Neto (Museu Nacional), Emílio Goeldi (Museu Paraense), Hermann Ihering (Museu Paulista) e Emerlino de Leão (Museu Paranaense) cujos pensamentos nos chegam em fragmentos pelos jornais de época, ou mesmo pela fala de outros, como dos jornalistas ou críticos destes veículos de comunicação. Muitas vezes é necessário ler nas entrelinhas de seus discursos de inauguração de exposições ou mesmo das justificativas para conseguir mais recursos, o que eles pensavam sobre museus e fazeres museais e porque conduziram suas instituições para determinadas ações e não outras. Mas por outro lado, quando analisamos as escolhas de atuação de cada um dos diretores destes museus, seja na aquisição de acervos, na organização das vitrines, na contratação de funcionários ou mesmo na solicitação de verbas, percebemos o pensamento museológico brasileiro através das decisões de cada gestor. Observamos ainda, que apesar de haver uma certa hegemonia de orientação na prática museal (muitas vezes se tomando como modelo o Museu Nacional), o perfil de cada gestor e sua formação, experiência, ideal e ambição levaram a diferentes caminhos para os respectivos museus onde atuaram. Neste sentido, esta pesquisa tem por objetivo analisar o perfil de cada um dos gestores dos quatro museus selecionados, a dizer, Ladislau Neto (Museu Nacional – RJ entre 1874 e 1892); Emílio Goeldi (Museu Paraense Emílio Goeldi – PA entre 1894 e 1907); Agostinho Ermelino de Leão (Museu Paranaense – PR entre 1882 e 1901); e Hermann Von Ihering (Museu Paulista – SP entre 1894 a 1916) e entender em que medida o perfil de cada um deles levou a diferentes perspectivas museais, resultando numa análise mais ampla, no que podemos considerar como a museologia (ou simplesmente os fazeres museais) das últimas décadas do século XIX. Ou seja, como a diversidade de entendimento do que era um museu e dos desejos pessoais destes gestores, proporcionou diferentes formas de pensar o fazer museal brasileiro da época.

Palavras-chave: Museologia; Fazeres museais; História dos museus.

9h40 Museu Julio de Castilhos: do enciclopedismo à especialização - o início das transformações e o traçado de um museu de história

Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS)

Resumo: O trabalho analisa o início da transformação do Museu Julio de Castilho (Porto Alegre- RS) de um museu de caráter enciclopédico, que priorizou durante as suas duas primeiras décadas as coleções de ciências naturais, a um museu histórico, tomando como recorte temporal o período compreendido entre 1925 e 1939, relativo à gestão do segundo diretor da instituição, o literato e político Alcides Maya. Insere, nesse processo, o surgimento do Museu Julio de Castilhos, no ano de 1903, no contexto da denominada Era brasileira de museus, iniciada na segunda metade do século XIX e que perduraria até 1930, caracterizada pela criação e apogeu dos museus no Brasil com inspiração nos modelos europeus e norte-americanos, reunindo coleções de ciências naturais, arqueológicas, etnográficas e também históricas e artísticas. O Museu do Estado - como inicialmente foi denominado o Museu Julio de Castilhos - foi criado em 30 de janeiro de 1903 e teve como grande preocupação, durante a gestão de seu primeiro diretor, o engenheiro Francisco Rodolfo Simch, a coleta, o estudo e a classificação de coleções de ciências naturais, relegando a segundo plano a diminuta seção de documentos e artefatos históricos. Tal situação iria começar a transformar-se a partir de 1925, quando ocorreu uma série de mudanças administrativas e estruturais na instituição. Dentre essas se destacam a substituição de Francisco Simch pelo literato Alcides Maya na direção do Museu Julio de Castilhos e a integração da seção de documentos históricos do Arquivo Público ao Museu, que originaria o Arquivo Histórico, integrante do novo Departamento de História Nacional, do qual faziam parte também algumas outras seções destinadas às coleções de artefatos, bem como uma Pinacoteca Histórica. Destaca-se que, em 1925, o Museu Julio de Castilhos também passaria a abrigar em sua sede o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Assim, as coleções dedicadas à história passam a ter importância e inicia-se um longo processo de transformação do Museu Julio de Castilhos de uma instituição enciclopédica a um museu histórico. Buscando o entendimento dos fatores que levaram a essa transformação do Museu Julio de Castilhos, apontam-se duas perspectivas: uma de abrangência nacional e outra regional. Nesse sentido, destaca-se que na década de 1920, com o surgimento de novas perspectivas teóricas, o evolucionismo passou a ser criticado, marcando o fim da era dos museus enciclopédicos e uma consequente redefinição dos projetos iniciais dos museus e desmembramentos de suas coleções. Certamente, além do fenômeno mundial dos anos 1920 e 1930 de enfraquecimento dos museus vinculados a um modelo científico de caráter abrangente e de crise das teorias evolutivas, como mencionado, é preciso também considerar questões internas para se compreender o surgimento dos museus de história no Brasil. Assim, deve-se lembrar que o contexto do centenário da independência trazia a questão da identidade nacional e, por consequência, da interpretação do passado. Nesse contexto identifica-se a criação do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, em 1922, e as transformações realizadas no Museu Paulista a partir de 1917. Também nesse mesmo momento, alguns museus estaduais de caráter enciclopédico, como o Museu Mineiro e o Museu Paranaense, voltam-se para a narrativa histórica de suas respectivas regiões. O foco do trabalho não recai, entretanto, na realização de uma análise que estabeleça um paralelo entre esses museus, mas os aponta no sentido de demonstrar que tal processo de transformação na constituição de museus de história no período indicado, não foi exclusivo da instituição sul-rio-grandense, caracterizando, em certa medida, um movimento mais geral. Tais exemplos, nesse sentido, nos permitem afirmar que a criação e o perfil inicial dessas instituições - Museu Paranaense, Museu Julio de Castilhos e Museu Mineiro - ocorreu dentro da denominada Era Brasileira de Museus, assim como, igualmente, podemos também relacionar as suas transformações ao contexto de declínio dessa Era. Entretanto, em que pese essa percepção mais geral, considera-se que é preciso também analisar as questões

internas na modificação dessas instituições, analisando o contexto político e cultural regionais em que cada uma dessas instituições estavam inseridas, tentando perceber em que medida suas transformações atendiam a demandas locais específicas, bem como considerar o argumento de que as aptidões ou interesses dos diretores influenciaram decisivamente na conformação do perfil institucional desses Museus. No caso da instituição sobre a qual o presente trabalho se debruça, aponta-se o papel desempenhado por Alcides Maya, aliado político de Augusto Borges de Medeiros, presidente do Rio Grande do Sul à época. Considera-se que as particularidades que marcaram a mudança do Museu Julio de Castilhos foram traçadas, em certa medida, pela biografia do seu novo diretor, mas de modo articulado com a conjuntura política do período, de alocação em instituições da burocracia estatal daqueles indivíduos alinhados ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) ao qual Alcides Maya fazia parte e exerceu mandato como deputado federal no Rio de Janeiro. Aventasse a hipótese de que a conjuntura política da época e a proximidade de Maya a Borges de Medeiros tenha interferido, dentro de um jogo de reciprocidades, na sua indicação à direção do Museu Julio de Castilhos, e à aceitação de sua proposta de remodelação da instituição, em direção à criação de um museu de história para o Rio Grande do Sul. O plano anunciado por Maya aproximou as instituições responsáveis pela escrita da história sul-rio-grandense – o IHGRGS e a seção histórica do Arquivo Público do Estado - ao Museu Julio de Castilhos, passando elas a atuar junto ao Departamento de História Nacional criado em 1925. Cabe ressaltar que o Museu Julio de Castilhos, durante a gestão de Alcides Maya, continuou a manter as suas coleções voltadas às ciências naturais que a partir de 1925 ficaram abrigadas no Departamento de História Natural criado dentro da nova remodelação do Museu proposta por Alcides Maya. Somente em 1954 essas coleções foram desmembradas, saindo do Museu Julio de Castilhos e formando novas instituições museológicas, momento entendido como a culminância de um processo mais longo de transformação iniciado em anos anteriores. Ou seja, a definição da perspectiva histórica do Museu Julio de Castilhos é o resultado de uma metamorfose lentamente iniciada em 1925 e o que esse artigo pretende analisar é o processo dessa transformação vinculado, ao mesmo tempo, ao movimento maior na Museologia brasileira de especialização e surgimento dos museus históricos a partir da década de 1920, bem como resultado das peculiaridades e demandas regionais na constituição de instituições capazes de narrar o passado regional, onde o perfil dos diretores teve relevada importância.

Palavras-chave: Museu Julio de Castilhos; Alcides Maya; Museu histórico.

GT 13 - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

MESA 1

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes.

9h Estratégias de acessibilidade em exposições: o caso do Museu de Porto Alegre

Lubianca Montagner Weber (UFRGS); Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

Resumo: O presente trabalho visa analisar o audioguia/Pentop, uma tecnologia assistiva (TA) utilizada pelo Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJFF) como uma estratégia comunicacional para democratização do acesso às exposições possibilitando a inclusão de pessoas com deficiência visual (PcD). Nessa perspectiva, investigamos o objeto de estudo na exposição de longa duração “O Solar que virou Museu: memórias e histórias”, refletindo

sobre sua importância na inclusão social e, sua potencialidade como recurso de acessibilidade. O objetivo central da pesquisa foi problematizar a promoção da autonomia para o visitante com deficiência visual na exposição, trazendo aspectos do processo de concepção e utilização da TA, pelo respectivo público. O desenvolvimento do estudo embasou-se na metodologia de análise documental, a fim de conhecer e questionar o objeto de estudo, bem como a audiodescrição nele contida sobre a exposição; observações e visitas in loco; além de entrevistas semiestruturadas com visitantes com deficiência visual ao MJJF e profissionais que participaram do processo de desenvolvimento do audioguia/Pentop. Cabe destacar que além da legislação brasileira que versa sobre a temática, foram utilizados diversos conceitos que transitam no âmbito da Museologia com ênfase na acessibilidade, inclusão social e comunicação museológica. Os dados obtidos a partir das entrevistas e observações, foram entrecruzados com produções de autores/as que possibilitaram a compreensão da acessibilidade nos espaços museológicos, bem como a utilização de TA como estratégia comunicacional em exposições que permitem a inclusão de PcD. Por fim, destacamos que este trabalho buscou responder aos questionamentos sobre autonomia referentes ao audioguia/Pentop na visitação de PcD visual na exposição do MJJF, de modo que se compreendeu a necessidade de reformulações da configuração atual dessa ferramenta, pois ela ainda demonstra lacunas para ampla promoção da autonomia ao público com deficiência visual. Nesse sentido, é necessário refletir sobre novas estratégias comunicacionais que auxiliem na acessibilidade para promoção e inclusão desse público específico.

Palavras-chave: Acessibilidade; Exposição; Audioguia/Pentop; Museu de Porto Alegre.

9h20 Comunicação museológica: análise do processo de musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência

Kauanna Vasconcelos de Sousa (UnB); Monique Magaldi (UnB)

Resumo: A presente pesquisa propõe estudar a comunicação museológica e o processo de musealização de manifestações realizadas pelos Dragões da Independência, fundados em 1936. O 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência - possui uma sede que contém uma importante coleção que representa a história da cavalaria e da instituição, coleção preservada, mas exposta de forma improvisada no Centro Cultural dos Dragões, composta de 300 objetos de ex-integrantes da referida unidade do Exército brasileiro, além de doações de tropas estrangeiras e presidentes. A pergunta de partida deste plano de trabalho pesquisa é: como a comunicação museológica pode ser analisada no processo de musealização dos Dragões da Independência? O Objetivo geral é: Analisar o processo de comunicação museológica a partir da musealização do acervo do 1º Regimento de Cavalaria e Guarda - Dragões da Independência. A metodologia utilizada foi levantamento documental, revisão de literatura sobre a comunicação museológica e comunicação museal e em museus, musealização, musealidade, exposição e performance existentes nos Dragões da Independência, aqui escolhido como estudo de caso. A partir do estudo de caso, o processo de musealização será analisado de duas maneiras, diretamente vinculadas: a) a própria manifestação diária dos dragões como sendo fundamental para a musealização, processo que inclui ações de comunicação, da performance realizada pela Unidade de Cavalaria; e b) o processo de seleção e retirada dos objetos do uso cotidiano para a formação da coleção existente no referido Centro Cultural, processo que demandará ações de comunicação museológica específicas e acompanhadas de uma discussão espacial, sobre a coleção e a sua função social. Os resultados parciais obtidos são reflexões sobre o entendimento ampliado de musealização e comunicação, para além dos espaços museais.

Palavras-chave: Comunicação museológica; Musealidade; Comunicação em museus; Musealização; exposição.

9h40 O uso das tecnologias digitais na construção das práticas educacionais museais

Luciana Conrado Martins (UFG); Dalton Martins (UnB)

Resumo: Em junho de 2017, no âmbito do 7o. Fórum Nacional de Museus, foi lançada a Política Nacional de Educação Museal (PNEM). Fruto da persistência e militância dos educadores museais e entusiastas do tema, a PNEM traz no eixo “Museus e sociedade”, a diretriz 6 que incentiva o uso das chamadas novas tecnologias, novas mídias e da cultura digital como forma de “estimular e ampliar a troca de experiências entre museus e sociedade”. Além disso, a PNEM propaga, no seu princípio 5, que os museus devem ser espaços de educação e promoção da cidadania, colaborando para o desenvolvimento regional e local, a partir do conceito de Patrimônio Integral. A escolha desses trechos da PNEM são propositais para o estabelecimento de um debate acerca do uso das tecnologias digitais, em especial aquelas voltadas para a difusão, mediação e apropriação dos acervos e coleções, pelos educadores museais. Parte-se do princípio que as tecnologias digitais têm se constituído como um importante tema de interesse da comunidade museal, mas ainda aparecem de forma tímida nos debates educacionais desse campo. Seja por uma resistência cultural, seja por desconhecimento das possibilidades de atuação, fato é que os educadores museais não utilizam em toda a sua potencialidade as ferramentas digitais disponíveis. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo discutir os limites e as possibilidades do uso das tecnologias digitais na educação museal. Em especial busca avançar na reflexão sobre em que medida o uso dessas tecnologias permite a efetiva ampliação e troca entre museus e sociedade, em consonância com o disposto na PNEM. Para isso, serão apresentados e debatidos casos de repositórios digitais de acervos utilizados para a prática da educação museal. Os repositórios, na medida em que apresentam coleções de objetos digitais, (imagens, documentos, vídeos, etc., digitalizados) organizados e disponibilizados, via Internet, ao longo do tempo, permitem o acesso da sociedade aos acervos museais? É possível falar de apropriação do patrimônio e democratização do acesso às coleções no caso de objetos digitais? As práticas educacionais estabelecidas no contexto digital podem impactar e transformar positivamente as práticas sociais? Essas perguntas irão estruturar a reflexão aqui proposta, polemizando o papel dos educadores museais na apropriação e uso das tecnologias digitais.

Palavras-chave:

GT 15 - MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

MESA 1

Coord: Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández.

9h A pesquisa museológica e a arte contemporânea: documentação, arquivamento e (re) exibição de obras

Anna Paula da Silva (UFBA/UnB)

Resumo: Esta comunicação propõe reflexões sobre a pesquisa museológica, como prática inerente a cadeia operatória da museologia, que envolve, também, a conservação e a comunicação. Neste sentido, a pesquisa museológica está atrelada a institucionalização e as instituições, sejam essas museais ou de outra natureza, como também aponta especificidades sobre as práticas preservacionistas entre memórias, identidades e patrimônios de indivíduos e grupos sociais. A partir disso, a arte contemporânea é inserida no escopo deste trabalho, tendo em vista ser problematizada quanto as dificuldades de sua preservação. Esta problematização vai de encontro a narrativa do artista Nelson Leirner (São Paulo, 1932-), em documentário, Assim é, se lhe parece (2011), quando afirma com ironia aversão aos museólogos por seus cuidados excessivos na manipulação de objetos/ de obras. O documentário mencionado fora mostrado por um colega na graduação, frente aspectos sobre a preservação de acervos e de existir uma desconexão com aquilo que preservamos e a nossa prática, cuja teoria tem uma tendência de generalizar o *modus operandi* em diferentes tipologias de acervos e em quaisquer instituições. Desta forma, as motivações iniciais para esta relação entre a pesquisa museológica e a arte contemporânea estão vinculadas a documentação de obras, que tem como potência a imaterialidade, a desmaterialização, a efemeridade, a transitoriedade, obras que questionam o lugar materializado preservacionista do museu e a perenidade discursiva nas práticas do museu, em seus processos de arquivamento e de (re) exibição de obras. De fato, as diferentes linguagens da arte contemporânea provocam novas possibilidades, desafios e formas de musealização de obras, portanto, como impulsionam as transformações das condições institucionais para a preservação? Para além de respostas da problematização acima, esta comunicação propõe apresentar reflexões sobre e a partir de pesquisas que interseccionam a museologia e a arte contemporânea no Brasil. Para tanto, serão apresentadas algumas leituras de textos vinculados aos periódicos, tais como Museologia e Patrimônio e Museologia e Interdisciplinaridade; aos anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB); aos anais do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS); e dissertações e teses de Programas de Pós-Graduação em Museologia. Assim, o texto vislumbra a importância de estabelecer essas análises para a ênfase da pesquisa como prática existente em instituições distintas e como fator fundamental para a realização e a compreensão dos processos de institucionalização (documentação de acervo, exibição de obras, arquivamento, etc).

Palavras-chave: Pesquisa museológica; Arte contemporânea; Documentação; Arquivamento; (Re) exibição de obras.

.....

9h20 Da pedra, da terra, daqui: o museu trans-histórico e os regimes possíveis da arte contemporânea

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira (UnB)

Resumo: O 34º Panorama de Arte Brasileira realizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2015, explicitou a disposição dos museus de arte em reunir obras, artefatos, peças e toda uma cultura material produzida, reunida e classificada em épocas distintas. Naquela ocasião, os curadores agruparam peças *sambaquis* com a produção contemporânea. Rotina em outras tipologias de museus desde o século XIX, nas últimas décadas os museus de arte passaram a operar pela lógica trans-histórica. Operação que busca viabilizar a reunião de obras de arte produzidas no presente e no passado, num estendido *aqui e agora*. Jogos e narrativas curatoriais passaram a reunir acervos consolidados e projetos poéticos atuais. Estratégias de subordinação e de sobreposição passaram a organizar os espaços expositivos. Nessa perspectiva, a convivência com a arte contemporânea busca atualizar a percepção

e a relação que as instituições, e suas operações discursivas, tem com obras do passado. Em contrapartida, a lógica da excepcionalidade é emprestada a produção artística hodierna. Os museus buscam, assim, superar as noções tradicionais de cronologia, linearidade, suportes e linguagens. Noções consolidadas pela história da arte e pelos museus modernos no Ocidente ampliado. A presente comunicação busca apresentar os efeitos dessas sobreposições de regimes históricos, tendo em vista as possibilidades e as experimentações oferecidas pelo museu trans-histórico. Bem como, apontar os riscos da criação um tempo particular, alienado de outras esferas sociais e, exclusivamente, vinculados às instituições da arte. Para tanto, apresentaremos como diferentes pensadores refletem sobre a trans-temporalidade dos museus, ofertando-nos exemplos e premissas para diferentes metodologias de classificação. Metodologias instituídas como oposição à História da Arte progressiva. Evidentemente como se trata de um tema amplo e com desdobramentos nas ações educativas dos museus, em suas políticas de gestão e assimilação de acervos e em suas lógicas comunicacionais ampliadas, foi necessário optar por um ponto de vista. Assim, sendo o museu como “curador” é a lente escolhida para refletir sobre a fabricação de novos “tempos” em museus de arte.

Palavras-chave: Museus de arte; Curadoria; Regimes históricos; Arte contemporânea; História da arte.

.....

9h40 Apontamentos sobre a Formação de Coleções Públicas de Arte Contemporânea em Belém- PA

Marcela Cabral (UFPA)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar os primeiros apontamentos do projeto de pesquisa submetido e aprovado no âmbito de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) da Universidade Federal do Pará – UFPA, no segundo semestre de 2018. A proposta é refletir sobre práticas colecionistas tendo como foco a formação de coleções de arte contemporânea na cidade de Belém - Pará. Observando que o ser humano desde seus primórdios demonstra interesse por reunir objetos e coisas e que este aprimorou as práticas colecionistas tais como a observação, a coleta e os cuidados dispensados a essas coisas e objetos (BRUNO, s/a), e que “a relação estética permanece fortemente ligada à ideia de posse” Moles (1981), o recorte aqui a ser apresentado propõe apresentar os primeiros apontamentos sobre a formação e às práticas destinadas duas coleções públicas de arte contemporânea, ou com obras desta categoria, geridas por instituições museais na cidade de Belém – PA, a saber, a Coleção Amazoniana de Arte da UFPA, Museu da UFPA e o acervo da Casa das Onze Janelas, gerido pelo Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM - SECULT). Deste modo, serão destacados os diferenciais e especificidades apresentados pelos objetos e proposições artísticas de linguagem contemporânea presentes nas coleções estudadas (temáticas, natureza dos materiais empregados na composição das obras e suportes etc.), bem como apresentados os objetivos destas coleções e como estas propostas e objetos são preservados e expostos, conhecendo os critérios de aquisição empregados pelos responsáveis pela formação e ou expansão das coleções estudadas; também visa-se brevemente analisar o tratamento técnico dispensado às obras presente nessas coleções, tais como documentação, conservação e comunicação dessas coleções, verificando ao mesmo tempo quais as ideias e valores atribuem estas instituições e seus curadores às obras e a coleção de modo geral. Com isso busca-se produzir uma discussão um pouco mais aprofundada sobre os conhecimentos acerca de tais práticas nas instituições estudadas.

Palavras-chave: Coleções; Arte Contemporânea; Belém.

31 DE JULHO 2019

QUARTA-FEIRA

Das 9h às 10h30

GT 1 - EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

MESA 2

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo;
Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

9h Patrimônio Museológico Universitário: os caminhos dos museus da Universidade Federal de Lavras

Patrícia Muniz Mendes (UFLA)

Resumo: O presente trabalho é um desdobramento da pesquisa de em andamento intitulada “O PATRIMÔNIO MUSEOLÓGICO UNIVERSITÁRIO: formação de coleções, musealização e gestão no caso da Universidade Federal de Lavras (UFLA)”, do Programa de Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona. Tem-se como objetivo, apresentar aspectos do processo de formação e consolidação do patrimônio museológico da Universidade Federal de Lavras (UFLA), tendo como estudos de caso o Museu Bi Moreira (MBM) e Museu de História Natural (MHN).

A criação dos museus universitários pode ocorrer de diversas maneiras e é perpassada por motivações distintas e nem sempre claramente explicitadas. Isso pode ser percebido através da diversidade das coleções universitárias: antigos laboratórios de ensino e pesquisa, aquisição de objetos ou coleções de particulares por doação ou compra, transferência de um museu já formado para responsabilidade da universidade, coleta e pesquisa de campo, por motivações e iniciativas pessoais de agentes ligados às instituições de ensino; e pela combinação desses processos.

Parte-se da premissa, que os museus criados e tutelados pelas universidades devem ser analisados dentro da lógica dessas instituições de ensino, mas sem perder de vista a perspectiva da Museologia. Esse ponto acaba gerando características singulares que dizem respeito aos aspectos de infraestrutura e financiamentos, equipe técnica e outros ; ao mesmo tempo, uma vez intitulado “museu”, deve cumprir as funções museológicas vigentes, aspecto que, se analisado mais a fundo, fomenta uma série de questões, que carecem maiores reflexões no campo da Museologia. Nessa perspectiva, buscar-se-á compreender a formação de coleções e suas inserções nos espaços museológicos universitários, tendo como loci os Museus da UFLA, contribuindo assim, para as discussões sobre a preservação e comunicação do patrimônio cultural universitário e para o fortalecimento de políticas institucionais voltadas para as especificidades dos museus tutelados por instituições de ensino superior.

Palavras-chave: Museus Universitários; Patrimônio Museológico; Coleções.

9h20 O Patrimônio de Ciência & Tecnologia Universitário: o caso da Universidade Federal de Lavras

Fernando Elias de Oliveira (UFLA); Patrícia Muniz Mendes (UFLA)

Resumo: A Universidade Federal de Lavras (UFLA) se apresenta como um espaço estratégico para o acúmulo de testemunhos materiais de Ciência & Tecnologia (C&T), principalmente os relacionados com as inovações agrícolas nacionais. A origem desta Universidade está associada à Escola de Agricultura de Lavras (EAL) criada em 1908, e que desde então, vem atuando como polo difusor do ensino e pesquisa no campo da agricultura no Brasil, e outras áreas do conhecimento. Pelo potencial patrimonial da UFLA na área de C&T, Partiu-se da premissa que parcela significativa dos aparatos científicos e tecnológicos ainda estavam por serem (re) descobertos enquanto fontes primárias para estudos interdisciplinares. Por meio de pesquisas fomentadas pelo projeto “A importância do Patrimônio de Ciência & Tecnologia (C&T) da Universidade Federal de Lavras (UFLA): mapeamento, política de preservação e musealização” (apoio FAPEMIG), está sendo possível identificar enquanto “indícios” materiais de valor histórico, memorial e museológico, uma parcela de aparatos científicos e tecnológicos da Universidade, usados anteriormente nos laboratórios de ensino/ pesquisa e em aulas práticas. Este projeto visa, assim, identificar e pesquisar o patrimônio C&T da UFLA não musealizado, por meio de práticas museológicas. O presente trabalho tem como objetivo apresentar o levantamento parcial e estratégias de coleta dos bens de Ciência & Tecnologia da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Para tal, destacar-se-á as potencialidades da musealização como metodologia preservacionista, que busca consolidar esses testemunhos materiais de Ciência & Tecnologia como fontes primárias para pesquisas interdisciplinares. Esses indícios materiais de C&T são cruciais para o campo da museologia e para compressão da formação de coleções em Museus Universitários, uma vez que ao serem estudados, contribuem simultaneamente para as reflexões sobre suas transformações em herança cultural.

Palavras-chave: Patrimônio de C&T; Museu Universitário; Musealização; Preservação.

9h40 Museus universitários e práticas em curadoria: especificidades do Museu Universitário de Arqueologia e Etnologia (MUAE- UFRGS)

Carina Kaiser Miranda da Silva (UFRGS)

Resumo: A presente comunicação busca expor as diferentes formas de constituição das coleções do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade do Rio Grande do Sul (MUAE/UFRGS), tendo como ponto de partida que o acervo é indissociado dos processos de ensino, pesquisa e extensão realizados na universidade. Estas coleções foram formadas em dois momentos distintos. Primeiro, por meio do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) e, mais tarde com os acervos advindos dos núcleos de pesquisa NuParq (Núcleo de Pesquisa em Arqueologia) e LAE (Laboratório de Arqueologia e Etnologia). Sendo assim, busco apresentar as conformações de coleções correspondentes às duas formas distintas de sua incorporação à Universidade. Por meio da metodologia de história oral e análise documental - acervo institucional da universidade como atas, diários de classe, ofícios, projetos da Universidade e do Museu, entre outros documentos, foi possível perceber a importância das áreas de História e Antropologia, onde estão contempladas a Arqueologia e Etnologia da UFRGS. Uma questão se impõe, que é considerar como estas disciplinas, e núcleos posteriormente, conformaram-se para a criação do Museu. Apontando assim, que seus curadores são os próprios professores, que em exercício docente acabam por formar laboratórios para a realização das pesquisas acadêmicas, resultando na formação destas coleções universitárias. As coleções do MUAE são em sua maioria de material

arqueológico, advindos da prática de campo, tanto da arqueologia acadêmica quanto contratual, que após a finalização da pesquisa entram em uma zona de fechamento dentro de seus núcleos de pesquisa. Já o acervo etnológico é representado por algumas peças doadas e compradas de indígenas do estado por estes professores. Sendo assim, a criação do museu deu-se como uma estratégia, tanto de fortalecimento e quanto de convergência entre a área de Arqueologia e Etnologia na universidade, como forma de divulgação e extroversão do conhecimento produzido por estes núcleos.

Palavras-chave: Patrimônio universitário; Arqueologia; Etnologia; Curadoria.

GT 2 - ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

MESA 2

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Viviane Sarraf.

9h O legado de Waldisa Rússio para a formação de museólogos engajados nas questões sociais de seu tempo

Viviane Panelli Sarraf (USP)

Resumo: Waldisa Rússio Camargo Guarnieri foi a primeira pesquisadora no Brasil a defender uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado na área de Museologia na FESP-SP - Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Como resultados diretamente ligados a defesa de sua dissertação recebeu da então presidência do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus a titulação de Museóloga e um convite de Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, para criar um curso de Museologia. O curso, que contou com sua coordenação e docência até seu falecimento em 1990, ocorreu inicialmente em um convênio entre o MASP e a FESP-SP. Tratava-se de um curso de 3 anos, com aulas noturnas durante toda a semana e nas manhãs de sábado, privilegiando grande parte do alunado que trabalhava durante o dia. Era destinado a profissionais e estudantes interessados na formação prática e teórica em museologia. Após a conclusão da primeira turma passou a ser oferecido pelo departamento de pós-graduação da FESP-SP. Nesse período os alunos tinham a possibilidade de utilizar os créditos das aulas e apresentar dissertação de mestrado na pós-graduação *Strictu Sensu* em Ciências Sociais da FESP-SP para obtenção do título de Mestre em Museologia. Em 1984 Waldisa propõe a FESP a criação de um instituto com o objetivo de ter mais autonomia dentro da estrutura da universidade. Com a criação do IMSP - Instituto de Museologia de São Paulo, ela viabiliza uma parceria com a Secretaria Estadual de Cultura para ter uma sede fixa, atividades de extensão, a criação de um Diretório Acadêmico dos alunos e a prestação de serviços de consultoria e desenvolvimento de projetos com o intuito de incluir novos profissionais no mercado e captar recursos para independência financeira do instituto. Em contrapartida a cessão do espaço oferece bolsas de estudos para servidores e cria os cursos de caráter técnico, para formar profissionais atualizados com as práticas em gestão de museus de acordo com as diretrizes internacionais. Conquista a inclusão da área de museologia na FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, viabiliza bolsas e auxílios a pesquisadores e cria a Revista de Museologia, um dos primeiros periódicos científicos da área do país. Por meio da análise de documentos investigados no Fundo Waldisa Rússio do IEB-USP, do Centro de Documentação da FESP, na Biblioteca do MASP e de depoimentos em áudio coletados com ex-alunos do Curso de Especialização em Museologia foi possível reunir alguns materiais inéditos que caracterizam

a metodologia de ensino criada por Waldisa como fundamentalmente engajada nas questões sociais da época, por meio da criação de exposições, participação em ações de conservação preventiva de acervos e coleções, no salvamento de museus em condições inadequadas e na atuação direta com movimentos sociais. Esses materiais serão apresentados e analisados na apresentação do trabalho e no artigo para os anais do evento.

Palavras-chave: Waldisa Rússio; Formação; Museologia social; Participação; Acesso.

9h20 A construção do olhar museológico: desafios para o ensino da museologia

Maria Cristina Bruno (USP)

Resumo: A presente comunicação aborda as estratégias metodológicas inerentes ao ensino da Museologia – em seus diferentes níveis – que permitem a construção do olhar museológico, orientado para a elaboração do fato museal, a implementação dos fenômenos museológicos e a projeção de processos de musealização. Por um lado, a abordagem privilegiará a dimensão aplicada da Museologia e seu comprometimento com os exercícios de salvaguarda e comunicação, contextualizados na cadeia operatória de procedimentos museográficos e, por outro, a comunicação explicitará as estratégias metodológicas vocacionadas para o ensino destas abordagens. Trata-se, portanto, de apresentar o ensino da Museologia, em diferentes níveis, orientado para a construção do olhar museológico e este, por sua vez, capacitado para a elaboração de novas concepções democráticas e participativas de musealização quanto de proceder à crítica de processos já existentes. Essas reflexões serão contextualizadas em experiências docentes, conforme abaixo indicado: - Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – 1999 / 2006: concepção, elaboração, realização e avaliação da proposta acadêmica para a especialização do olhar museológico e a complementaridade das perspectivas interdisciplinares; - Cursos de Extensão Universitária na Universidade Federal de Sergipe 1987 / 1988: a construção do olhar museológico a partir de experiências participativas; - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia – Disciplina Obrigatória – Museologia: princípios teórico-metodológicos - 2018: o balizamento entre as reflexões conceituais, a discussão bibliográfica e as experimentações. Essa comunicação está ancorada nos compromissos de ensino com as perspectivas sociais da Museologia desde os anos da década de 1980 e seus desdobramentos e relevância para a profissionalização em um enquadramento democrático da sociedade brasileira. A reflexão pretendida, para além de suas abordagens referentes especificamente ao ensino da Museologia e seus comprometimentos sociais, aponta também para uma discussão sobre as tendências teóricas da museologia e suas reciprocidades com a formação de profissionais e como a historicidade deste campo de conhecimento no Brasil tem registrado essas modalidades de ensino.

Palavras-chave: Museologia; Ensino; Metodologias.

9h40 Sociomuseologia: Educação, Cidadania e Diversidade Cultural

Judite Santos Primo (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Resumo: Em Portugal, a formação de cursos de Museologia em contexto universitário é um fenômeno dos anos 90. Cursos que resultaram do processo de democratização do País, herdeiros da Revolução dos Cravos do 25 de abril de 1974. A democratização em Portugal

criou um contexto no qual os movimentos sociais ganharam ênfase; o património tornou-se um dos focos de intervenção desse ativismo, que tomou forma um pouco por todo o País e que conduziu a criação de Museus Locais e ao interesse pela formação académica no campo da Museologia. Em 1985, onze anos após a democratização de Portugal, tendo muitos Museus Locais em funcionamento, Lisboa acolheu o 2º Encontro do Movimento Internacional de Ecomuseus e Novas Museologias e, ali foi criado o Movimento Internacional para uma Nova Museologia - MINOM. Com a consciência da importância dos movimentos de valorização patrimonial, de resgate de memórias, de preservação de acervos mais populares... surgiu em Portugal a necessidade pelas formações no Campo da Museologia. Vivemos um verdadeiro Kairós académico desde então, no sentido de oportunizar a possibilidade de formar cidadãos no campo da Museologia, tornando-os em profissionais. Constatamos que parte destas formações, foram e são marcadas, pelo conservadorismo e tecnicismo da Museologia Normativa. Mas neste contexto, a Universidade Lusófona aceitou a tarefa de problematizar, de assumir para si o desafio de tratar o social no contexto da museologia, de criar linhas de pesquisa e de formar profissionais da museologia que assumissem o seu compromisso social. A formação da ULHT iniciou em 1993 como Pós-graduação em Museologia Social, passando para a formação no âmbito do Mestrado em Museologia em 2000 e Doutorado em 2007. Tendo hoje formação em 3 níveis distintos de formação pós-graduada em Sociomuseologia (Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado). Entre 1993 e 2018, o Departamento de Museologia da ULHT têm atuado em parceria com docentes, investigadores e profissionais brasileiros o que tem permitido também alargar a sua atuação ao contexto lusófono. As pesquisas, as ações de museologia pública/ extensão Universitárias, as publicações e as atividades letivas, possuem uma estrutura e um comprometimento teórico-aplicado que permitem compreender e assumir a existência de uma Escola de Pensamento: a Sociomuseologia. O Reconhecimento desta escola de Pensamento permitiu aprovação de uma Cátedra UNESCO a esta Universidade e um posto de Emprego Científico Principal pela FCT a este departamento.

Palavras-chave: Museologia; Sociomuseologia; Educação; Cidadania; Diversidade Cultural.

GT 3 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

MESA 2

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor.

9h O Fórum Humboldt no período pós-Ouagadougou

Victor Zaiden Soares (UnB)

Resumo: A comunicação analisa os objetivos e o papel conferidos ao Fórum Humboldt, centro cultural a ser inaugurado no final 2019 em Berlim, Alemanha, no âmbito do debate em torno da restituição de património cultural e histórico adquirido em contextos de exploração colonial. O centro cultural destina-se a reorganizar a exibição das coleções do Museu Etnológico e do Museu de Arte Asiática, museus públicos de Berlim. A instituição pretende ser um espaço de diálogo sobre arte não-europeia do passado e contemporânea. Mais recentemente, uma questão que vem se tornando um empecilho à imagem pública do centro cultural é a parca pesquisa em torno da proveniência dos objetos do acervos, uma vez que a maior parte deles foi adquirida por meio de compras no mercado de arte após a remoção forçada das peças nos locais de origem por outras potências coloniais, sobretudo o Reino Unido. Na pesquisa, analisamos documentos

oficiais, relatos em torno da idealização do centro cultural e comunicações mais recentes publicadas em função da necessidade de pesquisa de proveniência e do estabelecimento de diretrizes para a restituição de patrimônio histórico-cultural. Procuramos traçar um panorama teórico ao debate, em diálogo com o entendimento sobre o assunto expresso por estudiosos da historiografia, museologia e antropologia na Alemanha, que estão direta ou indiretamente envolvidos com a concepção do Fórum Humboldt. Ademais, realizamos um apanhado da história da criação dos museus públicos de Berlim e discutimos o caráter simbólico da localização e da arquitetura conferida ao Fórum Humboldt, tendo em mente as ressonâncias das violências e do pensamento ligado ao período do colonialismo, que na Alemanha formalmente abarca o interstício entre 1884 e 1918. A discussão tomou uma nova dimensão, a partir do discurso proferido por Emmanuel Macron, presidente da França, feito em novembro de 2017 em visita a Ouagadougou, capital de Burkina Faso, ex-colônia francesa, onde foi anunciado que esforços seriam movidos para restituir patrimônio cultural africano adquirido no contexto do colonialismo. A historiadora da arte Bénédicte Savoy e o economista senegalês Felwine Sarr foram encarregados pelo Presidente a produzirem estudo sobre essa situação na França e critérios para restituição. O resultado gerou pressão em instituições de toda a Europa, especialmente no Fórum Humboldt. Esse é o cenário que se pretende discutir na presente comunicação.

Palavras-chave: Fórum Humboldt; Museu Etnológico; Restituição; Berlim.

9h20 Rede de Intelectuais na América Latina: Mário Pedrosa e o Museu da Solidariedade do Chile

Luiza Mader Paladino (USP)

Resumo: Este trabalho se debruça sobre a experiência de Mário Pedrosa na concepção do Museu da Solidariedade do Chile, durante o governo de Salvador Allende (1970-1973). De modo geral, procura-se compreender os pontos centrais da política cultural de Allende e a importância simbólica desse Museu para a legitimação do projeto político da Unidade Popular, primeiro governo socialista democraticamente eleito na região. Exilado no Chile desde 1970, Pedrosa ajuda a criar o Comitê Internacional de Solidariedade Artística com o Chile (CISAC). Esse Comitê conta com o apoio de uma ampla rede de críticos de arte e intelectuais de prestígio, para angariar a doação de obras de artistas internacionais simpatizantes da causa socialista chilena. O fio condutor para analisar essa experiência cultural inédita no continente latino-americano baseia-se nas ideias de solidariedade e generosidade como diretrizes fundamentais para uma sociedade em transformação. Essas ideias servirão como força motriz para uma guinada política na crítica latino-americana, que ao longo da década de 1970 assume a problemática regional e a responsabilidade social como disparadores fundamentais do exercício crítico. Essa discussão terá como pano de fundo o exame de alguns textos e teorias que marcaram o pensamento artístico, político e econômico do continente.

Palavras-chave: Museu da Solidariedade; Mário Pedrosa; Unidade Popular; Crítica de Arte.

9h40 Políticas migratórias e políticas museais: conflitos latentes em museus de migração

Letícia Suárez Víctor (USP)

Resumo: Os museus são arenas de conflitos seletivos e contraditórios que trabalham em uma relação dialética entre memória e esquecimento, envolvidos na trama do poder. É através da construção social da memória que os processos de constituição de identidade foram celebrados e potencializados nestas instituições. Tal asseveração é ainda mais evidenciada em museus que versam a temática migratória. O *Musée National de l'Histoire de l'Immigration*, situado em Paris, bem elucida a relação tensa entre nacionais e imigrantes que é alimentada por políticas culturais e discursos políticos. Aberto ao público em 2007, o MNHI não contou com a presença do presidente da república na cerimônia de inauguração, fato inédito na história dos museus nacionais. O governo de Nicolas Sarkozy (2007-2012) pareceu demonstrar constrangimento em inaugurar a instituição, projeto do governo antecessor. Em sua agenda política, a migração recebia atenção por outro viés, prova disso foi a criação do Ministério da Migração que instituiu leis de estigmatização aos imigrantes. Oito membros do conselho científico do MNHI, ao protestarem contra as medidas deste ministério, foram demitidos do museu. O governo Sarkozy também temia que o edifício fosse transformado em um lugar de reivindicações contra sua política migratória, fato que se sucedeu quando trabalhadores imigrantes sem registro, que estavam em greve, ocuparam o edifício para darem visibilidade a sua causa. Esses eventos são em grande medida significativos para a problematização de políticas culturais alinhadas à projetos de governo. Retraçar a história dessa instituição, a qual já passou por diversas reformulações conceituais e curatoriais, ajuda-nos iluminar a temática dos museus relacionada à cultura política e nos instiga a pensar de que forma os museus no Brasil tratam essa questão. Por fim, em um paralelo próximo, pela tipologia, o Museu de Migração do Estado de São Paulo inaugurou em 2019 a exposição "La jornada: a resiliência do povo Venezuelano em busca de refúgio no Brasil", assim, indagar-nos em que medida o discurso dos curadores dialogou com as decisões do governo brasileiro no caso da migração venezuelana.

Palavras-chave: Museus; Migração; Políticas culturais.

GT 5- MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

MESA 2

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva.

9h Uso contemporâneo de TDIC's para interação em museus: Estratégias conceituais de design de artefatos para fomento da mediação de conteúdo

Diego Enéas Peres Ricca (USP); Bianca Manzon Lupo (USP); Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli (USP)

Resumo: Hoje, o uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) se aplica gradualmente, de modo maior e mais variado, em diversos aspectos do cotidiano. Os espaços museológicos também se inserem nesta realidade, nos quais a utilização diversa de dispositivos tecnológicos digitais é uma prática que se consolida no Brasil e no Mundo. Considerando esse aspecto notório e crescente, investigar como ocorre a relação humana com tais dispositivos, e de que modo desenvolvê-los para uma melhor experiência, torna-se, cada vez mais, algo pertinente. Com esteio nisso, este artigo objetiva identificar, na perspectiva da disciplina de Design de Interação, aspectos projetuais relevantes para potencialização do aprendizado de

visitantes por meio da interação com TDIC aplicadas em artefatos mediadores de conteúdo em espaços museológicos. Busca-se isso mediante um estudo de reconhecimento realizado pelos pesquisadores, pelo qual realizou-se visitas in loco em 14 instituições museológicas nacionais e internacionais, a fim de obter uma visão geral do estado da arte de aplicações desta natureza. Dentre estas selecionou-se 21 artefatos interativos para uma análise aprofundada. Tais casos foram selecionados por meio de critérios de relevância para a fundamentação da pesquisa, considerando aspectos de variedade de técnica, criatividade, inovação e efetividade na transmissão de conteúdo. A análise fundamentou-se em um estudo observacional das estratégias projetuais utilizadas em cada exemplo, destacando aspectos relevantes percebidos pelos pesquisadores. Com esses dados foi possível identificar estratégias conceituais utilizadas, as quais foram classificadas a fim de entender as suas possíveis consequências e potencialidades para a mediação de conteúdo e experiência de aprendizado do visitante. Tal classificação originou um diagrama que sintetiza nove estratégias: narrativa; objetividade no conteúdo; novidade (efeito-surpresa); desafio; regras; corpo como controle; uso de objetos analógicos; co-criação e compartilhamento; leitura da interação por parte da máquina. Perceber tais categorias como interrelacionadas se coaduna com a estratégia de ensinar atividades que consigam situar-se igualmente nesses estímulos conceituais citados. Ao pensar no posicionamento do projetista ao propor uso de TDIC em museus, entende-se que dar insumos para atividades dentro das estratégias encontradas seja um meio de promover interfaces e espaços mais ricos para a experiência de aprendizado.

Palavras-chave: Design de Interação; Tecnologia em museus; Mediação; Aprendizado.

9h20 Conectando ideias: um diagnóstico de comunicação nos museus de Sergipe

Priscila Maria de Jesus (UFS); Joana Angélica Rocha Prado (UFS)

Resumo: A discussão sobre inovação, tecnológica e gamificação tem permeado o universo acadêmico por um bom tempo, no entanto, quando aplicado ao setor museal brasileiro, notadamente sergipano, ainda é incipiente. Desta forma, com objetivo de entender a prática do uso das novas tecnologias no campo museológico como ferramentas lúdicas no processo de gamificação no espaço expográfico, o presente projeto surge como uma alternativa criativa para o diagnóstico do setor e parte para a possibilidade de inserção das tecnologias de baixo, para que proporcionem uma interatividade do público e acervo, caracterizando, assim, a comunicação. Tendo por metodologia a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, contou com a aplicação de diagnósticos em três instituições museais sergipanas a saber: Centro Cultural Cidade de Aracaju, Palácio Museu Olímpio Campos e Museu da Gente Sergipana. Dentro da perspectiva museológica, a utilização dessa ferramenta estratégica, seja por meio de games ou dispositivos eletrônicos, busca trazer para o plano expositivo discussões e aplicações de conceitos museológicos, a exemplo da comunicação museal, narrativas expositivas e ações educativas e culturais. Necessariamente a internalização dessa conduta tanto no plano museológico quanto no corpo de funcionários fará com que haja uma progressão referente a dinâmica pretendida da ação.

Palavras-chave: Comunicação; Museus; Sergipe; Tecnologia; Interatividade.

9h40 Comunicação Museológica e Cibercultura: Projeto “Museologia na UFRGS” no Facebook

Priscila Chagas Oliveira (UFPEL/UFRGS); Alahna Santos da Rosa (UFRGS)

Resumo: O Projeto de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias nasceu quando discentes, docentes, egressos e técnicos-administrativos iniciaram um debate acerca dos dez anos do curso de Museologia da UFRGS, que ocorreria em 2018. Com isso, percebeu-se que os indícios do curso, parte de um acervo vinculado à história da Museologia Brasileira, não estavam sendo preservados. Diante desse contexto de evidente vontade de memória, o projeto foi criado, objetivando valorizar a memória institucional do curso, mapeando os vestígios e os personagens que fizeram e fazem parte da sua trajetória. A fim de preservar, pesquisar e comunicar as memórias individuais e coletivas, materializadas em diferentes suportes, o Projeto optou pela utilização do Repositório Tainacan. O Tainacan é uma plataforma que vem sendo desenvolvida e implementada pela UFG em parceria com o extinto MinC e o IBRAM. Lançado no 7º Fórum Nacional de Museus, em 2017, ele foi rapidamente incorporado ao Projeto por tratar-se de uma ferramenta com interface intuitiva, customizável e de fácil gestão, que viabiliza a produção e a organização de acervos digitais em rede. No entanto, na cibercultura, a simples disponibilização dos materiais na web não garante uma comunicação dialógica e intermuseal. Assim, nos questionamos: como garantir que os personagens da história do curso possam colaborar na construção da sua própria memória coletiva? Como fomentar o engajamento para uma comunicação museológica dialógica? Como incorporar, dentro do projeto, práticas de uma cultura da participação? A criação de uma fanpage no Facebook, marco da rede social 3.0, mostrou-se oportuna para responder tais questionamentos. A criação de materiais gráficos utilizando o próprio acervo do Projeto, assim como a marcação dos perfis dos personagens mapeados, e o desenvolvimento de memes, fomentaram engajamento e a extroversão dos conteúdos do Repositório para outras comunidades afetivas da Museologia Brasileira. Assim, a experiência com o desenvolvimento do Repositório Digital do Projeto Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias e a sua fanpage possibilitou o reconhecimento de uma nova proposta de comunicação museológica, pautada na cibercultura, que compreende as novas práticas de sociabilidade dos sujeitos nas redes e o potencial das plataformas digitais para a preservação, pesquisa e comunicação de acervos museológicos.

Palavras-chave: Museologia na UFRGS; Repositório Digital; Cibercultura; Facebook; Memes.

GT 6 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

MESA 2

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli.

9h Turismo, patrimônio e desenvolvimento social no Vale Histórico Paulista

Clarissa Maria Rosa Gagliardi (USP)

Resumo: O trabalho traz resultados parciais de um projeto de pesquisa financiado pelo CNPq e iniciado em 2017 no âmbito do CETES - Centro de Estudos sobre Turismo e Desenvolvimento Social, sediado na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ECA USP. A investigação focaliza a região do chamado Vale Histórico, no Vale do Paraíba Paulista, que, em função da escassez de opções econômicas, tem empreendido ações de desenvolvimento turístico que acarretam fortes processos de patrimonialização para sua inserção em circuitos culturais.

Tais iniciativas, no entanto, tem tido pouco alcance na absorção e manutenção da população local nos postos de trabalho gerados, ao mesmo tempo em que boa parte dos residentes segue em direção às cidades médias das redondezas em busca de outras oportunidades. Os habitantes nem sempre se reconhecem nas narrativas turísticas ou participam da construção das estratégias de promoção do turismo e há enorme desagregação dos atores locais em torno das ações de planejamento. Exemplo são as ex-fazendas cafeeiras convertidas para lazer, que, embora acabem dando o tom do turismo local, não privilegiam a memória da população negra em seus roteiros turísticos, não obstante trate-se de uma região que durante o século XIX concentrou enormes quantidades de escravos negros, não só na zona rural como também no espaço urbano. Diante destas contradições, a pesquisa vem tentando compreender em que medida os conflitos em torno do reconhecimento, apropriação e uso e do patrimônio por parte dos moradores destas cidades tem dificultado ações de desenvolvimento baseadas no turismo cultural. Apesar dos gestores públicos, empreendedores locais, agentes externos e sociedade civil investirem no turismo, guardados os problemas relativos ao planejamento coordenado e sistemático, a sustentabilidade de suas ações ainda é frágil e sua potencialidade para a preservação, geração de emprego e renda e emancipação econômica e política nem sempre é alcançada, fazendo com que muitas iniciativas tenham vida curta e os investimentos realizados não gerem os efeitos desejados. Entre os procedimentos empregados, destaca-se a participação direta da equipe na elaboração dos planos diretores de turismo desde 2015 nas cidades de São José do Barreiro, Bananal, Silveiras e Queluz, todos envolvendo o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil. No âmbito dessas atividades, tem sido possível realizar trabalhos de campo, entrevistar pessoas, coletar dados, escutar diferentes interlocutores e sistematizar uma série de informações que colaboram para a compreensão de questões envolvidas na pesquisa.

Palavras-chave: Patrimônio; Turismo Cultural; Vale do Paraíba Paulista.

.....

9h20 Ações de salvaguarda da cultura polonesa em Porto Alegre/RS: primeiras aproximações

Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS); Vanessa Astigarraga dos Santos Leão (UFRGS); Natália Reichert Greff (UFRGS)

Resumo: Este trabalho aborda as primeiras aproximações do Curso de Bacharelado em Museologia (UFRGS) com o acervo de uma instituição cultural voltada para a cultura polonesa. Trata-se do acervo da Sociedade Polônia (SocPol), associação que reúne uma gama de documentos, livros, têxteis, fotografias, para citar algumas das tipologias encontradas nas coleções doadas pelas primeiras famílias de imigrantes poloneses que chegaram em Porto Alegre/RS. É significativo destacar que a imigração polonesa compõe o contexto das ondas migratórias que ocorreram no Brasil no século XIX, o RS recebe esses imigrantes que vieram colonizar diversas áreas do interior do estado, sendo que, alguns permaneceram em Porto Alegre, em vista das oportunidades de trabalho e, assim, para garantir sua adaptação ao novo país criaram redes de apoio mútuo através de associações que auxiliariam em diversas áreas e fortaleceriam os laços sociais e culturais deste grupo, tendo em vista as diferenças de idioma e costumes. Na cidade havia três associações polonesas, sendo a Sociedade Zgoda a mais antiga, de 1896; com o passar do tempo essas associações se uniram e, em 1930, a Sociedade TadeuzKosciuszko absorveu a Sociedade Águia Branca dando origem a Sociedade Polônia de Porto Alegre que, em 1960, configuraria como a única associação de imigrantes poloneses na cidade. Desde 2014, a UFRGS mantém contato com a SocPol, através de pesquisas desenvolvidas sobre a imigração polonesa na história de Porto Alegre. Em 2018, teve início a aproximação com a Museologia ampliando assim um trabalho voltado especificamente para a preservação da cultura material presente

na instituição. Com a inserção do Curso foi possível dar início a diversas atividades voltadas ao tratamento técnico desse acervo, como o inventário, a pesquisa e, sobretudo, ações de Conservação Preventiva para a salvaguarda das coleções. Nesse primeiro momento o foco foram os documentos em suporte de papel, para tanto, uma das ações iniciais foi ofertar uma disciplina eletiva voltada aos procedimentos básicos de conservação visando capacitar não somente a equipe que atuava com o acervo da Sociedade Polônia, mas, ampliando para os alunos do Curso interessados nesse aprendizado. Por fim, destacamos que este trabalho apresenta o resultado das atividades realizadas até o momento tendo por objetivo o desenvolvimento de ações de salvaguarda do patrimônio da Sociedade Polônia, da comunidade e da cidade de Porto Alegre através da valorização desse acervo.

Palavras-chave: Salvaguarda; Conservação preventiva; Cultura polonesa; Sociedade Polônia.

9h40 Destruição e proteção da cidade de Palmira: patrimônio histórico em meio ao conflito sírio (2015-2017)

Diego Rabelo Nonato (UFPEL)

Resumo: Em 2011, o mundo Árabe e Muçulmano foi sacudido por grandes mobilizações populares que proporcionaram profundas transformações na região geopoliticamente denominada Oriente Médio. Convencionou-se chamar essas manifestações “Primaveras Árabes”, fenômeno que alcançou a Síria no ano de 2011, trazendo consigo o Estado Islâmico, e abrindo um conflito que, de modo geral, é considerado o mais terrível desastre humanitário do século XXI, chegando a contabilizar cerca de mais de 250 mil mortos desde 2011. O país em questão está em meio a grandes rivalidades regionais que fez repercutir o surgimento do mais famoso grupo terrorista da atualidade, o Daesh, ainda que não seja na Síria a sua origem. Este grupo, ao inovar e sofisticar a sua forma de atuação adentrou as cidades históricas no Iraque, no Afeganistão, na Síria, entre outros, lançando mão da destruição de sítios arqueológicos e patrimônios históricos classificados pela UNESCO. Ao situar a guerra nas disputas geopolíticas presentes na região, desmistifica-se a ideia orientalista, muito presente nas interpretações ocidentais que atribuem a religião todo o peso da disputa. Buscamos superar o estigma religioso com o qual os colonizadores europeus conseguiram carimbar o Médio Oriente, como sendo parte de um conflito essencialmente religioso. Desenvolvo ainda que, Sunitas, Xiitas, Alauitas, Curdos, Cristãos, Maronitas, Drusos e outros grupos religiosos, parecem se movimentar por interesses e muitos objetivos, que passam distante dos dogmas religiosos e das caricaturas orientalistas que definem os árabes e muçulmanos, de um modo geral, como sempre prestes a cometer um atentado terrorista contra o mundo “civilizado”, ou seja, ocidental. Neste trabalho, pretendemos caracterizar e contextualizar o conflito na Síria e os desdobramentos que levaram à destruição de parte do patrimônio histórico da cidade de Palmira, cidade localizada no nordeste do país. Procuramos compreender pontos fundamentais como a geopolítica global e regional, a questão da proteção do patrimônio em zonas beligerantes, a questão humanitária, e questões referentes à memória como elemento de coesão e unidade nacional do país. Portanto, busca-se combinar um conjunto de temas, de modo a superar o tecnicismo meramente preservacionista dos artefatos, procurando demonstrar a importância da geopolítica para a preservação do patrimônio histórico, em específico da cidade de Palmira.

Palavras-chave: Patrimônio; Conflito; Oriente Médio; Síria; Daesh.

GT 9 - MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

MESA 2

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho.

9h O Hip Hop na cidade de Goiânia: Perspectivas Museológicas

Giovanna Silveira Santos (UFG)

Resumo: Este estudo parte de meu lugar como pesquisadora, enquanto mulher periférica, simultaneamente agente e pesquisadora do movimento Hip Hop, onde reuno reflexões sobre a pesquisa-ação realizada na Iniciação Científica “Museologia Social e Memórias Exiladas: perspectivas teóricas, metodologias e práticas” em que foi abordado o Hip Hop na cidade de Goiânia como ferramenta de transformação da realidade; e do Trabalho de Conclusão de Curso “Museologia Comunitária e Memórias Exiladas: Contribuições para a Musealização da Cultura Hip Hop”, onde foram realizadas ações educativas, rodas de conversa, oficinas, seminários e reuniões no Centro de Referência da Juventude de Goiás (CRJ-GO) voltadas a discutir o Hip Hop como patrimônio e sua relação com as memórias e as potencialidades da criação de um museu voltado à temática. Esses encontros são entendidos como componentes da musealização do Hip Hop, como eixos de um processo preservacionista. O Hip Hop emergiu como fenômeno sociocultural e como resposta política e cultural da juventude excluída no Bronx em New York na década de 1970. No cenário goiano, surgiu entre os anos 1980 e 1990, ganhou força e espaço, tornando-se ‘refúgio’ para a população em situação de vulnerabilidade social. Cabe destacar que foi o movimento negro que qualificou os militantes da cultura Hip Hop em Goiás. Para as pessoas que vivem à margem da sociedade, o Hip Hop torna-se uma expressão cultural, uma arma, uma forma de resistência, um condutor no processo de mudança de realidade, promovendo a reconstrução de memórias. No caso do Hip Hop como “objeto” musealizado, trata-se de um amplo conjunto de saberes, expressões, lugares e pessoas, que se coloca como eixo do processo de musealização. Uma das etapas desse processo residiu na proposta de patrimonialização do Hip Hop como patrimônio imaterial Goiano, e a outra etapa foi o mapeamento dos elementos do Hip Hop em Goiânia, assim como dos coletivos envolvidos com o tema, integrado ao desejo de patrimonialização, mas que vai além dele, pois pensa em como salvaguardar e comunicar, um movimento que é multifacetado e dinâmico, orgânico como a cultura de rua. A proposta de patrimonialização trata-se de uma reivindicação sobre o reconhecimento das identidades inerentes ao Hip Hop. Ao trabalhar com grupos sociais que são diariamente ignorados pelos discursos oficiais, o Hip Hop coloca-se como ferramenta, tornando-se parte fundamental da trama da paisagem urbana e da luta por direitos à memória e à cidade.

Palavras-chave: Hip Hop; Memória; Museologia Comunitária; Patrimônio.

.....

9h20 Quando o museu acontece na cidade: a Museologia Social presente em práticas comunitárias do Distrito Federal

Karina Inatomi (UnB); Vinícius Pereira (Casa da Memória Viva de Ceilândia)

Resumo: Basilado pelo pensamento libertador promovido principalmente pela Mesa de Santiago do Chile, em 1972, o museu passa a ser visto como um agente de desenvolvimento social. A Museologia Social, nesse contexto, dá ao museu o status de mediador das transformações

sociais, procurando fomentar por meio de práticas junto a comunidade em que se insere reflexões sobre seu patrimônio cultural. Como patrimônios podem englobar não somente acervos materiais, mas os saberes, as pessoas, os fazeres da comunidade em prol do desenvolvimento local, aquilo que é intangível. Dessa forma, esta análise propõe compreender as formas como o museu pode acontecer pela cidade, por meio do estudo sobre duas práticas comunitárias de regiões administrativas (RAs) do Distrito Federal (DF): Ceilândia e Paranoá. Localizadas na periferia de Brasília essas RAs e suas histórias são base para o que hoje se reconhece como a capital do Brasil. A Casa da Memória Viva de Ceilândia (CMVC) é um museu comunitário em Ceilândia fundado em 1993 por iniciativa de um professor de História da rede pública de ensino, Manoel Jevan. O museu tem como foco a educação por meio da história e cultura dos candangos, os trabalhadores construtores de Brasília que foram removidos para a RA em 1971. Similar a CMVC, será estudado o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá (CEDEP), local voltado às demandas da comunidade. Criado em 1987, no âmbito da luta por moradia na região, em prol da educação e cultura da comunidade do Paranoá, o CEDEP, em parceria com o Governo do Distrito Federal (GDF) e Universidade de Brasília (UnB) tem como cerne do seu trabalho a alfabetização popular para adultos, em sua maioria estudantes-pioneiros; assim como ações de restauração do patrimônio histórico, disponibilização do espaço para promoção de atividades esportivas e artísticas e mobilização da população para fóruns comunitários, com foco em movimentar a cidade e levar a comunidade a uma reflexão a respeito das questões locais e seu desenvolvimento, fomentando sua cultura e valorizando sua história. Nessa perspectiva, com uma análise das ações promovidas por cada uma das práticas comunitárias desenvolvidas no âmbito do Distrito Federal, tem-se como objetivo compreender de que forma o conceito de museu, sob a luz da Museologia Social, acontece nas cidades de Ceilândia e Paranoá.

Palavras-chave: Museologia Social; Distrito Federal; Museus comunitários; Casa de Memória Viva da Ceilândia; Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá.

.....

9h40 Inventários participativos e museus: respeito à diversidade cultural e à participação social

Thais Creolezio (USP)

Resumo: O Museu Histórico de Jaboticabal Aloísio de Almeida é uma instituição municipal, localizada na Região Metropolitana de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, com sede na cidade de Jaboticabal. O Museu foi criado pela lei municipal nº 664, de 17 de novembro de 1965, num contexto de ampla expansão de instituições museológicas no Estado de São Paulo, porém aberto ao público, somente a partir de 1979. Sua coleção foi formada pelo recebimento e recolha de objetos considerados por sua relevância histórica, antiguidade e raridade. A partir do regimento interno da instituição constata-se uma estrutura funcional com forte caráter educacional e cívico, cuja missão pautava-se na manutenção do “passado vivo” e costumes do município e, que deveria reunir, conservar, custodiar e expor as “reliquias do passado jaboticabalense”. Assim, durante décadas, as propostas de gestão e funcionamento da instituição não se mostravam pautadas num viés formal e impessoal, que resguardasse o museu para a continuidade de ações a longo prazo. Este contexto passou a se alterar em 2012, quando a gestão museológica passou a ser estruturada por funcionários de carreira, que deveriam contribuir para a construção de um olhar técnico-científico que inserisse a instituição num processo de ressignificação e qualificação, voltada para as políticas públicas da área de museus. A partir de 2017, o Museu passou a ser sujeito de um estudo imerso em reflexões, análises e ações que reúnem conceitos e práticas em Museus-Museologia Social, patrimônio e

políticas públicas de cultura. A proposta baseou-se no desenvolvimento de um conjunto de ações museológicas participativas com alguns grupos socioculturais não representados no Museu, de forma que as vivências e experiências auxiliassem na elaboração das bases de um planejamento museológico pautado no respeito e valorização das memórias e histórias não institucionalizadas e do patrimônio cultural local. Assim, o objetivo desta comunicação é apresentar o conjunto destas ações museológicas, inseridas no contexto do Inventário Participativo (IP), que teve por finalidade mapear, identificar e documentar as referências culturais, histórias e memórias de grupos excluídos e silenciados institucionalmente e socialmente ao longo dos anos. Desta forma, ressalta-se que como ferramenta de gestão museológica, entende-se que o IP permita contribuir na requalificação e ressignificação institucional, por um viés atuante e significativo. E, como parte do processo museológico, considera-se que o IP contribua para o fortalecimento das relações entre museu, comunidade e território por meio do seu patrimônio local e auxilie os museus a agirem em respeito à diversidade cultural e à democratização da participação comunitária em todas as etapas da cadeia operatória museológica.

Palavras-chave: Inventários Participativos (IP); Museus; Diversidade cultural; Participação social.

GT 10 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES

MESA 1

Coord: Vânia Dolores Estevam de Oliveira; Ricardo Gomes Lima; Elizabete de Castro Mendonça

9h José Augusto Garcez: A Reinvenção do Folclore no Museu Sergipano de Arte e Tradição (1948)

Jean Costa Souza (UFS); Clóvis Carvalho Britto (UnB)

Resumo: Este artigo analisa a trajetória do colecionador sergipano José Augusto Garcez (1918-1992), e seus possíveis trânsitos para uma reinvenção do folclore em Sergipe através das exposições museológicas por ele desenvolvidas no Museu Sergipano de Arte e Tradição (1948) em Aracaju SE. Tem como objetivo compreender as transformações dos estudos de folclore a partir da preservação de bens culturais, onde o colecionador sergipano pode através de seus trânsitos intelectuais, coletar e mobilizar a crença em determinadas invenções do “popular” traduzidas nas exposições museológicas na capital sergipana. Amparado ao referencial teórico-metodológico do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o texto pretende discutir a partir de fontes de jornais, revistas e livros editados pelo próprio intelectual sergipano, as possíveis táticas utilizadas pelo colecionador para criação do seu museu que de certa forma contribuiu para compor o imaginário do folclore Nordeste no início do século XX, e entender em que medida esses espaços colaboraram para a mobilização e consolidação de determinadas leituras sobre folclore nacional/local nesse período. José Augusto Garcez foi um intelectual folclorista que teve a iniciativa de criar em sua própria residência, na cidade de Aracaju, o Museu Sergipano de Arte e Tradição. Fruto de sua coleção particular, composta por objetos de variadas procedências do estado, o espaço museológico tinha como objetivo salvaguardar todo e qualquer suporte material que tratasse das questões culturais, artísticas, folclóricas e históricas da região. Desse modo, promoveu diversas iniciativas direcionadas ao Governo local para que o espaço viesse a se tornar um lugar oficial do fazer cultural no estado. Assim, ao analisar trajetória de

José Augusto Garcez e o seu Museu Sergipano de Arte e Tradição, é possível incluir as sucessivas movimentações que o mobilizou enquanto produtor e produto do seu tempo, a classificação dos objetos coletados e preservados em seu empreendimento cultural, que possivelmente contribuiu para a fabricação de tradições da cultura local, práticas e discursos que dinamizaram a memória e o esquecimento tornando-se um espaço para construção de determinadas leituras do folclore frente uma suposta identidade nacional/local.

Palavras-chave: Folclore; Coleção; Museu.

9h20 Jacque, Lina e Emanuel: entre coleções de arte popular e a construção do discurso

Daniela Ortega Caetano Santos (UniRio); Priscila Faulhaber (MAST/UniRio)

Resumo: Este trabalho busca investigar o papel exercido pelos colecionadores e pelos museus no processo de formação de discursos sobre arte popular, a partir da seleção e classificação dos artistas e de suas obras. Para tanto foram escolhidos três colecionadores: Jacque Van Beuque, Lina Bo Bardi e Emanuel Araújo. Dos colecionadores escolhidos iniciamos por Jacque Van Beuque, (1922 -2000). Francês, formado pela escola de Belas Artes em Valenciennes em Lyon, chegou ao Brasil após a segunda guerra, começou a viajar pelo país e iniciou sua coleção de arte popular resultando no que "hoje é considerada a maior coleção de arte popular brasileira composta por cerca de 8.000 obras que compõe o acervo do Museu Casa do Pontal". Já Lina Bo Bardi (1914-1992), arquiteta italiana, mudou-se para o Brasil também após a segunda guerra com seu marido Pietro Maria Bardi, a convite de Assis Chateaubriand para fundar e dirigir o Museu de Arte de São Paulo. Em 1958 Lina é convidada para ir até Salvador para dirigir o Museu de Arte Moderna da Bahia, e projetar a restauração do Solar do Unhão. Durante o período em que morou na Bahia, Lina reuniu uma coleção de arte popular de aproximadamente 2.000 peças. Atualmente uma parte remanescente desta coleção está exposta no Solar do Ferrão, situado no Pelourinho em Salvador, e outra parte na Casa de Vidro, antiga casa do casal e atual instituto Lina Bo e P.M. Bardi. E por fim, Emanuel Alves de Araújo, artista plástico baiano que nasceu em uma tradicional família negra de ourives em Santo Amaro da Purificação na região do recôncavo, em 1940. E desde 2004, quando foi aberto o Museu Afro Brasil em São Paulo, é seu curador e diretor. O acervo do Museu Afro Brasil foi formado inicialmente pela coleção pessoal que Emanuel reuniu ao longo de sua vida. Nas exposições adota a concepção afro-brasileira para classificar as diferentes produções artísticas existente no museu, evitando subdivisões, como popular, erudito ou contemporâneo. Trata-se de três singulares colecionadores, com visões e concepções distintas sobre a arte popular brasileira. O francês Jaques e sua coleção afetiva transformada em Museu Casa, a italiana Lina e sua coleção cerebral e "desbravadora" e o emblemático Museu Afro, símbolo da política de afirmação da negritude através das mãos de Emanuel, sugerem o quão rico pode ser o diálogo entre coleções e colecionadores.

Palavras-chave: Coleções; Museu; Arte; Popular.

9h40 Superando silêncios e revelando poesias: exposição "Quilombo do Rosário" do mBrac

Tayara Barreto de Souza Celestino (UFS)

Resumo: O artigo contextualizou a exposição de curta duração "Quilombo do Rosário" promovida pelo Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBrac) situado no bairro

Taquara, Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, que esteve aberta ao público entre agosto de 2018 e março de 2019. A visita técnica foi realizada em 25 de agosto de 2018 com o acompanhamento da abertura da exposição que abordou vida e obra do artista Arthur Bispo do Rosário, selecionando criações cujas temáticas fizeram referência às heranças da cultura e religião africana. A investigação foi parte integrante de pesquisas em nível de mestrado acadêmico concluído na Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2019 abordando as ressonâncias de Bispo no universo das culturas populares. O artista negro, nordestino, nasceu na zona da mata sergipana, em Japarutuba, cidade de ocupação tupinambá, depois tomada por jesuítas e que, finalmente, recebeu negros que mantiveram modos de vida e celebrações em religiões e festas. Dando segmento às investigações de Campos (2016), o mBrac levou ao conhecimento do público o sentimento de negritude em Bispo, aspecto que, até então, constituía um grande silêncio, já que a variedade de abordagens comunicativas produzidas no Brasil desde o final da década de 1980 raramente enunciou com consistência este lugar de artista negro que recolheu e produziu, em meio ao trabalho de “apresentação”, objetos artísticos carregados de referências ao povo afrodescendente. Bispo recolheu informações acerca da geografia do continente africano, fez assemblages tematizando o preconceito racial, o cativo e a religiosidade africana. Neste sentido, a exposição comunicou uma poética inédita, o tema relativo à ancestralidade negra nas obras de Bispo. Tratou-se da superação de um silêncio, contando com a exibição da peça inédita intitulada “África”, em papel, madeira, tecido, plástico e metal, que passou por processo de restauração no Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). Em meio as mais de 800 peças do acervo deixado por Bispo, tombado em 1989 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC) e em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), estamos diante de uma grande coleção museológica em fase de pesquisa arqueológica pelo programa de preservação do acervo do mBrac, o que promoverá melhorias na documentação museológica, no tratamento documental do acervo, bem como avanços na comunicação com o público.

Palavras-chave: Coleção Museológica; Arthur Bispo do Rosário; Culturas Populares.

GT 11 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

MESA 2

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho.

9h Bolsas de estudo do Curso de Museus - MHN: mapeando pistas no Sul do Brasil

Ana Carolina Gelmini de Faria (DCI/FABICO/UFRGS);

Iandora de Melo Quadrado (Unisalle/UFRGS)

Resumo: Em 1932 foi fundado o Curso de Museus no Museu Histórico Nacional, um fato inédito no Brasil. A formação diplomava conservadores de museus, profissionais com habilidades e competências para suprirem as necessidades especializadas dos museus. A carência de profissional no território brasileiro oportunizou uma disseminação do profissional para além do Museu Histórico Nacional. Em 1944 foi instituída a primeira grande reforma do Curso de Museus e entre as novidades estava a regulamentação do aluno bolsista. As bolsas de estudo eram cedidas aos estados, que selecionavam candidatos com principal critério de serem do corpo funcional do município, do estado ou do âmbito federal. Ao serem selecionados, os candidatos ganhavam uma bolsa de estudo para frequentar os três anos do Curso de Museus. A criação

desta modalidade de estudante era estratégica: capacitar profissionais que desempenhassem uma função especializada na organização e acompanhamento dos museus de todo o país, em especial os de caráter regional. Entre os estados que ganharam cedência de bolsas encontra-se o Rio Grande do Sul. A partir desse dado surgiram algumas problematizações: Quem eram esses profissionais? Eram vinculados a museus? Como se davam as indicações? É possível mapear algumas atuações após as diplomações? Para tal análise, o projeto de pesquisa “O campo dos museus brasileiro: uma História dos Museus a partir da atuação de seus agentes”, cadastrado na PROPESQ/UFRGS, tem se debruçado inicialmente na documentação de diferentes arquivos históricos de museus sul-rio-grandenses que já existiam no período de 1944 a fim de procurar indícios que contribuam para compreender as dinâmicas de qualificação profissional de agentes que atuavam nos museus do Rio Grande do Sul. O mapeamento das evidências encontradas indica que o diretor do Museu Júlio de Castilhos da época (década de 1950), Dante de Laytano, era um dos principais articuladores locais com o Curso de Museus. As informações coletadas demonstram que muitas oportunidades de bolsas não foram contempladas, entre as dificuldades estavam como se manter financeiramente na capital do Brasil. Há o registro de cinco estudantes que completaram o Curso de Museus: Yedda Teixeira de Oliveira, Almerinda Veríssimo Corrêa, Maria José Soares Daudt, Julieta Pinto Sá Brito e Olga Gudolle Cacciatore. A pesquisa se debruça em compreender quem são essas mulheres e suas atuações enquanto agentes do campo dos museus.

Palavras-chave: História da Museologia no Brasil; História da Educação em Museus; Curso de Museus; Bolsas de Estudo; Conservadores de Museus.

9h20 Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias - preservando vestígios de uma formação

Elias Machado (UFRGS); Ana Carolina Gelmini de Faria (UFRGS);
Marlise Maria Giovanaz (UFRGS)

Resumo: O curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) completou em 2018 dez anos de existência. Nesse processo avaliativo identificou-se que muitos vestígios da história do ensino estavam dissociados, pois não havia até o momento uma política de preservação dessa trajetória. No entanto, considerando que a história das formações em Museologia no Ensino Superior contribui para compreender o campo museal brasileiro, um projeto de extensão foi elaborado a fim de estabelecer uma política de salvaguarda desses indícios documentais. Intitulado Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o projeto tem duas premissas: reunir evidências da contribuição da formação em Museologia para o campo, com ênfase em registros da participação da graduação em Museologia e pós-graduação em Museologia e Patrimônio da UFRGS na região Sul do país; tornar-se um laboratório de práticas voltadas para áreas como documentação e pesquisa museológica, bem como tecnologias da informação e comunicação aplicadas à realidade museal. O projeto se estruturou a partir de leituras especializadas e do contato com experiências temáticas e metodológicas próximas aos seus objetivos, a exemplo do Núcleo de Memória da Museologia Brasileira (NUMMUS) da UNIRIO e o Núcleo de Memória do Esporte (CEME) da UFRGS. A partir das imersões, o grupo de trabalho decidiu explorar as memórias institucionais da Museologia da UFRGS por meio de um repositório digital, e nessa decisão optou-se por utilizar o Tainacan, software livre desenvolvido para a gestão de acervos digitais da área da cultura. Salienta-se que os metadados foram decididos a partir da Resolução Normativa nº2 do IBRAM, relativa ao Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM). Hoje o projeto possui sete coleções que estão em processo de construção colaborativa: Institucional; Pesquisa e

Extensão; Ensino; Saídas de Campo; Exposições Curriculares; Eventos; e Itinerários. A primeira coleção em andamento é a das Exposições Curriculares, disponibilizada no endereço eletrônico <<http://ufrgs.br/memoriadamuseologia/>>. Os vestígios físicos estão correlacionados no Laboratório de Pesquisa e Extensão Museológica (LAPEM). Esse é um projeto de longa duração, que tem muito a contribuir para a experimentação de novas práticas da área de gestão de acervos. Pretende-se que contribua, articulado com as demais iniciativas de cursos brasileiros, para reflexões sobre a história do ensino da Museologia no país.

Palavras-chave: História da Museologia no Brasil; Museologia na UFRGS; Gestão de acervos; Repositório Digital; Tainacan.

GT 12 - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA

MESA 1

Coord: Alexandro Silva de Jesus; Bruno Brulon Soares; Daniel de Souza Leão Vieira.

9h A pesquisa e catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa

Álea Santos de Almeida (FCRB); Aparecida Marina de Souza Rangel (FCRB)

Resumo: A pesquisa intitulada Catalogação dos cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa, desenvolvida no âmbito do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa tem o objetivo de colocar em prática metodologia de pesquisa e catalogação desenvolvida em etapa anterior da investigação, partindo-se do entendimento dos cômodos do museu-casa enquanto museália. Neste modelo conceitual de museu, objetos móveis e arquitetura mesclam-se com modos de vida de um personagem e sua família, tornando importante a análise dos cômodos para a construção das narrativas e práticas museais. Sendo assim, inicialmente a pesquisa se desenvolveu a partir do alargamento do conceito de museália, já que esta é tradicionalmente identificada com os bens móveis: obras de artes, artefatos antropológicos, objetos científicos, entre outros. A partir principalmente da década de 1970, com as práticas dos ecomuseus, observa-se a ampliação da ideia de objeto de museu, que passa a abarcar também territórios, relações e práticas sociais e, no caso desta pesquisa, os ambientes do museu-casa. Na fase atual da investigação, a pesquisa para catalogação da museália tem se desenvolvido de forma interdisciplinar, pois as análises são feitas a partir de diferentes perspectivas e campos do conhecimento, envolvendo noções provenientes principalmente da museologia, arquitetura e estudos de cultura material. Dessa forma, aspectos dos cômodos tais como propriedades físicas, trajetória social e processo histórico de desenvolvimento da invenção de cada ambiente (como surgiu o quarto no ocidente?) estão sendo analisados, gerando informações que são registradas em fichas catalográficas. Também se observa que a musealização dos cômodos é contínua, pois a pesquisa e a documentação têm o objetivo de analisar e registrar as transformações passadas e atuais, esperando-se que estas informações repercutam nas ações de conservação e comunicação do museu-casa. Neste processo, são enfatizados aspectos imateriais da museália, tais como a investigação da trajetória social, estes estão imbricados às propriedades materiais, pois a análise da constituição física dos cômodos indica alguns dos caminhos percorridos pela museália. Assim, até o presente momento, a pesquisa tem demonstrado que nos objetos de museu e, conseqüentemente na musealização, os aspectos materiais e imateriais estão imbricados e precisam ser analisados em conjunto. Com a catalogação dos cômodos, o Museu Casa de Rui

Barbosa aprofunda suas práticas de musealização, ressaltando algumas das especificidades do museu-casa, entre elas, a complexa dinâmica entre objetos móveis, cômodos, arquitetura e personagem.

Palavras-chave: Museália; Musealização; Museu-casa; Documentação museológica.

9h20 O trabalho nos (com os) objetos: memórias e representações do trabalho em dois museus

Wagner Lucas Pereira (UFMG)

Resumo: Os museus fazem usos do passado para alicerçar seus direcionamentos discursivos. É possível mapear intenções discursivas na disposição de segmentos de acervos em uma narrativa expositiva, independentemente da diligência que orienta sua produção. Dessa forma, pode-se afirmar que os objetos constroem o sentido da exposição, ao mesmo tempo em que a exposição direciona os sentidos para os objetos, configurando, nessa relação de reciprocidade, uma representação histórica específica. Nota-se, portanto, que o olhar analítico para esta relação tem um potencial metodológico para o estudo das exposições, sobretudo, para o entendimento do jogo de memória e esquecimento efetivado pelos museus quando estes escolhem determinados passados que se apresentam adequados aos usos ansiados pelo presente. O trabalho tem como amparo uma pesquisa de mestrado em andamento que analisa a narrativa museológica de dois museus da região metropolitana de Belo Horizonte: O Museu de Artes e Ofícios, situado em Belo Horizonte e o Museu do Escravo, que fica na cidade de Belo Vale, há aproximadamente a 80 km de BH. Ambos os museus, em significativa dimensão, tratam de formas diferentes o passado do trabalho e de suas relações. A dissertação tem como um dos objetivos analisar o papel desempenhado pelos objetos na efetivação dos respectivos discursos expositivos. Nesta perspectiva, vários matizes serão considerados para decodificar a (re) significação dos objetos no contexto expositivo, tais como, as motivações para a criação do museu; a trajetória da instituição; a conceitualização expográfica; o alinhamento da exposição com as sustentações historiográficas; e, a espacialização dos objetos na trama narrativa. Para isso, a contribuição interdisciplinar dos estudos de cultura material é indispensável, uma vez que possibilita um questionamento mais denso sobre o papel do objeto em contexto expositivo. Em particular, se analisa a finalidade heurística dos objetos museológicos, condição sine qua non para que a cultura material tenha um status proeminente como documento científico.

Palavras-chave: Memória do trabalho; Representação; Cultura Material.

9h40 Gerações e corações fazendo a história” - A análise do acervo do Museu do Sport Club do Recife

Camila Maria Silva de Moraes Santos (UFPE)

Resumo: A proposição aqui apresentada se oriunda no projeto para a concepção de um museu desportivo, o Museu do Sport Club do Recife. Equipe convocada, material escalado; foram iniciados os trabalhos museológicos e toda prática se voltou para o acervo físico contido na Ilha dos Rubro-negros. É importante frisar que há apenas uma separação e não uma salvaguarda efetiva dos itens que testemunham a história do Sport Club do Recife. Ao longo desse processo que se tornou perceptível a necessidade de curas conceituais para que se efetive a prática de musealização proposta. Nos primeiros movimentos a pesquisa se depara com um paradoxo conceitual, que reside inicialmente na ausência de transmutação do objeto ordinário em evidência material da história do Sport Club do Recife. Muitos dos objetos ali presentes, ainda exercem sua função vulgar, e talvez, ou principalmente, por se tratarem de itens relacionados à paixão

despertada pelo clube, esses necessitem curar aquilo que Stránský apresentou como Museália, já que possivelmente, o caráter de culto não possa ser retirado desses objetos. A outra face desse contrassenso se dá pela forma inadequada de armazenamento do acervo. Até poucas décadas não havia nenhum direcionamento para uma política de salvaguarda da memória do clube. Essa ausência gerou lacunas e perdas de inúmeros itens primordiais à narrativa ali requerida. Aqui, dois tratamentos epistemológicos precisaram ser pensados: O primeiro a partir do conceito de experiência e este trouxe consigo a problemática ligada àquilo que W. Benjamin já apontava sobre a durabilidade de discursos entre gerações. A segunda cura passou pelos conceitos de arquivo e memória, como conceitos que serviram de norte para a concepção do próprio espaço museal, já que o Sport não possui parte considerável do acervo ao qual sua história faz referência e essa ausência material evidenciou aquilo que Derrida tratou como caráter arcôntico daqueles que passaram a serem pensados como os “homens-memória” da Ilha do Retiro, já que diante da ausência do acervo físico a memória de atletas, ex-atletas, funcionários e sócios preencheu as lacunas deixadas pelo patrimônio material, portanto, ali memória deu suporte à materialidade e esse movimento reverso aflorou questões sobre o processo museológico ali construído. Seria preciso determinar se essas memórias eram parte integrante do acervo e que consignaçoão iria reuni-las. As dobras e curas conceituais supracitadas representam decisões essenciais para elaboração da análise do acervo, entretanto, a execução do planejamento ali realizado ainda é uma problemática que esbarra não apenas em questões práticas, mas, e talvez principalmente, em decisões políticas. Quem será o arconte sobre os elementos que compõem esse acervo? Como e que nomes serão exaltados pela narrativa Rubro-negra? Que arquivos servirão ao princípio nomológico?

Palavras-chave: Arquivo; Memória; Museu desportivo.

GT 13 - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

MESA 2

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes.

9h Patrimônio Arqueológico da Amazônia: possibilidades de uma cartografia digital como ferramenta didática para a temática indígena no ensino de história

Edith Adriana Oliveira do Nascimento (UFPA)

Resumo: Este trabalho é parte de minha pesquisa no Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória/UFPA), e que visa buscar estratégias para a abordagem da temática indígena em sala de aula. O campo de pesquisa-ação é uma escola da rede pública estadual em Belém do Pará, junto à discentes do turno da noite, que sofrem ainda mais limitações que os outros por essa condição. O objetivo geral da pesquisa ora apresentada é discutir o espaço da temática indígena no ensino de história, visando contribuir para sua ampliação, nos termos da Lei 11.642/2008 (que determina o ensino de indígena, além da africana e afro-brasileira). Com esse objetivo abordamos a pertinência do patrimônio arqueológico, fonte histórica de cultura material, como ferramenta para o ensino de história. Especificamente relativo às sociedades preexistentes à colonização europeia na Amazônia e as principais fontes sobre o período, os vestígios arqueológicos da cultura material, entendidos como fontes históricas que informam sobre a longa duração e ocupação dos povos originários na região amazônica.

Entre os objetivos específicos está a consolidação do projeto em forma de um produto educacional. Procuramos construir uma proposta passível de ser executada junto a alunos e professores da rede pública de ensino. Em linhas gerais, a ideia é tornar acessível a esse público, uma ferramenta de pesquisa, troca de saberes e ressignificações acerca do patrimônio arqueológico da região amazônica, através do mapeamento e curadoria de informações disponíveis no meio digital, que poderão ser mobilizados como recursos didáticos relativos à temática indígena. São questões com espaço reduzido no livros didáticos, e por vezes presentes de forma problemática. E também é ainda um patrimônio pouco acessível à maioria das pessoas, seja as que vivem na zona urbana e tem pouco ou nenhum contato com coleções musealizadas, seja as que vivem longe de museus e eventualmente próximas a sítios. Não excluindo a possibilidade de atividades a partir da visita em museus físicos, refletimos sobre uma ferramenta complementar, que proporcione a principalmente a docentes e discentes, e público em geral o acesso a uma cartografia digital de informações, aberta a alimentação colaborativa, assim como a formas interativas de fruição e apropriação, tais como exposições virtuais. A partir da Escola dos Annales, cresce a valorização das fontes não-escritas para a historiografia, incluindo os vestígios arqueológicos, que figuram como fontes primárias, documentos da presença e das práticas de sociedades humanas que os fizeram, utilizaram, e até que os descartaram. Mas além disso, em muitos casos esses vestígios materiais podem e devem ser tomados como documentos que informam também sobre o presente, pela relação viva que as comunidades de hoje mantêm com elas. Nesse sentido, a aprendizagem da história vai muito além da sala de aula, especialmente na atualidade, de modo que a educação escolar precisa aprender a lidar com esse contexto. Daí este projeto, agregando ferramentas da Museologia e educação museal, tem a expectativa de estimular os alunos, com orientação de professores a buscar e lidar com informações sobre a história mais ativamente, e não apenas em sala, ou seja, imergindo no tema, praticando pesquisa, e compartilhando resultados. A proposta pretende prioritariamente ser uma forma de agregar informação sobre o patrimônio arqueológico regional, contemplando a perspectiva da educação patrimonial, no uso do ciberespaço como meio de aproximação a esses espaços diversos de memória, como os sítios arqueológicos e museus ligados a esse tipo de patrimônio. Para tanto pretendemos criar uma cartografia digital, em formato de aplicativo e com viés colaborativo, que possa ser utilizado como plataforma de pesquisa e ferramenta de ensino sobre a Amazônia Indígena e o Patrimônio Arqueológico Amazônico, e que possibilite o uso do ciberespaço como meio de aproximação a diversos lugares e bens de memória.

Essa necessidade corresponde a um contexto de muitas perdas para o patrimônio amazônico. O incêndio do Museu Nacional é simbólico deste momento, e enfatizamos aqui o descaso quanto aos bens ligados a História Indígena em particular. As perdas de patrimônio amazônico sob guarda daquela instituição são em amplo sentido, incalculáveis. E ainda, encerramos o ano de 2018 com a notícia de que fecha as portas o Museu do Marajó, resultado de pouca atenção do poder público, e que enfrentará dificuldades para reabertura em condição de segurança. A consolidação do projeto em uma ferramenta digital, preferencialmente em forma de aplicativo acessível a celulares, corresponde à necessidade de registro e compartilhamento dos resultados, e que também os discentes participantes possam ver um resultado palpável de seus esforços numa linguagem que se torna cada vez mais familiar a eles, usada então como forma de acesso e construção de conhecimento. Assim como meio de aproximação entre a sala de aula e espaços diversos de memória, como os sítios arqueológicos, museus e outras representações do patrimônio cultural amazônico. Como forma de refletir acerca da contribuição que pode trazer este conteúdo para a sala de aula, no viés de um saber escolar voltado para a formação de um cidadão historicamente consciente da sociedade em que vive e da diversidade que a compõe e das lutas que a atravessam. A curadoria de conteúdo se norteará pelo princípio da relação do passado com as questões do presente, tais como a legitimação de direitos originários. Assim como a relação dessas sociedade do passado com a paisagem e com a natureza,

sobretudo por que os sítios arqueológicos espalhados pela Amazônia marcam formas distintas dessa relação e de construção da paisagem. Usos diversificados do espaço, vestígios de culturas diferentes, apropriações diversas pelas comunidades atuais. Abre-se a perspectiva do multiculturalismo, assim como da contranarrativa, de que a história do Brasil não começa na chegada dos europeus, mas que havia aqui sociedades e desenvolvimento. E que os povos indígenas não fazem parte do passado apenas, mas existem e resistem ainda hoje. A cartografia de informação se inicia a partir de pesquisa, que pode ser efetivada através de projeto escolar, e agregação dos resultados em uma plataforma, marcados por região e tipologia, e aberto a colaboração continuada, através por exemplo, de ferramentas de georeferenciamento, onde usuários, com ênfase para professores e seus alunos possam adicionar informações sobre sítios e outros patrimônios arqueológicos de suas localidades. O uso da cartografia de informação seria utilizada em processos de pesquisa, interpretação e seleção de informações relativas aos temas indicados (iconografias, acervos digitalizados, notícias, links, sites, materiais didáticos, mapas). Como ferramentas de apoio para promover a participação de alunos e professores da rede públicas, serão de ajuda ferramentas como as disponibilizadas pela plataforma Google for Education (RA, óculos 3D, Google Earth), podem dar suporte a essas atividades. Com apoio de programadores, cogitamos a construção de cenário virtual, lúdico e inspirado na arquitetura e cosmologia amazônica, para trabalhos escolares voltados para o tema, incentivando o trabalho de docentes e discentes. A consolidação desse processo esperamos se dar na disponibilização dessa cartografia na internet, como ferramenta de pesquisa sobre os temas, passível de atualização posterior, usando a ferramenta digital como veículo de promover, em parceria com projetos escolares, leituras discentes sobre esses bens culturais. Nesse sentido, a experiência de apropriação pode se consolidar em uma ação museal, no espaço escolar, e ampliando para o ciberespaço, na forma exposição digital, sem que se pretenda falar de um museu no sentido estrito, mas de compor uma experiência expositiva, agregando informações disponíveis, com dados secundários de toda forma. Num contexto escolar de ensino público que atende perfis diversificados, esperamos que a abordagem desses temas em sala, a ser facilitada pelo meio digital através de site ou aplicativo, ao longo do processo possibilite contribuir na formação, oportunizando a discussão da identidade como algo que vai além da individualidade, mas que se liga a uma coletividade em algum nível (familiar, comunitário, étnico), acreditando na importância das questões identitárias na atualidade, e mais agudamente em relação à questão indígena. Assim como no desenvolvimento do pensamento crítico e conscientização sobre direitos sociais a partir da questão dos direitos dos povos originários e da suas lutas atuais.

Palavras-chave: Educação museal; Curadoria; Ensino de história; História indígena.

9h20 Estudos sobre Museologia Virtual e Cibermuseologia: Tecnologias da Informação e Comunicação (tic's) ou Tecnologias Sociais na gerência das informações dos museus?

Joquebede Teles da Silva Oliveira (UnB); Monique Magaldi (UnB)

Resumo: As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e as Tecnologias Sociais (TS's) são recursos utilizados cada vez mais por instituições culturais. As TIC's e as TS's têm como objetivo informar e comunicar ao público, fazendo o gerenciamento da informação. Podem contribuir para a formação e consolidação de identidades, memórias coletiva, desenvolvimento de comunidades e/ou indivíduos, e contribuem para o crescimento econômico, social, turístico e cultural, conforme apresentado por Will, em 2012. Neste contexto, essa pesquisa estuda como os museus virtuais brasileiros estão fazendo uso das TIC's e/ou das TS's para gerir e disponibilizar informações, de forma colaborativa. Para tanto, a pesquisa realizou revisão

de literatura e estudos exploratórios, para fundamentação teórica sobre os conceitos como Museologia Virtual, Cibermuseologia, musealização, Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC's), e Tecnologias Sociais (TS's). Foram selecionados museus virtuais listados em bases de dados online do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Para a presente pesquisa, as experiências analisadas, até o momento, apontam para novas possibilidades de Museus e de estudos para a área da Museologia. As tecnologias comunicacionais e sociais podem contribuir para difundir e ampliar os usos de determinados recursos e ferramentas interativas que permitam difundir conexões entre: sociedade – museus- sociedade. As TIC's e TS's se mostram extremamente úteis para as atividades museológicas, com as características ímpares de alta velocidade e dinamicidade na gerência e difusão da informação e do conhecimento. Evidenciando-se que a utilização destas coloca o museu em seu tempo e em lugar de destaque perante a sociedade, como fonte e referência de informações e conhecimento. Em que, o uso adequado e coerente destas tecnologias, atinge de forma mais efetiva a população, de modo a contribuir de forma positiva para o crescimento do indivíduo e/ou coletivo, que se propõe a utilizar das informações oferecidas pelos museus.

Palavras-chave:

.....

GT 15 - MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

MESA 2

Coord: Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández

9h Legitimação identitária em espaços museais: o caso da 3ª Bienal da Bahia

Pedro Ernesto Freitas Lima (UnB)

Resumo: Após a História da Arte, enquanto uma única grande narrativa totalizante, ser questionada por autores como Hans Belting e Arthur Danto, entre outros, podemos afirmar que museus e exposições têm ocupado posições de protagonismo na construção de narrativas em um contexto fragmentado. Simultâneo a esse processo, a implosão de categorias como o “homem” universal impactou na segmentação de narrativas sobre arte e identidade. Objetos artísticos passaram a ser abordadas a partir de diferentes espectros identitários de diferentes categorias – relativas a gênero, raça, sexualidade e origem geográfica –, muitas vezes em exposições que celebravam o reconhecimento e a institucionalização via museu de uma pretensa diversidade. Entretanto, devemos nos perguntar até que ponto essa diversidade expressa em diferentes categorias de alteridade não estariam aprisionando trabalhos artísticos a certas homogeneidades. Considerando que instituições artísticas, entre eles os museus, participam de processos problemáticos de legitimação de identidades, propomos discutir nesse trabalho como a 3ª Bienal da Bahia discutiu representações identitárias da região Nordeste do Brasil, região essa inventada por uma série de eventos que, como afirma Durval Muniz de Albuquerque Júnior, conceberam uma região apropriada para, entre outros, ser exposta em museus. Em outras palavras, propomos discutir como a 3ª Bienal da Bahia, a partir da sua proposta singular de uso de diferentes espaços enquanto espaços museais, lidou com uma homogeneidade identitária construída ao longo do século XX no país e que concebeu o que podemos denominar como arte “nordestina”, enquanto uma expressão de caráter “local”, “regional” e periférico, contraposta a uma produção “nacional” realizada e legitimada pelo/no

eixo Rio-São Paulo. Intitulada *É tudo Nordeste?*, a terceira edição da Bienal foi realizada em 2014, 46 anos após a sua segunda edição, e teve como curadores-chefes Marcelo Rezende, Ana Pato e Ayrson Heráclito e como curadores-adjuntos Alejandra Muñoz e Fernando Oliva. Entre seus objetivos estava dar continuidade à reflexão sobre a situação marginal da Bahia e do Nordeste do país em relação ao circuito artístico “nacional” canônico do eixo Rio-São Paulo. Para nossa discussão, propomos partir de uma análise do discurso curatorial do evento e de algumas obras expostas para investigar como os espaços museais e expositivos da Bienal lidaram e expressaram a discussão identitária provocada pela curadoria do evento.

Palavras-chave: Identidade; 3ª Bienal da Bahia; Museu; Curadoria; Arte contemporânea.

9h20 A museália e as suas dimensões: simbólica e econômica

Aldryn Brandt Jaeger (UFRGS); Ana Maria Albani de Carvalho (UFRGS)

Resumo: O presente resumo tem como objetivo analisar a construção do valor econômico aferido aos acervos de museus de arte. Esse processo, o qual envolve os valores simbólicos, destaca-se como um método de valorizar o museu e o seu acervo. As construções do preço das avaliações de coleções musealizadas de cunho artístico são permeadas por tensões e subjetividades, pois abrangem valores econômicos e simbólicos, os quais são aferidos dentro do espaço museal. Essa elaboração dispõe da tensão o relacionamento entre museus de arte e mercado, porque ambos fomentam distintos contextos e dimensões da museália, e oportunizam a sua valoração financeira. O fato de a peça ser adquirida pelo museu e ser considerada um patrimônio é um elemento que contribui para elevar o seu preço econômico, portanto, a dimensão simbólica influi sobre a dimensão econômica. A relação entre museus de arte e mercado e as considerações feitas consistem nos resultados preliminares do estudo do projeto de mestrado, o qual tem como estudo de caso a investigação empírica do processo de atualização do valor econômico, que foi aferido em 2012 ao acervo do público municipal da Pinacoteca Ruben Berta, situada em Porto Alegre. Essa coleção, desde a sua constituição, dispõe de 125 obras de diversos artistas nacionais e internacionais, tais como, Di Cavalcanti e Portinari e Allen Jones e Kusuma Affandi. O projeto se insere no Programa de Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA/UFRGS). A pesquisa proposta ocorre no campo da Museologia, e considera-se a realidade do contexto e da instituição, em que o bem cultural está inserido. A natureza interdisciplinar da Museologia viabiliza a construção desse conhecimento, também, com a Arte, através do Sistema da Arte, que detém pesquisas sobre os valores simbólicos e econômicos das obras de arte e a relação dessas com os museus. A oportunidade de avançar nessa produção torna-se possível a partir da consideração da existência da dimensão econômica no bem cultural e a dimensão cultural no bem econômico, das quais os museus de arte também dispõem. Em vista disso, a viabilização da coexistência, da diversidade de valores nos museus, que são produzidos ou legitimados nesses espaços ou por eles, sem hierarquizá-los, consiste em um enorme desafio para os museólogos, profissionais da área e dos museus.

Palavras-chave: Museologia; Museus de Arte; Valorização Simbólica; Valoração Econômica.

9h40 A emergência da arte contemporânea dos índios amazônicos e os desafios para sua musealização

René Lommez Gomes (UFRGS)

Resumo: Fez-se notável, na última década, a emergência da presença de artistas indígenas, especialmente de “nações” da região amazônica, nos circuitos internacionais de comércio e musealização da arte contemporânea. Artistas como Abel Rodríguez (etnia Nonuya, Colômbia), KindiLlajtuJacanamijoy (Inga, Colômbia), BrusRubioChuray (Huitoto e Bora, Peru), RemberYahuarcani (Huitoto, Peru), JaiderEsbell (Makuxi, Brasil) e IbãHuniKuin (HuniKuin / Kaxinawá, Brasil), integram a primeira e a segunda gerações de artistas contemporâneos da Amazônia indígena que têm projetado sua produção nas principais mostras e feiras de arte contemporânea e ganhado expressiva presença no mercado de artes. Diversos fatores marcaram a súbita emergência da arte dita amazônica, no cenário artístico e museal. Um deles encontra-se na apropriação generalizada, por grupos indígenas, das mídias artísticas ocidentais - especialmente a produção audiovisual, a performance e a pintura - como novos recursos de expressão das culturas tradicionais. Além disto, a realização de bienais e exposições em museus universitários com a temática indígena fizeram com que este conjunto de novos criadores nativos se aproximasse, forjando nichos de atuação e de trocas de técnicas artísticas locais e ideias estéticas. O interesse de galeristas e curadores de museus pela renovação estética gerada pelas obras de criadores indígenas impulsionou o movimento, introduzindo-os nos espaços mais influentes da cena artística internacional. Neste processo de visibilização da arte contemporânea indígena, foram produzidas aproximações e dissensões entre os interesses dos artistas indígenas, os processos curatoriais e o mercado de arte. Entre os artistas, há um consenso de que a função de que sua produção deve servir ao empoderamento e dos “povos originários”, por meio da visibilização de seus valores, da denúncia da história de violência a que foram submetidos e da passagem de conhecimentos da floresta entre os mundos urbano e das aldeias. Curadores, profissionais de museus e agentes do mercado, por outro lado, mostram indícios de uma tendência a apresentar as obras indígenas pela mobilização de critérios exteriores ao do universo que as gerou, oscilando entre seu tratamento como um novo caminho para a grande produção contemporânea, expressões renovadas de uma produção naïf ou uma curiosidade artística passageira, mas interessante por seu exotismo. Apresentando a trajetória de alguns destes artistas indígenas, esta comunicação objetiva discorrer sobre os consensos e dissensões gerados entre os interesses dos criadores, dos museus e do mercado internacional de arte, na apresentação e musealização desta produção. Buscar-se-á refletir sobre como a circulação e a musealização da arte amazônica poderá alterar as narrativas correntes sobre a categoria “arte indígena” e seu papel social.

Palavras-chave: Arte Indígena; Circuitos Curatoriais; Mercado de Arte; Musealização da Arte; Bienais de Arte.

31 DE JULHO 2019

QUARTA-FEIRA

Das 10h40 às 12h

GT 1 - EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

MESA 3

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo;
Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

10h40 Entre Brennand e Cluny: a Idade Média em discursos museológicos

Matheus Silveira Furtado (UnB)

Resumo: Analisar criticamente as abordagens e representações da Idade Média, a partir de uma comparação entre o Instituto Ricardo Brennand e o Museu de Cluny, consiste de uma perspectiva, no Brasil, inédita na compreensão de discursos e relações possíveis entre os museus e o Medieval. O Instituto Ricardo Brennand exhibe, não apenas por meio de seus acervos, uma Idade Média fantástica e fabulosa, da cavalaria e da bravura. O Museu Nacional da Idade Média (França) – Museu de Cluny – constitui, por todo o seu discurso, espaço e acervo, uma lógica representativa da Idade Média erudita, opulenta e repleta de significados. Ambos os museus possuem em sua trajetória uma série de semelhanças, que fazem de sua comparação uma lupa perfeita para a investigação dessas “representações” da contemporaneidade acerca de um determinado tempo no passado. Quando nos deparamos com uma exposição, um museu, uma história, uma narrativa se inicia. Ela é delimitada e pensada para mediar a compreensão do visitante sobre aquilo que ele vê. A Idade Média exposta pelos museus, por meio da disposição e exibição de seus respectivos objetos - obras traduz essa questão. Perceber como e quais discursos se estabelecem no tempo presente, pelas Instituições que se propõe a tratar esses elementos e do Imaginário medievais, é o ponto focal do trabalho. As próprias formas como esse tempo é apresentado em cada Instituição, que se valem das capacidades e diversidade de suas coleções, demonstra como são percebidos ou não, elementos já explicitados pelos medievalistas, ao mesmo tempo, significa também perceber como o discurso e os interesses de cada uma operam nas lógicas narrativas de produção do Imaginário dos Visitantes acerca da Idade Média.

Palavras-chave: Discurso; Representação; Idade Média; Curadoria; Acervos.

.....

11h O Túnel do Tempo da Evolução da Vida Um exercício Museológico em Ciências da Natureza

Ana Carolina Valadares Maciel de Oliveira (UnB); Cássio Costa Laranjeiras (UnB)

Resumo: O presente trabalho tem como elemento central a exposição “O Túnel do Tempo da Evolução da Vida”, uma experiência curatorial de caráter didático-formativo cujo objetivo é disponibilizar ao público geral, sobretudo professores e alunos da educação básica, conhecimentos de natureza geológica, paleontológica, astronômica e biológica relacionados ao processo evolutivo da vida. Ao mesmo tempo em que tem intenções didático-pedagógicas

com o público a que se destina, a exposição se caracteriza como um exercício de formação profissional em museologia da autora que compõe a equipe do presente trabalho. Do ponto de vista curatorial buscamos inspiração no conceito de Museologia Total, do físico e divulgador da ciência espanhol Jorge Wagensberg, baseado no binômio Objeto-Fenômeno como elemento museográfico central. Assim, foi possível a organização de uma estrutura metodológica que, tomando o objeto como ponto de partida, propõe ao visitante a identificação e leitura de fenômenos a eles associados. No entanto, objetos e fenômenos não estão isolados no tempo e no espaço, fazendo-se necessário explicitar contextos que possam traduzi-los e integrá-los em suas realidades de maneira ampliada. Assim é que foi possível conceber, como contribuição do autor que compõe a equipe do presente trabalho, a tríade Objeto-Fenômeno-Contexto como desafio conceitual e exercício museológico-museográfico no campo das ciências da natureza. A exposição - que teve início em outubro de 2018 e fica em cartaz no Planetário de Brasília até agosto de 2019 - é fruto de uma ação colaborativa entre o MuseuLab/UnB, o Laboratório de Geociências/UnB e o Planetário de Brasília, e conta com o apoio direto da Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF), da Faculdade de Ciência da Informação (FCI)/UnB, Instituto de Física/UnB, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (MCTIC)/2018.

Palavras-chave: Museologia Total; Ciências da Natureza; Evolução da Vida; Tríade Objeto-Fenômeno-Contexto.

GT 2 - ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

MESA 3

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Viviane Sarraf.

10h40 Museologia Aplicada a coleções de ciência/tecnologia e o exercício acadêmico da interdisciplinaridade

Sue Costa (UFPA)

Resumo: Ao considerar que os tempos atuais são marcados pela expansão da informação, a interdisciplinaridade torna-se uma questão forte no presente e para o futuro. A simplificação e/ou redução do olhar, ignora realidades complexas e dificulta a construção de análises multifacetadas por parte de profissionais de diferentes áreas. Partindo da minha experiência de ser uma bióloga que trabalhou mais de 10 anos no Museu Paraense Emílio Goeldi, vi e vivi muitos dos dilemas levantados sobre este “impasse” entre diferentes profissionais no dia a dia. E agora, como docente há 08 anos no curso de Museologia, vi a possibilidade real de problematizar esta falta de diálogo e discutir as atuações profissionais dentro dos museus. Sob estes argumentos, este trabalho apresenta os resultados da experiência de ministrar, por um semestre, a disciplina Museologia aplicada a coleções de ciência/tecnologia (MG02055) na Universidade Federal do Pará (UFPA) para uma turma mista, onde metade das vagas foi preenchida por alunos do curso de Museologia e a outra por alunos de Bacharelado em Biologia, ambos discentes regularmente matriculados na referida instituição. A realização de tal feito, para além do caráter inédito para ambas as faculdades, é uma tentativa de formar profissionais capazes de lidar com as diferenças e reconhecer as similaridades de demandas de cada área. A metodologia utilizada em sala primava pelo debate e prática entre os alunos, sempre organizados em grupos interdisciplinares, os quais puderam, ao longo da disciplina, realizar todas as etapas do processo de musealização,

trocando conhecimentos e, com isso, se (re)conhecendo dentro de outras bases construtivas. Ao final, foi possível constatar a modificação completa de visão que ambos tinham sobre o campo alheio, além de uma proposta do Centro Acadêmico de Biologia para que a disciplina fosse incorporada à grade curricular do curso, considerando que o Museu Paraense Emílio Goeldi é a instituição que mais absorve esses profissionais na região. Com isso, ganham todos, em especial a sociedade que terá um museu com profissionais mais plurais ao seu dispor.

Palavras-chave: Musealização; Museólogo; Biólogo; Educação.

11h Memória do processo de institucionalização do campo de conhecimento da Museologia no Brasil

Priscilla Arigoni Coelho (UFOP)

Resumo: Este artigo tem como objeto de estudo a memória do processo de institucionalização do campo de conhecimento da Museologia no Brasil. Nesse sentido, a institucionalização é considerada um processo pelo qual um conjunto de normas, valores, significados, práticas e validações orientam uma atividade social, promovendo a relação de indivíduos em prol dos projetos, discursos e objetivos comuns. Importante destacar que conformações diferenciadas da dimensão acadêmico-institucional dos cursos de Museologia representam vínculos que estimulam discussões mais verticalizadas e explicitam as relações de saber-poder das partes envolvidas na pesquisa. Deste modo, considera-se que o contexto institucional do conhecimento, desenvolvido em determinado momento social e histórico, reflete tanto as transformações quanto os contrastes do campo do conhecimento da Museologia, o que tem levado a estruturas curriculares distintas e, por conseguinte, a diversos perfis profissionais. A institucionalidade do campo museológico como área do conhecimento tem como um dos aspectos mais recorrentes das afirmações das características interdisciplinares como uma demanda da própria prática museológica. De fato, esse pensamento ganha destaque quando observamos as colocações acerca das áreas do conhecimento ligadas às Ciências Humanas e Ciências Sociais, como no caso da Museologia, que possui a interdisciplinaridade como traço característico e centro dos debates para entender tanto a origem quanto as relações que se estabelecem com outras disciplinas. No entanto, aquilo que parece saltar aos olhos muda de ponto de vista quando certos autores apontam a necessidade da autonomia do campo museológico e indicam como obstáculo os limites ainda indeterminados. Dentro dessa perspectiva, podemos sublinhar que a institucionalidade do campo museológico tem como principal característica a complexidade numa contínua disputa de diferentes abordagens. Assim, no que concerne à institucionalização da Museologia pelas agências de fomento à pesquisa, até o presente momento, a área encontra-se no segundo nível da grande área das Ciências Sociais Aplicadas, na qual podemos indicar a formação dos atores acadêmicos como fundamental para compreensão dos diálogos atuais que o campo museológico estabelece com outros campos do conhecimento. Essa área do conhecimento teve um aumento significativo de grupos de pesquisa pela súmula estatística do CNPq no Censo do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, demonstrando concretamente um processo gradativo no aumento da produção acadêmica do cenário museológico no século XXI. Desse modo, torna-se necessário empreender uma averiguação das áreas de formação dos pesquisadores para pensar na relação que se estabelece entre a rede de atores que atuam no campo e a institucionalização do campo.

Palavras-chave: Institucionalização; Museologia; Grupo de Pesquisa; Memória Social; Discurso.

GT 3 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

MESA 3

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor.

10h40 Museu em luta: resistência e musealização na Vila Autódromo, Rio de Janeiro

Bruno Brulon Soares (UniRio); Alice Canto Carvalho (UniRio)

Resumo: No ano de 2016 a cidade do Rio de Janeiro sediava um dos mais importantes eventos desportivos em âmbito mundial: as Olimpíadas. No entanto, no mesmo ano, mais exatamente no dia 18 de maio de 2016, acontecia a inauguração do Museu das Remoções, na Vila Autódromo, situado na Zona oeste da cidade. Esses dois eventos fazem parte de uma mesma história – política, econômica e cultural – que tem início com a eleição da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Em função dessa escolha, surge um projeto de cidade no qual o Rio de Janeiro ficaria conhecido pela marca de cidade Olímpica, o que supostamente mobilizaria investimentos privados para o desenvolvimento urbano e social da cidade. Porém, essa mudança também acarretaria uma disputa territorial no contexto da Vila Autódromo, localizada em uma das regiões do Rio que receberia investimentos para “acolher” os jogos. A história dessa região, marcada pela história das Olimpíadas, mas também pelas narrativas mais antigas do processo de gentrificação nessa cidade, se tornaria, ela mesma, objeto de disputa política com a decisão dos moradores locais de iniciarem um movimento de resistência que culminou, naquele ano, com a criação do museu. Entre os anos de 2009 e 2015, mais de 700 famílias foram desabrigadas para que acontecesse a construção do parque olímpico na região que abarca o território onde está localizada a Vila Autódromo. Sem o devido respeito com a população que ali vivia há mais de 20 anos, casas foram demolidas, e muitas pessoas foram obrigadas a se retirar do local. Entretanto, ao longo de um processo intenso de negociações e luta pelo direito à permanência e barganha por parte dos agentes do Estado para a desocupação do espaço habitado, um grupo de 20 famílias, decide resistir, e dessa resistência surge o Museu das Remoções. Dos escombros da antiga Vila como a conheciam, esses moradores ergueram a sua resistência, que vem até o presente se configurando por meio da mobilização política aliada à musealização do território e da memória que nele vive. O presente artigo tem como objetivo discutir a história da criação do Museu das Remoções no Rio de Janeiro, propondo uma reflexão sobre um novo papel para os museus contemporâneos frente aos embates políticos na arena pública da cultura. Entendemos que as políticas públicas para a cultura que estiveram associadas ao projeto de reformulação urbana no Rio de Janeiro na última década funcionaram como políticas de exclusão, exacerbando apagamentos culturais e acirrando as disputas territoriais que muitas vezes tiveram a participação do setor museológico. A imagem de cidade que se apresentou nas pautas políticas dos últimos governos do Estado e nas respectivas secretarias de cultura a eles associadas reforçavam a representação da desigualdade social e a valorização de patrimônios hegemônicos em detrimento das micronarrativas e dos patrimônios subalternos. É neste sentido que propomos, a partir da investigação da experiência do Museu das Remoções, uma concepção do dispositivo museu como uma ferramenta política de contestação e denúncia, que pode auxiliar na legitimação de um grupo em sua luta social, nesse caso pelo direito à moradia e pela sua representação nos regimes patrimoniais legitimados. Partimos, portanto, de uma ideia de musealização em seu sentido alargado, que nos permite ampliar as noções de valorização do patrimônio e de resistência social. A luta Os jogos olímpicos de 2016 intensificaram os processos de gentrificação que historicamente já vinham contribuindo para delinear o mapa atual da cidade do Rio de Janeiro. Através de projetos como o “Porto Maravilha” e a criação da marca de Cidade Olímpica, a cidade passou por diversas e violentas remoções, as quais o então

prefeito, Eduardo Paes, justificava em nome de uma reurbanização da cidade para abrigar tanto os jogos olímpicos quanto os futuros turistas que o Rio passaria a receber depois de que o projeto fosse concluído. Uma das áreas da cidade que foi afetada por essas remoções, foi a Zona Oeste, onde se localiza a Vila Autódromo, que até hoje luta contra as tentativas de remoção existentes desde 1994, no momento em que César Maia era o prefeito da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a ocasião de sediar os jogos olímpicos foi a grande justificativa para que as remoções na Vila Autódromo fossem efetivas. Durante vinte anos, os membros dessa comunidade lutaram contra o processo de remoção, que tinha como argumento oficial o dano urbano, estético e ambiental ao território habitado. Ignorava-se, entretanto, o histórico daquela comunidade em seu engajamento pela preservação do meio ambiente local, em um território arborizado, com projetos de saneamento básico em curso, localizado às margens da Lagoa de Jacarepaguá, onde vivia originalmente uma colônia de pescadores. A primeira ameaça de remoção à comunidade da Vila Autódromo data de 1992, quando a Procuradoria Municipal alegava que a Vila causava dano estético e ambiental à paisagem (Faulhaber & Azevedo, 2015). Quatro anos depois, a retirada das famílias se justificaria devido ao risco da ocupação que supostamente ameaçava as suas vidas. Nos anos 2000, a instalação de equipamentos esportivos para os Jogos Pan-Americanos de 2007 foi o novo argumento utilizado para viabilizar a remoção e a apropriação do território visando investimentos imobiliários naquela área. A partir de 2009, quando o Rio de Janeiro foi escolhido como a sede das Olimpíadas de 2016, as ameaças de remoções no local se intensificaram e estas começaram a ser uma realidade para a comunidade que testemunhou a destruição progressiva de seu patrimônio privado mais imediato. Naquele momento, o pretexto da construção do Parque Olímpico, do Centro de Mídias e das reformas de Mobilidade Urbana, levou a Prefeitura a propor acordos absurdos, sem qualquer abertura real à negociação popular. Os antecedentes de um museu para resistir é a partir do momento em que os habitantes da Vila Autódromo começaram a de fato ser removidos da comunidade, que um grupo de moradores se reúne e decide resistir a este processo. Se iniciam, então, uma série de atividades como as ocupações culturais e a construção de barricadas, com o intuito de reivindicar e lutar pelo direito de permanência no território que era a moradia daquela população. É neste momento de forte mobilização social no seio do grupo, centrada principalmente nos habitantes que atuavam na Associação de Moradores, que a ideia da construção de um museu surge. Inicialmente proposto pelo museólogo Thainã de Madeiros, que acompanhava as lutas de resistência dos moradores da Vila Autódromo, o intuito da criação do museu foi o de fortalecer ainda mais o movimento de permanência no território, preservando a memória daquele lugar e de seus moradores, e servindo como um instrumento tanto para aquelas pessoas, quanto para outras comunidades que também enfrentam os processos de remoção feitos pelo Estado. Pensado, por seus criadores (entre os quais especialistas da museologia, da arquitetura e das artes) e pelos habitantes locais (membros da já existente Associação de Moradores da Vila Autódromo), como uma ferramenta de luta e contestação social, o Museu das Remoções se baseou nas premissas da Museologia Social, estreitamente ligadas aos modelos europeus de museu de território e do ecomuseu. Tendo ganhando aderência em diversos países fora da Europa desde os anos 1980, no bojo da já datada Nova Museologia, o ecomuseu, na maior parte dos contextos em que foi colocado em prática, levantou questões sobre o próprio fazer museológico. Tais questões levaram ao pensamento crítico sobre os processos de avaliação realizados pelos museus ao selecionarem certos objetos como patrimônio. Ao engendrar novos regimes de atribuição de valor, ou de valoração, o ecomuseu deflagra a arbitrariedade das escolhas sobre o patrimônio pelos museus, a implicação das emoções patrimoniais e tudo aquilo que há de subjetivo na seleção dita 'oficial' colocada em prática pelos museus tradicionais. Mais do que inverter a lógica dos regimes de qualificação, ao evidenciar que estes são construídos socialmente, o ecomuseu torna visível a gramática museal como uma gramática axiológica. O Museu das Remoções, em suas práticas de luta e na ação social pela manutenção dos

habitantes em seu território, não seguiu estritamente nenhum modelo conhecido de museu ou de museologia. Com efeito, a forte ligação com a Museologia Social se viu aliada ao ímpeto de alguns especialistas, estudantes e adeptos da causa dos moradores locais a criarem um museu com base experimental, isto é, que não segue nenhum modelo instituído e hegemônico, e que concebe os próprios moradores, em sua resistência cotidiana, como o patrimônio primordial a ser musealizado. Pensado por alguns de seus habitantes como um “museu vivo”, o Museu das Remoções é um museu de luta pela vida e pelo valor da vida nas margens. Constituído por meio de articulações entre diferentes setores sociais, o museu propõe uma disputa de narrativas com o Estado até então inédita na história dos museus experimentais existentes em outros espaços vulneráveis à desigualdade social e à invisibilidade cultural que caracterizam a “paisagem” mais ampla daquilo que se entende e se valoriza como cidade. A musealização a partir do levantamento histórico sobre a trajetória recente e as transformações impostas no território da Vila Autódromo, nos propomos a investigar o uso da musealização como instrumento simbólico e político na produção de uma narrativa museal visando a resistência das pessoas num contexto social alterado. No caso analisado, o museu serve como proteção e instância de negociação da vida sobre o território, logo não podemos deixar de ver a musealização como ferramenta ativa de transformação social. Entendendo a musealização como ferramenta suscetível de ser apropriada pelos grupos em lutas por sobrevivência e por existência social na cidade desigual, nos propomos a ver a axiologia museal da cidade do Rio de Janeiro como uma axiologia em disputa – por valores, por reconhecimento social e político e, em última instância, pela sobrevivência daqueles cujas vidas podem ser definidas – nos termos de Judith Butler (2015) – como vidas precárias, enquadradas em regimes de valor em que elas não têm nenhum valor. A precariedade, segundo essa autora, implica o fato de que a vida de alguém ou dos membros de alguns grupos está sempre, de alguma forma, nas mãos de um outro. O histórico das remoções e os atos de violência física, simbólica e psicológica sofridos pelos moradores da Vila Autódromo, antes de que ali fosse criado um museu, transmitem a mensagem irrefutável de que – para o Estado, para os investidores, para as organizações por detrás dos Jogos Olímpicos de 2016, etc. – aquelas vidas não são passíveis de luto. A mensagem da luta por meio do dispositivo museu contraria esse regime de exclusão que leva ao extermínio de uns em prol do enriquecimento material de outros. Neste sentido, a musealização visando a valorização dos patrimônios vivos existentes na Vila, narradores de seu próprio passado e da história das remoções, transmite a mensagem de que aquelas vidas têm patrimônio e a de que aquelas vidas são patrimônio, e, portanto, merecem ser valoradas, num regime de valor outro onde aqueles corpos podem (re)existir. Perspectivas de futuro para um museu de disputas. Desde a criação do museu e o fortalecimento da causa museal no interior do grupo de moradores que resistiram às remoções na Vila Autódromo, a luta pela manutenção do espaço a cada dia reconquistado e reapropriado se tornou uma luta pela construção e disseminação de uma narrativa outra de cidade e sobre as consequências dos Jogos Olímpicos de 2016. O discurso político vinculado à musealização é um discurso de oposição às narrativas patrimoniais oficiais, que desde 2012 elegeram o Rio de Janeiro, com seu meio urbano e natural, como “paisagem cultural” – rótulo conferido pela UNESCO para “patrimonializar” a cidade e produzir valor comercial, antes da realização dos eventos esportivos já citados. Hoje, as lutas de um museu que musealiza a vida são diversas e variantes. Os atores envolvidos são múltiplos, e o poder do Estado nunca deixou de ser uma ameaça às conquistas do passado no território reconfigurado. Com uma rede de poder estabelecida e demandas sociais explícitas, o trabalho dos grupos sociais locais em museus de tipo comunitário mediados pelos especialistas é facilmente cooptado por diferentes agentes institucionais, sendo o Estado – como categoria mais ampla – o principal deles. Como consequência da metodologia própria imposta pelo Estado brasileiro, muitos grupos paralisam as suas atividades ou são levados a redirecionarem as suas demandas para as ações previamente propostas como exequíveis e ‘primordiais’ para o “desenvolvimento” coletivo. Neste sentido, os “modelos prontos” configuram

um risco para a legitimação de alguns em detrimento da negociação coletiva como principal motor do museu. Como a história recente de museus sociais tem demonstrado, a luta constante por legitimação leva os grupos a aderirem aos programas disponíveis, e a se adequarem a normas predeterminadas que constituem o “padrão”. As comunidades – os distintivos culturais e as demandas sociais do grupo – são formatadas na medida do que o Estado deseja fomentar. A luta que leva à submissão do museu ‘que não segue a um modelo’ aos moldes pré-determinados pelo Estado é uma luta para que esses museus tenham “os mesmos direitos de todos os museus clássicos” mesmo estando às margens das museologias tradicionais – e conseqüentemente dos investimentos estatais para o campo da cultura.

Palavras-chave: Musealização; Museologia Experimental; Lutas Sociais; Museu das Remoções.

11h Participação Social em museus: reflexões a partir de experiências no Museu do Homem do Nordeste

Silvia Gonçalves Paes Barreto (FUNDAJ/MUHNE)

Resumo: A noção de participação social, no debate sobre o aprofundamento da democracia, tem sido entendida como envolvimento da sociedade nas deliberações e nas decisões acerca de políticas públicas. A participação depende de mobilização social e de mecanismos estruturados que viabilizem o diálogo efetivo dos cidadãos com o poder público. O Brasil, após a constituição de 1988, viu crescer, especialmente nos governos populares o estímulo à participação nas políticas públicas por meio mecanismos como as conferências e conselhos voltados para a criação de regulações específicas e à implementação e fiscalização dessas políticas. No caso da cultura, houve a implantação do Sistema Nacional de Cultura, e dentro desta a criação da Política Nacional de Museus. Mesmo sendo reconhecidamente um grande esforço de criação que visa regulamentar e apoiar os museus brasileiros, o proposto no sistema e na PNM ainda carece de ser acolhido por boa parte dos museus no Brasil. No nível das instituições museais, o sentido de participação social tem sido aplicado para qualificar processos colaborativos entre essas instituições e grupos ou populações de referência de seu acervo. Curadorias colaborativas, que além de ampliar os temas, diversificar abordagens, tornam essas instituições mais sensíveis à voz das pessoas cujas culturas são representadas em suas exposições. Menos comum e mais complexa é considerar a participação social nas definições quanto ao que adquirir e conservar, e outros níveis de participação na gestão. Na maioria dos museus brasileiros sequer temos uma gestão colegiada entre seu próprio corpo de funcionários, e que em muitos permanece uma cultura baseada na hierarquia entre um ou mais especialistas, curadores, ou coordenadores, e o corpo de funcionários alijado das decisões fundamentais. No Museu do Homem do Nordeste a realidade não é diferente. No entanto, algumas ações que vem sendo realizadas, ao serem observadas sob as lentes do aprofundamento da democracia, podem refletir uma sensibilização paulatina da equipe à necessidade crescente de ouvir e abrir-se ao diálogo com diversos públicos. Olhar para as experiências que, mesmo não estando enunciadas em programas nem declaradas como projetos permanentes, mesmo sem contar com financiamento específico para que ocorram, ocultas nas atividades de rotina dos educadores e demais servidores, e mesmo sem mecanismos de participação estruturados, possam estar atuando na sensibilização dos públicos interno e externo quanto à necessidade de abertura do museu ao diálogo e à colaboração, para lidar com um espectro mais amplo e diverso de temas e questões urgentes. Essa é nossa hipótese. Refletiremos sobre se essas ações, observadas a partir de 2015, conseguem produzir impacto e transformações no museu, seus limites e possibilidades, e se vem ocorrendo acúmulo de conhecimento que possa ser compartilhado e reproduzido no futuro, dentre outros aspectos.

Palavras-chave: Museus; Participação Social; Museu do Homem do Nordeste.

GT 4 - MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE

MESA 1

Coord: Ana Audebert; Jean Baptista; Mariana Sombrio.

10h40 A sala colorida: uma reflexão sobre a participação do Curso de Museologia na Exposição “Uma Cidade pelas Margens”

Marlise Maria Giovanaz (UFRGS)

Resumo: No ano de 2016, a partir de um convite do Grupo Nuances e do Museu Joaquim José Felizardo, o Curso de Museologia da UFRGS participou na co-curadoria e realização de uma exposição, que foi chamada de “Uma cidade pelas Margens”, ocorrida entre 18 de novembro e 30 de dezembro daquele ano. O objetivo da exposição era pensar qual o lugar ocupado pela população LGBTTT na cidade de Porto Alegre no decorrer do século XX. O Museu Joaquim José Felizardo é um museu de cidade e em suas exposições temporárias abriu espaço naquele ano para os grupos chamados minoritários na ocupação do espaço político e urbano da cidade de Porto Alegre. O Nuances é uma associação que tem se aplicado na defesa da livre expressão da sexualidade desde a sua fundação, no ano de 1991, e completava naquele ano 25 anos de existência e de ação política e cultural na cidade. Como professora do Curso de Museologia da UFRGS, junto com um grupo de alunos, participamos da concepção, montagem e realização da exposição. Neste trabalho pretendo explorar e analisar a atividade de mediação que foi realizada por este grupo de alunos. Devido ao tamanho do grupo e à diversidade dos horários que cada um realizava suas atividades, optamos por nos comunicar por um Caderno de Campo, onde seriam deixadas instruções e impressões que se considerasse importante para aqueles que atuariam nos horários seguintes. Ao final da exposição tornei-me guardiã deste material e por algum tempo não voltei minha atenção ao seu conteúdo. Passados mais de dois anos, a releitura deste material nos permite pensar elementos sobre a formação em Museologia que proporcionamos e de que forma nossos alunos sentem-se ao abordar temáticas ainda hoje entendidas como não tradicionais. O texto final procurará refletir sobre a iconografia apresentada na exposição “Uma Cidade pelas Margens” relacionando-a aos desafios relatados pelos mediadores na apresentação desta exposição ao público escolar e ao público em geral. A expressão utilizada no título deste trabalho apresenta o cerne da questão, em nenhum momento da curadoria ou da exposição o termo A Sala Colorida foi utilizado, porém na mediação ele surgiu inúmeras vezes, o que nos leva a pensar na força do não dito, na insistência em buscar formas sutis de falar de temáticas contundentes ou polêmicas. Ficamos então com a questão final, a formação em Museologia prepara profissionais com a ousadia para trazer aos museus as travestis, os transexuais e todos aqueles que de uma forma ou de outra ainda são obrigados a viver às margens de nossa sociedade?

Palavras-chave: Museologia; Gênero; Educação em Museus.

11h Registros Imateriais do Patrimônio Cultural LGBT

Tony Willian Boita (Revista Memória LGBT)

Resumo: O presente texto propõe uma reflexão sobre ações de visibilidade e silenciamento do patrimônio imaterial e museus de pessoas travestis, transexuais, lésbicas, bissexuais e gays - LGBT. Tal proposta justifica-se pela necessidade de visibilizar as potencialidades patrimoniais desta comunidade a partir da análise dos artigos 215 e 216 da Constituição Federal (1988), da Convenção para a salvaguarda do patrimônio Cultural Imaterial (Unesco, 2003) e do Dossiê Iphan I – Círio de Nazaré (Iphan, 2006). Para tal, objetiva-se analisar os registros do patrimônio cultural, avaliando os processos de inclusão e as ausências. Dessa forma, serão analisados dois estudos de caso para discutir esta problemática: a) O Concurso Miss Brasil Gay de Juiz de Fora; b) A festa das Filhas da Chiquita. Por fim, considera-se o desejo ao direito à memória por parte da população LGBT, expresso nos exemplos apontados, bem como as ações de negligência e higienização das políticas patrimoniais. O concurso Miss Brasil Gay de Juiz de Fora é um dos mais antigos do país, foi registrado pelo município em 2007. Ao todo, foram realizadas 37 edições, desde sua criação. O concurso também é um importante evento turístico e faz parte da rota gay friendly internacional, aumentando o fluxo de turistas e, conseqüentemente, gerando empregos e renda, em especial para a população LGBT. Este bem cultural é uma importante ferramenta para a superação de preconceitos em relação às sexualidades não normativas. A festa das Filhas da Chiquita é um momento de resistência e de encontro das múltiplas sexualidades paraenses. Nela, pessoas LGBT de todo o Estado participam como devotos aguardando a santa passar, em seguida à passagem, inicia-se uma das maiores festas profanas do Círio. Esta manifestação imaterial completou, em 2018, quatro décadas de história. Há décadas é organizada por Elói Iglesias, um importante ativista paraense. Portanto, essa manifestação criada pelo movimento LGBT paraense, a contragosto da Igreja, acompanha as festividades do Círio há quarenta anos, mas, por ser considerada profana pelos religiosos, é expurgada e difamada anualmente. Por fim, a partir dos estudos de caso apresentados, pretende-se refletir sobre os motivos da ausência da população LGBT nesses registros, compreendendo como se move essa prática higienizadora no campo patrimonial.

Palavras-chave: LGBT; Democracia; Sexualidade; Museologia; Museus.

11h20 Novas Memórias Traumáticas nas Comunidades LGBT brasileiras: marcos na democracia tensionados pelo esquecer e o lembrar

Jean Baptista (UFG)

Resumo: Ao mapear a intensificação dos casos de violência cometidos contra a população LGBT brasileira a partir da campanha presidencial de 2019, este estudo mensura sobre o impacto dessa conjuntura no seio da produção de memórias em comunidades LGBT. Para tal, apresenta os dados quantitativos e qualitativos no período das eleições e nos meses seguintes a ele sobre a violência contra a população LGBT, para, em seguida, dimensionar esses dados como produtores de memórias traumáticas que representam um novo marco temporal nas concepções simbólicas de tempo de cada comunidade estudada. Pautando-se em depoimentos coletados por meio de entrevistas abertas e não dirigidas, pesquisas de opinião realizadas por instituições nacionais e internacionais, bem como reportagens oriundas da mídia nacional e internacional, o estudo objetiva uma reflexão sobre o papel da museologia, história, antropologia e políticas públicas neste contexto de banalização do mal. Como hipótese central, avalia-se o impacto do advento da epidemia de HIV em décadas anteriores enquanto fenômeno similar, uma vez

que a vulnerabilidade e exposição das comunidades LGBT atingem os mais variados setores e intersecções existentes no campo das múltiplas sexualidades. Tal similaridade torna possível identificar a geração de memórias traumáticas que oscilam entre o desejo de esquecer e o desejo de lembrar, ora valendo-se do silenciamento como estratégia, ora valendo-se de posturas ativistas e denunciadoras de uma realidade opressora. Este estudo integra as pesquisas desenvolvidas e financiadas pelo Institute of Gender, Sexualit and Feminist Studies, da Universidade de McGill, Montreal, Canadá, onde o autor desenvolve seu projeto de pós-doutorado.

Palavras-chave: Museologia; Sexualidade; Democracia.

11h40 Museologia da “fechação”: evento-território e memória entre os “viados de fanfarra” na Bahia

Vinícius Santos da Silva (UFBA)

Resumo: Os estudos clássicos da Museologia enquanto campo científico definem os museus enquanto instituições onde são preservados e comunicados vestígios da existência humana através da contextualização de objetos. No entanto, levando em conta as reflexões sobre a memória na elaboração de criativos fenômenos museológicos, a presente pesquisa propõe uma nova dimensão de conceber “museus”. Inspirados nas alíneas das experiências museológicas, desenvolvemos um quadro teórico e conceitual de base empírica, respaldado no método etnográfico, do evento-território da “fechação” no Beco do Rosário em Salvador durante o Desfile Cívico de Dois de Julho na Bahia. O trabalho desvela a formação efêmera de um território de memória, defendida enquanto “museografia da fechação”. Esse território funciona como lugar de sociabilidades e resistência de pessoas dissidentes sexuais e gênero durante as performance dos balizadores de fanfarra na Bahia. Através da investigação original intitulada “Etnografia da Fechação: Performances de Homens Negros Balizadores de Fanfarra na Bahia”, evidenciou-se que este lócus da “fechação” (conceito êmico que se refere a esquema de ação/reação frente a corpos performáticos que tensionam aspectos de raça e gênero durante o específico espetáculo de rua) se configura num território implicado de significados e memórias de diversas pessoas negras e LGBT na Bahia. A memória acionada por meio da “viadeiro” produz uma arquitetura de representações e identificações sócio espaciais no centro histórico e comercial de Salvador. Com base na Antropologia da Performance, Museologias Social e Afetiva, Estudos Queer e da Pós-Colonialidade, teceremos considerações sobre esse fenômeno, inspirados nos conceitos de evento-território e performances museais arbóreas e rizomáticas, trazendo luz as problematizações do acesso e clandestinidade à memória, as violências de gênero, os estereótipos raciais e o poder da performance de ressignificar atos considerados desprovidos politicamente em símbolos de (re)existência.

Palavras-chave: Fechação; Museografia; Fanfarra.

GT 5- MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

MESA 3

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva.

10h40 Tainacan: Software Livre para Gestão de Acervos Culturais Digitais

Danielle do Carmo (UFG); Dalton Lopes Martins (UnB); Joyce Siqueira (UnB)

Resumo: A popularização da internet e das tecnologias de informação criaram novos espaços de interação e troca, no qual as instituições culturais foram instigadas a socializar seus acervos digitalizados, ampliando as condições de acesso à informação e à cultura. Porém, este processo apresenta desafios complexos para se tornar autossustentável. Dessa forma, iniciou-se o desenvolvimento de um modelo operacional com foco na integração, na interoperabilidade e na garantia de acesso a longo prazo, que tivesse, como principais características, envolver serviços e plataformas web, ambientes de compartilhamento em mídias sociais e que primasse pela simplicidade de uso, manutenção, desenvolvimento, instalação e suporte. Em 2013, o Ministério da Cultura lança Edital para “Preservação e acesso aos bens do patrimônio Afro-Brasileiro”, firmando, em 2014, a parceria com o Laboratório de Políticas Públicas Participativas - L3P, da Universidade Federal de Goiás, que aportou sua expertise para criação de uma solução tecnológica adequada ao cenário, surgindo assim, o software livre Tainacan, uma ferramenta personalizável, versátil e totalmente integrada ao WordPress. A instalação do Tainacan pode ser feita rapidamente, e de forma bastante simples, oferecendo funcionalidades como: configuração de metadados, filtros e taxonomias; opções para importação e exportação de coleções e relatórios de atividades executadas pelos usuários, além, claro, da criação de coleções, que podem receber milhares de itens, inseridos individualmente, em massa ou a partir da importação dados CSV. Etapas para um futuro breve dizem respeito a integração ao software livre ElasticSearch, para buscas mais rápidas em grandes quantidades de dados; a integração do editor de texto do WordPress, os Blocos Gutenberg, que permitirão a criação de posts mais ricos e o refinamento das ferramentas de importação e exportação de dados. Além disso, a liberação da nova versão, com o suporte ao padrão OAI-PMH. Ainda que em constante evolução, o Tainacan vem sendo implantado em diversas instituições culturais, das quais cita-se o Museu Vila Lobos e o Museu da República, e outras, com parte de seus acervos publicados na Internet, como é o caso do Museu do Índio e o Museu Histórico Nacional. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivos apresentar o software livre Tainacan e suas funcionalidades, assim como abordar alguns casos de aplicação da ferramenta na gestão e publicação de acervos culturais.

Palavras-chave: Tainacan; Software Livre; Repositório Digital; Acervo Cultural; WordPress.

11h Tesouros para Acervos do Patrimônio Cultural: Panorama e Características

Joyce Siqueira (UnB); Danielle do Carmo (UFG); Dalton Lopes Martins (UnB)

Resumo: A socialização de acervos digitais do patrimônio cultural parece se configurar como uma tendência das instituições do Brasil e do mundo. Nesse contexto, os sistemas de representação do conhecimento exercem um papel fundamental na organização e recuperação das informações. Quando se trata da organização do conhecimento no âmbito das bibliotecas, físicas ou digitais, há um sistema amplamente utilizado, intitulado Classificação Decimal de Dewey - CDD. Entretanto, quando se trata sobre acervos do patrimônio cultural não há

uma solução clara, inclusive no cenário internacional. Dessa forma, esta pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, objetiva apresentar o panorama atual e as principais características dos instrumentos utilizados para a representação do conhecimento, especificamente tesouros, voltados a acervos do patrimônio cultural, destacando, dentre outras informações, o ano de publicação, o formato, o(s) idioma(s) e sua amplitude, a fim de demonstrar a comunidade acadêmica a necessidade de estudos aprofundados sobre o tema. Para tal, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica da literatura, a fim de localizar, em bases de dados e sites institucionais, tesouros desenvolvidos no Brasil e no exterior, priorizando os que podem ser utilizados por diferentes instituições na organização de seus acervos e descartados os desenvolvidos para acervos de instituições específicas. Foram localizados onze tesouros: UNESCO Thesaurus, Thesaurus de Acervos Museológicos, Art&Architecture Thesaurus, Union ListofArtisticName, Thesaurus ofGeographicNames, British MuseumObjectNames Thesaurus, British MuseumMaterials Thesaurus, Iconclass, Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira, Tesouro de Cultura Material dos Índios no Brasil e Tesouro de Objetos do Patrimônio Cultural nos Museus Brasileiros. A sistematização dos resultados apresentou o UNESCO Thesaurus como o único disponível em diferentes idiomas. Em relação ao formato, há desde arquivos legíveis às máquinas quanto versões impressas, disponíveis prioritariamente em bibliotecas. Os tesouros produzidos fora do país possuem maior amplitude e uma preocupação latente com a interoperabilidade, ao contrário dos nacionais, muito relevantes no país, mas desatualizados no que diz respeito às novas tecnologias.

Palavras-chave: Tesouro; Acervo; Patrimônio Cultural.

11h20 Identificação de objetos e procedimentos básicos na reserva técnica do Museu do Homem Sergipano via QR CODE

Sura Souza Carmo (UFS); Ingrid Aquino Cardoso (UFS)

Resumo: o artigo busca abordar o uso de QR CODE na reserva técnica do Museu do Homem Sergipano (MUHSE), localizado no Campus Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, como ferramenta para facilitar o acesso a informação de objetos acondicionados. O MUHSE foi criado em 1976 com a denominação de Museu Antropológico, relacionado a divulgação das atividades de pesquisa, ensino e extensão do curso de Antropologia teve sua nomenclatura mudada no ano 2000 para MUHSE. Após a interdição do prédio que abrigava a instituição, o acervo foi dividido e alocado em outros espaços da UFS a fim de aguardar a revitalização do edifício e para a realização de pesquisas. No ano de 2018, parte do acervo bidimensional e tridimensional de pequeno, médio e grande porte foi transferido para a tutela do Departamento de Museologia para a guarda e realização de pesquisa e extensão. No processo de criação da reserva técnica observou-se que a utilização do QR CODE – código que é escaneado por aparelhos celulares e que fornecem textos informativos – para facilitar as atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso de Museologia no espaço. O emprego de QR CODE nos últimos anos tem sido comum em exposições, entretanto, em atividades de documentação museológica e conservação preventiva em acervos em reserva técnica não são empregados de maneira satisfatória. A pesquisa procura enfatizar a importância do fácil acesso as informações intrínsecas (obtidas a partir da leitura do próprio objeto, como descrição, material de confecção, marcas, etc.) e extrínsecas (obtidas a partir de fontes e pesquisas realizadas sobre a história de origem e uso) do objeto realizado no processo de documentação museológica. A metodologia empregada na execução dos QR CODE foi, no primeiro momento, a documentação de acervos museológicos, para a construção de um inventário apresentando uma sistemática que compreende: arrolamento ou

boneca do inventário; catalogação; marcação provisória; pesquisa do acervo, etapas estas que pretendem ser realizadas dentro do presente projeto. Dessa forma, a produção do QR CODE foi a etapa final da realização da primeira fase da documentação museológica do acervo do MUHSE na reserva técnica do Departamento de Museologia, a fim de tornar público para estudantes e pesquisadores as informações do acervo acondicionado no espaço.

Palavras-chave:

.....

GT 6 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

MESA 3

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli.

10h40 Discos de vinil: métodos de conservação e fatores de degradação

David Capelo de Carvalho (UnB); Gustavo Igor Lopes de Jesus (UnB)

Resumo: Os registros sonoros, desde pelo menos o início do século passado, passaram a integrar o acervo de diversas instituições culturais. Todavia, em parte devido ao surgimento relativamente tardio desses registros, o tratamento dispensado a esses documentos tem ocorrido de maneira atípica, sendo rarefeitas as discussões, no âmbito da museologia, sobre o tratamento técnico desses acervos. Por conta dessa lacuna, abordamos nesta pesquisa os discos de Vinil, um dos formatos mais difundidos durante o século XX. Isso porque, apesar de terem sido introduzidos no mercado sob a promessa de serem documentos mais longevos e de conservação mais fácil que seus antecessores em goma laca, notou-se ao longo dos anos que diversas singularidades ainda tornam complexa a conservação desse tipo de registro. Apesar de mais resistente a quebras que seus antecessores, os vinis sofrem, por exemplo, com deformações, abrasões e outros problemas pormenorizados no trabalho. A conservação das capas, frequentemente deixadas em segundo plano, também se insere como uma preocupação, já que essas podem apresentar tanto valor de informação quanto valor artístico cuja preservação também é de interesse.

Tendo isso em vista, a pesquisa foi dividida em duas partes: na primeira, objetivamos elencar e analisar os principais fatores de degradação que acometem esses suportes, assim como as principais ações de conservação preventiva e curativa aplicáveis a esse tipo de acervo, o que foi atingido a partir de levantamento bibliográfico e revisão de literatura. Foram elencados e analisados os fatores climáticos, químicos, físicos e biológicos predominantemente citados pelos autores como elementos de degradação, assim como os padrões e materiais de acondicionamento e os procedimentos de higienização. Na segunda parte, objetivamos testar a viabilidade e a eficácia dos métodos de conservação levantados. A fim de obtermos uma amostra que representasse os problemas reais que podem acometer uma coleção institucional não tratada, realizamos os testes em dez discos selecionados aleatoriamente entre o acervo do Clube do Choro de Brasília, que não passou por tratamento técnico prévio. Os testes foram realizados em duas etapas: a primeira consistiu na aplicação dos procedimentos de conservação citados anteriormente, de acordo com as especificidades de cada documento; e a segunda consistiu na análise dos resultados por meio da comparação entre fotomicrografias e trechos digitalizados obtidos antes e após o tratamento.

Palavras-chave: Disco de vinil; Conservação; Degradação; Registro Sonoro.

11h Conservação arqueológica de um púcaro cerâmico do sítio ladeira da Barroquinha, Salvador, Bahia

Ritta Maria Morais Correia Mota (UFBA); Carlos Alberto Santos Costa (UFRB);
Carlos Alberto Etchevarne (UFBA)

Resumo: Este resumo trata do trabalho de conservação realizado em um púcaro cerâmico, no âmbito do Laboratório de Documentação e Arqueologia (Lada), do Centro de Artes, Humanidades e Letras (Cahl), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Este artefato foi coletado nas escavações do sítio arqueológico Ladeira da Barroquinha, no Centro Histórico de Salvador, desenvolvida pelo Laboratório de Arqueologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), da Universidade Federal da Bahia (Ufba). O Laboratório de Documentação e Arqueologia (Lada) foi criado em 2007 com o objetivo de proporcionar aos estudantes da UFRB, em especial aqueles do curso de Museologia, a formação prática e acadêmica em atividades de ensino, pesquisa e extensão no campo interdisciplinar entre a museologia e a arqueologia. O presente trabalho é um exemplo do fluxo ocorrido no Lada. Laboratório que, há anos, desenvolve atividades de conservação em artefatos arqueológicos, por meio de uma atuação interdisciplinar visando, a partir do diálogo entre discentes, técnicos e docentes, promover maior articulação dos conhecimentos teóricos e práticos. O púcaro, objeto refinado de origem portuguesa, de características que assemelham-se às de um pequeno jarro, foi coletado intacto em janeiro de 2018. Estava inserido num solo arenoso-ferroso, compactado e úmido, a 1,2 metros de profundidade, numa sondagem realizada no fundo do antigo Hotel Castro Alves. Durante a coleta foram adotados como medida de conservação e preservação informacional o acondicionamento do objeto em sacos acolchoados e vedados, assim como o registro de identificação no contexto arqueológico por meio de etiquetas. No Lada adotou-se como metodologia de preservação informacional, conservação-restauração: 1) a pesquisa do objeto; 2) ficha de identificação; 3) documentação fotográfica, realizada com luz natural e luz ultravioleta, produzindo macrofotografia e microfotografias de detalhes da peça; 4) exames organolépticos com lupa em mesa de luz; 5) exame de percussão, para avaliação da estrutura e composição do suporte; 6) teste de solubilidade; 7) exame de Raio-X no Setor de Bioimagem do Hospital de Medicina Veterinária da UFRB; 8) exame microbiológico no Laboratório de Investigação Analítica de Alimentos e de Água (Liaa) da UFRB; 9) microscopia portátil USB com aproximação 200x; 10) Proposta de tratamento.

Palavras-chave: Púcaro; Conservação; Sítio Ladeira da Barroquinha.

.....

11h20 A restauração April de Wani Soroku

Kerllen Peres Cavalheiro (UFPel); Keli Cristina Scolari (UFPel); Andréa Lacerda Bachettini (UFPel)

Resumo: O presente resumo busca apresentar a restauração da pintura April de Wani Soroku, no Curso Bacharelado de Conservação de Restauração de Bens Culturais Móveis do Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Os procedimentos técnicos empregados no processo de restauração da obra, juntamente com sua moldura, visou devolver a legibilidade da obra, bem como estabilizar processos de degradação, dentro de critérios técnico-científicos estabelecidos pelas organizações internacionais como Conselho Internacional de Museus - Comitê de Conservação (ICOM-CC) e o Centro Internacional de Estudos para a Conservação e Restauo de Bens Culturais (ICCROM). O restauro se deu através da parceria do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) / Pelotas - RS com o curso de Conservação e Restauração através do Projeto de Ensino: "Materiais e Técnicas de Restauração de Pinturas".

Projeto que objetiva contribuir com a especialização e aperfeiçoamento dos alunos do curso. As atividades aconteceram no Laboratório de Conservação e Restauração de Pinturas do ICH/UFPEL. A obra restaurada é pintura sobre tela, motivo abstrato executado em técnica mista. A pintura passou por diversas etapas durante o processo de restauração: primeiramente pelo preenchimento da ficha cadastral; pelo diagnóstico do estado de conservação; pela documentação gráfica (mapeamento dos danos), registro fotográfico (antes, durante e após o processo de restauração); Foram realizados exames com luz ultravioleta, frontal, rasante e transmitida; A obra foi higienizada, foram realizadas suturas, passou pelo processo de reentelamento, limpeza da camada pictórica, nivelamento das áreas de lacunas, reintegração pictórica e aplicação de camada de proteção. Ainda está prevista exposições das obras restauradas no projeto durante o ano de 2019, no MALG, para apreciação do público em geral. Na entrega das obras, o museu receberá um relatório pormenorizado com todas as etapas e materiais utilizados no processo de restauração. O trabalho realizado pelos acadêmicos envolvidos no projeto qualifica os futuros profissionais da área da conservação-restauração, oportuniza o desenvolvimento de prática e aplicação dos conceitos teóricos estabelecidos pelos organismos internacionais, aprendem a trabalhar coletivamente tomando decisões compartilhadas, o que enriquece e amplia a visão dos procedimentos a serem realizados.

Palavras-chave: Pintura; Conservação-Restauração; MALG.

GT 8 - MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS

MESA 1

Coord: Alexandre Oliveira Gomes; Eliete Pereira.

10h40 Curadoria Compartilhada e Novas Perspectivas: a Experiência do MAE-UFPR

Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR)

Resumo: Tradicionalmente, os museus ligados à temática antropológica constituíram seus acervos e suas pesquisas com base nos conhecimentos adquiridos por meio do método etnográfico, ou seja, a partir do olhar do pesquisador sobre as diferentes populações estudadas. Assim, os produtos gerados por esses museus (publicações diversas, exposições, oficinas) estão pautados nessas visões constituídas a partir do olhar do curador, do especialista da área que detém os conhecimentos atrelados à temática. Porém, nos últimos anos, esses museus têm mudado sua perspectiva, abrindo espaço para que as populações indígenas e tradicionais participem dos processos decisórios no que diz respeito à formação de coleções e na maneira de difundí-las ao público. Parte desse processo está ligado à prática da curadoria compartilhada, a qual tem como premissa agregar as comunidades no decurso dos debates sobre a elaboração e montagem de exposições em todas as suas etapas. Nesta perspectiva, o MAE-UFPR teve duas experiências de curadoria compartilhada, a última em 2018 com os Mbya Guarani. Estas experiências se foram fundamentais para que, durante o processo de curadoria, as comunidades deixassem de ser apenas objeto de estudo e se tornassem agentes no exercício de pensarem sobre o olhar do outro sobre si próprios. A partir das reuniões de curadoria com os representantes dos Mbya Guarani, por exemplo, eles perceberam que o acervo sob a guarda do museu não possuía peças as quais eles consideravam fundamentais para a exposição. Assim, a partir das lacunas nas coleções, eles confeccionaram mais materiais, permitindo que a equipe realizasse, ainda,

fotografias e filmagem nas aldeias. Desta forma, para além do processo de curadoria, os Mbya Guarani participaram, também, do processo de musealização. Apesar de ainda ser um caminho novo para o MAE-UFPR, essas primeiras experiências abriram novas possibilidades para que o museu reflita sobre a formação e divulgação de suas coleções. Para os museus em geral, em especial os de Antropologia, partilhar o lugar tradicionalmente ocupado pelo especialista aponta para uma nova forma de trabalhar seus acervos. Em outras palavras, a integração das comunidades no processo de musealização a partir do que o próprio grupo considera importante preservar, traz diferentes perspectivas, tanto para a instituição no que diz respeito à entrada de objetos no acervo e na elaboração de suas exposições, quanto para a comunidade, que se torna sujeito de sua própria história.

Palavras-chave: Curadoria Compartilhada; Musealização; Antropologia.

11h Constituição de um acervo museológico a partir dos Povos Indígenas de Mato Grosso do Sul

Protasio Paulo Langer (UFGD)

Resumo: Na presente comunicação pretendemos expor um panorama de atividades, que estão sendo desenvolvidas no LEPHI (Lab. de Ensino e Pesquisa de História Indígena - FCH / UFGD), relacionadas aos povos indígenas de MS, e à produção, aquisição e organização de um acervo de artefatos materiais e visuais dotados de valores simbólicos, artísticos, socioeconômicos e históricos referenciais para os mencionados povos. A constituição do acervo visa a criação de um Museu dos Povos Indígenas do MS. Esse espaço busca oferecer, à sociedade em geral, um repertório didático visual capaz de promover e evidenciar o protagonismo histórico, a originalidade e a diversidade cultural das etnias indígenas de MS tornando-se um âmbito de interação e apoio entre Universidade, comunidade escolar e comunidades indígenas. O MS é o segundo estado da federação em população indígena, estimada em aproximadamente 73.295 (IBGE 2010). Oficialmente são reconhecidas 8 etnias (Atikum, Guarani Nhandeva, Guarani Kaiowá, Guató, Kadiweu, Kinikinau, Ofaie, Terena). Todavia, diversas pesquisas etnológicas indicam que três outras mantêm uma relação diária, sistemática e intensa com localidades do MS. Trata-se dos Ayoréo (estabelecidos sobre a margem do Rio Paraguai, em Carmelo Peralta - PY) dos Chamacoco (também estabelecidos no chacoparaguayo sendo que, temporariamente, pequenos grupos se estabelecem na Terra Indígena dos Kadiweu - Município de Porto Murtinho MS) e de um grupo Chiquitano, oriundo da Bolívia e estabelecido na área urbana de Corumbá. Numa recente obra que reúne artigos sobre os *Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul* (2019) esses 3 grupos também são tidos como pertencentes ao MS, muito embora no âmbito oficial/governamental não sejam reconhecidos como tal. Desde 2015, com o apoio da FUNDECT / MS, foram visitados e etnografados a maioria dos grupos acima mencionados. A partir dessas visitas foi constituído um acervo expressivo que vem sendo apresentado em Exposições anuais e que, por sua vez, são frequentadas por centenas de alunos e professores, indígenas e não indígenas de Dourados e região. Os desafios técnicos e metodológicos desse trabalho (coleta, organização e exposição do acervo), as expectativas em torno do processo de musealização, e a recepção dessas atividades por parte das comunidades indígenas e da comunidade escolar serão o tema da nossa comunicação.

Palavras-chave: Povos Indígenas de MS; Coleção etnográfica.

11h20 “Quem conta a minha história?” - reflexões sobre um projeto em curso

Daniela Valle de Loro (Programa Rumos Itaú Cultural)

Resumo: As narrativas das populações ameríndias, sabemos, foram sistematicamente silenciadas. Especialmente em casos extremos de violência física e simbólica como ocorreu na Reserva Indígena de Dourados no estado do Mato Grosso do Sul, segunda maior reserva indígena periurbana do Brasil. Ela é o resultado de um processo centenário de confinamento de comunidades indígenas distintas, que se apoiou na mistura de três etnias no mesmo espaço, na superposição de estruturas sociais, na exploração da força de trabalho indígena, no esbulho do patrimônio natural da reserva, na evangelização e na educação enraizada numa visão “civilizatória” do índio. Hoje a população jovem, sobretudo, vive com muita dificuldade esse estar entre dois mundos: de um lado, o esfacelamento do mundo tradicional e suas referências, e, de outro, as exigências da sociedade envolvente não indígena. Anciãos e professores são unânimes ao dizer que faltam aos jovens instrumentais e autoconfiança para elaborar a herança e se projetar no mundo atual. São unânimes também ao reclamar ações que visem ao empoderamento dos jovens indígenas através do estímulo à reinvenção de sua identidade. O Projeto “Quem conta a minha história?” se insere nesse contexto e tem por objetivo salvaguardar e valorizar memórias coletivas através da constituição de uma coleção patrimonial em cada uma das sete escolas da Reserva Indígena de Dourados. Voltado para alunos a partir de 11 anos e professores Guarani, Kaiowá e Terena das escolas da Reserva, o projeto consiste em fornecer métodos e acompanhamento para instigá-los a criar e explorar pequenas coleções patrimoniais de objetos materiais e imateriais. A constituição dessas coleções através de métodos de inventário participativo e de pesquisa sobre a história local, além de sua conservação material e intelectual e sua difusão, é uma estratégia para propor aos jovens um espaço aberto para a criação de narrativas mais contemporâneas, no conteúdo e nas linguagens, em que eles se reconheçam. Em curso desde outubro de 2018, o projeto tem permitido aos professores indígenas e à equipe refletir sobre processos museológicos, que já eram realizados nas escolas mas de forma incompleta, impossibilitando a conservação a longo prazo; sobre o modo como a escola consegue acolher ou não o conhecimento indígena; sobre os mecanismos capazes de provocar rupturas no silenciamento e atualizar processos de transmissão da memória e do conhecimento dentro das famílias extensas. Estas são algumas das questões suscitadas ao longo do processo, cuja discussão pretendemos aprofundar.

Palavras-chave: Memória; Processos museológicos; Povos indígenas.

GT 9 - MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

MESA 3

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho.

10h40 Entre territórios de vida, saberes, hegemonias e decolonização: patrimônio material e imaterial em saúde em populações ribeirinhas da Amazônia

Thomaz Xavier Carneiro (UFPA)

Resumo: Museus de saúde, abrangentes ou disciplinares (medicina, história da medicina, farmácia, enfermagem etc.) abundam ao longo do planeta e surgem, tipicamente, acompanhando a acumulação de cultura material das práticas científicas e acadêmicas de saúde ao longo do tempo. Há também diversos outros museus e centros de ciências abordando saúde de forma

mais didática e conceitual. Porém, observando os objetos musealizados nessas coleções ou as abordagens conceituais nos museus de ciência, percebe-se uma coisa em comum: uma visão homogênea, biomédica e hegemônica de saúde, mesmo quando em perspectiva histórica. A visão contemporânea de saúde já admite múltiplas concepções do binômio saúde e doença e, inclusive dentro das normativas do Sistema Único de Saúde e da Atenção Básica à Saúde, considera as práticas de saúde como manifestações culturais, de forma que exige a compreensão, pelos profissionais de saúde, das manifestações culturais locais de saúde. As práticas tradicionais de saúde são produto de profundas relações das populações com seu território, e elas próprias, ao longo de um processo histórico, originaram as práticas biomédicas contemporâneas. Por que então, estas práticas, que persistem no mundo contemporâneo, estão relegadas às coleções etnológicas e etnobotânicas e não de saúde? Ao entender saúde como prática cultural, estas podem ser admitidas como patrimônios de cada local, intangíveis (os conhecimentos, sabedorias, preparos, usos etc.) e tangíveis (produtos, plantas, artefatos, utensílios, objetos, beberagens etc), passíveis de musealização, documentação e colecionismo. A presente pesquisa busca conhecer práticas populares de saúde de populações ribeirinhas no Tapajós, Pará, e como essas práticas se relacionam com o sistema de saúde pública/biomédico. Ao realizar um inventário co-participativo desse patrimônio, pretende-se formar uma coleção de objetos e informações bioculturais, etnobotânicas e da sabedoria popular de saúde, entrando em diálogo com conceitos como a museologia do oprimido, a sociomuseologia e a decolonização, de forma a abordar práticas populares de saúde como o que são, práticas de saúde e não exóticos e atrasados artefatos e preparos. Discute-se abordagens decolonizatórias e de valorização patrimonial, passíveis de decolonizar o próprio pensamento e práticas museológicas e científicas, contribuindo para a mudança social das comunidades de onde esses conhecimentos são originários.

Palavras-chave: Territorialidade; Decolonialismo; Patrimônio material e imaterial em saúde; Etnomedicina; Etnobotânica.

.....

11h O Desafio da Museologia Social na Amazônia

Lúcia das Graças Santana da Silva (Museu Goeldi); Maria das Graças Santana (Museu Goeldi); Maria das Graças Silva (UFPA)

Resumo: Com a Declaração de Santiago de 1972, houve um aprofundamento maior sobre o conceito de Museu Integral que propõe uma mudança paradigmática do comportamento das instituições museológicas para que estejam mais próximas da comunidade. O alargamento do conceito antropológico de patrimônio, de fato museológico, de comunidade e de território torna-se essencial para formação de uma nova triangulação pautada na articulação de patrimônio-território-comunidade que ampliou a função dos museus e visão da Museologia que passou ser denominada de Museologia Social. O conceito de Museu Integral ainda é um conceito em construção e sua filosofia poderá ser aplicada em qualquer museu, mas os modelos de museus comunitários, ecomuseus e de território nos trouxeram maiores contribuições sobre a formulação do conceito e sua aplicabilidade, em virtude de um processo mais coletivo e integrado à comunidade. A participação social, o empoderamento das comunidades, a preservação do território, as lutas por justiça social, a relação dos movimentos sociais com o Estado, os saberes produzidos no cerne da comunidade e as formas criativas de comunicação e processos educativos principalmente de grupos minoritários ou os que estão à margem da Memória e da Cidadania Nacional nos levam a crer que a Museologia Social pode ser um instrumento de transformação social. Uma das experiências de Museologia Social é a formação do Fórum de Museus de Base Comunitárias e Práticas Socioculturais da Amazônia criado no

ano de 2018 como uma estratégia de fortalecimento do movimento museológico regional num momento crítico de uma crise cultural brasileira que vem enfraquecendo as políticas públicas em especial a da cultura, a da educação e a do ambiente. O fórum pode ser considerado mais uma força de resistência para ativar a Museologia Social com intuito de garantir a participação social como instrumento democrático, representativo e de engajamento por um mundo mais justo e igualitário, respeitando as diferenças e a diversidade cultural.

Palavras-chave: Museologia Social; Fórum de Museus da Amazônia; Direitos Humanos.

GT 10 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES

MESA 2

Coord: Vânia Dolores Estevam de Oliveira; Ricardo Gomes Lima; Elizabete de Castro Mendonça.

10h40 O Brasil de Lá: Identidades e Memórias Afrodiáspóricas na Maison du Brésil (Uidá) e na Brazil House (Acra)

José Joaquim de Araújo Filho (UFBA)

Resumo: O patrimônio cultural na contemporaneidade é compreendido como um importante elemento nos estudos da vida social das sociedades. Não por acaso, museus e centros culturais, naturais repositórios de artefatos testemunhos da cultura material, têm sido objeto de pesquisas dos mais diversos campos das ciências sociais na tentativa de descrever e analisar as transformações e ressignificações que seus acervos musealizados têm sofrido através dos diversos contextos históricos e simbólicos, e assim, prover subsídios para que possamos interpretar as sociedades cujos artefatos foram produzidos. A partir dessa perspectiva, esse artigo traz reflexões acerca da pesquisa de doutorado em curso, que investiga a (re) construção de memórias e identidades afrodiáspóricas através de dois centros culturais que foram promovidos e estabelecidos em diferentes momentos por governos brasileiros em nações da África Negra: a Maison du Brésil, na cidade de Uidá, Benim, de 1988, e a Brazil House em Acra, Gana, de 2007. Para tal, pensaremos nesses centros como “lugares de memória” visto que estão imbuídos de materialidade (o espaço arquitetônico e a cultura material de seus acervos), de simbologia e funcionalidade.

Quando inaugurada a Maison du Brésil, que está sediada em um imóvel colonial da década de 1920, exibia uma coleção de artefatos afro-brasileiros, mas desde 2006 com a requalificação promovida pelo governo beninense, foi posta em curso uma nova expografia intitulada Femmes, bâtisseurs d’Afrique. Quanto à Brazil House, esta ocupa um casarão histórico do século XIX no bairro central e litorâneo de Acra – o Jamestown, e talvez tenha sido a primeira casa habitada pelas famílias dos “retornados” à Gana. Seus espaços abrigam exposições de curta duração, além de memorial relacionado aos tabons. Desde 2010 também é a sede do coletivo artístico ACCRA (dot) ALT que, dentre outras atividades, organiza anualmente o ChaleWote Festival, um dos maiores do continente.

Pretendemos, dessa forma, compreender os processos históricos que desencadearam a formação desses centros e as dinâmicas socioculturais nas quais eles estão inseridos, como também, dimensionar a partir deles como ocorreram – e repercutem hoje, as ressignificações culturais em terras africanas, contribuindo na repercussão do papel do Brasil no sistema de trocas culturais pelo mundo do Atlântico Negro. Partimos do pressuposto que Uidá e Acra

foram cidades escolhidas para sediar tais centros devido a relação histórica e cultural que povos daquela região ocidental da África tiveram com o Brasil, e mais especificamente com a Bahia e a cidade do Salvador, devido ao longo período do tráfico negreiro – e que reverberam até hoje em todas as esferas da sociedade brasileira. Também pelo fato de terem sido cidades para onde uma numericamente pequena, mas simbolicamente expressiva comunidade de brasileiros descendentes de traficantes negreiros e ex-escravizados expulsos ou libertos se estabeleceram em território africano ao longo do século XVIII e mais intensivamente no século XIX. Esses “retornados”, mais conhecidos como agudás no Benim e tabons em Gana, reconstruíram identidades que por vezes se reconhecem como “africanos” e em outros momentos como “brasileiros”. Tais espaços de memórias, portanto, também dizem respeito a reconexão simbólica dessas comunidades com o Brasil.

Palavras-chave: Memórias Afrodiaspóricas; Maison du Brésil Uidá; Brazil House Acra.

11h Os Museus e a iconografia de mulheres negras ao ganho nos Esboços Tropicais de Paul Harro-Harring no Rio de Janeiro dos anos 1840

Daniel Alcântara Sá (UnB)

Resumo: O presente trabalho tem como finalidade analisar a apropriação da iconografia de Paul Harro-Harring feita pelos museus que tem como principal temática as mulheres negras que trabalhavam ao ganho no Rio de Janeiro na década de 1840. Por meio dos processos da cadeia de musealização destas ilustrações, objetiva-se estudar em que circunstâncias estas imagens chegaram às instituições museais até serem expostas (ou não) ao público. As gravuras em questão fazem parte de Esboços Tropicais do Brasil da coleção Paul Harro-Harring -- acervo do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. A pesquisa compreende as imagens em si e o processo de musealização das mesmas como representações culturais – conceito de Roger Chartier – e, por conseguinte, como construções individuais e/ou das instituições museais em questão. Sob uma perspectiva individual, a observação das escolhas estéticas que Paul Harro-Harring (1798 - 1870) utilizou ao retratar as mulheres negras são relevantes – o artista era vinculado a um jornal inglês abolicionista. Contextualizar o cotidiano das mulheres negras ambulantes no Rio de Janeiro na década de 1840 é necessário para uma compreensão mais ampla da temática principal. Aspectos como gênero, diáspora africana, história da cidade do Rio de Janeiro e referências relativas ao campo da arte também são fundamentais para uma abordagem crítica sobre o tema. As informações acerca da trajetória das imagens – cedidas pelo IMS RJ – são ferramentas das quais o artigo pretende se fundamentar. Tais dados pontuam a chegada da iconografia de Paul Harro-Harring ao IMS RJ e as exposições de que participaram – portanto, auxiliam na compreensão de como as imagens foram a público. O modo como as mulheres negras que trabalharam ao ganho foram representadas na época pesquisada, em oposição a maneira como foram apropriadas as imagens de Paul Harro-Harring pelas instituições museais, proporcionam questionamentos necessários para a Museologia na atualidade.

Palavras-chave: Musealização; Rio de Janeiro; Paul Harro-Harring; Negras de Ganho; século XIX.

11h20 Museus e Memória Negra: Narrativas do museu Paço do Frevo (Recife - PE)

Vanessa Adriano Marinho (UFPE)

Resumo: Os trânsitos políticos influenciam diretamente as ações e a atuação dos museus e instituições culturais em suas atividades cotidianas, e, assim sendo, não seria possível indicar que a relação entre museus e política poderia, por qualquer motivo, ser dissociada. Seja a partir da elaboração de projetos com o intuito de captar recursos para garantir a realização das atividades para as quais o museu se destina ou seja em relação ao pensamento e às relações sociais que estão inquietando a população em um dado momento, os museus são, sem dúvida, palco também de relações de poder que precisam ser observadas e compreendidas.

Sendo assim, no intuito de perceber quais as tramas que tecem as representações do patrimônio cultural afro brasileiro e quais narrativas da memória negra são evidenciadas em alguns contextos, neste trabalho procuro apresentar uma experiência vivenciada no Museu Paço do Frevo, a partir de um recorte voltado para uma experiência de negritude na composição histórica do Frevo em seus diferentes universos. De acordo com Antônio Motta e Luiz Oliveira, que, em 2013, publicaram um artigo intitulado Patrimônio Cultural em discussão: novos desafios teóricos metodológicos, atualmente estamos vivenciando um fenômeno da patrimonialização das diferenças culturais, haja vista as recentes políticas públicas de patrimônio voltadas para segmentos sociais historicamente negligenciados, e quando pensamos, sobretudo, no patrimônio material e imaterial afrodescendente, essas políticas, embora insuficientes, são bastante numerosas. Este fenômeno é responsável, segundo Motta e Oliveira, por uma revisão nas linguagens utilizadas para apresentar o legado cultural destes segmentos e, no caso da cultura negra, é responsável por questionar uma forma de representação, predominante nos museus, que privilegia um passado servil e limitado ao mundo do trabalho e das práticas religiosas. Especificamente no caso do Frevo, o debate sobre a contribuição de personagens negros e negras em sua composição é recente; ainda não existem trabalhos específicos sobre o tema; porém, diante de uma vasta bibliografia a respeito do Frevo em suas diferentes manifestações, é possível perceber os modos como essa presença pode ser observada de forma bastante profícua, ainda mais se pensarmos como a classe trabalhadora no início do século XX - formada por homens e mulheres negros e mestiços, herdeiros do pós-abolição - é importante para a formação do Frevo como expressão cultural, além da própria presença dos capoeiras, figuras basilares para a elaboração do frevo-dança. A necessidade de participação dos atores envolvidos nessa trama que são as relações raciais no Brasil está diretamente conectada com algumas funções inerentes ao museu: informar, formar, educar, entre outros. Sendo assim, que tipo de informação podemos apreender sobre a herança e a presença afro-brasileira no Frevo, tendo em vista a ausência histórica da voz de seus protagonistas na constituição de sua história? Que temas e artefatos são apresentados como parte desse legado e que memória pode ser construída a partir deles?

Palavras-chave: Memória; Patrimônio Afro brasileiro; Frevo.

GT 11 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

MESA 3

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho.

10h40 Entre Pinceladas e Memórias: A Coleção de Retratos da Santa Casa de Porto Alegre

Amanda Mensch Eltz (UFRGS/Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre)

Resumo: Este trabalho visa apresentar os resultados parciais da investigação sobre a coleção de “Retratos de Beneméritos e Benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (SCMPA)”, acervo guardado pelo Museu Joaquim Francisco do Livramento, um dos espaços do Centro Histórico-Cultural. A pesquisa é vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMUSPA/UFRGS), sob orientação da Professora Doutora Zita Rosane Possamai. O objetivo do trabalho é apresentar o percurso desta coleção, que em seu transcurso temporal, apresenta diferentes lógicas de reconhecimento e valoração. A primeira fase, ocorre entre 1830 à 1950, momento onde as telas eram confeccionadas e expostas no Salão Nobre da Irmandade como ‘monumentos de gratidão’ à aqueles que contribuíram financeiramente com as obras sociais da Santa Casa. O segundo ciclo ocorre entre os anos de 1950 à 1970, devido à mudança de paradigma referente a cooperação pecuniária com o assistencialismo hospitalar, e assim, os retratos deixaram de serem amplamente confeccionados. A terceira fase, inicia-se a partir da década de 1970, quando o professor do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ado Malagoli, ressignifica os retratos como documentos que testemunham a arte e a história do Estado. Nesta ocasião, Malagoli seleciona 22 telas e as encaminha à Universidade com vistas de restauro. Após trabalhos técnicos de conservação, por meio de contrato de comodato entre o Theatro São Pedro (TSP) e a SCMPA, as obras são emprestadas e expostas no hall de entrada da casa de espetáculo. Destes retratos, dois deles - o de Lopo Gonçalves e do Visconde de São Leopoldo - foram emprestados pelo TSP ao Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo e Solar dos Câmara. Nestes dois espaços, transcorre o quinto momento, onde os retratos novamente foram ressignificados com outros valores simbólicos. Em 1996, inicia-se a sexta etapa do percurso museal, quando os agentes de preservação da memória da SCMPA “redescobrem” as obras e solicitam o retorno à Instituição, fato que se sucede entre os anos de 1997 e 2000. Após o retorno das obras pictóricas, se inicia o processo de musealização no Museu Joaquim Francisco do Livramento.

Palavras-chave: Retratos; Percurso Museal; Musealidade; Musealização; Coleção.

11h Os museus de Arte no século XX: uma utopia modernista

Jessica Dalcolmo (UFES)

Resumo: Ao indagar o histórico da instituição museu, que conta com mais de três séculos, podemos notar diferenças significativas de sua gênese à sua condição atual. Sua formação é caracterizada pela ligação com a antiguidade Grega e marcada pela noção de preciosidade. Já no século XIX, com o apogeu da burguesia, temos a formulação de um sistema museal com abertura de museus em diferentes partes do mundo, inclusive os museus dedicados às artes. Na terceira fase, que contempla o século XX, os museus sofrem grandes mudanças em sua gênese e definição. No Brasil temos a abertura de instituições culturais, influenciadas por

modelos vigentes na Europa e Estados Unidos, que surgem com o intuito de “civilizar” a nação emergente. Ligados ao nacionalismo, essas instituições exercem a função de difundir, preservar e celebrar o patrimônio, valorizando e despertando uma identidade cultural. É nessa perspectiva que os museus brasileiros se multiplicam. A presente artigo correlaciona o desenvolvimento das instituições museológicas ligadas às artes durante o século XX e os pressupostos nacionalistas que se intensificam no cenário mundial no pós-guerra, influenciando diretamente a criação de museus dedicados à arte moderna em uma utopia modernista de progresso.

Palavras-chave: Museologia; Museus de Arte; Museus de Arte Moderna.

11h20 Museus e suas perspectivas desenvolvimentistas: uma análise da criação do Museu de Arte de Belém (MABE)

Andrey Manoel Leão de Leão (UFPA); Erika Mourão Ferreira (UFPA);
Rayana Alexandra Sousa da Silva (UFPA)

Resumo: Com novas perspectivas resultantes dos ideais da nova museologia, a definição de museu deixou de ser um espaço fechado, alargando a sua atividade cultural, voltando-se para o público, renovando a sua ação na sociedade, e atribuindo a este um papel importante para o desenvolvimento de uma região ou comunidade. Portanto, o estudo da criação dessas instituições são essenciais para a compreensão das perspectivas desenvolvimentistas da época e a análise junto às perspectivas contemporânea são fundamentais para uma compreensão crítica sobre a função dos museus no desenvolvimento regional. Baseado nisso, o artigo buscou compreender a visão institucional da criação do Museu de Arte de Belém a partir da política de desenvolvimento da época, analisando documentos oficiais, históricos e jornais sobre a criação do museu, instituído em 1991 junto com o Departamento da Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL), que por sua vez pertence à Prefeitura Municipal de Belém. O museu, alocado no Palácio Antônio Lemos, fruto da Época da Borracha (segunda metade do século XIX, quando a Amazônia teve grande desenvolvimento econômico), abriga em seu acervo peças do mobiliário desta época, tendo fotografias, cerâmicas, objetos de interior e esculturas. Em 1994, passou a acolher as coleções oriundas da Pinacoteca Municipal. Reunindo assim um conjunto significativo de obras de artistas locais, nacionais e estrangeiros, que referem o período áureo da borracha na cidade. Sendo a Amazônia uma região de intensos conflitos, principalmente devido a mentalidade desenvolvimentista de épocas anteriores que propagava uma Política de ocupação que só agravou questões sociais, e de Belém ser banhada por uma visão ufanista da Belle Époque, este trabalho torna-se um primeiro passo para refletir sobre as narrativas impostas nas instituições da região e como as representações nestas contribuíram ou podem contribuir para exclusões e problemas atuais.

Palavras-chave: Museu; Desenvolvimento; Amazônia.

GT 12 - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA

MESA 2

Coord: Alexandro Silva de Jesus; Bruno Brulon Soares; Daniel de Souza Leão Vieira.

10h40 Educação para a musealização: a configuração do olhar museológico

Ivan Ramos Vaz (USP); Fiorela Bugatti Isolan (USP).

Resumo: Se partirmos da premissa de que a Museologia pode ser encarada como o estudo da relação entre o Homem e a realidade, tendo como elementos essenciais Homem-Cenário-Objeto, segundo defendido por Waldisa Guarnieri, como cada um destes elementos são postos e percebidos em interação na configuração de um campo patrimonial específico? Esta tríade tão naturalizada nos dias de hoje pelo pensamento museológico possui uma historicidade que não pode nos escapar. Ela evidencia, mais do que uma verdade inerente a um modo de pensamento, uma vontade de atuação no mundo e a discussão de um paradigma que procura sua função – cultural, social, científica – dentro da realidade. Entendemos a museologia como a relação dos elementos acima elencados, tendo como base e vetor a atitude patrimonial do sujeito, instituindo cenários e objetos. Portanto, a realidade sobre a qual trata é a realidade patrimonial, seu objeto é o Homem através da qualificação do patrimônio, interessando-se desde os motivos e procedimentos de separação conceitual e/ou física da realidade, até os meios de sua fruição, permanência ou mesmo destruição. Trata, por fim, dos processos de configuração da memória e da identidade através do patrimônio. Quais seriam, portanto, as lógicas e as operações que dotam a Museologia de uma certa autonomia, se não enquanto uma ciência pura, ao menos enquanto um campo de conhecimento aplicado, e que a possibilitam na demarcação dos critérios e práticas pelas quais definimos aquilo que consideramos herança? Como ela atua sobre a realidade e sobre o ser humano? Onde a Museologia estuda/gere/institui a relação? Não cremos que seja apenas dentro do cenário institucionalizado do museu. Atualmente a noção de museu se amplia de uma instituição historicamente condicionada para um fenômeno, um processo de salvaguarda e comunicação, justamente, das relações do Homem com sua realidade, onde estas são intermediadas por objetos, patrimônios, memórias, heranças, instituições e normas. Sob esta perspectiva, a Museologia é uma relação, uma construção de perspectiva, uma forma de olhar.

Palavras-chave: Museologia; Musealização; Musealidade; Olhar Museológico; Ensino.

.....

11h Sobre Ciência, Campo e Disciplina: A Museologia Brasileira na contemporaneidade

Luciana Menezes de Carvalho (Museu da Memória e Patrimônio/ UNIFAL);
Tereza Scheiner (UniRio)

Resumo: O trabalho propõe apresentar algumas reflexões sobre ciência, campo e disciplina, fundamentando-se no pensamento de Pierre Bourdieu para situar aspectos do âmbito denominado Museologia no cenário brasileiro, aqui denominado “Museologia Brasileira”. O trabalho toma como pressuposto fundamental a premissa de que os objetos de investigação do mundo social são objetos históricos, passíveis de variações no tempo. Como hipótese central do trabalho entendemos que, para legitimar a existência da Museologia como disciplina científica na esfera acadêmica, seria necessária a existência de um objeto distinto das demais. A denominada Museologia – inserida no contexto dos cursos de formação para museus – reivindicaria Museu

como capital cultural objetivado, a partir do momento em que se recorre a ele como objeto de estudo para legitimar a existência de um campo de conhecimento objetivo. Assim, o trabalho terá a seguinte estrutura: 1) breve apresentação dos conceitos de ciência, campo e disciplina; 2) a trajetória da disciplina Museologia, tendo como modelo de análise o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional / Escola de Museologia da UNIRIO. Independente da nomenclatura que lhe venha a ser dada, a Museologia tem uma trajetória comum às disciplinas científicas, que a tem colocado em um patamar de consolidação no século XXI. No trabalho, serão apresentados aspectos da trajetória da Museologia brasileira, na sua relação com as questões mencionadas. As conclusões apontarão na direção de que a Museologia (ou museum studies, ou Nova Museologia, ou Museologia Social, ou Filosofia do museal) são resultados de um processo que se desdobra sempre que dado ator ou coletivo reivindicar a legitimidade de seu pensamento ou ponto de vista, considerando seu espaço e local de fala. Mas todos esses pensamentos – mais ou menos conectados às práticas ou às ditas “teorias” – coincidem na ânsia por reconhecimento; sem ele, sua existência é questionável.

Palavras-chave: Museologia; Museologia Brasileira; Ciência; Campo; Disciplina.

GT 13 - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

MESA 3

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes.

10h40 Construindo Novas Relações Entre o Museu e a Comunidade com Base nos Princípios da Educação Popular

Silvilene de Barros Moraes (UniRio /MAST); Maria Amélia de Souza Reis (UniRio)

Resumo: O Museu, em sua dimensão institucional, exerceu durante muito tempo um papel social que lhe foi atribuído de pronunciar a palavra, e através dela comunicar o que é cultura, o que é patrimônio, o que é arte, qual a perspectiva histórica que deveria a ser divulgada, qual a percepção do fato científico que deveria ser aceito. Esse procedimento desvela o peso de um passado profundamente autoritário e elitista, através do qual a instituição passou a ser reconhecida como possuidora de um saber superior, que deve ser absorvido por outros. Sendo assim caberia a quem detinha o saber, determinar o que deve ser dito, para que o sujeito aprenda. Propomos a reflexão sobre o papel social do Museu, ainda percebido como uma instância de legitimação de poder de uma classe dominante, a fim de identificar as barreiras que impedem que os sujeitos o reconheçam como um espaço que também é seu, produzindo o distanciamento entre as instituições e sua comunidade do entorno. Identificamos a necessidade de considerar as seguintes questões: Que concepções e princípios têm direcionado os projetos educativos nos museus? Que barreiras ou possibilidades à participação dos sujeitos têm sido criadas e mantidas pelas instituições? O museu busca identificar por que certos segmentos sociais não entram nos museus? Apresentamos neste trabalho alguns dos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida para a tese de doutorado no Programa de pós-graduação em Museologia e Patrimônio, trazendo o registro das narrativas dos profissionais dos museus, a fim de identificar as barreiras criadas e mantidas no processo institucional para que o Museu se torne mais inclusivo. Para o desenvolvimento da análise de dados das entrevistas utilizamos a metodologia de análise do discurso proposta por Fairclough, na qual se propõe a unir a análise linguística à

teoria social. Como base das nossas reflexões, adotamos os princípios da Educação Popular e da metodologia das práxis, que não compreendemos como um conceito datado, pois os contextos que a ensejam permanecem vigentes. Compreendemos ser necessário o desenvolvimento de outras formas de atuação que favoreçam a construção de instituições nas quais a diversidade de características, necessidades, potencialidades e interesses dos visitantes sejam igualmente valorizados. Tal concepção confrontava processos educacionais do passado, mas que têm se revitalizado: a habitual transferência seletiva a sujeitos e a grupos sociais de um saber dominante que busca ajustá-los ao contexto vigente. Consideramos que será preciso compreender que a ação educativa dos museus, para além de visitas guiadas de grupos considerados minoritários, envolve ampliação de conhecimento compartilhado entre as partes envolvidas, demandando que ambientações sejam criadas, muitas vezes externamente, para que os grupos discutam coletivamente sobre seus problemas e as barreiras encontradas e busquem soluções de forma participativa.

Palavras-chave: Museu; Educação Popular; Comunidade.

11h Escape room no MCTer (RJ): unindo a educação intercultural à educação em museus

Daniela Machado Millan (Universidade de Coimbra); Maria do Rosário Moura Pinheiro (Universidade de Coimbra); Maria Amélia de Souza Reis (UniRio)

Resumo: Este trabalho tem por intuito relatar o processo de elaboração da ação educativa “Fuga da Caverna”, desenvolvida no Museu de Ciências da Terra (RJ), bem como apresentar os resultados desta intervenção. A atividade foi desenvolvida no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Ciências da Educação da FPCE da Universidade de Coimbra. O estágio se deu no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da UNIRIO, através de acordo firmado entre as universidades. Foi intenção desta intervenção, para além da criação da ação educativa, interceder junto aos profissionais do museu, principalmente junto ao setor educativo e seus mediadores, de forma a contemplar alguns dos eixos da Política Nacional de Educação Museal (PNEM), em atenção aos que preveem a colaboração entre os setores dos museus e a relação destes na promoção da cidadania, enquanto espaços de educação. A ação educativa baseou-se em jogos de escape room, imprimindo em todo o processo de planejamento, de execução e de avaliação, um caráter educativo. Como a atividade de escape constitui-se em um jogo colaborativo, no qual os jogadores têm que atuar em equipe, a oficina propôs a promoção da interação e convivência para a resolução de problemas, abrangendo, assim, a vertente da interculturalidade. Considerando que a ação educativa oportunizou a interação do público com os objetos da exposição, de forma lúdica, proporcionou-se, então, a aproximação do visitante com a instituição e com o bem patrimonial, desmistificando a ideia de museu como um espaço intocável. Neste contexto de aproximação entre instituição e sociedade, a mediação intercultural também se viu contemplada. Além desta interação, a oficina trouxe variadas atividades, com enigmas vinculados aos temas centrais do museu, a paleontologia e a geologia. Apresentou, também, tarefas de diferentes níveis de dificuldade, objetivando que o participante exercitasse suas competências cognitivas de formas distintas. O processo de elaboração da atividade foi avaliado junto aos profissionais do museu, por meio de questionários, além de fichas de avaliação de satisfação junto ao público participante. Os resultados, no que tange à satisfação, foram positivos tanto para os funcionários integrantes do processo de elaboração, como para o público. Também no quesito de contemplação da PNEM, alcançaram-se resultados positivos, principalmente em termos de integração dos setores da instituição, perspectivando que sirvam de base para futuras ações da instituição.

Palavras-chave: Educação museal; PNEM; Interculturalidade; Ação educativa; Escaperoom.

11h20 Comunicação museológica: estudos realizados a partir da experiência desenvolvida existente na Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer

Nathália Pereira dos Santos Ferreira (UnB); Monique Magaldi (UnB)

Resumo: A presente pesquisa aborda estudos sobre ações de comunicação museológica existentes na exposição realizada a partir da importância local da a “Tia Neiva” no Vale do Amanhecer, cidade localizada no Distrito Federal. A pergunta de partida é: como o processo de comunicação museológica pode ser percebida a partir de experiências museográficas desenvolvidas na Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer? O Objetivo é estudar a relação estabelecida entre a exposição existente na Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer e os visitantes. A metodologia utilizada foi levantamento documental, revisão de literatura, incluindo o estudo terminológico e conceitual do palavras como musealização, expografia, expologia, coleções, comunicação museológica e museu-casa. Utilizou-se o estudo de caso da Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer, a partir da realização de entrevistas e da observação realizadas na exposição de longa duração, além de estudos sobre a coleção existente. Enquanto resultado parcial entende-se a Casa da Tia Neiva do Vale do Amanhecer como museu-casa, por ser uma experiência museal e museológica que valoriza simbolicamente a figura de uma mulher, viúva, mãe de quatro filhos, caminhoneira, que na década de sessenta trabalhou na construção de Brasília e que teve uma revelação espiritual. A referida revelação mística/religiosa a transformou em uma figura conhecida em Brasília, mesmo depois de sua morte, sendo formada a coleção a partir de então.

Palavras-chave: Comunicação museológica; Expografia; Coleção; Vale do Amanhecer; Museu-casa.

GT 14 - CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

MESA 1

Coord: Maria das Graças de Souza Teixeira; Joana Angélica Flores Silva; Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar.

10h40 As mulheres afrocolombianas na exposição temporária: “Presença Negra em Bogotá (1940-1960)”

Thanity Silva de Andrade (UFBA); Joseania Miranda Freitas (UFBA)

Resumo: A presente investigação apresenta algumas problemáticas sobre as representações dos afrocolombianos, homens e mulheres na exposição Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960. Tal reflexão ocorreu, quando participei de um intercâmbio acadêmico para Colômbia, pela Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá. Durante minha experiência, percebi a ausência de museus afrocolombianos, posto isso, tomei conhecimento da mostra que ocorreu de novembro de 2013 a março de 2014. Ademais, a mostra foi idealizada, principalmente, pela professora Mercedes Angola (bogotana e negra) e pelo professor Maguemati Wagbou (togolês e negro), ambos da Universidad Nacional de Colombia sede Bogotá. Assim, a curadoria

de Presencia Negra en Bogotá: 1940-1960, teve como intuito evidenciar quais motivos levaram os afrocolombianos a migrarem da costa do Pacífico e do Atlântico para Bogotá, nas décadas de 1940 a 1960. Para tal objetivo, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as fontes existentes desta mostra, assim a análise teve os seguintes suportes: o corpus documental da exposição existente; livro com as fotografias do acervo exposto; sites da instituição; realização de entrevistas com os que compuseram principais envolvidos no processo de execução da mostra; bem como outras fontes. Em suma, buscou identificar a partir deste saldo de fontes, em que proporções a narrativa da exposição cumpriu com os objetivos e de visibilizar mulheres negras afrocolombianas.

Palavras-chave: Exposição temporária; Curadoria; Mulheres afrocolombianas.

11h Mãos que cosem a memória: as rendeiras de Saubara-BA e o protagonismo de mulheres negras no Patrimônio Cultural

Anna Luisa Santos de Oliveira (UFBA); Cecilia Conceição Moreira Soares (UNEB/UFBA)

Resumo: A compreensão do patrimônio cultural e das mestras detentoras do saber enquanto objeto da museologia permite observarmos a Casa das Rendeiras em Saubara-BA, bem como as mulheres rendeiras que fazem parte da associação, como agentes detentoras do saber fazer da renda de bilro. Atuantes no fazer museológico e no processo de representação da identidade cultural local por meio da memória e do trabalho que abarca a renda de bilro para além dos seus pontos e trocados. Analisamos as ações da Casa das Rendeiras e sua representatividade a partir da seleção de memória social e comunitária enquanto movimento de resistência de mulheres negras, mestras do saber fazer da renda de bilro, que apresenta a técnica de coser enquanto patrimônio cultural local.

Dentro do ponto de vista econômico, buscamos compreender o processo de profissionalização possibilitado pela criação da Casa das Rendeiras e seus impactos econômicos e sociais, analisando o papel das parcerias estabelecidas e das políticas públicas para o artesanato para a sustentabilidade da organização. Dedicamos-nos ainda a analisar, a partir do campo, alguns aspectos da constituição da Casa e dos significados sobre a renda e o rendar, entrecruzados com as questões de gênero, raça, território e geração. Para tanto foram utilizados os conceitos de museologia social, memória, patrimônio cultural, gênero, raça e trabalho e intersecção com as narrativas das vivências das mulheres rendeiras de Saubara que constituem fontes principais desta pesquisa.

Palavras-chave: Museologia; Gênero; Raça; Rendeiras; Memória.

11h20 Museus e a (in) visibilidade das mulheres negras: apontamentos no contexto museológico brasileiro a partir da segunda metade do século XX

Deborah Silva Santos (UnB)

Resumo: Neste artigo delinerei o campo dos museus brasileiros propondo reflexões sobre o estudo de raça e a interseccionalidade de gênero e raça no intuito de identificar a representação das mulheres negras. O nosso objetivo é problematizar o contexto museológico brasileiro a partir da segunda metade do século XX na perspectiva de gênero à luz dos estudos raciais e encontrar pistas e sinais que possibilitem evidenciar a existência das mulheres negras. Na primeira parte,

analisarei os museus brasileiros mais tradicionais, criados a semelhança dos museus europeus que apresentam a “retórica da modernidade e a lógica da colonialidade” e que reproduzem a colonialidade do conhecimento e dos seres. Eles apresentam características moderno/colonial, eurocentrada, enciclopédia e hierárquica racial que criaram os marcadores de civilização e incivilização, sendo os europeus no primeiro grupo e os povos não europeus, os colonizados - negros e indígenas os primitivos ou selvagens, desqualificados em suas existências. Às mulheres de um modo geral também não foram identificadas nos museus como protagonistas da história, produtora e/ou selecionadora de artefatos históricos. Neste sentido, buscarei as pistas e sinais das mulheres negras, pois, por agregarem a dupla alteridade de raça e gênero são o “invisível do invisível” nos museus, além de construtoras de outras memórias sobre a história nacional. Na segunda parte, apresentarei um diálogo entre a museologia social e o projeto decolonial, ou seja os pressupostos da “museologia decolonial” entendido como um projeto político-acadêmico-educacional que possibilita a partir do alargamento do conceito de museu; do direito à memória; da participação de comunidades e movimentos sociais e a atenção às questões sociais contemporâneas reconhecer ações e processos museológicos decoloniais construídos na longa tradição de resistência das populações negras e que assim, permitem revelar as mulheres negras como protagonistas e produtoras de conhecimento.

Palavras-chave: Museus; Museologia; Mulheres negras; Decolonialidade.

GT 15 - MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

MESA 3

Coord: Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández.

10h40 Acervo Artístico UFMG: o inventário como meio de preservação e subsídio à pesquisa

Renata Lopes Leite (UFMG); Daniela Luísa Fernandes Barbosa (UFMG);

Maria Celina Machado (UFMG)

Resumo: Este trabalho relata o processo de pesquisa, construção e prática de metodologia para inventário na documentação do acervo artístico da Universidade Federal de Minas Gerais, que, sendo adaptado, poderá ser utilizado como modelo para outras instituições museais. Em 90 anos de existência, a UFMG reuniu, ao lado de suas coleções científicas, um importante acervo artístico. De acordo com levantamento realizado entre 2009 e 2011, pelo Projeto “Memória, Acervo e Arte”, são mais de 1500 obras que, adquiridas de forma assistemática, conformam um acervo de expressiva abrangência temporal – do século XVI ao século XXI – e diversidade tipológica, de materiais e técnicas, estilos, suportes, linguagens, porém ainda desconhecido tanto para a comunidade interna quanto externa. A partir de pesquisa bibliográfica, documental e análise de levantamento anterior, elaboramos diretrizes e uma normatização para inventário de acervos como ferramenta de diagnóstico, conservação preventiva e documentação. Para se construir ações de conservação e gestão, é necessário o conhecimento prévio e abrangente da realidade dos bens culturais, o que torna a catalogação, pesquisa e o inventário imprescindíveis para um bom projeto, pois permite a compreensão dos valores econômicos, históricos, estéticos, científicos e sociais de um bem, assim como seu monitoramento e sua manutenção de forma sistemática. A normatização tanto da estrutura de dados quanto da terminologia empregada garantem a consistência, confiança, preservação e recuperação da informação, portanto,

este trabalho pretende abordar também um estudo das normas internacionais e diagnóstico do mapeamento anterior para a construção da estrutura do banco de dados. Por fim, definimos o inventário como um instrumento que nos permite identificar, reconhecer, quantificar e qualificar os bens que integram o patrimônio cultural, gerando informações para a documentação do acervo e alimentação de um banco de dados, visando a implantação de políticas integradas e consistentes de gestão, promovendo uma aproximação entre diversas atividades e áreas da museologia, conservação, história e artes no desenvolvimento e na preservação de acervos. Este processo tem como objetivo gerar informações consistentes sobre as obras, as coleções e acervos, para sua extroversão, uso e aprendizado, dando visibilidade aos bens culturais que integram o patrimônio artístico da UFMG, assim subsidiando pesquisas e visando atingir um público diversificado.

Palavras-chave: Documentação Museológica; Gestão de Acervos; Acervo Artístico; Conservação Preventiva.

11h Os usos dos catálogos de exposições: uma reflexão sobre a preservação da memória e a documentação da arte contemporânea

Fernanda Werneck Côrtes (UnB)

Resumo: A produção de catálogos de exposições, apesar de ser uma atividade nem sempre realizada pelos museus, resulta em um importante material de registro desses eventos efêmeros, contribuindo para a preservação das informações das obras expostas e de sua relação com o contexto, em especial no que se refere à arte contemporânea. Com o objetivo de analisar essas publicações não somente como materiais que comunicam sobre um evento ou a atuação institucional, mas também como uma estratégia de documentação importante para as atividades museológicas, pretendemos com o presente trabalho problematizar a noção de catálogo e os seus formatos. Para tanto, apresentamos dois catálogos produzidos pelo Instituto Itaú Cultural – “Tridimensionalidade na Arte Brasileira do Século XX” (1999) e “Fronteiras” (2005), referentes a uma exposição e a um projeto, respectivamente –, com o intuito de discutir como foram realizados e analisar de que modo atuam como importantes fontes de informação acerca da genealogia das obras de arte de um acervo e da poética dos artistas envolvidos nessas atividades. Esses dois exemplos nos permitem pensar sobre como os catálogos e seus conteúdos podem se complementar, fornecendo material para pesquisa documental, assim como preservando a memória coletiva. É importante levar em consideração, no entanto, que os catálogos são uma fonte formatada, que atende a determinados interesses e escolhas institucionais, atuando também como meio de divulgação de suas atividades, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma narrativa acerca das instituições que os produzem. Nesse sentido, o presente trabalho trata da relevância e dos usos das publicações institucionais referentes a exposições e projetos, em especial os de arte contemporânea, cujas obras se relacionam com o espaço e com o espectador de maneira contundente. Logo, buscamos proporcionar uma reflexão acerca da dimensão documental dos catálogos de exposição no âmbito das atividades museológicas de preservação.

Palavras-chave: Catálogo; Documentação; Informação; Memória.

11h20 As versões de performances de arte contemporânea: documentação para a preservação

Juliana Pereira Sales Caetano (UnB)

Resumo: Nas últimas décadas, baseado em pesquisa realizada em dissertação de mestrado, constatou-se que a quantidade de museus brasileiros que passaram a colecionar performances de arte contemporânea como acervo museológico cresceu consideravelmente. Uma dessas instituições é o Museu de Arte da Pampulha (MAP) situada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Atualmente, esse museu detém em seu acervo três performances, uma delas é a obra *Corpo a Corpo in Corpus Meus* (1970) da artista mineira Teresinha Soares. O trabalho consiste em três bailarinos trajados de preto, que realizam movimentos corporais sobre uma instalação de quatro módulos feitos com compensado de madeira. Durante a ação é reproduzido um áudio onde se ouve um texto escrito e falado por Joana D' Angelo e Teresinha Soares. Toda vez que a obra é reinstalada a performance precisa ser reapresentada. Assimilada pela instituição em 2008, o trabalho, no entanto, é divulgado no catálogo do museu apenas como "instalação". Esse reconhecimento, perpassa a própria forma pela qual a obra foi documentada pelo museu, no qual possui documentos ricos em detalhes de preservação e montagem dos elementos materiais de sua instalação, mas poucas informações sobre a reapresentação da ação enquanto presença. O caso, se agrava quando consideramos que muitos museus de arte estrangeiros, tem desenvolvido e recomendado para a preservação e reapresentação de performances a documentação das alterações da obra cada vez que vem a ser reapresentada. Essa ferramenta tem como objetivo não apenas possibilitar transparência das decisões tomadas, facilitando assim possíveis reexibições, como para que não se perca de vista sua primeira versão. No caso de *Corpo a Corpo in Corpus Meus* a obra já veio a ser reapresentada quatro vezes, contudo, poucos são os dados do MAP sobre essas. Nesse tocante, a presente pesquisa tem como objetivo enfatizar não apenas a urgente necessidade de métodos diferenciados da documentação museológica de performances, com também refletir sobre a importância de documentar suas versões para sua preservação e reexibição.

Palavras-chave: Documentação Museológica; Performance; Arte Contemporânea; Museus de Arte.

1º DE AGOSTO 2019

QUINTA-FEIRA

Das 9h às 10h30

GT 1 - EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

MESA 4

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo;
Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

9h Os desafios da Curadoria na montagem da exposição de longa duração do Museu do Homem do Nordeste

Silvana Barbosa Lira de Araujo (FUNDAJ)

Resumo: De acordo Maria Cristina Bruno (2015), Curadoria é um conceito com larga e difusa aplicação que busca referendar constatações, possibilitar esclarecimentos, lidar com tensões dentro do espaço museal, levando em consideração o acervo, o contexto em que foi coletado e o espaço que hoje ocupa na exposição. Define, ainda, que o conceito está em constante transformação ocupando, hoje, cenários não só frequentados por Museólogos como também por campos profissionais diversos que, nas ações museológicas impulsionam a experimentação com a valorização da participação comunitária impactando em novos modelos de processos museológicos como os museus comunitários e os ecomuseus. O Museu do Homem do Nordeste-Muhne, da Fundação Joaquim Nabuco nasceu da fusão de três outros museus: o Museu de Antropologia (1961-1978), o Museu de Arte Popular (1955-1978) e o Museu do Açúcar (1963-1978). Criado em 1979, reúne coleções caracterizadas pela heterogeneidade, apresentando peças requintadas, das ricas famílias dos senhores de engenhos; ao lado de objetos muito simples, de uso, ainda hoje, no cotidiano das classes menos favorecidas. A exposição de longa duração “Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos”, do Muhne, inaugurada em 2008, teve como ponto de partida o debate sobre o conceito socioantropológico desse Homem do Nordeste e suas representações histórico, social e étnico-cultural. Museu é um território simbólico de poder político, cultural e social, ao produzir e veicular informação. Ao abrir espaços representativos para frações identitárias, grupos étnicos e movimentos sociais, o Muhne coloca-se frontalmente contra a pedagogia do consenso e decide sob quais registros e suportes fará seu discurso que, por vezes, podem implicar em aspectos ideológicos e éticos. Naquele momento, o Muhne assinalava sua adesão formal à Museologia Social através do discurso expositivo, colocando em disputa os diversos cenários da vida cultural e social da região Nordeste do Brasil, onde está inserido. O desenvolvimento de um projeto para a nova exposição foi o ponto de partida para repensar o Museu do Homem do Nordeste como um todo. Em 2017 essa exposição foi ampliada com inclusão de novos acervos e textos que dessem conta de trazer a representatividade desta Região para a contemporaneidade. Após quase oito anos da primeira montagem, em 2017 a exposição “Nordeste: territórios plurais, culturais e direitos coletivos” foi revisitada. A análise da trajetória da Curadoria expositiva do Muhne, seu simbolismo, acervo, discurso, contextos sociais nesses diferentes momentos de sua história é o tema do trabalho ora submetido.

Palavras-chave: Curadoria; Museu; Exposição.

9h20 Os discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e Argentina

Natália ReichertGreff (UFRGS); Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (UFRGS)

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo abordar as diferentes perspectivas que consolidam as narrativas sobre a história das reduções jesuíticas nos museus localizados no sul do Brasil e na Argentina. Os Trinta Povos das Missões, localizados nos atuais territórios do Paraguai, Argentina e sul do Brasil, foram reduções organizadas pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Consolidadas a partir do século XVII, tinham como objetivo primordial reunir povoados indígenas e introduzir o Cristianismo e os modos europeus de civilização, mas sabe-se que muitos dos hábitos da cultura Guarani foram preservados nesses espaços. Séculos mais tarde, as ruínas dos povoados foram consideradas patrimônio nacional e internacional, reconhecidas por seu valor histórico único. Nessa perspectiva, este trabalho busca analisar de que forma o Museu das Missões de São Miguel das Missões (Brasil) e o Museu Jesuítico de San Ignacio Miní (Argentina) apresentam a história das reduções jesuíticas através dos objetos presentes em suas exposições de longa duração. Cabe mencionar que a pesquisa foi realizada em forma de estudo de caso com abordagem qualitativa, utilizando como metodologia a análise documental, por meio de documentos e sites vinculados às instituições, bem como observações in loco e coleta de dados durante as visitas. A fim de compreender os diferentes discursos expográficos existentes, foi necessário investigar o histórico das reduções jesuíticas, bem como o contexto de criação dos museus missionários, para então entender as decisões curatoriais e os critérios associativos que compõem as narrativas expográficas apresentadas. Desse modo, concluímos que a cultura material é fonte de múltiplas possibilidades de contextualização e que os museus missionários podem criar diferentes discursos para narrar e problematizar a história das reduções jesuíticas, contudo, é importante considerar as relações estabelecidas com o público externo, buscando desenvolver uma prática curatorial mais inclusiva e com diferentes vozes.

Palavras-chave: Reduções jesuíticas; Exposição; Museu das Missões; Museu Jesuítico de San Ignacio.

9h40 Avaliação da Ficha Catalográfica do Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará

Mateus da Silva Reis (UFPA)

Resumo: Sistemas de Documentação Museológica têm por finalidade o registro, organização e representação de informações contidas nos objetos de museu. Estes são compostos por uma série de instrumentos documentários que possibilitam um melhor funcionamento destes sistemas. Nesse sentido, compreende-se que estes instrumentos podem ser identificados como agentes de registro, reconhecidos por fichas de arrolamento, fichas catalográficas, catálogos, índices etc. O Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (MIHGP), localizado em Belém – PA, no bairro da Cidade Velha, é um órgão ligado ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), que tem por objetivo salvaguardar acervos ligados à memória da comunidade intelectual, elitizada, da região norte, durante os séculos XIX e XX. O MIHGP, em sua busca inicial de organizar os acervos históricos e formular estratégias de salvaguarda, no ano de 2014, desenvolveu um Sistema de Documentação Museológica que pudesse registrar e classificar as diversas peças residentes na instituição. Dessa maneira, foram primeiramente desenvolvidos instrumentos de diagnóstico documental a curto prazo, como fichas de arrolamento, e, posteriormente, um instrumento de registro a longo prazo, a ficha catalográfica. Partindo do pressuposto

funcionalista, onde todas as partes de um sistema possuem máxima importância para o seu eficaz funcionamento, pode-se afirmar que a ficha catalográfica é o ponto chave na organização e o registro de informações, possibilitando a descrição do conteúdo do objeto museológico e auxiliando nas próximas etapas de comunicação e representação informacional. Desse modo, entende-se que a ficha catalográfica do MIHGP, além de sua responsabilidade de registrar, pode ser considerada como um dos instrumentos que sustentam o sistema de documentação do museu. Nessa lógica, nota-se que para o funcionamento geral do sistema, a ficha catalográfica deve estar estável e sem erros de registro. O presente estudou buscou investigar se a ficha catalográfica do MIHGP é eficaz em sua missão de registro de informações, a partir da aplicação de um método avaliativo, composto por um questionário a respeito do funcionamento da ficha. Com a aplicação do questionário em dois grupos específicos, pesquisadores e profissionais de museu, foi possível elaborar as seguintes considerações: a ficha de catalogação do MIHGP obtém um bom êxito em registrar e organizar os dados informacionais dos acervos museológicos. No entanto, compreendeu-se que os avaliadores apresentaram algumas ressalvas a respeito da organização dos seus campos, assim como a ausência de especificações referentes a outros itens de preenchimento. Ressalta-se que foram também levantadas dúvidas a respeito de alguns campos, que, para os avaliadores, não possuíam nenhuma relevância.

Palavras-chave: Documentação Museológica; Avaliação; Ficha Catalográfica; MIHGP.

GT 2 - ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

MESA 4

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha; Viviane Sarraf.

9h A Exposição de Arte em Sala de Aula

Fernanda Carvalho de Albuquerque (UFRGS)

Resumo: “Leituras das exposições de arte” é uma disciplina eletiva do Bacharelado em Museologia da UFRGS. Ela foi criada em 2016 no sentido de ampliar a oferta de disciplinas no curso voltadas às relações entre os campos da Arte e da Museologia. Até hoje, há apenas uma disciplina obrigatória dedicada ao tema, “Museologia e arte”, que como o nome sugere, oferece uma visada introdutória e bastante ampla ao assunto. “Leituras das exposições de arte”, por sua vez, aborda um aspecto em particular, a saber, um dos dispositivos de apresentação da arte mais comuns, ainda que pouco explorado nos cursos de Arte e de Museologia: a exposição. A disciplina parte da visita a uma série de exposições, para, a partir dessa vivência, proporcionar uma introdução à arte e seus diferentes modos de exibição e compartilhamento, bem como aos desafios e às problemáticas aí envolvidos. A cada três visitas, um seminário é oferecido em sala de aula, momento em que se debatem textos relativos à temática “exposições de arte”, à luz das mostras recém observadas. As exposições apreciadas pelos estudantes são concebidas e montadas a partir de diferentes metodologias, recortes e enfoques curatoriais, sendo apresentadas não apenas em museus, mas também em centros culturais, fundações, galerias, dentre outros espaços. A metodologia de avaliação da disciplina consiste na realização de três ensaios, sendo cada um sobre uma exposição em particular, à escolha do aluno. “Leituras das exposições de arte” se propõe, nesse sentido, a tomar a experiência das visitas às mostras como ponto de partida e de chegada para a reflexão sobre a arte e seus modos de exibição e compartilhamento. As indagações, percepções, curiosidades, desconfiças e mesmo

dificuldades dos estudantes, em especial com a produção contemporânea e suas estratégias de exposição, estimulam conversas francas e debates acalorados, seja durante as visitas, seja nos seminários. Ao longo dos dois semestres em que a disciplina foi trabalhada, observou-se um crescente interesse e disponibilidade, por parte dos alunos, para ver e discutir arte, bem como uma crescente confiança em sua capacidade de olhar e de produzir sentido a partir daquilo que observam.

Palavras-chave: Museologia; Arte; Exposição; Leituras.

9h20 Museologia e História da Arte: metodologias participativas em curadorias de exposição nos museus e nas salas de aula

Carolina Ruoso (UFMG)

Resumo: Enquanto estudante de História da Universidade Federal do Ceará participei de três exposições com curadorias de exposição desenvolvidas a partir de processos participativos (2001 - 2004). Essas três exposições foram investigadas durante o doutorado em História da Arte (2010 - 2016), onde analisei as metodologias empregadas enquanto processos colaborativos. O desdobramento dessa experiência gerou questionamentos quanto às metodologias participativas em curadoria de exposições, procurando identificar o que seriam as curadorias intituladas: compartilhadas, colaborativas, coletivas, entre outras nomeações. Há diferenças? Quais são os procedimentos comuns aos processos participativos e quais são as especificidades metodológicas que tornam uma curadoria de exposições compartilhada ou colaborativa? Em um primeiro momento realizamos duas exposições com aplicação de um método para curadorias de exposição colaborativas, a primeira no Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco (2014) intitulada *Patrimônios em disputa* e, a segunda no Sobrado Dr. José Lourenço da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (2016) intitulada *Firmezas: resistência poética*. Os dois grupos foram importantes para a construção de um percurso de trabalho, principalmente no que diz respeito a sustentação dos acordos estabelecidos em grupo e aos procedimentos para convocatória do público. Em 2017 propus uma disciplina optativa intitulada *Metodologias de Curadoria de Exposições* para o curso de Museologia da UFMG, uma disciplina laboratório, onde os estudantes, produziam reflexões através das diferentes experimentações tais como: curadoria para um museu cortejo, curadoria de mutirões, entre outras. Durante os processos da disciplina os estudantes solicitaram uma sugestão de percurso que orientasse nos procedimentos para a realização de curadorias de exposições participativas, a partir do compartilhamento desse passo a passo com os estudantes, eles desenvolveram propostas de oficinas de curadoria de exposições que seriam realizadas com os grupos frequentadores colaboradores. Nesta apresentação, vamos descrever e analisar o conjunto dessas experiências, considerando as metodologias de curadoria de exposição enquanto pesquisa museológica e dispositivo pedagógico participativo na formação em Museologia e História da Arte.

Palavras-chave: Metodologias participativas; Curadorias de exposição; Públicos colaboradores; Dispositivos pedagógicos participativos.

9h40 Descolonização do olhar em arte decorativa: exercícios didáticos museais

Joseania Miranda Freitas (UFBA)

Resumo: A presente comunicação visa apresentar reflexões sobre as ações didáticas desenvolvidas no ensino de Arte Decorativa, no curso de Museologia da UFBA, a partir de 2002. Os exercícios didáticos museais visam colocar em diálogo matérias-primas, elementos estilísticos e ornamentais das coleções de arte decorativa, constituídas de forma hegemônica, com outras produções artísticas anteriores aos processos de conquista e colonização da América, assim como destacar nas produções coloniais a presença da diversificada mão de obra local, suas referências e técnicas construtivas, através da explicitação dos sujeitos produtores. Exercícios que se vinculam às abordagens analíticas patrimoniais relativas à descolonização dos museus, com base na biografia dos sujeitos nos objetos, como forma de estimular a explicitação da pluralidade das matrizes que compõem os acervos, evidenciando memórias ausentes, silenciadas e/ou excluídas pelos processos de registros hegemônicos das memórias. A tarefa de descolonizar o olhar implica em suscitar uma série de reflexões sobre os acervos de mobiliário, cerâmica e metalurgia - pensando a partir do estabelecimento de diálogos horizontais com as histórias de vida de objetos e dos sujeitos ligados aos objetos. Implica em uma tomada de posição crítica frente aos acervos hegemonicamente estabelecidos, que ainda se ancoram na chegada, conquista e estabelecimento dos europeus nas Américas como marco fundante de processos civilizatórios. O ensino e a prática museal no campo da arte decorativa estiveram durante muito tempo aliados aos modos de pensar colonial e imperial, privilegiando concepções artísticas europeias, sacralizando objetos de exceção. Incorporar a dimensão material das sociedades tem sido um dos grandes desafios para os museus de arte decorativa, ainda que tenham pontuais, raras e excelentes experiências neste sentido. Desafiador também tem sido o campo da docência uma vez que esta se atrela aos acervos, resultantes das permanências de padrões e gostos coloniais-eurocentrados, não somente no campo artístico, mas também no campo das mentalidades. O termo colonial não se aplica exclusivamente aos processos de governança colonial, mas ao campo epistemológico, à permanência do conhecimento eurocentrado.

Palavras-chave: Arte Decorativa; Descolonização do olhar; Museus; Decolonialidades.

GT 3 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

MESA 4

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor.

9h O museu como ferramenta das identidades: um estudo de caso

Otávio Pereira Balaguer (MAE/USP)

Resumo: A coesão social almejada pelos Estados-nação ao longo do século XIX tem sido posta a prova depois dos importantes acontecimentos do século XX. As certezas da história oficial, o panteão dos heróis nacionais e a gama de símbolos que operaram neste processo hoje são questionados pela emergência das chamadas “novas memórias”. E o museu é uma ferramenta central neste fenômeno. Os valores das identidades nacionais naquele momento estavam ligados a uma rede mundial de interesses político-econômicos que privilegiava as relações comerciais com os países centrais. Os segmentos sociais deixados à margem da história institucional e

excluídos da narrativa identitária do Estado burguês têm conquistado o espaço público desde as últimas décadas do século XX, principalmente. O Brasil enquanto Estado inserido nas redes mundiais não foi exceção e construiu sua nacionalidade deixando de fora do universo simbólico, ou inserindo passivamente, grupos sociais que o constituem como a população negra e indígena. Vemos estes coletivos ocuparem o espaço público pelos movimentos de Direitos Cívicos e por meio do museu também. Por exemplo, na cidade de São Paulo o Museu Afro-Brasil e o Museu do Índio, no Rio de Janeiro, são espaços importantes. Não podemos deixar de citar ainda a grande quantidade de ecomuseus e museus comunitários que existem em nosso país, a Museologia Social cumpre um importante papel nas reflexões que colocam outros agentes no cenário museológico, legitimando o papel da instituição em toda a sociedade. Neste cenário, pretendemos discutir o museu como um lugar de representação e reconhecimento daquelas identidades que não estão presentes nos museus nacionais, por excelência, territórios da história oficial. Nosso caso é o *Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto*, em São Paulo, lugar de memória da comunidade judaica no país, e que se coloca hoje como museu da imigração deste grupo étnico religioso. Nos questionamos quais são os valores escolhidos pela ação curatorial para definir quem e como são os judeus-brasileiros.

Palavras-chave: Exposição; Identidade; Memória; Imigração judaica.

9h20 Por Uma Política da Diferença

Jefferson Lindbergh de Sousa (FUNDAJ); José Luiz Gomes da Silva (FUNDAJ); Henrique de Vasconcelos Cruz (FUNDAJ)

Resumo: O conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que gera significado a um processo político, destacadas regras e pressupostos que orientam o comportamento de seus atores entende-se por Cultura Política. (KUSCHNIR; CARNEIRO, 1999, p. 227). Essa definição vem sendo impactada diante das mudanças na contemporaneidade, tendo em vista o deslocamento, a descontinuidade, a fragmentação e a ruptura das estruturas sociais (GIDDENS (1990); HARVEY (1989); LACLAU (1990)). Nesse sentido, a sociedade contemporânea vem sendo marcada pela “diferença”, ou seja, vem sendo atravessada por diferentes divisões e antagonismos sociais, cujas consequências desembocam em uma variedade de diferentes “posições de sujeitos” – ou identidades – para os indivíduos (HALL, 2006). A questão da identidade pauta o debate de Hall (2006) ao entender que nenhuma identidade é singular por alinhar todas as outras em uma “identidade mestra”, única e abrangente com o objetivo de basear uma política. Por essa lógica, chancela-se uma mudança de uma política de identidade para uma política de diferença. Inquieta-nos saber acerca das representações no campo museal, em particular, as representações da raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste, tendo em vista a ideiação de se instalar um museu representativo que pudesse trazer a ilustração de alguns aspectos significativos da comunidade local, conforme assinalam Oliveira e Chagas (1983). Por essa perspectiva, como está representada a raça negra na primeira exposição permanente do Museu do Homem do Nordeste? O pressuposto deste estudo aponta a predominância de uma política de identidade em detrimento de uma política de diferença no discurso expositivo da raça negra do Museu do Homem do Nordeste. O estudo imbrica-se com os Estudos Culturais por examinar as práticas culturais, sua relação com o poder e por entender a cultura e toda a complexidade de suas formas com vistas à análise do contexto político e social em que se manifesta (SARDAR, LOON, 2005; JOHNSON, 2006). Hall (2006; 2008), Woodward (2007) e Silva (2007) preenchem nosso eixo teórico atrelado à estratégia metodológica da Análise do Discurso. Os resultados apontam a emergência da Homogeneização da Identidade Cultural da Raça Negra e a relevância de uma política de diferença que traz à tona a ampliação do

conhecimento, potencializa a cidadania e abre as possibilidades de emancipação social.

Palavras-chave: Política da Identidade; Política da Diferença; Representação Negra.

9h40 A “Loucura” na cidade: O Coletivo Desencuca como Resistência dessa representação

Lara Pelhus Gomes Claudino (UFG)

Resumo: Este resumo é resultado parcial de uma pesquisa sobre o lugar social da loucura no contexto urbano a partir de uma análise sobre uma performance cultural que acontece na cidade de Goiânia: o “Coletivo Desencuca”, principalmente sobre sua presença em uma instituição museal. O Desencuca foi “parido” de forma espontânea dentro dos Centros de Apoios Psicossociais (CAPS), em 2014, mais precisamente, dentro do Centro de Convivência Cuca Fresca. Nasceu da necessidade de promover atividades musicais e divertidas dentro dos CAPS, depois, cresceu e se tornou símbolo de resistência sobre o fechamento, de maneira brusca, do Cuca Fresca. Atualmente, tornou-se o novo símbolo da Luta Antimanicomial em Goiânia, sendo referência para os usuários dos CAPS, simpatizantes do tema e demais pesquisadores sobre a presença e representação da loucura através de atividades culturais, como oficinas de percussão, teatro e exposições em espaços como praças públicas e museus. O fato é que a loucura, vista a partir de um contexto social, sempre esteve condenada a falar do outro de forma agressiva e preconceituosa, condenados à marginalização e exclusão, tendo como única solução, quando essa ainda existe, em se encaixar às heteronormatizações, forçando a não poderem ser grandes “metamorfozes ambulantes” ou “malucos beleza”, como são de fato. Mas, como se classifica o “desconhecido”? A partir do medo? Desde muito tempo, pessoas buscavam e buscam combater esses preconceitos e firmar uma luta pelos direitos da loucura, no entanto, mesmo que ainda hajam rastros marcantes dessa luta, como a reforma psiquiátrica, ainda há a necessidade e disseminá-la junto a sua memória para que haja forças e que além de desenvolver atividades de inclusão dessas comunidades, o foco seja apresentar a loucura como um novo ponto de vista, algo menos descriminalizador e mais afetivo, compreendendo que é necessário ajuda e tratamento e que a exclusão NUNCA será a solução. Com o desenvolver da pesquisa, buscando aprimorá-la, com debates em seminários, como o SEBRAMUS, disciplinas especiais e a própria convivência no espaço, o objetivo, até então, é promover uma atividade comunitária que vise reunir, estruturar e divulgar a memória do coletivo e dos seus membros, ou seja, da Luta Antimanicomial na cidade e no estado, de maneira simbólica, representativa e performática, podendo ser, inclusive uma proposta futura de dissertação. Com isso, vê-se importante a divulgação e apresentação do projeto em espaços que debatem a Museologia (principalmente social), como forma de enriquecimento e contribuições para a efetivação da pesquisa e do objetivo principal: um museu do Desencuca.

Palavras-chave: Loucura; Desencuca; Memória; Resistência; Museu.

GT 4 - MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE

MESA 2

Coord: Ana Audebert; Jean Baptista; Mariana Sombrio.

9h A Mulher nas Coleções do Museu do Homem do Nordeste

Cláudia Braga (MHNE/FUNDAJ)

Resumo: Em observância ao reconhecimento da mulher como protagonista na história, alcançando o direito de ser, estar e fazer o que desejar, pergunta-se: até que ponto a mulher tem se destacado na museologia? É possível que um estudo no Museu do Homem do Nordeste, apontasse para a representatividade feminina em suas práticas e em suas coleções? Ao considerar que as práticas museológicas sempre deram ênfase às referências masculinas, e levando em conta o protagonismo feminino nas últimas décadas, faz-se necessária uma discussão reflexiva que contribua substancialmente para conferir a visibilidade merecida à mulher na contemporaneidade. O Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco (Muhne/Fundaj) conta com uma grande participação feminina em sua coleção, boa parte desconhecida do público, não existindo literatura que trate especificamente deste tema. Assim, construímos um breve estudo sobre a contribuição da mulher nas coleções existentes, com o objetivo precípua de analisar o seu desempenho e protagonismo no colecionismo do Museu do Homem do Nordeste. Para atender aos objetivos do estudo, realizou-se mapeamento das colecionadoras e doadoras no Museu do Homem do Nordeste, especialmente as coleções da antropóloga Katarina Real e da educadora Graziela Peregrino. Este estudo é o início de uma pesquisa onde será estabelecida, posteriormente, a conexão com as artistas que compõem a coleção e, ainda, como a mulher é representada na coleção por essas artistas, sem olvidar, entretanto, do papel crucial das mulheres no fazer museal. O estudo tomou por base os pressupostos teóricos de autoras que tratam da relação entre gênero, memória, museus e as práticas sociais do colecionismo; da contribuição da museologia social aos estudos de gênero e, por fim, sobre as bases do colecionismo. Ao conferir visibilidade à mulher no âmbito da museologia, este estudo interessa aos pesquisadores da museologia e das questões de gênero e a todos os que se importam em contribuir para a construção de uma sociedade igualitária.

Palavras-chave: Mulher; Coleções; Museu; Homem do Nordeste.

9h20 Os olhares de Wanda Hanke e Betty Meggers sobre populações indígenas do Brasil

Mariana Moraes de Oliveira Sombrio (USP)

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar a pesquisa que venho desenvolvendo sobre os trabalhos e coleções da etnóloga Wanda Hanke (1893-1958) e da arqueóloga Betty Meggers (1921-2012) no Brasil. Tenho estudado a produção discursiva e material dessas duas cientistas no âmbito de um projeto mais amplo que busca investigar trajetórias de mulheres cientistas no Brasil, na primeira metade do século XX, e compreender como essas personagens se inserem na história das disciplinas às quais se dedicaram. Para isso tenho mapeado as coleções que formaram e que hoje encontram-se depositadas em museus brasileiros e sul-americanos. A escolha desses dois nomes partiu de um levantamento sobre a participação de mulheres em expedições científicas no Brasil entre os anos de 1933 a 1968, período em

que existiu um órgão federal chamado Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE). Entre os trinta e oito (38) nomes de mulheres encontrados nesse levantamento, havia uma maioria de etnólogas, nove (9) no total, e a extensão da produção científica de Betty Meggers e Wanda Hanke sobre o país, assim como a grande inserção dessas duas personagens em instituições científicas brasileiras, museus em especial, se destacaram nesse trabalho. As coleções que reuniram e deixaram em museus brasileiros são um registro importante sobre práticas científicas da época e sobre a própria história dos povos indígenas em questão, mas receberam ainda pouca atenção por parte de pesquisadores. A antropologia que se desenvolveu enquanto disciplina no final do século XIX e início do XX começou a se interessar pelas coleções etnográficas classificando-as em aspectos como o meio ambiente, a técnica, a forma – trabalho descritivo que procurava ordenar esses objetos em termos evolutivos, em termo de áreas geográficas e culturais. No entanto, aspectos sociais e simbólicos referentes aos objetos ficavam obscurecidos. No decorrer do século XX, a cultura material passou por um processo de desvalorização nas pesquisas etnográficas. Mais recentemente, tem havido um crescente reconhecimento da importância de se trabalhar com essas fontes materiais, procurando contextualiza-las em termos do ambiente ecológico em que se inserem aqueles que as produziram, da sua organização social, do seu mundo simbólico e percepção estética, bem como, dos seus processos de interação com outras populações.

Palavras-chave: Etnologia; Colecionismo; Mulheres; Expedições científicas.

9h40 A Coleção Sophia Jobim do Museu Histórico Nacional: gênero, mulher e indumentária no museu

Ana Audebert (UFOP)

Resumo: A comunicação apresenta aspectos da Coleção Sophia Jobim (1904-1968) buscando articular a trajetória da colecionadora afim de compreender a prática colecionista por ela desenvolvida. O principal desafio enfrentado nesse trabalho diz respeito às articulações possíveis entre Museologia, colecionismo e estudos de gênero. Através da análise da própria coleção bem como de conceitos e práticas da Museologia, questionamos os museus como instituições e processos nos quais a lógica androcêntrica é hegemônica. Nesse sentido, esse trabalho é um esforço para aproximar a Museologia e os estudos de gênero demonstrando que essa aproximação pode colaborar para que a memória das mulheres nos museus seja tratada de forma crítica e inclusiva. Da mesma forma, a Museologia também pode beneficiar-se dessa aproximação ao refletir sobre a presença, o protagonismo e a importância das mulheres na história e consolidação da área enquanto campo de conhecimento.

Palavras-chave: Museologia; Gênero; Mulher; Museu; Coleção.

GT 5- MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

MESA 4

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva

9h Museu Antonio Parreiras em versão digital: a busca por um site de arte acessível

Ana Paula Campos de Almeida (Museu Antônio Parreiras/UFRJ)

Resumo: Fechado ao público para obras de restauração e requalificação desde 2012, o Museu Antonio Parreiras (MAP) buscava outras plataformas capazes de divulgar seu acervo. A realização de exposições externas, próprias ou em parceria, e a política de cessão de peças para mostras promovidas por outras instituições representavam iniciativas válidas de disponibilização de seus conteúdos. No entanto, pouco significavam diante da missão de “preservar, pesquisar e divulgar o patrimônio e a obra de Antonio Parreiras e as dos artistas e coleções integrantes do acervo, visando ampliar sua acessibilidade e alcance, além de estimular a produção de conhecimento, a experimentação estética e o entretenimento cultural como forma de desenvolvimento humano”, conforme explicitado em seu Plano Museológico. Diante desse desafio, a criação de um site institucional na internet se apresentou como estratégia natural. O projeto inicial desenhado pela equipe visava tornar o site um canal de comunicação direto com a sociedade, trabalhando e disponibilizando diversos conteúdos construídos a partir de suas coleções. Além disso, pretendia-se, por meio da plataforma, realizar ações de preservação e valorização da história local, intercâmbio, estímulo à pesquisa, projetos educacionais e de formação de público. Longe de substituir a existência física da instituição em suas incontáveis possibilidades de interação, se desejava que a versão virtual a aproximasse das pessoas, a qualquer tempo e em qualquer lugar, bastando para isso um dispositivo conectado à rede. O desenho inicial das páginas e conteúdos chegou a ser bastante robusto, apesar de primar pela simplicidade e navegação intuitiva. Ambicionava-se publicar o maior número possível de informações, incluir dispositivos de interação, disponibilizar a página, pelo menos, em outras duas línguas (inglês e espanhol) e torná-la acessível para pessoas com deficiência. Esse último objetivo acabou prevalecendo sobre os demais pela gestão do MAP, diante dos obstáculos de viabilização de todo o projeto original. Nesta comunicação, apresentaremos o processo de construção do site <www.museuantonioparreiras.rj.gov.br>, cujo projeto se baseou na atual legislação brasileira sobre acessibilidade e acessibilidade na internet. Inaugurado em maio de 2018, é fruto de meses de trabalho e adaptação entre o desejado e o possível.

Palavras-chave: acessibilidade; acessibilidade cultural; internet; site acessível

9h20 Sentidos do Som: do Espaço Urbano ao Museu

Luiz Henrique Assis Garcia (UFMG); Augusto Luis Fidêncio (UFMG)

Resumo: Na esteira do alargamento da noção de patrimônio cultural desde a segunda metade do século XX, investigamos já há alguns anos as relações entre patrimônio urbano e música popular, explorando os nexos entre os sentidos dos lugares e os lugares de sentido – e os encontramos através de múltiplas mediações que operam no próprio tecido urbano convertido em suporte de memória, mas igualmente por meio de NTICs que evidenciam apropriações simbólicas e atribuição de valor patrimonial em redes sociais, blogs, portais e outros suportes. Concatenamos esta mudança de perspectiva à compreensão da música popular como fenômeno social, desde

sua ligação umbilical com a modernidade, explicitada sobremaneira na escalada do crescimento urbano e no desenvolvimento das expressões culturais inseridas nas cadeias produtivas em formato industrial para distribuição massiva através do mercado. Sua transformação histórica de alvo de desqualificação generalizada em objeto de cuidado por parte dos setores que elaboram o discurso e as políticas de patrimônio e museais é um capítulo significativo tanto para compreender mudanças epistemológicas no campo da museologia quanto para traçar um quadro mais denso das operações de valoração na cultura material no âmbito da sociedade capitalista. Câmbios sociais, culturais, econômicas e tecnológicas a situam de modo ímpar no trânsito entre o tangível e o intangível, o efêmero e o duradouro, o local e o global, a memória e o esquecimento. O reconhecimento de que registros sonoros constituíam acervos de valia cultural e científica levou à criação de arquivos e discotecas públicas. Em ações pioneiras, como os museus brasileiros da imagem e do som, tornaram-se objeto de guarda, pesquisa e extroversão. Os museus vieram a incorporar o som mediatizado não apenas como “objeto”, mas também como “meio”, seja através de narrações explicativas, audioguias, ambientações sonoras e elementos multisensoriais que integram narrativas expográficas. Estudos publicados delineiam uma área de pesquisa ainda incipiente, que transita entre questões de acessibilidade, conforto acústico, cognição e interação. Iremos discutir tal literatura à luz da análise do emprego do som na exposição permanente do The Beatles Story, adaptado em armazém das antigas docas da terra natal do quarteto - através de registro produzindo em campo - para entender os vínculos entre consumo, colecionismo, informação e experiência social que a música popular mobiliza da cidade ao museu.

Palavras-chave: Museu; Música Popular; Som; Espaço Urbano; Sentidos.

GT 6 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

MESA 4

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli.

9h Análise da metodologia participativa na preservação do patrimônio cultural em Dores do Indaiá (MG)

Igor Cândido Costa (UFMG)

Resumo: Aplicadas em processos de salvaguarda do patrimônio cultural, em sentido lato, algumas metodologias de musealização apresentam-se como possibilidades de trabalho capazes de fazer confluírem os processos de preservação com demandas sociais. Alinhado a isso, o profissional museólogo pode assumir um papel central nestes processos, atuando como mediador dos enredos patrimoniais que mobilizam várias comunidades do Brasil. O campo do patrimônio é um singular produtor de discussões quanto à sua concepção e seu papel perante a sociedade, e quanto à sua natureza, material ou imaterial. No entanto, as políticas patrimoniais atuais carecem de ações efetivas que visem contemplar a sua gestão por meio de ações integradas de preservação que corroborem a promoção do patrimônio junto à sociedade. Nesse sentido, há uma forte escassez de metodologias que permitam dar autonomia, ou mesmo emancipar, as comunidades e os moradores locais perante outros agentes envolvidos na execução da cadeia de operações que constituem os processos de patrimonialização. Metodologias participativas, como o inventário participativo, são uma nova ferramenta de registro do patrimônio cultural, que prioriza às demandas sociais e à ação coletiva, no registro sensível, salvaguarda e divulgação

do patrimônio. A cidade de Dores do Indaiá (MG) está implantando uma política de proteção ao patrimônio cultural local bastante inovadora por, pela primeira vez no Estado de Minas Gerais, empregar a metodologia do inventário participativo como principal elemento gerador ou revelador de sentido para os bens patrimoniais e articulador de ações na construção de políticas públicas para cultura e turismo. O Plano de Preservação Patrimonial e Desenvolvimento Turístico de Dores do Indaiá foi elaborado e será desenvolvido pelo Escritório Oficina da Casa Arquitetura, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal da cidade. O presente trabalho pretende dialogar como o emprego de metodologias provenientes do campo da Museologia, como o inventário participativo, podem auxiliar na transformação da relação da comunidade e dos agentes culturais locais com o processo de patrimonialização. Será investigado também o papel do museólogo, enquanto mediador, e o envolvimento das comunidades na produção de informação e valor sobre os bens culturais, contribuindo para sua preservação.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Preservação; Musealização; Inventário participativo; Salvaguarda.

9h20 Salvaguarda de arte contemporânea: novas propostas para acervos

André Luís Maragno (USP)

Resumo: Sendo o museu o espaço que trata da intermediação de olhares e experiências, evidenciando a relação do homem com o objeto em sua realidade e, no tocante à essa realidade (ou a realidade à qual o museu se orienta), há sempre uma seleção desses objetos – e da definição de seus olhares, que é em si também orientada: quer seja por produção artística, por classe social, poder econômico, ou alguma circunstância. Dentro dessa (re)orientação do olhar museológico sobre seus acervos, este trabalho propõe novos olhares sobre a conservação e a salvaguarda com apoio de ciências interdisciplinares, reformulando conceitos e buscando novas parcerias para melhoria da cadeira museológica em acervos contemporâneos, às quais podem fornecer ferramentas para reformulações desde os processos documentais até curatoriais.

Palavras-chave: Museologia; Arte contemporânea; Ciência da conservação.

9h40 Museu Regional dos Inhamuns: Resiliência Sertaneja

Fátima Lucia Feitosa (Fundação Bernardo Feitosa/Museu Regional dos Inhamuns)

Resumo: É uma Organização Não Governamental- ONG que atua nas questões ambientais e culturais do estado do Ceará-Brasil. Foi instituída oficialmente no dia 02 fevereiro de 1992, há 27 anos pelo casal de ambientalista e agitadores culturais Joaquim e Dolores Feitosa conta com apoio dos sócios e da população e está sediada no prédio da antiga Casa da Intendência de Tauá, Ceará, edificação que data do final do século XIX.

Mantenedora e guardiã do acervo do Museu Regional dos Inhamuns, da Biblioteca Joaquim de Castro Feitosa, do setor de Informações Ambientais, e da Praça de Eventos. Fundação também promove encontros, seminários, exposições e cursos de capacitação, aglutinando em torno de seus projetos lideranças de diversos setores da sociedade e participando ativamente da vida cultural e ambiental da região, tendo tornado-se referência no tocante à preservação e divulgação do patrimônio material e imaterial do estado e no tocante ao meio ambiente.

Ao longo da sua existência vem entendendo que a inter-relação entre o cidadão e sua história é estabelecida e sedimentada pela prática de ações promovam esse despertar. Portanto e para tanto toda estrutura de gestão da FBF está voltada para a divulgação e implementação de ações que possa divulgar e aproximar todos desse processo.

Palavras-chave: Museologia; Museu; Acervo; Semiárido.

GT 7 - ARQUITETURA DE MUSEUS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA SUA DEMOCRATIZAÇÃO

MESA 1

Coord: Luisa Gertrudis Durán Rocca; Paulo Cesar Garcez Marins; Anna Beatriz Ayroza Galvão.

9h Projeto Arquitetônico: Fator determinante para a salvaguarda de coleções arqueológicas

Luciana Messeder Ballardo (UniRio/UFBA); Elizabete de Castro Mendonça (UniRio)

Resumo: Considerando as ponderações sobre as coleções arqueológicas musealizadas busca-se perceber como o projeto arquitetônico pode ser um fator determinante em sua salvaguarda. Esta investigação faz parte das reflexões iniciais da pesquisa de doutorado denominada Gestão de coleções arqueológicas musealizadas: dos métodos de campo à documentação museológica, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e ao Museu de Astronomia e Ciências Afins (PPGMUS-UNIRIO/MAST) e se fundamenta no conceito de arquitetura bioclimática que está direcionada para o uso de recursos naturais acessíveis abordando a arquitetura direcionada ao processo de interação do homem com seu meio, trazendo soluções com viabilidade econômica e sustentabilidade ambiental, visando refletir de que maneiras o projeto arquitetônico pode auxiliar no processo de gestão das coleções, incluindo a conservação e documentação como ações vinculadas a salvaguarda, incorporada à preservação do patrimônio, com o objetivo de indicar quais elementos devem ser analisados na proposição de espaços para abrigá-las, para tanto, utiliza-se a abordagem indutiva enfocada na análise de proposta administrativa de realocação espacial do Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal de Santa Maria (LEPA-UFSM), apresentada ao setor de Museologia em início de 2016. Como resultado prévio, pressupõe-se que a utilização dos métodos passivos, mais especificamente direcionados para o emprego de recursos construtivos em função dos fatores ambientais; assim como, a organização do espaço que respeite fatores relacionados à segurança, ao acondicionamento e controle do acervo favorecem a preservação do patrimônio arqueológico. Dessa maneira, constata-se que há a necessidade de uma colaboração mais estreita entre os profissionais da Arquitetura e da Museologia – principalmente quando a concepção de mudanças que inferem impacto a salvaguarda e gestão de coleções são conduzidas priorizando a conveniência da esfera administrativa – em que se promova a associação dos conhecimentos teórico e metodológico.

Palavras-chave: Projeto arquitetônico; Salvaguarda; Coleções arqueológicas.

9h20 Edifícios históricos e exposições de arte contemporânea: diálogo entre conservação e arte

Estefani Mikaela Batista Trindade (UFPA); Flávia Olegário Palácios (UFPA)

Resumo: As políticas públicas destinadas aos bens culturais imóveis têm resultado em projetos de requalificação que são importantes para a compreensão da dinâmica urbana atual (BOTELHO, 2005), além de expressar um conjunto de medidas com finalidades culturais voltadas para as edificações históricas que ampara na sua preservação. A finalidade museal é considerada expressiva já que possui um grande significado desde que os primeiros museus foram criados na Europa (HOFFMAN, 2014) e se estabeleceram ao longo dos anos como instituição cultural competente que vem sendo legitimada no que toca a preservação (LIMA, 2012). Dentro da criação dos mais diferentes tipos de museus estão as instituições voltadas para arte contemporânea. O boom que levou cada vez mais ao surgimento destes a partir da segunda metade do século XX deu-lhes uma importância como peças motoras para os projetos urbanísticos não somente pelos novos designs arquitetônicos feitos especialmente para abrigar esta arte, vide Museu de Arte Contemporânea de Niterói, RJ, mas também pelas requalificações de prédios históricos. Cria-se a partir deste contexto uma nova ideia para o que vem a ser o espaço museu graças as obras e exposições inovadores, pois estes locais passam a ser ambientes de encenação, interpretação e experimentação (NASCIMENTO, 2014), ou seja, espaços que mudam junto com a arte para contextualizá-la. Alguns exemplos são o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM - BA) localizado no Solar do Unhão datado do século XVI e restaurado pela arquiteta Lina Bo Bardi e o Museu de Arte Contemporânea de Pernambuco (MAC-PE) localizado na antiga sede da Casa de Câmara e Cadeia Pública que data do século XVIII. Mas este reaproveitamento e contextualização quando pensada dentro do âmbito das edificações históricas deve ser vista sob a ótica da conservação, pois a arte contemporânea se constrói das mais diversas formas e materiais o que leva à modificações em favor das exposições e tem por consequência a interferência na conservação e leitura do local histórico levando a reflexão sobre até que ponto a utilização destas edificações por parte da arte contemporânea estará sendo ou não prejudicial. Tendo como objetos de estudo o Museu Casa das Onze Janelas - Casa das Onze Janelas, Museu da Universidade Federal do Pará - Palacete Augusto Montenegro e Museu do Estado do Pará - Palácio Lauro Sodré localizados em Belém, Pará, este trabalho, dentro da justificativa das transformações que estes espaços sofrem em decorrência dos projetos expográficos, objetiva discutir a relação exposições de arte contemporânea versus edificações históricas sob o olhar preservacionista. Previamente conclui-se que apesar de existir motivos positivos para este (re) uso, perceber-se a falta uma conversa mais ampla com a conservação, pois as exposições modificam o local em nome da obra e somente em alguns casos pensam no que o local também tem a dizer para que igualmente pudesse ser visto pelo público.

Palavras-chave: Edifícios históricos; Arte contemporânea; Preservação.

.....

9h40 Arquitetura, museografia e museologia em diálogo: Museu do Futebol e Museu do Amanhã

Bianca Manzon Lupo (UMC); Diego Enéas Peres Ricca (USP); Luciano Migliaccio (USP)

Resumo: O conceito de interatividade tem sido amplamente utilizado como premissa para a estruturação institucional de museus, sendo comumente introduzido no espaço museológico nas décadas recentes. A museografia interativa frequentemente aparece como alternativa para a apresentação de acervos formados a partir de bancos de dados digitais, participando

ativamente da constituição de museus encarados como centros de referências e da criação das narrativas museais. O estudo pretende analisar a interatividade entendida como diálogo entre arquitetura, museografia e museologia, investigando sua relação com a concepção e recepção do espaço expositivo contemporâneo. Para tanto, possui como foco principal a análise do contexto brasileiro a partir dos casos de referência selecionados: Museu do Futebol (São Paulo, 2008) e Museu do Amanhã (Rio de Janeiro, 2015). Os casos escolhidos apresentam processos de projeto arquitetônicos distintos e exploram variabilidade temática associada à museografia interativa, possibilitando a análise de distintas formas de articulação espacial do discurso interativo. O Museu do Futebol, projetado pelo arquiteto Mauro Munhoz sob as arquibancadas do Estádio do Pacaembu, considera o futebol como agente formador da cultura brasileira, buscando a conformação do acervo museológico a partir da relação entre patrimônio imaterial e novas tecnologias da comunicação. Por sua vez, o Museu do Amanhã, do arquiteto Santiago Calatrava, é um museu de ciências que busca refletir sobre o futuro através do uso de novas tecnologias da comunicação, com ênfase no uso da museografia interativa para a apresentação e criação de acervos digitais. Do ponto de vista metodológico, para investigar a concepção de ambos os museus, utilizaram-se as seguintes fontes documentais: website, plano museológico, artigos em periódicos publicados sobre os temas e entrevistas com profissionais que desenvolveram os projetos. Por outro lado, para compreender a recepção dos casos pelo público, optou-se por mapear os fluxos de visitação a partir da metodologia de pesquisa conhecida como “tracking and timing”, além da execução de entrevistas não dirigidas com os visitantes do museu. A partir da análise proposta, pretende-se aprofundar o entendimento sobre a consolidação do campo da museografia interativa no Brasil, verificando suas implicações para o projeto de arquitetura de museus ao avaliar como se configura a relação entre acervos digitais, museografia interativa e arquitetura de museus. Busca-se refletir, desta maneira, em que medida as relações estabelecidas entre interatividade e arquitetura de museus oferecem novas possibilidades de democratização e inclusão social no espaço museal.

Palavras-chave: Interatividade; Arquitetura de museus; Design de exposições.

GT 8 - MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS

MESA 2

Coord: Alexandre Oliveira Gomes; Eliete Pereira.

9h Jurema-Catimbó: Estratégias de Salvaguarda da Memória indígena e Resistência ao Colonialismo

Rebeca Santos de Andrade (UFRB-CAHL); Anna Luisa Santos de Oliveira (UFBA)

Resumo: A presente pesquisa tem como objeto de estudo a religiosidade indígena na contemporaneidade como dispositivo de salvaguarda da memória e resistência ao colonialismo e se propõe metodologicamente a uma análise reflexiva a este respeito. Tendo como foco a prática da Jurema, religião de matriz afro-indígena presente em parte do norte e nordeste brasileiro, analisamos as relações de poder e repressão no que tange a construção da identidade brasileira. Refletimos ainda sobre a produção de conhecimento científico e sua relação com o racismo presente de modo institucional e cotidiano. Propomos uma análise qualitativa que gera o raciocínio epistêmico a partir da perspectiva decolonial para o campo de estudos da museologia

e sua confluência com a sociedade. Organizado em três sessões, primeiramente falamos sobre a colonialidade do poder e as formas com que ela influenciou na construção do imaginário e da identidade cultural, trazendo a religião como reconhecimento de diversidade. Para em seguida abordarmos os registros de memória e os discursos representados por ela e adiante tratamos sobre os processos de repressão sofridos pelos grupos religiosos indígenas e suas estratégias de resgate de memória e resistência frente a essas questões. Para analisar a história de prática da Jurema, precisamos fazer essa conexão com o pensamento colonial e moderno que a colocou num espaço subalterno. Na América conquistada, em meados do século XVIII as práticas religiosas que fugissem do catolicismo e do cristianismo passaram a ser resumidas a feitiçaria, xamanismo, a culto africano, idolatria e por isso condenados socialmente. Homogeneizando as culturas e acarretando a transformação de aspectos da religiosidade indígena, que incorporou significados e elementos do candomblé de caboclo, do catolicismo e do espiritismo. A Jurema, assim como o Toré remontam lugares de memória e afirmação de sua identidade suprimida pelo colonialismo. As memórias constituem o reconhecimento de uma sociedade, e neste ponto, tornam-se instrumentos fundamentais da construção identitária. Utilizamos como principais aportes teóricos-metodológicos os estudos de identidade, territorialidade e religiosidade indígena em confluência com os estudos no campo da museologia entendendo-a como área de investigação entre a humanidade e suas relações sociais.

Palavras-chave: Memória; Resistência; Jurema; Decolonialidade.

9h20 O livro de autoria indígena como espaço expositivo: o caso da “Coleção Autoria Indígena”

Rayza Mucunã Paiva (USP)

Resumo: Entre 1983 e 2008, a Comissão Pró-Índio do Acre (organização da sociedade civil dedicada à defesa dos direitos indígenas na Amazônia brasileira) realizou uma série de cursos, com o objetivo de formar professores indígenas das etnias que habitam as cabeceiras dos rios do Acre. A proposta didática dos cursos situou os professores em formação como protagonistas na concepção tanto do currículo escolar a ser adotado nas escolas quanto do processo editorial colaborativo para produção de material didático de autoria indígena. Cerca de 80 publicações foram produzidas, entre cartilhas de alfabetização e pós-alfabetização (em português e nas correspondentes línguas indígenas); narrativas míticas e de cantos; livros de história e de geografia; registros sobre a cultura tradicional. O conjunto de publicações compõe a “Coleção Autoria Indígena”. Inserindo-se nesse contexto, a presente pesquisa tem o propósito de investigar os livros da Coleção enquanto espaços gráficos expositivos, capazes de agrupar, apresentar e tecer novas relações entre aos variados aspectos culturais das etnias indígena do estado. Intenciona-se reconhecer o livro de autoria indígena enquanto tecnologia de informação verbal e visual, que, ao ser apropriada pelas culturas indígenas, torna-se capaz de criar hibridismos culturais, tecendo novas relações entre a memória coletiva das comunidades e os processos de afirmação identitária – especialmente relevantes no contexto histórico de apagamento cultural sofrido pelas etnias durante o contato com o universo do branco. Para tanto, primeiramente, discorre-se a constituição do livro enquanto artefato fruto de uma cultura material e projetual, e capaz de, por um lado, fornecer ricas fontes de informações sobre uma sociedade e suas dinâmicas sociais e, por outro, comportar-se como agente de condicionamento, sustentação e transformação de práticas sociais e culturais. Em seguida, aborda-se as similaridades e reflexões advindas da museologia, ao se comparar os métodos editoriais aplicados pela CPI-AC com iniciativas museológicas que promovem a colaboração e o protagonismo indígena. A composição visual dos livros é analisada, com o objetivo de determinar como os métodos editoriais aplicados

são representados pelos elementos gráficos e visuais expostos. Desta forma, será possível compreender pontos de contato entre os métodos museológicos e a configuração dos livros como espaços expositivos. O método adotado associa o levantamento de dados primários (sobre as características gráficas dos impressos e dos processos editoriais utilizados) à revisão conceitual necessária para posicionar o livro enquanto um espaço expositivo e educativo, que contribui ativamente para o compartilhamento, resgate e manutenção de culturas, memórias e histórias das etnias que habitam o estado.

Palavras-chave: Autoria indígena; métodos museológicos; processos editoriais; protagonismo indígena; Comissão Pró-Índio do Acre.

9h40 Museologia colaborativa e povos indígenas - os desafios do contemporâneo em museus

Adriana Russi (UFF); Marília Xavier Cury (USP)

Resumo: As reflexões sobre as relações contemporâneas entre museus e processos de descolonização revelam novas formas de representação, reapropriação e ressignificação de objetos e coleções, como direitos indígenas à ancestralidade. Acima de tudo, elas apontam para o patrimônio numa perspectiva polifônica, em que museus e os povos indígenas procuram se articular a partir de diferentes concepções e percursos, numa perspectiva intercultural. Esse fazer museal “com os outros” decorre por um lado de uma reviravolta teórico-epistemológica na confluência entre os campos da antropologia e da museologia na pós-modernidade. Tais processos resultam também da pressão dos movimentos sociais, iniciada a partir da segunda metade do século XX. Em várias partes do mundo, os povos indígenas têm protagonismo em projetos de revitalização cultural que se revestem de caráter político na defesa de seus direitos. No Brasil, há 240 povos indígenas. Inúmeros destes povos se preocupam com a revalorização de suas culturas e a aproximação com os museus e coleções tem revelado diferentes experiências. Afinal, se a pergunta sobre como ressignificar as coleções etnográficas é ainda atual, como efetivamente envolver esses “outros” como protagonistas em processos que rompam com o colonialismo e busque um equilíbrio de poder dentro do museu? Na comunicação apresentamos duas experiências relacionadas a processos museais compartilhados: a oficina de canoa com do povo Katxuyana e relação de um grupo Kaingang com a cidade gerada com a “pacificação” indígena. Os Katxuyana, ameríndios Karib, somam cerca de 380 pessoas que vivem no norte do país (PA). Seu território, demarcado em 2018, atualmente está ameaçado pela proposta de uma usina hidrelétrica qual?. Valorizar sua própria cultura é estratégia política entre os Katxuyana. Aqui relatamos como objetos musealizados foram apropriados pela educação indígena para fins de revitalização de uma tradição – a confecção de canoas – a partir da experiência da etnoeducação entre os Katxuyana. Os Kaingang estão no sudeste e sul do Brasil. Em São Paulo sofreram a violência da “pacificação” para a colonização do oeste do estado. Entre genocídio e etnocídio estão a cidade fruto da colonização e o museu como lugar de resistência cultural. Queremos discutir o papel do museu e do processo colaborativo para que a instituição cumpra seu papel contemporâneo nos acordos legítimos que sustentam os processos democráticos.

Palavras-chave: Patrimônio indígena; Direitos humanos; Museologia colaborativa. Povos indígenas; Ética.

GT 9 - MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

MESA 4

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho.

9h Museologia Social e Direitos Humanos no Museu Afro-Brasileiro em Salvador – BA, 2019

Anaylton de Jesus de Lima (UFBA); Cecilia Conceição Soares (UFBA)

Resumo: A sociomuseologia, norteadora do fazer museológico no contexto contemporâneo nas sociedades ocidentais, contempla uma série de ações de natureza inclusiva dos sujeitos na atualidade. Os princípios dos Direitos Humanos declarados pela ONU apresentam subsídios normativos para a busca da cidadania entre os povos e uma sociedade mais justa e democrática. Fica assegurado aos indivíduos invocar os direitos e as liberdades proclamados na Declaração Universal sem distinção de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou quaisquer que sejam as diferenciações entre os indivíduos. Na interface com a Declaração dos Direitos Humanos, nos inquieta no âmbito da cultura e mais especificamente nos espaços dos museus, os sujeitos que acessam a cultura na Bahia, e o lugar das chamadas minorias sociais nesse processo. Escolhemos para análise neste trabalho, o museu Afro-brasileiro (MAFRO) da Universidade Federal da Bahia, localizado em Salvador. Trata-se de um espaço de exposição, pesquisa e discussão da cultura material e imaterial africana e afro-brasileira. Apesar da temática do museu se constituir de artefatos da memória afro-brasileira, o público que absorve esse conteúdo não está presente nesse espaço, considerando o volume da população autodeclarada negra em Salvador. Entende-se que fatores históricos foram cruciais para uma menor aderência desses indivíduos aos espaços de cultura no Brasil, no entanto, a museologia social, que vem buscando mudanças estruturantes no campo da museologia, pode ser uma das alternativas para transformação do perfil que visita este museu. O MAFRO é reconhecido pelo importante trabalho de promoção da cultura negra na Bahia e de artistas negros baianos com trabalhos que valorizam a cultura afro-brasileira. No entanto, há uma reificação que conforma-se com o público visitante do museu, em sua grande maioria turistas, professores universitários, estudantes de classe média ou alta, desconsiderando a ausência do público afro, menos favorecido. Este trabalho se propõe a realizar uma pesquisa de público apontando o perfil do visitante deste museu num determinado período do ano e a partir disso identificar ações garantidas pela Declaração dos Direitos Humanos paralelas a museologia social em prol da mudança do cenário estabelecido. Desse modo, o trabalho irá refletir sobre o público que consome as ações promovidas por este museu e daí identificar o quanto a sociomuseologia poderá se fazer atuante num museu universitário baiano.

Palavras-chave: Sociomuseologia; Direitos humanos; MAFRO.

9h20 O Museu de Memória Viva dos Quilombos do Tereré e Maragojipinho na Ilha de Itaparica-BA

Clara Landim Fritoli (ARCO/PR);

Anatelson Conceição das Neves (Associação de Arte e Cultura Quilombo do Tereré)

Resumo: Os quilombos do Tereré e Maragojipinho são um sítio histórico, lugar de resistência negra, onde a população se formou a partir de famílias vindas do Recôncavo Baiano que se instalaram na Ilha de Itaparica-BA em torno de uma bica de fonte natural - Fonte do Tereré. Após longo período de pesquisa o território foi reconhecido e certificado pela Fundação

Palmares como Comunidade Remanescente Quilombola em 2016. A partir desse processo de pesquisa e certificação, em parceria com o Instituto de Design e apoio do Fundo de Cultura do Estado da Bahia, nasceu o Museu de Memória Viva dos Quilombos do Tereré e Maragojipinho. O Museu, abrigado na sede do Quilombo, foi inaugurado em 2017 com a exposição “A Pele nos Muros”, retratando os saberes e fazeres dos moradores da comunidade como a Parteira, a Lavadeira, a Rezadeira e a Tocadora de Prato e Faca e Sambadeira Dona Aurinda, recentemente reconhecida e premiada como Mestre da Cultura Popular Brasileira pelo Ministério da Cultura no Edital de Seleção Pública – Culturas Populares Edição Selma do Coco-2018. Além de espaço de memória, o Museu é espaço de convivência e de transmissão de conhecimentos e tem facilitado o convívio dos mestres com os mais jovens, ampliando o fortalecimento da tradição oral, da memória social e coletiva, a partir do protagonismo da comunidade, suas origens, histórias e valores. O espaço oferece aulas de inglês, capoeira, samba de roda e outras expressões de arte e cultura tradicional, de matriz africana, o que tem atraído público diversificado: crianças, adolescentes, adultos, moradores da Ilha de Itaparica, de Salvador e estrangeiros. O entorno do Museu possui ainda significativa área preservada de mata nativa, além do Terreiro do Silêncio e a Casa de Farinha, que beneficia a mandioca produzida nas roças cultivadas pela comunidade.

Palavras-chave: Memória; Patrimônio; Imaterial; Cultura; Popular.

.....

9h40 Bloco Afro Odomode no Vinte de Novembro: celebração e resistência negra nas ruas de Porto Alegre, RS

Natália Souza Silva (Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode)

Resumo: ao adentrar a história do Instituto Sociocultural Afro-Sul Odomode emerge uma tradição de carnaval que perdura por mais de 40 anos. Desde o fim das atividades da Escola Garotos da Orgia o Grupo Afro-Sul de música e dança manteve sua herança carnavalesca através do Bloco Afro Odomode. Criado em 1999, o Bloco saiu às ruas de Porto Alegre por 16 anos, no entanto, a sua saída no ano de 2016 foi embargada pela administração municipal, ano em que o carnaval sofreu diversas restrições impostas pelo poder público. Diante disso, esta pesquisa buscou investigar a trajetória do Bloco Afro Odomode e destacar a importância da ocupação das ruas na data de 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, compreendendo o Bloco como uma manifestação cultural integrante do patrimônio cultural negro da cidade. Este trabalho insere-se no campo da Sociomuseologia ampliando a noção de espaço museal e patrimônio cultural. Nesse sentido foram utilizadas como metodologia da pesquisa observação participante e entrevista semiestruturada, visando a valorização das narrativas orais trazidas pelos de saberes, Iara Deodoro e Paulo Romeu.

Palavras-chave: Afro-Sul Odomode; Carnaval; Consciência Negra.

GT 10 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES

MESA 3

Coord: Vânia Dolores Estevam de Oliveira; Ricardo Gomes Lima; Elizabete de Castro Mendonça.

9h A Casa da Memória da Rede Fitovida: estratégias de salvaguarda de grupos comunitários de saúde

Lucieni Menezes Simão (Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ)

Resumo: A Associação de Amigos da Rede Fitovida foi fundada em 2008 e é o resultado de um processo de formação em rede entre grupos comunitários de saúde desde 2000, e busca, há mais de dez anos, o Registro de suas práticas enquanto Patrimônio Imaterial junto ao IPHAN. Em 2004, alguns integrantes desta Rede tiveram acesso ao Decreto 3.551/2000, que institui o Registro do Patrimônio Imaterial. Após algumas reuniões com integrantes do IPHAN, uma comissão da Rede assinou um Termo de Cooperação para produzirem o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) da Rede Fitovida, que se encontra em etapa de conclusão. Esta é a única experiência de autoinventariamento, ou seja, de levantamento, identificação e documentação de práticas culturais feita exclusivamente pelos detentores, até o presente momento. Com o objetivo de acessar políticas públicas por meio de editais, a Rede Fitovida passou a se constituir em uma associação sem fins lucrativos, a Associação de Amigos da Rede Fitovida, com CNPJ, sede própria, diretoria, conselho fiscal e toda a estrutura institucional de uma organização não governamental. Com isso, conquistou financiamento para um novo projeto: a Casa de Memória da Rede Fitovida, um ponto estadual de cultura, aprovado a partir de um edital da Secretaria Estadual de Cultura e inaugurada em março de 2011, no município de Belford Roxo. A Casa de Memória da Rede Fitovida é um centro de referência para os grupos comunitários de saúde articularem ações de salvaguarda sobre seus conhecimentos e práticas relacionados ao uso das plantas medicinais. A Casa de Memória, portanto, é a materialização de uma longa trajetória de articulação desses grupos na busca de reconhecimento dos saberes sobre usos terapêuticos de plantas medicinais como um Patrimônio Cultural Imaterial. Desde sua inauguração, em 2011, foram realizadas oficinas de remédios caseiros, artesanato em jornal, curso de audiovisual para os jovens, em parceria com a Secretaria Estadual de Cultura, feira da Cultura na Semana do Meio Ambiente, com oficinas e exposições. Em 2012, com o recurso advindo do Prêmio Ponto de Memória, foram realizadas atividades no espaço da casa da memória, como a realização da Feira da Cultura, com oficinas de remédios caseiros, debates e exposições de artesanato. Houve apresentação de bandas, hip hop, capoeira e da ala das baianas da Escola de Samba Inocentes de Belford Roxo. Entre os anos de 2013 a 2018 foram realizadas oficinas de remédios caseiros, de doces caseiros, além de organizadas outras edições da Feira de Cultura e Saúde na Semana do Meio Ambiente. Em todos os ambientes da casa da memória estão afixadas nas paredes fotos das referências culturais, que fazem parte da exposição permanente do acervo do inventário da Rede. Este trabalho busca analisar as atividades desenvolvidas neste espaço, buscando refletir e problematizar a constituição de seu acervo e seus modos de exibição.

Palavras-chave: Casa da Memória; Patrimônio Imaterial; Salvaguarda; Comunidade; Saúde.

9h20 Tramas da memória: O artesanato em lã como patrimônio do Rio Grande do Sul

Letícia de Cássia Costa Oliveira (UFRGS); Ana Maria Dalla Zen (UFRGS)

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar a contribuição do artesanato feminino produzido com lã natural como patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul. A pesquisa inclui uma imersão quanto ao percurso dessa atividade ao longo da história do Rio Grande do Sul e quanto ao papel que exerceu na construção da memória da mulher gaúcha. Além disso, o trabalho focaliza a trajetória do artesanato a partir de sua transmissão de geração em geração, sua inserção no contexto econômico, social e cultural da região, até tornar-se elemento de seu patrimônio cultural. A fundamentação teórica baseia-se nos estudos sobre culturas tradicionais e populares como espaços da gênese do artesanato. Logo, o campo da Museologia Social está sendo utilizado como o lugar possível para análise do processo que se constitui na tríade artesanato, mulher e patrimônio, campo de tensão em que se originaria o objeto museológico. Sendo assim, este saber-fazer da lã natural se caracteriza como referencial cultural do patrimônio imaterial regional. Para investigar os processos de transmissão dos conhecimentos resultantes dessas práticas, foi utilizada a metodologia da Cartografia Pós-estruturalista, na perspectiva de Deleuze e Guatarri, que permitiu construir, nesta pesquisa, um mapa inacabado do artesanato em lã, por meio do registro do percurso investigativo em um diário de campo e da realização de entrevistas. E, por meio dele, buscou-se compreender as relações que se estabelecem a partir da prática do artesanato, o que permitiu trazer à luz questões sobre a identidade, a memória social e a cidadania feminina. Os dados empíricos foram coletados durante a 35ª Feovelha, realizada em janeiro de 2019, em Pinheiro Machado, RS, com artesãs do meio rural, com idades que variam entre 20 e 70 anos, as quais trabalham somente com a lã natural produzida em suas propriedades. Os primeiros resultados permitem considerar que a produção de lã, em contextos específicos, se constitui como referência cultural para a comunidade. Assim, é possível concluir que as práticas de artesanato com lã se fortaleceram em consequência da reconfiguração do tempo e do espaço femininos na atualidade, considerando a transformação da mulher como base do sustento econômico e da integração das famílias. Portanto, para a patrimonialização desses saberes e fazeres, é necessário ponderar sobre os novos papéis e espaços da figura feminina nas esferas cultural, social, política e econômica da sociedade gaúcha contemporânea.

Palavras-chave: Museologia Social; Artesanato Feminino; Patrimônio Cultural Imaterial; Cultura Popular

9h40 As Memórias – Performances nas Cantigas de Trabalho dos Idosos do Museu Idosos do Brasil no Cenário Urbano

Janice Almeida Matteucci (UFG).

Resumo: Este artigo compõe parte da pesquisa do objeto de estudo do meu mestrado, cujo tema trabalhado, será voltado, para cantigas de trabalho do Grupo de Fiandeiras do Museu da Associação dos Idosos do Brasil, na cidade de Goiânia. Suas apresentações nos diversos espaços urbanos da cidade, a interação das pessoas que por ali trafegam e interagem com o grupo, ora cantando, ora lembrando, ora relembando que alguém cantava assim. Este alguém, muitas vezes está representado nos avós, nos pais, nos parentes mais próximos, em um filme, em uma apresentação de teatro ou mesmo na própria pessoa que assiste ao espetáculo. São memórias que o tempo tem encarregado de deixar no esquecimento, esquecimento este, que a atual sociedade contemporânea parece não querer lembrar. Sociedade onde tudo é efêmero, descartável, fora de moda. As Cantigas de trabalho, que em sua maioria são aprendidas

oralmente e transmitidas entre gerações, tem suas origens imprecisas, pois cada grupo ou pessoa, cada vez que entoa a canção pode fazer alterações ou improvisos, acrescentando algo mais. Melodias que são interpretadas por grupos tradicionais em diferentes formas de trabalhar e cantar, geralmente estão relacionadas ao labor, como estratégia de suavizar a dor, o cansaço, a alegria do dever cumprido, ou mesmo composições que contenham, em suas estrofes, histórias de resistência e de exploração do trabalho. As cantigas de trabalho na atualidade, podem estar relacionadas com as novas tecnologias, também como formas de amenizar o labor, presentes nos escritórios nos fones de ouvido e nas viagens de negócios. Novas performances nas cantigas de trabalho? Porque não? Afinal o tempo passa e as memórias persistem, com características e formas diferentes de apresentação.

Palavras-chave: Performances Urbanas; Cantigas de Trabalho; Grupo de Fiandeiras.

GT 11 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

MESA 4

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho.

9h Memórias de uma embarcação e dois museus: a Jangada José Lima Verde e sua trajetória museal (1972-2019)

Henrique de Vasconcelos Cruz (MHNE/ FUNDAJ);

Marília Bivar Leobaldo de Moraes (MHNE/ FUNDAJ);

Isabel de Andrade Bezerra Menezes (MHNE/ FUNDAJ)

Resumo: No dia 16 de julho de 1972, cinco cearenses partiram de Fortaleza, à bordo da Jangada José Lima Verde, em direção à Ilha Bela, São Paulo. Era plena ditadura militar, os destemidos José Eremilson Severiano Silva e José Maria da Silva, ambos pescadores, junto com os três escoteiros-do-mar Edmilson Sales Silva, Benedito Lopes de Sousa e Aristófanos Bilac de Carvalho, tinham como objetivo oferecer a jangada ao Presidente Emílio Garrastazu Médici, em homenagem ao sesquicentenário da independência do Brasil. Este era, ao menos, o pretexto para a viagem, uma vez que para os jangadeiros o que ela realmente representava era a esperança de melhores condições de vida. Eles queriam atrair a atenção de Médici para as dificuldades enfrentadas pelos de seu ramo e conseguir que pescadores tivessem o mesmo direito à aposentadoria que trabalhadores normais, além de trazer um destaque nacional ao Ceará. Após esta viagem, a jangada foi doada pelo Presidente Médici ao Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Em 1984, a embarcação foi requisitada pelo Museu do Homem do Nordeste, no Recife, sendo exposto em lugar de destaque, na entrada da instituição. O presente artigo tem o objetivo de traçar a biografia da Jangada José Lima Verde, partindo dos preceitos apresentados por Maria Margaret Lopes (2008), a partir das fases estabelecidas por Samuel Alberti. Acreditamos tomando como objeto de estudo a embarcação, podemos tratar da história e memória institucional dos dois museus ao qual pertenceu, Museu Histórico Nacional e Museu do Homem do Nordeste. A pesquisa se fundamentou em documentação manuscrita e iconográfica pertencente as duas instituições. O artigo foi também pensado como uma contribuição aos estudos realizados no âmbito das comemorações dos 40 anos de criação do Museu do Homem do Nordeste (1979-2019).

Palavras-chave: História dos Museus; Biografia dos objetos; Jangada José Lima Verde; Museu Histórico Nacional; Museu do Homem do Nordeste.

9h20 A coluna Pesquisa (Gazeta do Sul) na formação do acervo do Museu do Colégio Mauá

Lourdes Maria Agnes (UFRGS); Marlise Maria Giovanaz (UFRGS)

Resumo: Trabalho executado para realizar uma análise sobre a forma de como se constituiu a relação da comunidade santa-cruzeense na formação do acervo do Museu do Colégio Mauá, a partir da coluna Pesquisa, publicada semanalmente pelo professor e diretor deste Museu, professor Hardy Martin, no jornal Gazeta do Sul. A pesquisa teve como finalidade compreender como se deu a formação do acervo deste Museu, que é o museu da cidade Santa Cruz do Sul (Rio Grande do Sul/ Brasil), sendo que para tal, os objetivos foram: mapear os processos de incorporação do acervo relativo aos doadores e objetos doados; identificar qual era a participação comunitária destes doadores; e analisar o protagonismo do professor Hardy Martin - idealizador e primeiro diretor da instituição - na sensibilização da comunidade, para o fortalecimento do Museu. Foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, descritivo e qualitativo. Após a coleta, os dados foram organizados para análise de conteúdo identificando a tipologia dos objetos e seus doadores. O período analisado foi de 1987 até 1996, compreendendo desde a criação da coluna Pesquisa até o ano de falecimento do professor Hardy Martin. O Museu do Colégio Mauá foi aberto ao público em 1966, como um espaço cultural para dar visibilidade à história e cultura local nos festejos da primeira Festa Nacional do Fumo. A origem de seu acervo, como na grande maioria dos museus de cidade, tem sua formação com as doações da comunidade. O professor Hardy Martin colaborou com artigos no jornal Gazeta do Sul desde 1969, sendo que a partir de outubro de 1987 estes passaram a ser identificados em uma coluna intitulada Pesquisa. O conteúdo destas - aproximadamente 400 colunas no período analisado - apresentou uma alternância entre a listagem dos objetos doados (tridimensionais, fotografias e documentos) e seus respectivos doadores, onde alguns dos objetos foram geradores de pesquisas mais aprofundadas e, posteriormente, publicadas na mesma coluna. Foi identificada a construção de uma relação entre os doadores e o Museu, pois alguns destes apresentaram uma maior frequência em realizar doações. A postura do professor Hardy Martin em divulgar as doações, as pesquisas e as novidades no percurso expositivo evidenciou a importância da coluna como meio de comunicação do Museu, na qual identifica-se o engajamento da comunidade com a instituição. Observou-se que esse processo estimulou doações contínuas, constituindo, assim, essa instituição museal.

Palavras-chave: Coleções; Formação de Acervos; Museu de Cidade; Museu do Colégio Mauá; Gazeta do Sul.

.....

9h40 Museus e o patrimônio histórico maçônico: trajetória da preservação no Brasil

Raniel da Conceição Fernandes (UnB)

Resumo: O patrimônio histórico maçônico tem sido constituído ao longo dos 200 anos de existência da Ordem em terras brasileiras. Diversas coleções estão abrigadas em instituições museais, representando a história da instituição, das suas repartições – lojas maçônicas, da simbologia e ritualística, bem como dos personagens destacados na história geral que fizeram parte da organização, como imperadores, presidentes, filósofos, políticos e estadistas. Não obstante, poucos são os trabalhos acadêmicos contemporâneos que pesquisam a temática da preservação do patrimônio cultural da maçonaria. Assim, há carência de estudos que busquem compreender as ações de preservação do patrimônio histórico maçônico, bem como a constituição dos acervos, a salvaguarda dos documentos e o armazenamento e divulgação das informações por essas instituições, estes produzidos e coletados ao longo da existência das

lojas maçônicas e das instituições gestoras. De modo geral, há no mundo diversas instituições museais que foram criadas com o propósito de salvaguardar acervos relacionados à instituição, tais como o Museu do Grande Oriente da França e o Memorial Maçônico George Washington, nos Estados Unidos. Tais museus preservam variados elementos da cultura material maçônica que datam do século XIV até a contemporaneidade. No Brasil, os acervos maçônicos estão preservados e espalhados em museus generalistas como o Museu Histórico Nacional e o Museu do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, além das instituições vinculadas a organizações maçônicas, como o Museu Maçônico do Palácio do Lavrado e o Museu José Bonifácio, vinculado ao Grande Oriente de São Paulo. Tais instituições museais, assim, podem ser entendidas como espaços de memória, constituintes da identidade do grupo e preservacionistas do patrimônio histórico e tradições maçônicas. O presente trabalho objetiva, portanto, apresentar a história e os acervos das instituições criadas no Brasil com a missão de preservar coleções relacionadas à maçonaria. Desse modo, por meio de uma revisão de literatura sobre o tema, análise de documento das instituições e pesquisas em sítios eletrônicos serão descritas as instituições que preservam acervos maçônicos, sua história e suas coleções.

Palavras-chave: Museu maçônico; Acervos; Maçonaria.

GT 12 - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA

MESA 3

Coord: Alexandro Silva de Jesus; Bruno Brulon Soares; Daniel de Souza Leão Vieira.

9h Museu Integral, Museu Integrado: a especificidade latino-americana da Mesa de Santiago do Chile

Luciana Christina Cruz e Souza (UFG)

Resumo: A Mesa Redonda de Santiago do Chile não se revela um tema simples a ser explorado, considerando a carência de documentos, a conjuntura política da região na ocasião de sua realização - golpes de Estado, supressão de direitos civis, além das conformações geopolíticas da Guerra Fria que influenciavam países latino-americanos na década de 1970 - e a trajetória histórica de determinados indivíduos como Paulo Freire e suas experiências políticas e profissionais. O contexto e as discussões realizadas no evento também situaram-no no debate sobre desenvolvimento sócio-econômico na América Latina, contribuindo para reflexões sobre o papel dos museus nesse processo, e sobre uma organização geopolítica internacional nas narrativas sobre o nacional-desenvolvimentismo como estratégia de inserção na Modernidade. Todos esses elementos parecem conferir ao evento características políticas, econômicas e culturais singulares, possibilitando sua interpretação sob um amplo escopo de abordagens teórico-metodológicas distintas. Nessa seara, é possível pensar o caráter inovador dos debates estabelecidos na ocasião sobre o papel do museu em seus limites e potências: um museu que rompesse certas barreiras discursivas ou mesmo institucionais, numa realidade histórica marcada pela violência colonial, seria original e extraordinário do ponto de vista político e simbólico. Um museu que compreendesse o seu território numa perspectiva integradora também proporia uma nova ordem epistêmica: a do conhecimento integrado, subjetivado e em processo de desvios ou esgarçamentos possíveis com as estruturas de saber e poder conformadas à colonialidade. O Museu Integral, nesse sentido, se apresentaria como potência de transformação, ainda que evocado, muitas vezes, a partir do termo Museu Integrado. Contudo, o sentido do termo Integral

pode ser percebido como algo em disputa. Ao longo do evento os termos Integral e Integrado se misturam e se confundem nas falas, resoluções e recomendações, e muitas vezes aparecem utilizados no propósito de referendar a ideia de um modelo tradicional-ortodoxo de museu numa agenda de inserção dos países latino-americanos ao projeto de Modernidade pela via do “desenvolvimento”. Ainda que não fosse o foco do evento discutir a cadeia operatória museal ou mesmo subversões possíveis aos convencionais processos de musealização, algumas referências de ideias que orbitaram em torno de Integral e Integrado nos debates da Mesa contribuíram para esgarçamentos reflexivos acerca do papel político dos museus tradicionais nas realidades de uma região marcada pela colonização. Desse conjunto de ideias que atravessaram a reunião de Santiago, sem dúvida as reflexões e a práxis de Paulo Freire sugerem um possível devir do Museu Integral. Ainda que o educador não tenha comparecido ao evento, suas provocações sugerem apropriações possíveis do museu no sistema-mundo-moderno-colonial, transformando-o em ferramenta de resistência à própria colonialidade ao invés de dispositivo de reificação de uma agenda de “progresso”.

Palavras-chave: América-Latina; Museu Integral; Colonialidade; Desenvolvimento.

9h20 Do Feitiço Museológico ao Museu Queer

Samarone Nunes (UFG)

Resumo: Esse texto coloca alguns temas que são potentes para o estudo de questões convergentes ao campo museal tais como: fetiche da instituição museu, conceito de interseccionalidade/consubstancialidade e a conversão necessária do cismuseu em queermuseu como tática para fazer frente à guerra cultural em curso no país. Proponho uma separação estratégica, embora provisória, entre museu antigo - museion, museu colonial (gabinete de estudo) e museu na contemporaneidade, por entender que cada categoria engendra a outra, mas principalmente, assinalam uma mentalidade específica para solucionar a relação do público com um patrimônio em uso pretendido de conformação do outro em um esquema anglo-eurocentrado. A compreensão do esquema se deve a vivência entre 2017 e 2018 no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás – MA/UFG do qual decorre a pesquisa sobre o discurso expositivo Homo (queerremixed) (2007) e resulta na dissertação em Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás – PPGAS/UFG. Daí reverbera nossa questão central: qual a possibilidade de uma instituição museológica permitir a representação de grupos desviantes em sua vitrine em virtude da exposição Homo (queerremixed) (2007)? Teóricos queer angariou notoriedade pelo contraponto crítico dado aos estudos sociológicos quando trata de minorias sexuais e à política identitária dos movimentos sociais. Intelectuais negras darão suporte às reflexões contidas aqui. Nessa esteira, a performagemqueer na intimidade da instituição museológica tenciona o papel normatizador do museu tal qual conhecemos. A categoria queer se constitui também, na ação de desafiar a norma, o que equivale dizer, a presença ativa da categoria queer explicita o contraditório, o subversivo e por isso, a queerness vem a ser objeto de expurgos pelo museu colonial do qual o museu contemporâneo é fruto. Os processos de patrimonialização – legado, herança e patrimônio; acervo, documentação, salvaguarda e comunicação, âncoras para a simulação de representações anglo-eurocentrada, surgem assim, como incompatíveis com os aspectos elegíveis a serem “transmitidos às gerações futuras” por serem fundados sob o queer. Então a queerness explicita a aversão do museu ao particular, ao íntimo, ao privado, ao cotidiano e ao ordinário. Dando preferência, o museu, ao universal (eurocentrado, heteronormatizado) e Público. Por isso, o silenciamento e censura.

Palavras-chave: Queermuseu; Representação; MA-UFG; Colonialidades; Queer.

9h40 Musealização é coisa de índio: reflexões sobre objetos e sujeitos na cadeia museológica do Museu do Índio do Rio de Janeiro

Leandro Guedes Nóbrega de Moraes (UniRio); Bruno César Brulon Soares (UniRio)

Resumo: O trabalho é fruto da reflexão teórica sobre a relação entre museu e processos de musealização em uma perspectiva contemporânea, tendo como estudo de caso o Museu do Índio do Rio de Janeiro, fundado em 1953 e atualmente vinculado à Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Para tal, nossa argumentação deverá centrar-se na análise crítica de uma museologia que, ao se pretender decolonial, passa a envolver a participação de indígenas, notadamente nos projetos de pesquisa e exposições do museu iniciados a partir de 2001 com o sistema de “parcerias” entre especialistas ou instituições que trabalham diretamente com povos indígenas específicos. Tais atividades tiveram como propósito envolver os indígenas nos processos da cadeia de musealização, esta última entendida no presente texto de acordo com o modelo teórico proposto por Zbynek Z. Stránský, compreendendo as etapas de “seleção”, “tesaurização” e “apresentação”. Propomos, assim, avaliar os critérios que regem a cadeia museológica dos grupos étnicos mobilizados nas ações do Museu do Índio, compreendendo nas práticas institucionais como diferentes pontos de vista culturais foram interpretados e transmitidos. A adoção desta metodologia de “parcerias”, afeta sensivelmente a cadeia museológica. Com esta nova prática, novos conhecimentos foram produzidos e alguns procedimentos transformados. A seleção e aquisição de objetos, por exemplo, deixa de ser mediada por antropólogos como resultado de seus trabalhos de campo ou por meio doações científicas, e passa a ser feita pelo contato direto com os povos indígenas, sem qualquer outra mediação. Inserindo-se em um mercado de objetos indígenas existente, o museu estabelece um novo tipo de relação mercantil com os produtores indígenas. A circulação de objetos, mediada pela compra, assegura aos indígenas a contrapartida monetária sobre a produção – o que também contribui para a nova lógica de preservação, compreendida aqui em seu sentido mais amplo. Neste contexto pretendemos levantar uma argumentação decolonial sobre a episteme que define a museologia como ciência social, sendo a etnomusealização, e sua possível subversão das noções de autoridade museológica e antropológica nos critérios que definem a etapa de musealização e os regimes de valores dos objetos etnográficos, o objeto principal desta análise.

Palavras-chave: Museu do Índio; Museologia; Musealização; Povos indígenas; Zbynek Stránský.

GT 13 - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

MESA 4

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes.

9h Ková e AyvuAejaPave~ Pe - Aqui eu Quero Deixar Minha Palavra: Memória, Patrimônio e Territorialidade indígenas

Maria Amélia de Souza Reis (UniRio); Anna Martha Tuttmann Diegues (UniRio/MAST);
Maria do Rosário Manteigas Pinheiro (Universidade de Coimbra)

Resumo: A necessidade de trazer à tona a história silenciada das comunidades indígenas, particularmente os guarani MBYA, levou-nos a compreender a insuficiência do conhecimento presente nos cursos de formação, principalmente de museólogos e pedagogos em relação ao tema. Reconhecemos que os saberes indígenas e suas culturas plurais e singulares ao se mesclarem perdem e ganham em seus entrelaçamentos, embora saibamos da importância que conferem às suas tradições espirituais e seus símbolos materiais e imateriais (territorialidade, memória e diversos signos culturais). Ao focalizarmos a “retomada” histórica das tradições orais, a importância dada ao bilinguismo e ao território natural, berço de seus antepassados e de sua convivência comunitária, compreendemos tais dimensões como forma de permanência de seu núcleo identitário, daí a preocupação com os processos de subtração que se fazem presentes na contemporaneidade, cada vez mais cruel regida por desapropriações e extermínio. Assim, *Aqui eu quero deixar minha palavra e nossa palavra é a nossa vida que vivemos, rodeada entre riachos, céu limpo e Nhanderu a olhar por todos nós*. Afirmamos de uma identidade e cultura lembrando ainda nas narrativa *que os museus não os representam*. Por entendermos os museus e sua ciência - a museologia, como espaços socioculturais em que se conjugam experiências individuais e coletivas construídas historicamente em meio a um conjunto de valores pleno em negociações, afirmamos a sua imersão educativa na concepção de patrimônio cultural e pessoal, formalmente compreendido, como campo de lutas onde se constroem discursos que selecionam, apropriam e expropriam práticas e objetos. *Lócus* onde a memória como referencia do passado possibilita manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe esta comunidades. Ao nos pautarmos pela indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa destacamos a educação diferenciada e intercultural, o patrimônio e os museus em suas possibilidades de desenvolver uma educação integral, seguindo a práxis metodológica em seus fazeres: (a) formar mediadores e público a partir de situações socioculturais concretas nos museus; (b) compreender as culturas ancestrais e suas relações articuladas às necessidades educativas; (c) entender os museus como espaço de reflexão sobre a importância pedagógica e ética de trazer à vida social o conviver com das origens, memórias e tradições étnico-culturais de modo a desconstruir toda uma história de desqualificações, preconceitos e discriminações; (d) reconhecer a “força” de uma educação integral efetivada pelos museus para além das visitas contemplativas e ações pedagógicas escolarizantes.

Palavras-chave: Museu; Memória; Patrimônio; Território indígena.

9h20 Ação cultural museológica nas escolas: resistência pelos museus experimentais escolares

Marcela Maria Freire Sanches (UniRio/MAST)

Resumo: Estudos vêm sendo realizados no âmbito da Museologia na América Latina com o objetivo delinear a intersecção entre as práticas museológicas e educativas dos patrimônios culturais e escolares. Essa intersecção da comunicação dos patrimônios locais iniciaram pela experiência cubana e mexicana – através da criação dos museus regionais e sua relação dialógica com as escolas através da aprovação da Ley 23. E no México com a teia dos museus escolares organizado pela instituição estatal. No Brasil nos últimos anos através da Política Nacional de Museus, diretrizes foram definidas em prol da comunicação em museus. A investigação prioriza o uso da ação cultural museológica por compreender a possibilidade de ampliação da educação contra hegemônica em museus (escolares, populares, regionais), e espaços de musealização. Especialistas no contexto da América Latina nos lembram que o binômio Museu e Escola foram a arena performática para a construção das identidades nacionais. Mas, e as identidades silenciadas e marginalizadas? A proposta da Ação Cultural Museológica nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro é uma estratégia de resistência a favor da democracia, dos direitos humanos e sociabilização dos patrimônios locais, através das Teias dos Museus Experimentais Escolares. A metodologia construída coletivamente com os professores da Escola Estadual Olavo Bilac, o critério de participação são escolas localizadas em território de vulnerabilidade e a experiência pregressa dos professores articuladores com museus ou movimentos sociais. O desafio constitui-se pela própria precariedade da rede estadual de ensino em que as ausências são práticas constantes - obrigando a reinvenção dos trabalhadores da educação e cultura. O resultado parcial do projeto das “Teias dos Museus Experimentais: o caso do Colégio Olavo” iniciou-se em 2018 no âmbito das atividades do Labmex. No primeiro semestre a participação na Semana de Museus a partir da visita técnica ao Museu e Biblioteca de Astronomia. E no segundo semestre com oficina realizada pelos bolsistas do LABMEX na escola provocando o questionamento sobre a função do patrimônio? E por fim, culminando na visita dos alunos do Museu Experimental a Universidade. O referencial teórico baseia-se na abordagem crítica - e nas narrativas dos patrimônios (in)desejados - da Museologia e Educação.

Palavras-chave: Museologia Experimental; Ação Cultural; Museus Escolares;

.....

9h40 Fórum Ciência e Sociedade Manguinhos 2018: uma experiência museal em território de favela

Alessandro Franco (Fundação Oswaldo Cruz); Clarice Ramiro (Fundação Oswaldo Cruz); Miguel de Oliveira (Fundação Oswaldo Cruz)

Resumo: O Projeto Inovação em Educação e Comunicação para a prevenção da Zika e Doenças Correlatas nos Territórios – carinhosamente apelidado como Projeto Zika - nasce no bojo dos esforços de resposta à Emergência Sanitária da Tríplice Epidemia (Dengue, Zika e Chikungunya) que atingiu o Brasil no ano de 2015. O objetivo deste projeto é desenvolver uma pesquisa-ação para a construção de um modelo de educação ambiental, sanitária e de popularização da ciência. Visa compreender em que circunstâncias as ações de vigilância de base territorial e de promoção da saúde, em particular as de educação, popularização da ciência e de mobilização social, envolvendo escola, comunidade, serviços e instituições de ciência e tecnologia, geram efeitos duráveis de prevenção à Zika e doenças correlatas. O Projeto tem a duração inicial de três anos (2016 – 2019) e pode se estender por mais um ano além deste período. Tem uma metodologia bastante complexa e acontece em quatro territórios, a saber: Maricá (RJ), Paraty (RJ),

Ceilândia (DF) e Manguinhos (RJ). Atualmente, nos encontramos na 5ª de 10 etapas propostas. Nesta realizamos o “Fórum Ciência e Sociedade”, tecnologia educacional e de popularização da ciência elaborada pelo Museu da Vida e pela Fiocruz Brasília. Esta fase do projeto é muito importante para o Museu da Vida no sentido em que fortalece os laços da instituição com o território de Manguinhos. Trabalhamos no Fórum Ciência e Sociedade Manguinhos 2018 com 60 jovens estudantes de duas escolas estaduais situadas em Manguinhos, a saber: C E Compositor Luiz Carlos da Vila e C E Professor Clovis Monteiro. Compreendemos que no decorrer do processo houve uma ampliação da perspectiva sociocultural destes jovens, um acesso a espaços públicos interditos simbolicamente na cidade do Rio de Janeiro, uma reconstrução e ressignificação de sua identidade enquanto indivíduos e sujeitos coletivos, uma oxigenação da rotina escolar, uma potencialização da figura do professor como agente de transformação na vida dos seus educandos e, por fim, uma sinergia entre formação formal e educação não-formal no processo e educação na escola pública.

Palavras-chave: Território; Museu; Favela; Educação.

GT 14 - CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

MESA 2

Coord: Maria das Graças de Souza Teixeira; Joana Angélica Flores Silva;
Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar.

9h Presenças e Silenciamentos nas Representações da Irmandade de Santa Bárbara Virgem no MABS

Fernando Ferreira Aguiar (UFS)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as representações das lideranças femininas da Irmandade de Santa Bárbara Virgem presentes nas narrativas expostas na sala de exposição intitulada “Sala do Nagô” do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS). Os referidos espaços refletem as relações existentes entre presenças e silenciamentos como mecanismos de comunicação expográfica ou estratégia institucional de apenas registrar a presença de um segmento afro-religioso local, sem possibilitar narrativas de empoderamento das memórias históricas da presença e participação feminina na formação e na continuidade dessa irmandade centenária, fundada por africanos libertos e que teve, no início do século XX, mais precisamente no ano de 1911, a substituição das lideranças masculinas fundadoras pelo comando feminino das “lôxas”. Todavia, desde a sua fundação, a presença de africanas libertas exercendo atividades na irmandade fora constante, a exemplo de Tá Joaquina Maria da Costa (posterior fundadora do Terreiro Filhos de Obá), Takedé, Caetana, Lucinda (Iya Iná – pela África), Lucrecia, Luiza, Ignácia, Sá Chica, Calu. Os silêncios dessas narrativas na concepção expográfica acaba por apenas a registrar sem informar, através de imagens fotográficas, de forma factual, pontual, as existências das três líderes femininas da irmandade ao longo do século passado e início desse. Refletir esses silenciamentos, na proposta desse artigo, trata-se antes de tudo, de uma forma de reparação como condição não só de empoderamento feminino, mas também, numa perspectiva decolonial no campo museológico, pensar as memórias dessas mulheres africanas e suas descendentes, suas subjetividades na construção e continuidade de suas tradições ancestrais através de novos corpos femininos negros que passam a comandar a cena religiosa, exercendo lideranças e mantendo vivos os ensinamentos,

as concepções de Áfricas, as narrativas nagôs, suas visões de mundo , seus conflitos, o que , de fato as tornam líderes. Pensar os silenciamentos dessas memórias no MABS, apesar da presença e existência de um módulo e de uma sala dedicada ao nagô sergipano é o que propõe , como forma de contribuição ao museu, à memória, mas também repensar e discutir do ponto de vista teórico conceitual a relação existente entre presenças e silenciamentos em espaços de memórias.

Palavras-chave: Lideranças Femininas; Irmandade de Santa Bárbara Virgem; Silenciamentos; Museu Afro-Brasileiro de Sergipe.

9h20 Do visível ao invisível: a representação da mulher negra no espaço expositivo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão-SE

Rafael Jesus da Silva Dantas (UFBA)

Resumo: o presente artigo analisa a representação da mulher negra na exposição do museu de arte Sacra de São Cristóvão – Se. Mapeando as exposições que são produzidas sobre a imagem do negro nas instituições museais, por meio de uma análise icnográfica baseada na perspectiva teórica dos Estudos Expositivos de Museus. Esse discurso apresenta a relação entre memória, gênero e museu, tendo como fio condutor o museu de arte sacra de São Cristóvão – Se e os objetos expostos no museu das imagens das santas negras. O museu de Arte Sacra de São Cristóvão é o primeiro museu sacro do estado de Sergipe, que trata a preservar a arte religiosa católica, localizado na Praça São Francisco, mais especificamente ao lado da antiga ordem terceira de São Francisco. O artigo tem por objetivo ampliar o conhecimento sobre os conceitos de Memória e desenvolver uma visão crítica a respeito das coleções preservadas nos museus, assim como sobre as relações possíveis que se estabelecem entre o público e as coleções no contexto museológico. Destacando a importância da implantação da valorização da mulher negra nas instituições museais entorno da representação do patrimônio cultural negro nos atuais museus. A pesquisa é trilhada por meio de pesquisa bibliográfica e coleta de dados em campo, que tem por objetivos investigar os caminhos das formações dos museus e os caminhos dos discursos ideológico da mulher negra, as formas de resistência em busca de sua emancipação, bem como suas lutas em favor do espaço de representação e valorização, voltada para as demandas plurais dos museus no Brasil. Utilizando as categorias museografia, museu e memória, buscando compreender os meios conceituais a partir da análise interpretativa das práticas sociais expositivas no museu e observando como os objetos expostos geram tensões relativas ao silêncio da representação do negro nos espaços de memória.

Palavras-chave: Museu; Exposição; Mulheres.

9h40 A representação da mulher negra nas cozinhas dos engenhos a partir da análise expográfica presente no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe

Janaina Couvo (UFS); Fernando José Ferreira Aguiar (UFS)

Resumo: Este trabalho pretende apresentar uma análise sobre a representação da cozinha no Museu Afro-Brasileiro de Sergipe e onde estão as mulheres negras neste discurso expográfico. A partir da observação de todo o cenário apresentado na sala do Museu dedicada à Cozinha de uma Casa Grande, pretende-se analisar o papel das mulheres negras nas cozinhas dos engenhos,

destacando a sua presença na construção da gastronomia brasileira. A partir desta reflexão, baseada nos autores que se dedicaram a construir suas reflexões sobre a temática, como Câmara Cascudo, Gilberto Freire, Vivaldo da Costa Lima, entre outros, e promovendo um diálogo com estudiosos que trazem novas leituras sobre o papel da Mulher Negra nas cozinhas dos engenhos, será construída uma análise sobre como a Museologia, pautada na interdisciplinaridade na construção de diálogos com as áreas de conhecimento que contribuem para ampliar as possibilidades de leituras expográficas diferenciadas sobre temáticas consideradas tradicionais, contribui para a construção de narrativas diferenciadas que visam ampliar os conhecimentos sobre o papel da mulher negra nas cozinhas, assim como também seus protagonismos na condução e transformação da vida alimentar nestas propriedades. Os estudos sobre a formação da gastronomia brasileira vem desnudando o papel protagonista das mulheres negras que assumiram as cozinhas dos engenhos, no que diz respeito as transformações alimentares, na condução do preparo das iguarias e demais alimentos, o que concede a estas mulheres um protagonismo na definição dos gostos alimentares. Entretanto, nos museus onde existem a expografia relativa à reconstituição destes espaço muitas vezes a ausência de um contexto coloca a presença feminina com um sentido simplório, sem a devida referência a sua importância neste contexto. Sendo assim, tendo como base estas discussões, será construída uma reflexão acerca de que forma esta mulher negra é apresentada nesta representação da cozinha e como a contextualização ali presente contribuir para a manutenção de estereótipos e leituras que reduzem a mulher negra a apenas um papel secundário na condução da cozinha.

Palavras-chave:

.....

GT 15 - MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

MESA 4

Coord: Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández.

9h Poética Museológica: “A Revolução Somos Nós”

Luciana Moniz de Aragão (UFBA)

Resumo: O artigo tem como objetivo defender que processos criativos do campo da arte, uma perspectiva poética da vida, podem contribuir para a construção de pensamento crítico e para práticas éticas e valorosas da Museologia, que sejam capazes de colaborar com o desenvolvimento humano em tempos de crise. As análises são feitas com base na perspectiva da arte do artista Joseph Beuys, e na linha de pensamento da Museologia Crítica como defendido pelo museólogo Tomislav Šola.

Palavras-chave: Museologia; Arte; Poética; Šola; Beuys.

9h20 Instalações Museais: expografia com toques de Arte Bruta, Museologia Afetiva-Social e Rizoma

Girlene Chagas Bulhões (UnB/Museu dos Gostos e Afetos)

Resumo: Embalada por passagens das mitologias grega e yorubá e cenas do Fabuloso Destino de Amélie Poulain, filme francês de 2001 dirigido por Jean-Pierre Jeunet, neste artigo discorro sobre as Instalações Museais: experimentações expográficas que tenho feito com um pé na Museologia Social, corrente teórico-prática consolidada internacionalmente desde a década de 1980, e o outro pé na Museologia Afetiva, variação da Museologia do Afeto, epíteto cunhado durante a XV Conferência Internacional da Nova Museologia (MINOM) ocorrida no Rio de Janeiro-RJ em 2013. Com pés na Museologia, as Instalações Museais têm nas mãos princípios da Arte Bruta, movimento artístico concebido pelo francês Jean Dubuffet em 1945; e mente e corpo que se expressam como Rizoma, conceito formulado pelos filósofos também franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari a partir dos anos 1970 em oposição ao modelo da Árvore, também formulado por eles. Antes de chegar às Instalações Museais e tendo como principais exemplos as obras do artista plástico e performer carioca Hélio Oiticica e da artista visual, curadora e educadora paulistana Rosana Paulino, faço uma rápida apresentação das Instalações Artísticas, manifestações estéticas contemporâneas tornadas gênero artístico que inspirou o nome da estratégia de comunicação expográfica tema destes escritos. Logo após, faço também breves considerações sobre experiências envolvendo a chamada Arte Bruta em museus considerados tradicionais, a exemplo do Museu do Inconsciente Nise da Silveira e do Museu de Arte de São Paulo (MASP), e em espaços criados e mantidos por iniciativa de pessoas consideradas leigas em ambos assuntos, Arte e Museologia. Entendidas como uma Performance Museal Afetiva Rizomática Bruta utilizada em prol da democratização das memórias, as Instalações Museais aqui apresentadas foram feitas entre os anos 2008 e 2018 no Museu das Bandeiras (MUBAN), no Museu Casa da Princesa (MCP) e no Economuseu Cerrateense, instituições localizadas no Estado de Goiás, pertencentes respectivamente ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), as duas primeiras, e ao Instituto Bertran Fleury (IBF).

Palavras-chave: Museologia Afetiva-Social; Arte Bruta; Rizoma; Instalações Museais.

9h40 A Produção Participativa da Marca de um Museu de Território: O caso do Museu da Vila (PI)

Víctor Veríssimo Guimarães (UFPI); Rita de Cássia Moura Carvalho (UFPI)

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar o percurso de construção de um espaço de natureza museal, não em seu caráter construtivo e edifício, mas sua definição, uma identidade institucional visual, que estruture simbolicamente o posicionamento de gestão das atividades do espaço sobre sua comunidade de interesse. Para o caso, estamos tratando do Museu da Vila, localizado a 10km do centro da cidade de Luís Correia, no Piauí-BR. O Bairro Coqueiro da Praia assume uma identidade particular para a construção de um espaço museológico não apenas pela beleza paisagística natural e seu potencial turístico, mas principalmente pelas relações socioculturais e simbólicas que permitiram a sobrevivência e permanência de uma comunidade baseada na coleta e na pesca. Nesse sentido, observa-se nesse lugar um conjunto de hábitos tradicionais, relações e saberes peculiares que ao longo do tempo, em meio as transformações urbanas, econômicas e políticas se tornaram fragilizados, o que serviu para o desenvolvimento de exigências museais desde a instalação de um núcleo projeto MUDE (Rede de Museus de Território do Delta Do Parnaíba), pelo mestrado em Artes, Patrimônio e

Museologia da Universidade Federal do Piauí. A proposição do Museu da Vila, envolve de forma essencial a Museologia Social, uma modalidade de prática museal derivada da Nova Museologia que extrapola o padrão tradicional de uma instituição entreparedes e envolve o seu território e que delinea o estabelecimento de um museu integral que proporciona a comunidade uma visão conjectural do seu meio material e cultural. A vocação para um Museu dá a partir da provocação do que é ser um indivíduo de cultura tradicional, e da compreensão de que viver na subsistência da vida mar acima ou mar abaixo traz experiências afetiva se intelectuais que merecem ser anunciadas, refletidas e ressignificados. É necessário promover esse tipo de espaço para facilitar a compreensão da participação que a comunidade pesqueira teve e tem na formação do território do Bairro Coqueiro, bem como observar seus aspectos ocultos ou silenciados pelo apelo turístico, tão evidenciado na região. Em toda a costa brasileira existem comunidades tradicionais com os mais variados costumes e identidades que tem suas relações baseadas na cultura pesqueira que não merecem ser ignoradas e esquecidas. A participação desse grupo de tradição na constituição do Bairro do Coqueiro da Praia em Luís Correia (PI), todavia, é única, logo, um espaço institucional que se proponha revelar as peculiaridades locais precisa de um elemento específico de identificação e diferenciação. Para o momento, nesse sentido, foi obrigatório criar um meio de comunicação (marca) que seja capaz de contribuir de forma eficaz no reconhecimento tanto do centro de interpretação quanto de seus espaços, bem como a construção de uma estratégia de comunicação (branding) que promova vantagens competitivas de mercado quanto ao consumo de serviços, cultura e arte e sua notoriedade. Neste contexto, esse trabalho trata do processo de construção da identidade visual do museu da Vila na defesa e apresentação das referências da identidade local do Bairro Coqueiro da Praia em Luís Correia.

Palavras-chave:

1º DE AGOSTO 2019

QUINTA-FEIRA

Das 10h40 às 12h

GT 1 - EXPERIÊNCIAS DE CURADORIAS MUSEOLÓGICAS: DESAFIOS DE CONCEITUAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS

MESA 5

Coord: Sabrina Damasceno Silva; Suely Moraes Ceravolo; Maria Lúcia Niemeyer Matheus Loureiro.

10h40 Curadoria Museológica da Coleção de Macrofósseis da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Penélope Saliveros Bosio (UFRJ); Flávia Alessandra da Silva Figueiredo (UFRJ)

Resumo: A gestão da Coleção de Macrofósseis, vinculada ao Instituto de Geociências /IGEO da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em parceria com o Museu da Geodiversidade, foi, durante muitos anos, feita somente pelo olhar de cientistas ligados à Paleontologia. A partir de 2009, com a entrada das primeiras museólogas concursadas, essa visão começou a tomar novos horizontes, abrindo-se para debates em torno de conceitos até então não explorados, como: museus científicos, coleções museológicas, patrimônio, memória, identidade, entre outros. Houve certa resistência, da comunidade acadêmica de forma geral, da necessidade de se fazer um trabalho sólido de curadoria museológica das diversas coleções pertencentes ao IGEO, assim como da necessidade de profissionais de museus auxiliarem na gestão destas coleções. Hoje, temos algum avanço, e entre tantas outras coleções existentes no IGEO, as Coleções de Macrofósseis e de Mineralogia são tratadas museologicamente, pois possuem profissionais de museologia que atuam como auxiliares de curadoria, juntamente com o professor/pesquisador, que é o curador, detentor do saber científico da coleção. A interdisciplinaridade se fez presente, a partir do momento em que foi percebida a necessidade de atender e contrabalancear a teoria e a prática das principais áreas envolvidas. Partindo do pressuposto que o objetivo básico de qualquer coleção museológica é estar a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, trabalhamos de modo a intermediar características e questionamentos até então compreendidos isoladamente, mas que se tornam intrinsecamente ligados quando ocorrem dentro desses espaços museais, como: coleções e universidades; coleções científicas e preservação; preservação e divulgação científica; entre outros. Até então, conseguimos avanços significativos nas áreas que envolvem a curadoria museológica: Documentação: Inventário, mapeamento, organização informacional e digitalização documental do acervo; elaboração de base de dados específica para a documentação de coleções científicas (em andamento); criação futura de um terminal de consulta online e off-line. Conservação: Modernização das salas de guarda; instalação de arquivos compactadores deslizantes, onde, o acervo, devidamente higienizado, foi organizado em suportes adequados de acondicionamento; avaliação sobre o estado de preservação das peças e sobre as necessidades individuais de conservação; acesso controlado de pesquisadores; manuseio e transporte orientados de acordo com a especificidade do acervo; empréstimos restritos; projeto de controle ambiental (em desenvolvimento). Comunicação: Exposições; elaboração de folder; criação de uma página oficial na web; divulgação pública da Política de Acervos de Gerenciamentos e Usos (em elaboração); realização de trabalhos acadêmicos; futura disponibilização do acervo através da base de dados.

Palavras-chave: Curadoria; Coleções; Museologia; Patrimônio; Paleontologia.

11h Herbário MFS e a Museologia: complexidades de uma coleção Biocultural

Mailane Maíra Messias Sampaio (UFPA); Flávia Cristina Araújo Lucas (UFPA)

Resumo: O Herbário Prof.^a Dr.^a Marlene Freitas da Silva, localizado em Belém do Pará, abriga uma coleção Biocultural, constituindo-se como a segunda maior do Brasil, que possui 500 exemplares divididos em cinco categorias: artesanal, alimentícia, cultural, medicinal e ritualística, as quais promovem a guarda e o registro dos objetos que documentam as relações entre os grupos humanos e os recursos vegetais de seu meio, bem como objetos e o registro de saberes (de materiais biológicos ou não) que se associam e se integram à essas práticas, testemunhando a diversidade cultural e biológica dos povos da Amazônia paraense. Identificando nesta coleção seu potencial musealizável, estabeleceu-se um intercâmbio de saberes proporcionado pela curadoria do herbário e a participação de discente, como estágio voluntário, do curso de Museologia da UFPA. Com esta proposta, vislumbra-se apresentar, através deste trabalho, as ações coordenadas que auxiliaram no processo de musealização do acervo Biocultural, situando as perspectivas museológicas embasadas. As brechas identificadas primeiramente, que se convertem como os desafios iniciais para consolidação desse ciclo completo de atividades, é o espaço físico, o qual limita uma atuação chave para a concretização das três funções básicas no que se refere a coleções museológicas – a preservação, a documentação e a comunicação – sendo a última prejudicada, mas que já conta com ações como o Herbário Itinerante, por exemplo; e outra é a conservação preventiva, que esbarra nos problemas de recurso, mas ainda necessita de um estudo mais aprofundado do local para melhor adequação do armazenamento e adaptação à realidade institucional. Desse modo, serão discutidos as intempéries e os resultados obtidos a partir das primeiras averiguações, sendo as ações de reparo e melhorias guiadas por literaturas específicas da Bioculturalidade e Museologia. Sendo um espaço de conhecimento interdisciplinar, de formação cidadã para identidades amazônicas, o Herbário MFS se desafia inserir a Museologia num espaço não museal.

Palavras-chave: Herbário MSF; Bioculturalidade; Acervo; Musealização; Curadoria.

11h20 Protocolo de Processamento Inicial de Acervo Lítico Lascado

Henry Luydy Abraham Fernandes (UFRB)

Resumo: O ser humano, como espécie, surgiu há cerca de 200.000 anos herdando dos seus antepassados evolutivos hominídeos a distintiva faculdade de produzir instrumentos. Dentro do escopo das ferramentas que habilmente fazia as mais resistentes ao tempo foram os objetos de pedra. Desta forma, é compreensível perceber que a esmagadora maioria dos testemunhos da nossa trajetória terrena consista precisamente destes implementos e que essa representatividade reverbere nas reservas técnicas dos museus, particularmente nos contextos de coleções oriundas de projetos de impacto ambiental, multiplicados na década passada. Não há como por uma pedra sobre isto, deixando a questão de lado. Além do volume, esses utensílios consistem quase exclusivamente nos únicos testemunhos residuais de incontáveis grupos humanos remotos. Assim sendo, preservar, gerir e documentar - do melhor modo possível - tal acervo tornam-se passos iniciais necessários para acessar o universo informativo intrínseco, inscrito naquelas pedras talhadas e polidas. Entretanto, trocando em miúdos, o que seria este: 'do melhor modo possível'? Uma busca pela literatura especializada nas bases informatizadas não revelou nenhuma obra existente em português que apontasse um caminho para o tratamento documental específico. Além do mais, tais instrumentos, especialmente os lascados, são completamente alheios ao nosso senso comum, ao cotidiano e mesmo ao

paradigma vigente de objeto manufaturado, de sorte que caminhamos sobre eles sem nem ao menos nos dar conta das pedras no meio do caminho, pisoteando-as a custa de um 'progresso' que costuma não deixar pedra sobre pedra daquele passado indígena desconhecido. A partir destas constatações emerge a questão: que deve o museólogo fazer ao se deparar com tantas pedras que abarrotam as reservas? Impelidos por esta inquietação apresentamos um protocolo de processamento inicial para acervos líticos lascados, desenvolvido e aperfeiçoado no Laboratório de Documentação e Arqueologia da UFRB nos últimos 4 anos. Tal protocolo consiste de um conjunto de procedimentos práticos encadeados desde a entrada dos objetos na instituição, detalhando ações como triagem, higienização e marcação até o acondicionamento, com vista à manutenção das informações contextuais oriundas de campo. Ao mesmo tempo em que concilia e exemplifica aspectos da cadeia operatória da museologia o protocolo se coaduna com possíveis análises arqueológicas futuras sobre os artefatos, integrando esses campos do conhecimento, de modo que as condutas de um não invalidem ou interfiram nas interpretações tecnológicas do outro. Acima de tudo, este protocolo deseja munir o museólogo de um roteiro que o guie e descomplique o processamento dessas coleções, estabelecendo ações práticas exequíveis para a lida com as quase herméticas pedras lascadas.

Palavras-chave: Documentação Museológica; Tratamento de acervo arqueológico; Procedimentos laboratoriais.

GT 2 - ENSINO DE MUSEOLOGIA E AS PERSPECTIVAS DEMOCRÁTICAS E PARTICIPATIVAS

MESA 5

Coord: Maria Cristina Oliveira Bruno; Marcelo Bernardo da Cunha Nascimento; Viviane Sarraf

10h40 Memórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula. Experiência docente na UFBA

Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha (UFBA)

Resumo: No Brasil, a abordagem de conteúdos referentes ao continente africano e às suas diásporas, em todos os níveis de formação, sempre se mostrou deficitária e insuficiente. Questões essenciais para o entendimento da complexidade das culturas e histórias do continente africano e sua relação com a história mundial, sempre foram tratadas de forma secundária, equivocada ou marcadas por preconceitos e equívocos. Esta situação se reflete nos museus, suas abordagens conceituais e configurações expográficas, com a produção de imagens e representações que acabam por confirmar preconceitos e equívocos que deveriam problematizar e combater. Mesmo após a vigência da lei 10.639, não foi notada, de forma sistemática e efetiva, mudança nesta situação. Visando combater esta situação, desde a década de 90, no âmbito do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, foram criados componentes curriculares voltados para a abordagem relativa a processos de patrimonialização de culturas africanas e afro-brasileiras. Este movimento acabou por desdobrar-se e ampliar-se em diálogos com outros Cursos e Programas, resultando em diversas ações como projetos de iniciação científica, dissertações de Mestrado e atividades práticas. Este contexto só foi possível graças ao envolvimento de um grupo de professores deste curso, que pautaram as suas investigações em torno de abordagens relativas ao tema, construindo sua carreira universitária, comprometidos com a construção de novos discursos, com o objetivo de reverter o quadro de silenciamentos que levaram ao desconhecimento de questões relevantes para a reflexão sobre o patrimônio e suas abordagens,

bem como a articulação do Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia, que tem se configurado como museu / escola / laboratório a partir do qual são ministrados conteúdos relacionados às disciplinas mas, sobretudo, é disponibilizada a estrutura de laboratório e espaço de experimentação que permitem o vivenciamento das rotinas e desafios empíricos. Esta comunicação pretende apresentar um panorama deste processo, destacando os pontos principais que podem colaborar para novas ações e reflexões teóricas e conceituais.

Palavras-chave: Culturas Africanas; Diáspora Africana; Docência; Investigação.

11h Direito às memórias: interlocuções indígenas com a Museologia e Museu

Josué Carvalho (UFSC)

Resumo: “Então. Se o museu é o lugar onde as memórias vivem, a museologia é as estradas por onde os indígenas cruzam e fazem as memórias...”. Assim sugeriu um sábio pertencente ao povo indígena kaingang, depois de me ouvir dissertar timidamente sobre museus e museologia. A proposta para essa comunicação, nasce sobretudo, dessa conversa que aconteceu em 2018, durante minhas pesquisas de Pós-Doutoramento em Museologia, na linha de pesquisa *Teoria e método da gestão patrimonial e dos processos museológicos* e o projeto *Estudos sobre comunicação, público e recepção* do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP. Viso discorrer sobre os processos de produção de memórias e salvaguarda delas, conforme os sábios (as) pertencentes ao Povo Indígena Kaingang do sul do Brasil atual entendem, ao pensar interlocuções entre a cultura, costumes indígenas com museus e museologia. O diálogo sobre museus e museologia junto as comunidades indígenas no sul do país, é bastante recente, porém, é uma discussão que vem por parte dos indígenas, tomando forma e proporção e alia esses dois campos do conhecimento, ao campo do Direito e da Educação. Pensamos nesse contexto indígena, a ideia de processos de produção de memória e salvaguarda, como processos de ensino, aprendizagem e socialização, ou seja: museus, o lugar onde as memórias vivem. Museologia, os processos pelos quais as memórias são forjadas e também ensinadas. Nesse sentido, quais os processos educativos que culminam para salvaguarda das memórias no museu? Ao salvaguardar memórias, pensa-se em museus no campo dos direitos indígenas, direitos de acesso a elas, de disseminação, manutenção dos saberes, da cultura indígena. Ao pensar museus como um direito, reforça a museologia no campo do ensino e da aprendizagem é, portanto, conforme entende o sábio: o processo por onde as memórias são feitas para depois serem apresentadas como aquilo que é nosso costume, da cultura do indígena. O estudo, sobretudo, lança luz as concepções indígenas de museus e museologia e para possibilidades do ensino da museologia para indígenas. A contribuição da pesquisa volta-se à constituição do ensino da museologia em espaços e povos ainda pouco explorados e, quais os desafios na perspectiva, fazer com o ‘outro’, traz para o campo da Museologia no presente. Os referenciais teórico-metodológicos para este trabalho estão embasados na própria filosofia ameríndia (ainda que não reconhecida como tal por parte de estudiosos ocidentais e exemplificada em Leopoldo Zea, José Maira Arguedas, Estermann e outros).

Palavras-chave: Museu; Kaingang; Indígenas; Memória; Patrimônio.

GT 3 - MUSEUS E CULTURA POLÍTICA

MESA 5

Coord: Francisco Sá Barreto; Hugo Menezes Neto; Gleyce Kelly Heitor

10h40 Ensaio sobre o futuro e a (des) montagem da Cidade

Daniel Souza Leão (UFPE)

Resumo: Esta comunicação constitui uma reflexão teórica sobre o conceito de Cidade a partir do debate sobre Globalização e Cultura. Ao deslocar o modo de endereçar a questão, deixando para trás a categoria “Cidade Global” para poder chegar ao debate sobre a globalização da Cidade, o objetivo foi entender a Cidade não apenas como objeto empírico, mas também como produzido culturalmente a partir de sua constituição política. A categoria Cidade se dilui no quadro das análises de uma sociologia da globalização feita por Sasken Sassen. Sem problematizar as categorias “sítio”, “espaço”, “lugar” e mesmo “cidade”, tais análises terminaram por produzir o efeito discursivo de naturalização do conceito de Cidade por determinados projetos globalistas no contexto político do pós-guerra fria. É óbvio, portanto, que também a noção de “Global” se torna lacunar e precisa ser desnudada de sua pretensa imparcialidade, uma vez que a noção rizomárica de rede atende ao aspecto denotativo relativo aos processos de trocas econômicas, mas não à dimensão conotativa de projeto político implícito. A partir dessa injunção, foi preciso recorrer a uma breve história cultural da Cidade como heurística para reconstruir dois aspectos intrelaçados de uma mesma genealogia. Primeiramente, tratou-se de demonstrar que o conceito de Cidade não se reduz ao de espaço urbano. O que funda a Cidade não é nunca uma anterioridade empírica; mas, antes, um conjunto de processos culturais de co-signação, por parte de diversos indivíduos e/ou mesmo grupos sociais, que os institui como comunidade de direito. Em segundo lugar, tratou-se de demonstrar que esses processos sociais sempre estiveram atravessados por disposições museológicas. A fim de negociar suas leituras particulares do espaço urbano a fim de urdi-lo como tecido do corpo político da Cidade, a comunidade de direito o faz através da disposição da cultura como recurso. Nesse sentido, o “tecido” urbano é tomado como semióforo que veicula os sentidos e significados necessários para urdir a monumentalização do “corpo” político que o transforma em Cidade. No contexto mais recente da relação entre povo e Estado-nação, a musealização do patrimônio não só constituiu o museu como dispositivo de cultura moderna como também produziu processos de disciplina do olhar que terminaram por criar a própria noção contemporânea de cidadão, ainda que tenhamos de reconhecer que os processos de globalização têm dissolvido os direitos democráticos que constituem a Cidade.

Palavras-chave: Cidade; Globalização; Cultura Política; Musealização; Monumentalização.

11h O Sítio Histórico de Olinda e as Consequências de sua Patrimonialização para a População Local

Elaine Santana do Ó (UFPE)

Resumo: Este artigo visa contribuir com os estudos sobre processos de patrimonialização e as consequências que esses processos tem causado as populações que residem em tais locais e até mesmo em seus arredores. Para tanto, tomamos como análise o Sítio Histórico de Olinda, irmã mais velha da capital pernambucana. Este estudo fez-se necessário para compreendermos as consequências dos diversos títulos que Olinda acumula, mas principalmente o de Patrimônio

Histórico e Cultural concedido a Olinda em 1982 pela UNESCO; ou seja, se houve e está havendo enobrecimento no local, se as práticas culturais sofreram e sofrem transformações, ou se ocorreram e continua ocorrendo alterações no cotidiano dos moradores. Tomamos nesse artigo como suporte teórico principal, o sociólogo português Paulo Peixoto, devido as suas pesquisas e estudos sobre patrimônio, turismo, cidades e culturas urbanas. Além de Peixoto, dialogamos também com autores como Jane Jacobs, Antônio Arantes e Carlos Fortuna. Esses autores nos auxiliaram a entender aspectos fundamentais para esta pesquisa, como o que é patrimônio, revitalização urbana, requalificação urbana, reabilitação urbana, renovação urbana, ou termos ainda como salvaguarda e conservação, nos permitindo maior embasamento. Como metodologia além de uma bibliografia de apoio necessária, realizamos entrevistas e conversas com moradores de diversos perfis, comerciantes, estrangeiros e frequentadores assíduos, identificando dessa forma os impactos sociais nesses diferentes grupos no que diz respeito à patrimonialização do Sítio Histórico de Olinda.

Palavras-chave: Patrimônio; Sítio Histórico de Olinda; Enobrecimento.

11h20 Requalificar e Musealizar: Aspectos Políticos e Culturais Sobre o Bairro do Recife

Tatiana Coelho da Paz Bezerra (UniRio)

Resumo: Em consonância com o tema proposto para este encontro, sobre a necessidade de discutir a museologia cada vez mais sob a égide da democracia, do museu para todos e de todos, proponho para este grupo uma discussão sobre a patrimonialização e a musealização de um bairro da capital pernambucana, o Bairro do Recife, um dos mais antigos da cidade. A partir de políticas culturais que alicerçaram a região com um intenso apelo para a preservação do patrimônio, foram se consolidando políticas de musealização, voltadas para a ressignificação cultural do bairro, que também culminaram na criação de dois grandes museus: o Paço do Frevo e o Cais do Sertão, ambos criados em 2014. Como atividade de refletir a democratização das experiências, esta proposta de comunicação propõe uma reflexão sobre o processo de musealização, analisado histórica e socialmente na região. Os dois museus supracitados estão inseridos em um bairro que já passou por três grandes fases de ressignificação visual: com os holandeses no século XVII, que criaram as pontes e permitiu o avanço em direção ao continente; no início do século XX baseado no modelo haussmanianno, que modernizou a região portuária; e no final do século XX com a revitalização urbana. O bairro foi, inicialmente, apenas um istmo de Olinda, então capital da Capitania da Pernambuco no século XVI, e onde surgiu o núcleo primitivo da cidade. Era um lugar favorável a ser o porto devido ao seguro ancoradouro formado pelos arrecifes naturais, que deu origem ao nome do Povoado dos Arrecifes. Também era a restinga da capital Olinda e onde se fixaram os primeiros habitantes, devido ao atraente crescimento do comércio decorrente do próprio porto. A primeira fase de ressignificação veio com os holandeses no século XVII, que mudaram substancialmente a paisagem urbana e ambiental dos Arrecifes, com a implantação do primeiro plano urbanístico do Recife. Essa mudança urbana trouxe um crescimento do povoado em direção ao continente, com construção de pontes e outros investimentos que consolidou outros povoados nos arredores e acelerou a urbanização do bairro, assim como sua decadência em relação com a urbanização de outros pontos da futura cidade do Recife.

Durante todo o século XX, o bairro sofreu intervenções estatais. A primeira delas, como dito acima, foi uma grande reforma urbana em 1910, baseada na Paris de Haussmann, assim como ocorreu em outras regiões, como no Rio de Janeiro. Com a grande ascensão dos centros urbanos na empreitada industrial no século XX, a modernização dos centros e expansão de suas fronteiras

foi um processo sintomático de crescimento urbanístico evidente nas grandes cidades do país. O Recife da influência holandesa sofreu uma reforma em 1910, seguindo o modelo haussmaniano, que marcou sua paisagem urbanística e assim permanece nesse estilo até a atualidade. Essa reforma permitiu ao bairro avenidas largas e retas dada a pretensão de criar uma nova imagem para a cidade, seguindo os padrões de modernização europeu. A modernização da cidade pôs abaixo a antiga característica colonial do bairro e reconstruiu a região do porto em estilo eclético, tendência que se proliferou no país, utilizando estruturas portuárias para a renovação urbana. Era necessário que chegassem até as elites locais uma nova imagem da cidade para que fosse uma região atrativa para investimentos. No meio desse processo, os centros precisavam cada vez mais de espaço e, conseqüentemente, as pessoas pobres que lá moravam, foram afastadas para zonas marginais. Esta ação é, também, muito característica do contexto atual de formação e modificação das cidades, visando promover mudanças em suas estruturas para interferir no contexto social e na utilização pelo público desses espaços. Assim como aconteceu com a primeira grande urbanização do bairro, que teve um momento de decadência e de esvaziamento de investimentos, também ocorreu no bairro do Recife na segunda metade do século XX, com a redução da utilização do transporte marítimo e diminuição das atividades portuárias, o bairro entrou em decadência e em um processo de deterioração. À procura de novos investimentos e de melhorar, novamente, a imagem da cidade, a partir de 1970 foram criadas estratégias de revitalização do bairro. Na verdade, nessa década ocorreu uma importante discussão sobre a preservação do patrimônio urbano, assim como a ampliação da noção do que é patrimônio, que considerava apenas obras isoladas, com construções realizadas em outras épocas, e passou a salvaguardar também construções mais recentes. Esse fato colocou em discussão o debate sobre a valorização do patrimônio para além do tradicionalmente já aceito. A década de 70 marcou um novo período nas práticas de preservação do patrimônio, a transição entre a antiga forma de preservação, baseada em critérios estilísticos, e outra que entendia as atividades de preservar como uma perspectiva integrada, abrangendo critérios econômicos e sociais. Foi também nesse período que surgiu o Centro Nacional de Referências Culturais, que tinha como propósito mapear práticas e saberes populares. O Centro antecipou a discussão sobre o conceito de patrimônio imaterial, que foi retomada pelo IPHAN anos mais tarde. A partir dessa década, foi fomentada a ideia do foco da preservação do patrimônio como recurso para desenvolvimento de cidades históricas. Em Pernambuco, isso se consolidou nas décadas seguintes com os planos de revitalização, como o Plano de Preservação dos Sítios Históricos da Região Metropolitana do Recife, em 1978. É a partir dessa lei, inclusive, que foi instituído o Bairro do Recife como uma das zonas de preservação rigorosas (ZPRs), definida como um conjunto antigo, pelo município. Desde então, foram criadas leis para viabilizar que o bairro fosse revitalizado e que novos investidores se sentissem atraídos para utilizar a região em seus negócios. A intenção era de aumentar as parceiras privadas para tornar o bairro em um polo de cultura e consumo. Para que o plano de trazer novos investidores tivesse sucesso, era necessário que a imagem do bairro fosse modificada. Uma das parcerias privadas que foram feitas foi com a empresa Porto Digital Empreendimentos, firmada com a intenção de tornar o bairro em um polo de tecnologia, o que, de fato, reflete como uma importante parceria na modificação da “imagem” da região. Essa parceria reflete uma relação ambígua, entre a tecnologia e a abordagem, pelo governo e município, da tradição, que é a grande pauta do projeto urbanístico recifense. Assim como elaborado neste texto, o longo processo de modificações urbanas do Recife Antigo permitiu que o bairro adquirisse características diversas em sua arquitetura. O que foi a justificativa para realizar o tombamento, em 1998 e abriu as portas para uma expansão da cultura pelas esferas políticas e econômicas, que utilizam o setor cultural, do patrimônio, como um recurso a ser explorado. O tombamento traz questões interessantes sobre o uso da região, pois é através dele que a requalificação urbana é legitimada e consegue amplo apoio para investimentos e mudanças na leitura dessa parte da cidade. O processo de reavaliação mobilizou

esferas, públicas e privadas, das áreas de economia, da política e da cultura, que demonstraram grande interesse em modificar o uso da cidade, com consequências sociais visíveis. A tomada de todo o sítio histórico era um investimento e as ações preservacionistas, então tomadas, flertavam com o discurso da salvaguarda do patrimônio e em torno da preservação da história. Conseqüentemente, todo o investimento na região previa uma série de investimentos e de melhorias, o que criou um terreno favorável para a criação de museus que refletissem a culminância das ações preservacionistas. Nesse contexto, foram criados os dois museus citados no início do trabalho, que fazem parte da política de revitalização do Bairro do Recife, e acordo com seus planos museológicos, que são: o Paço do Frevo e o Cais do Sertão. Esse momento de mudança da “imagem” do bairro por meio da musealização “encarnada” não apenas na construção dos museus, mas na tomada das ruas por um percurso de apelo histórico/turístico, caracteriza uma retomada de outras instâncias legitimadoras que se apegam ao valor simbólico das representações locais através das temáticas dos museus (frevo – patrimônio imaterial, sertão – representação da identidade do ser nordestino).

O Paço do Frevo, equipamento público e municipal, inaugurado em 09 de fevereiro de 2014. Criado com a proposta de salvaguarda, pesquisa, exposição e divulgação do Frevo – manifestação cultural pernambucana, o museu nasce com a finalidade de se tornar espaço de referência para a transmissão da manifestação, que é Bem Cultural de Natureza Imaterial. Fica localizado no antigo prédio da Western Telegraphy Company, construído no final do século XIX, e que foi restaurado e reformado para abrigar o museu. O segundo museu é o Cais do Sertão, que foi inaugurado em 03 de abril de 2014, com mostras sobre o sertão cuja narrativa parte da obra de Luiz Gonzaga, cantor e compositor pernambucano. Está instalado em um antigo armazém no porto do Recife, à beira d’água, que foi reformado e preparado para abrigar o museu. Ele surge vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, mas em fevereiro de 2016, por meio da Empresa de Turismo de Pernambuco - Empetur, foi integrado à secretaria de Turismo, Esportes e Lazer. Os dois museus caracterizam um novo tipo de espaço museal em Recife, exemplificando um projeto de musealização que está ganhando lugar nas produções culturais no Brasil e no mundo. Referem-se ao tipo de museu-espetáculo, ou os “novíssimos museus”, que são colocados em lugares estratégicos da produção de um estilo de cidade contemporânea, com muitos acervos digitais e um apelo turístico. São museus com arquiteturas e/ou curadorias assinadas e encomendadas, normalmente com parceiras de grandes grupos empresariais, no caso brasileiro geridos por Organizações Sociais (OS) e com Parcerias Público-Privada (PPP) – um modelo de gestão vigente, que além de gerir o repasse Municipal/Federal dos museus, se comprometem a captar recursos por meio de bilheterias, patrocínios, fazer locações, entre outras atividades comerciais. Além do Paço do Frevo e do Cais do Sertão, ambos em Pernambuco, outros casos exemplificam esse tipo de museu no Brasil, como o Museu do Amanhã (RJ), Museu de Arte do Rio – MAR (RJ), Museu do Futebol (SP) e o Museu da Língua Portuguesa (SP).

A patrimonialização de áreas urbanas, ou a criação dos museus, nestes casos, está atrelada à escolha do espaço urbano e das estratégias empreendedoras, mas também é importante delinear a sofisticação com que é elaborado o processo de reconhecimento identitário local vinculado ao discurso histórico e tradicional da região.

No caso do Recife Antigo, a identificação com o bairro é cada vez mais fortalecida por elementos constituídos em torno do discurso da tradição. Não por coincidência, os dois museus tratam de temáticas que ressaltam a identidade regional tradicional: um salvaguarda a manifestação popular, que é o frevo, e o outro tem como temática elaborar formas de representar o “ser nordestino”. O Paço do Frevo e o Cais do Sertão, inaugurados no mesmo ano, estão inseridos nesta mesma proposta de requalificar a região do bairro do Recife. Seus prédios, seus objetos e seus discursos foram musealizados e é importante entender como a musealização entra nesse processo. A resignificação do discurso que gerou os meios de requalificar o bairro são os mesmos que legitimaram a criação dos museus, fomentando a eficácia do apelo cultural

aos modos da gentrificação. Com a musealização, novas realidade são criadas e se institui uma ruptura com a realidade social, que evoca novos valores simbólicos em torno do que está musealizado. Nesse caso, podemos pensar nos museus, e no contexto de criação deles, em como se evoca a realidade ao qual eles estão inseridos e os novos discursos que circundam os seus projetos expográficos, seus objetos, seus públicos. Há a intenção museal, em que todo o conjunto musealizado, ou os objetos, passam a ser movidos por uma intenção que evoca ações simbólicas em torno do que foi criado. Está perpetuamente criando realidades, discursos e mudanças sociais. Utilizar museus em políticas que visam requalificar espaços da cidade sem a preocupação em ser democráticas, é reiterar os discursos das lógicas políticas e de mercado nos ambientes musealizados. O desafio dos espaços museais é o de levar a crítica de como os museus têm grande potência de mudança com o seu caráter de fenômeno e assim, nas realidades criadas, produzir ambientes democráticos.

Como forma de produzir e discutir democracias, entender como um museu faz parte de um discurso de construção de cidade em área gentrificada é um tema delicado, pois pressupõe a exclusão de uns em detrimento da permanência de outros. No caso do Bairro do Recife, uma importante exclusão que pode ser colocada como mote aqui é a da Comunidade Nossa Senhora do Pilar, com poucos moradores no bairro, localizada na ilha, mas invisibilizada diante dos projetos de revitalização. A comunidade está em um tipo de interesse diferente para a gestão da cidade, como um programa de retomada de desenvolvimento. A comunidade não é tomada como parte da inclusão social que os planos de requalificação urbanística incluem. Dentro desse discurso de diferenças sociais em um bairro que recebe tanta atenção de grandes projetos culturais, é necessário pensar no papel que os museus desempenham dentro dessa realidade. A musealização como ato de criar discursos, imagens e experiências foge do tradicional “fazer museu”, da forma hegemônica, para ser mais efetiva como um diálogo. Ao olhar para os museus que nos propomos a analisar neste trabalho e entende-los como criadores de narrativas é importante entender que tipo de museologia se faz nesses lugares e como ela está associada a políticas culturais específicas para a revalorização do bairro, visando a sua capitalização. A crítica que deve estar presente é saber qual a importância e o impacto que os museus causaram no bairro, justamente com a participação nesse projeto de revalorização do bairro. E o que, de fato, eles produziram como impactante dispositivo museológico que atua para democratizar e descolonizar cada vez mais os usos dos museus e das cidades.

Palavras-chave: Musealização; Requalificação urbana; Museus.

GT 4 - MUSEUS, GÊNERO E SEXUALIDADE

MESA 3

Coord: Ana Audebert; Jean Baptista; Mariana Sombrio.

10h40 Museus e Gênero no Brasil: uma cartografia de silenciamentos e resistências

Camila Azevedo de Moraes (UFG); Allinny Raphaele Vitor de Lima (UFG);
Jéssica Alves Vieira (UFG)

Resumo: O gênero pode ser compreendido como uma estrutura, uma dimensão central da vida social, por meio da qual corpos são categorizados, estabelecendo hierarquias e legitimando opressões. Essa simples assertiva, uma constatação recorrente do pensamento feminista, quando inserida no campo dos Museus e da Museologia, evidencia desafios de monta.

Buscando compreender esse cenário, apresentamos os resultados de pesquisas voltadas a realizar uma cartografia dos trabalhos acadêmicos sobre gênero, bem como de exposições que adotaram a temática “mulher” como recorte. Foram levantadas 661 produções monográficas realizadas nos cursos de Bacharelado em Museologia no Brasil, bem como 283 dissertações de mestrado e 70 teses de doutorado em programas de pós-graduação que apresentavam alguma relação com a Museologia, no período de 2004 a 2017. Dentre os 1014 trabalhos levantados, apenas 9 abordam os temas gênero, mulheres e feminismo (0,8% do total). Cabe destacar que, no que concerne à autoria desses trabalhos, cerca de 75% foram escritos por mulheres. Dessa forma, embora os debates sobre museus, mulheres, gênero e feminismo tenham se ampliado na última década, ainda é tímida a introdução desses temas em monografias, dissertações e teses. Por sua vez, o levantamento de exposições com o tema “mulher”, entre os anos de 2011 a 2017, totalizou 22 exposições. Foi possível constatar que nos museus tradicionais as abordagens mais frequentes dessa temática foram a ‘mulher artista’, a ‘beleza’ e a ‘sensualidade’, destacando quase sempre mulheres brancas e de classe média. Já nos museus comunitários predominam as exposições que mostram a realidade de mulheres negras e periféricas, suas memórias, vivências e experiências. Contudo, ainda que processos comunitários tenham trazido o protagonismo das mulheres e temas como violência, assédio e afins, essas abordagens são pouco recorrentes no quadro geral, nos mostrando a necessidade de uma museologia feminista e interseccional, onde marcadores sociais da diferença, como gênero, raça, sexualidade, geração e classe, sejam considerados de forma integrada. Compreendendo a Museologia como campo onde teoria e prática deveriam se retroalimentar, espera-se que o feminismo interseccional, evidenciado nas exposições em museus comunitários e alimentado por saberes pautados na decolonialidade, inspire as reflexões acadêmicas da Museologia, ainda pouco voltadas a essas discussões.

Palavras-chave: Museus; Museologia; Gênero; Mulher; Feminismo.

11h Museologia e Sexualidade: Imaginação Museal na CasAmor de Aracaju-SE

Rafael dos Santos Machado (UFS); Neila Dourado Gonçalves Maciel (UFS)

Resumo: O presente trabalho faz parte possui como propósito abordar as práticas e ações museais, desenvolvidas no espaço da primeira casa de passagem e apoio, para a comunidade LGBT (Lesbicas, Gays, Bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais) na CasAmor, em Aracaju/SE, a partir da imaginação museal de Linda Brasil. Para isso, é utilizado a categoria de análise imaginação museal, construída por Mario Chagas (2003), que analisou a imaginação museal de Gustavo Barroso, Gilberto Freire e Darcy Ribeiro, para compreender o significado do museu e dos bens culturais que preservavam, em museus idealizados e criados por eles. A pesquisa é concentrada nas ações museais da CasAmor e a sua relação com os direitos humanos e da diversidade de corpos de subjetividades. Linda Brasil é ativista LGBT, feminista, transfeminista e idealizadora da instituição, que no ano de 2017, transformou sua indignação em ação, no combate a lógica do ódio, conduzido pelo pensamento patriarcal, materializado nas práticas da maioria dos indivíduos que compõe a sociedade brasileira, que acomete as vidas da população LGBT's. Utilizando plataformas virtuais e promovendo eventos presenciais abordando questões sobre gênero e sexualidade, a ativista conseguiu formar um coletivo, que de forma colaborativa construiu/constrói e materializa o projeto da CasAmor. As ações reafirmam o compromisso político na luta contra as violências e extermínios da comunidade LGBT, por meio dos discursos presentes nas narrativas dos objetos expostos, em suportes variados, que compõe o circuito do espaço museal, potencializados de poder na mediação. Para tal, é aplicada a metodologia etnográfica, baseado na observação participativa e entrevista com Linda Brasil, além da revisão

literária; documentos institucionais e matérias jornalísticas. A pesquisa se justifica pela ausência de produções que tematizem sobre práticas culturais, desenvolvidas nos espaços museais, pela comunidade LGBT, tecendo possibilidades de pensar uma nova imaginação museal generificada, que combata as LGBTfobias e outras memórias.

Palavras-chave: Museologia; CasAmor; Linda Brasil.

11h20 Um olhar para a inserção e presença de mulheres na faculdade de artes visuais da UFPA: utilizando os processos seletivos como panorama de reflexão

Leonardo de Souza Silva (UFPA)

Resumo: As mulheres contemporâneas vivenciam realidades resultantes de constantes lutas contra a negação e silenciamentos aos seus direitos de participar da sociedade. Por exemplo, a religião e o pensamento científico do século XVII, foram pontos de partida e de continuidade para atitudes machistas, que as caracterizam como inferiores e aculturadas. Como resistência, surgiram movimentos em prol da igualdade entre homens e mulheres, onde se incluíram os debates sobre “desigualdade de gênero”, que observam que os papéis sociais de ambos são culturalmente definidos, o que por consequência condiciona a participação das mulheres em todos os âmbitos, dentre eles o ensino superior. Partindo desse princípio, verificamos e analisamos a presença feminina nos cursos de Museologia, Artes Visuais, Cinema, e Produção Multimídia os quais compõem a Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal do Pará (FAV/UFPA), tendo como base os resultados dos processos seletivos disponíveis no site institucional do Centro de Processos Seletivos da UFPA (CEPS/ UFPA). Somando as graduações, as mulheres apresentam maiores números e/ou percentuais de aprovação que os homens, porém, ao separarmos os resultados, percebemos que em Cinema e Produção Multimídia a inserção feminina é inferior a 50%, decréscimo a ser problematizado, principalmente porque ditas formações remontam a separações históricas de papéis de gênero. Separando somente os anos de 2014 e 2019, notamos que ocorreram acréscimos – portanto avanços - de mulheres em três dos quatro cursos citados. Pensamos no quanto as violências de gênero vigentes em sociedade, podem colaborar para a presença (ou não) de mulheres no ensino superior. A partir da pesquisa realizada, temos uma porta de entrada para possíveis e amplas análises e reflexões da presença feminina em âmbitos acadêmicos, território que foi moldado por e para homens, mas que vem sendo desconstruído com muita luta e dedicação feminina.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Universidade; Ensino superior; Processo seletivo.

11h40 Gênero em museus de ciência: Uma análise de como a mulher é abordada na exposição de química do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto

Larissa Gonçalves Venâncio (UFOP); Ana Audebert (UFOP)

Resumo: O trabalho intitulado “Gênero em museus de ciência: Uma análise de como a mulher é abordada na exposição de Química do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto”, foi desenvolvido sob autoria de Larissa Gonçalves Venâncio e pela professora Dr^a Ana Audebert do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto DEMUL/EDTM/UFOP.

A pesquisa monográfica busca analisar como gênero é abordado dentro de museus de ciência e como as mediações e ações educativas da instituição detém um grande potencial de modificar esse cenário de representação desigual. Como estudo de caso utilizamos a exposição da sala de química, que se encontra no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto. Deste modo, iniciamos com uma discussão sobre o papel das mulheres nos museus de ciência a partir de uma revisão bibliográfica com o objetivo de fazer uma contextualização sobre as mulheres na ciência. Na sequência desenvolvemos uma análise do estudo de caso da exposição problematizando, portanto, como o discurso da instituição do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, expõe e media a questão de gênero em sua exposição permanente. Entendendo que os museus estão à serviço da sociedade, refletindo, portanto, a função social dessas instituições, percebemos os museus também como espaços de lutas e manifestações sociais e políticas. O movimento feminista é um movimento político muito pertinente de ser abordado dentro dos museus. Não é difícil, por exemplo, reparar que em um museu de arte qualquer há uma massiva representação de nus femininos em comparação a uma ínfima quantidade de artistas mulheres. E percebendo também a exclusão histórica que as mulheres sofreram ao longo dos séculos dentro da ciência, configuram-se assim os museus de ciência espaços muitas vezes segregativos e sem representação feminina. Em nossa pesquisa abordamos a importância da mulher na ciência, principalmente na área de química, e indagamos o porquê dessa representação não acontecer dentro dos museus de ciência, especificamente no nosso estudo, no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Palavras-chave: Museologia; Gênero; Ciência; Mulheres; Museu.

GT 5- MUSEOLOGIA, PATRIMÔNIO E TECNOLOGIA EM ESPAÇOS EXPANDIDOS

MESA 5

Coord: Carmen Lúcia Souza da Silva; Priscila Maria de Jesus; Rita de Cassia Maia da Silva.

10h40 Poéticas da Virtualidade: Documentação e Arquivamento de Net Art

Amanda Kathleen Machado Barbosa (UnB)

Resumo: O tema escolhido para este artigo possui como referência a monografia de mesmo título. Neste projeto, são analisadas as estratégias utilizadas para a preservação de obras de artemídia, destacando as de net art. Um dos objetivos deste tema é promover a necessidade de compreender a complexidade de auxiliar as instituições museológicas sobre os principais desafios de musealizar a net art. Também é questionado sua musealização, bem como a documentação e arquivamento desta poética, que é trabalhada de maneira mutável e encontra-se sempre em atualizações. Afinal, a net art utiliza-se do sistema on-line como sua interface, e, muitas vezes, só é existente quando integrada ao computador. Para tanto, a metodologia utilizada fora o uso de revisão bibliográfica para que se entenda como a museologia conhece e utiliza os artifícios da documentação e arquivamento de obras de artemídia, podendo conhecer melhor como é ocorrido seu processo de musealização. Ao entregar estas problemáticas, também conversamos uma possível musealização para estas obras, concentrando-se em coleções, e incorporando-as em sua instituição. É necessária a compreensão destes desafios e o início da busca de soluções para tais demandas de obras que utilizem de aparatos tecnológicos e que se encontram acervadas em instituições museológicas. Como referência para coleções de net art, foi pesquisado e conversado

sobre as obras doadas pela artista Giselle Beiguelman para o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, definido como museu universitário e primeira instituição pública a incorporar um acervo de net art em sua coleção. Após selecionado um acervo de net art, foi instigado a questionar quais desafios uma instituição possui quando se trata em trabalhar com a documentação e arquivamento de net art, afinal a documentação não acontece apenas com o seu processo de inclusão. A obra também é documentada por completo. No momento em que as obras são arquivadas e armazenadas, consideramos estratégias para que a instituição trabalhe este armazenamento de maneira compreensiva, respeitando e musealizando o seu tempo de criação.

Palavras-chave: Net art; Documentação; Arquivamento; Musealização; Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

11h Tecnologia da informação aplicada aos arquivos dos museus: os museus de Laranjeiras-SE Cristina Valença Barroso (UFS)

Resumo: Como os arquivos dos museus pensam o uso das tecnologias da informação? Quais os alcances dessas ferramentas para a gestão das informações nos museus? São questionamentos que perpassam atualmente os centros das discussões sobre o uso das tecnologias como meio colaborativo para a gestão dos arquivos e principalmente para os arquivos dos museus. Como qualquer outro espaço de informação e comunicação, os museus também precisam gerir suas informações. Tanto em relação ao patrimônio salvaguardado, quanto em relação aos trâmites administrativos da própria instituição. Nessa direção, o objetivo desse texto seria compreender como as tecnologias da informação tem colaborado na gestão das informações dentro dos museus e mais particularmente dos museus de Laranjeiras-SE. Para isso foi realizado uma revisão de literatura levando em consideração três categorias de análise: a) gestão da informação nos museus; b) tecnologias aplicadas aos arquivos e c) arquivos de museus. Posteriormente serão aplicados uma ficha de diagnóstico e entrevistas semi-estruturadas para tentar compreender essa realidade nos museus de Laranjeiras-SE. O objetivo não é esgotar toda as discussões realizadas dentro da perspectiva apresentada, mas perceber como a literatura mais atual trata desse assunto. Na era da sociedade da informação percebe-se a volatilidade e a abundância de conhecimentos que são disponibilizados quase simultaneamente assim que solicitados. Nesse mecanismo de acesso rápido e instantâneo a sociedade redesenhou formas de coleta, armazenamento e acesso, mas não só isso, redefiniu necessidades e exigências moldadas principalmente na fluidez das relações interpessoais e intrapessoais. Essa configuração fragmentária presente na sociedade pós-moderna compõe um cenário através do qual não só as formas de acesso, mas também as instituições e organizações da informação estão em constante mudanças e adaptações. Essa perspectiva também pode ser visualizada nos espaços museais. As teorias de outros campos do conhecimento colaboram para a formação de um caráter interdisciplinar nas atividades diárias dos museus e que estão ressignificando suas atividades a partir das necessidades exigidas pela sociedade atual. Assim percebemos a necessidade de investigar como essas mudanças na gestão da informação e do uso de novas tecnologias estão atingindo e provocando mudanças nas atividades cotidianas dos museus de Laranjeiras.

Palavras-chave: Museus; Arquivo de museus; Laranjeiras.

GT 6 - CONSERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

MESA 5

Coord: Eduardo Leite Krüger; Neide Aparecida Gomes; Clara Landim Fritoli.

10h40 O diagnóstico de condições de conservação de coleções como base para certificação de instituições museais

Willi de Barros Gonçalves (UFMG)

Resumo: Esta comunicação apresenta um protocolo para o diagnóstico de condições de conservação de coleções em exposição ou armazenadas em reservas técnicas, com vistas à elaboração de rotinas de acreditação da qualidade da preservação em instituições museais brasileiras. O roteiro proposto estrutura-se em quatro eixos conceituais: aspectos de composição material das coleções, infraestrutura, políticas institucionais e segurança. O diagnóstico de condições de conservação de coleções compreende uma análise abrangente de como estes aspectos se interrelacionam e possibilita o estabelecimento de diretrizes e prioridades na gestão da conservação das coleções. Além disso, constitui uma ferramenta importante para auxiliar nas tomadas de decisão, indicando aspectos a serem considerados na captação de recursos, priorização de investimentos, melhorias e mudanças necessárias, atitudinais e físicas, levando em conta as particularidades de cada caso/instituição. Internacionalmente, há vários exemplos de países que adotam processos de acreditação por meio de auditorias qualitativas e quantitativas de seus museus. Tais processos estão embasados em uma análise da instituição, sua missão, metas e políticas institucionais, qualificação e atuação da equipe envolvida na preservação do acervo, bem como as questões de infraestrutura e segurança relacionadas ao prolongamento da sobrevida material das coleções, que está no cerne das ações de Conservação Preventiva. No Brasil ainda há muitos passos a percorrer em termos de legislação e normatização no contexto da preservação do Patrimônio Cultural. O Decreto 8.124/2013, que regulamenta aspectos da lei 11.904/2013 – Estatuto dos Museus, prevê o diagnóstico institucional para a implementação do Plano Museológico e apresenta a figura do Museu Associado ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), sem definir critérios para atribuição dessa condição. Posteriormente, a Resolução Normativa IBRAM 01 de 14/12/2016 estabeleceu as etapas de avaliação institucional e documental e critérios de avaliação dos dados institucionais para essa associação. Contudo, a portaria não avançou na definição de critérios para a acreditação das instituições pleiteantes, com relação à qualidade dos serviços prestados, destacando-se aí a conservação dos acervos. A metodologia de diagnóstico apresentada nesta comunicação intenta contribuir na discussão para elaboração de um protocolo de acreditação de instituições museais brasileiras, no tocante à preservação dos acervos abrigados em museus, arquivos, bibliotecas e outras instituições de guarda e pesquisa similares, gerando um indicador quantitativo para fins de comparação entre instituições, entre diferentes coleções abrigadas em uma mesma instituição ou para explicitar alterações nas condições de conservação de uma coleção ao longo do tempo.

Palavras-chave: Diagnóstico de condições de conservação de coleções; Conservação preventiva de coleções; Acreditação de museus.

11h Diagnóstico de conservação para fins de digitalização em documentos do período entre 1788 a 1889

Neide Aparecida Gomes (UnB); Silmara Küster de Paula Carvalho (UnB); Charlley Fernandes dos Santos (Senado Federal)

Resumo: o Diagnóstico de Conservação é uma ferramenta indispensável para identificar as ameaças e as possíveis causas que contribuem para a degradação de acervos. Desta forma, tem como objetivo verificar e identificar os fatores que podem comprometer a integridade das coleções, sejam eles advindo do ambiente externo, interno e das próprias características dos materiais que compõem os acervos. Ademais, procura auxiliar a instituição na busca de estratégias sustentáveis de conservação com vistas a aumentar a vida útil dos acervos. Preservação, do latim praeservare, e significa “ver antecipadamente”, o risco de degradação ou alterações que comprometam a integridade física dos materiais. Implica em ações direcionadas para a salvaguarda desses acervos, sendo o diagnóstico item fundamental para elaboração de uma política institucional que objetiva a preservação e a garantia do acesso e pesquisa do acervo para as gerações atuais e futuras. Vários agentes de degradação agem de forma isolada ou conjunta a depender do tipo de acervo e da situação ambiental em que se encontram, sendo premente observar qual a situação identificada visando bloquear, minimizar ou eliminar o fator de degradação. O presente artigo apresenta os resultados do diagnóstico do estado de conservação para fins de digitalização de documentos do período compreendido entre 1788 a 1889, sob responsabilidade da Secretaria de Gestão de Informação e Documentação (SGIDOC), da Coordenação de Arquivo (COARQ) e Serviço de Arquivo Histórico (SEAHIS) do Senado Federal, realizado no período de 29 de agosto de 2018 a 15 de fevereiro de 2019. Foi verificada a situação real da área interna que abriga o referido acervo, o estado de conservação da documentação, a indicação de fatores de degradação que poderão colocá-lo em risco e a proposta de tratamento indicado para o referido acervo.

Palavras-chave: Conservação; Digitalização; Diagnóstico; Preservação.

11h20 Usar e preservar: a função da museologia e da conservação na condução do usuário ao papel de agente de preservação

Ivy Souza da Silva (UnB)

Resumo: Qual a principal ação de conservação para um objeto de valor cultural quanto a sua preservação: acondicioná-lo em uma reserva técnica climatizada ou disponibilizá-lo para consulta ou visitação? A noção do uso de um objeto como um agente de sua degradação é fato e deve ser considerada, principalmente quando os objetos em questão são compostos por materiais orgânicos sensíveis as condições ambientais instáveis. Contudo, a mesma percepção pode ser relativizada, ou superada, quando tratamos de bens constituídos de materiais mais resistentes como os pétreos, metálicos, vítreo e cerâmicos. Bens integrados, esculturas ao ar livre, painéis de azulejos e pinturas parietais, incluindo grafites, fazem parte do cotidiano das cidades e muitas vezes não são entendidos como manifestações ou patrimônio cultural. A apropriação desses objetos por parte da comunidade e o incentivo ao uso desses bens devem ser incorporadas as ações de conservação tanto de sua forma física quanto do espectro simbólico do objeto. Para tanto, conceitos da memória social serão trazidos a este artigo para dialogar com as questões pertinentes a conservação de bens culturais. Os conceitos de documento monumento de Jacques Le Goff, e de lugares de memória de Pierre Nora formarão o ponto de partida para

o entendimento do objeto como bem comum ou patrimônio. A perspectiva da conservação terá como referencial as teorias contemporâneas da conservação e da restauração de Salvador MuñozViñas, que aborda o fazer da restauração sendo determinado pelo uso que o objeto terá posteriormente ao tratamento. Este artigo pretende lançar à discussão do modo de como o trabalho dos profissionais da museologia e da conservação-restauração tem a oportunidade de contribuir socialmente com o enriquecimento cultural de uma comunidade, partindo da premissa de que deve se perceber o quão necessário é o uso de um bem para a sua própria conservação. **Palavras-chave:** Conservação; Patrimônio; Memória; Uso; Preservação.

GT 7 - ARQUITETURA DE MUSEUS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA SUA DEMOCRATIZAÇÃO

MESA 2

Coord: Luisa Gertrudis Durán Rocca; Paulo Cesar Garcez Marins; Anna Beatriz Ayroza Galvão.

10h40 Casas-museu de arquitetos modernos: Democratização da arquitetura?

Luisa Gertrudis Durán Rocca (UFRGS); Leonardo Valerão Oliveira (UFRGS)

Resumo: Uma casa-museu é um tipo de museu instalado num imóvel que originalmente teve como função principal a de morar. Nesses espaços, os visitantes buscam vivenciar uma realidade teatralizada para se aproximar da personagem que lá habitou. No caso de casas-museu de arquitetos célebres, esse quadro cresce em complexidade, especialmente em função do caráter paradigmático dessas residências. Nelas, o autor - antigo morador - divide o protagonismo com o próprio ambiente edificado, constituído invariavelmente por “casas-manifesto”, edificações que ultrapassavam sua própria função utilitária ao se constituírem em valiosas oportunidades de experimentação e manifestação de proposições técnicas, espaciais, formais e estéticas que outorgavam à obra um caráter exemplar. Da mesma forma que nos monumentos visitáveis, nas casas museu de arquitetos a primeira e mais importante peça da “coleção” é a própria arquitetura. Passadas décadas de ocupação pelos arquitetos proprietários, o fenômeno de musealização dessas casas-manifesto tornou-se prática recorrente, concretamente após falecimento de seus autores. É o caso da Casa Estúdio (Cidade do México, 1948) de Luis Barragán (1902-1988), aberta ao público em 1994; da Glass House (New Canaan, 1945-1949) de Phillip Johnson (1906-2005), aberta ao público em 2007; da Casa Modernista (São Paulo, 1927-1928) de Gregori Warchavchik (1896-1972), aberta ao público em 2007; da Casa de Vidro (São Paulo, 1950-1951) de Lina Bo Bardi (1914-1992), aberta ao público em 2010; e da Casa das Canoas (Rio de Janeiro, 1951-1953) de Oscar Niemeyer (1907-2012), aberta ao público em 2017. Nelas, o conhecimento e a fruição sobre o espaço são mais relevantes que a aproximação a um acervo ou à narrativa de intimidade de seus moradores, como ocorre em casas-museu convencionais. Embora a arquitetura moderna tivesse como um dos seus principais fundamentos oferecer soluções de habitação popular eficientes e em grande escala, foi o tema da moradia burguesa unifamiliar que se destacou, ao longo do século XX, na discussão e na práxis dos arquitetos modernos. Por meio desses projetos residenciais tidos como exemplares, a vanguarda moderna divulgou e defendeu suas convicções urbanísticas, arquitetônicas, artísticas, tecnológicas e ideológicas. A concepção de “casas-manifesto” foi, em razão disso, uma prática recorrente no âmbito do movimento moderno. Dessa forma, o ideal social original dos arquitetos modernos deu lugar à concepção de serviços e produtos altamente sofisticados e

inacessíveis – econômica e culturalmente – às camadas populares da sociedade. Com essa série de residências icônicas saindo da esfera privada, tornando públicos os seus ambientes ao serem musealizadas, entra em cena um potencial instrumento para a democratização da arquitetura e do saber arquitetônico, ainda tão elitizados. O presente trabalho busca analisar a efetividade – ou não – dessa democratização, apurando informações sobre o contexto urbano, acessibilidade a esses locais, a proposta museológica, e a gestão desses equipamentos culturais (custo da entrada, horários de visitação, etc.) nos cinco estudos de caso elencados.

Palavras-chave: Casa-museu; Casa-manifesto; Arquitetura moderna

11h A musealização e edifícios que abrigam coleções: o caso do Museu Victor Meirelles

Maria Vitória Vieira Capote Gonzaga (UFSC)

Resumo: Este artigo é baseado na pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no final do curso de graduação em Museologia. O Museu Victor Meirelles, objeto dessa pesquisa, está localizado na cidade de Florianópolis, no sul do Brasil. Nesse artigo, é feito um recorte sobre as relações entre a casa, o museu, e a musealização do edifício, no intuito de fazer uma breve reflexão sobre o potencial do edifício como objeto museológico, e da inserção dele na instituição não apenas como lugar que abriga o museu.

Palavras-chave: Museu Victor Meirelles; Musealização; Arquitetura.

11h20 Sinagoga Kehilat Israel e a manutenção da memória judaica no Bairro do Bom Retiro em São Paulo

Marina Alves Itabaiana de Moraes (UnB)

Resumo: O artigo apresenta algumas considerações com a preservação da memória, do edifício e do bairro, no acolhimento do Memorial da Imigração Judaica na Sinagoga Kehilat Israel no Bom Retiro. Tal reflexão é um desdobramento do meu trabalho de conclusão de curso em Museologia, em que analisei a representação da memória judaica no Memorial da Imigração Judaica, já que é da tradição judaica narrar a sua própria história a fim de perpetuá-la. Observei que mesmo não sendo mais um bairro judaico, o bairro do Bom Retiro ainda se mantém com tal fama. Para tal objetivo, foi feito um levantamento bibliográfico sobre o significado da sinagoga para a comunidade judaica e o processo de ocupação do Bairro do Bom Retiro, para identificar a partir deste saldo de fontes, a manutenção da memória judaica.

Palavras-chave: Sinagoga; Memória; Bom Retiro; Judeus; Memorial.

GT 8 - MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E PROCESSOS MUSEOLÓGICOS COMUNITÁRIOS ENTRE POVOS INDÍGENAS NAS AMÉRICAS

MESA 3

Coord: Alexandre Oliveira Gomes; Eliete Pereira.

10h40 Museu Kanindé: ferramenta de formação interdisciplinar entre índios no Ceará

Suzenilson da Silva Santos (UNILAB-Ceará)

Resumo: Este trabalho propõe analisar os métodos pedagógicos diferenciados realizados pelo Museu Indígena Kanindé primeiro museu indígena criado no Ceará em 1995, e o segundo museu indígena no Brasil, pelo seu fundador cacique Sotero, onde o mesmo passou a ser um elemento essencial da identidade indígena do povo, numa perspectiva de construção coletiva, ao mostrar o próprio olhar do índio Kanindé sobre sua versão da história, desde então, o museu dos Kanindé vem chamando atenção principalmente por suas atividades realizadas em torno da educação escolar indígena e em museologia indígena em parceria com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, localizada no sítio Fernandes, Município de Aratuba relacionado ao ensino da história na formação interdisciplinar dos alunos Kanindé. Tem por objetivo demonstrar as práticas de ensino realizado com os componentes do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé que são alunos da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos na tentativa de buscar uma prática de ensino diferenciado em educação indígena buscando o fortalecimento da identidade Indígena do povo bem assim como a luta pelo território indígena e a formação de novos atores para atuar no movimento social dos Kanindé. Fundamentaliza as atividades desse trabalho o projeto político pedagógico da escola indígena Manoel Francisco dos Santos e a proposta pedagógica do Museu Indígena Kanindé que integralizam atividades de formação conjunta dando concretização a um sistema próprio de ensino e aprendizado assim como sistematiza a resolução 05/2012 que define as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar indígena na educação básica dando ênfase ao currículo da escola indígena ligando as concepções e práticas a interdisciplinaridade e contextualização na articulação entre os diferentes campos do conhecimento valorizando os saberes, a oralidade e a história do povo para atender as especificidades do contexto escolar e comunitário do povo. Metodologias foram articuladas para trabalhar com memória e patrimônio junto a escola, sendo essa a melhor opção para aproximar o museu e começar a explorar mais as potencialidades didáticas da linguagem da linguagem museológica nos processos de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola, dentre as ações realizadas podemos destacar em um primeiro momento da formação para os professores indígenas kanindé em história e antropologia indígena, dificuldade analisada pelos próprios educadores que tinham dificuldade em repassar e ter conhecimento sobre a história do povo. Com uma formação focada no público escolar desta vez foi a realização do curso historiando os kanindé realizado com os alunos da escola indígena que mais adiante se tornariam monitores do núcleo educativo do museu indígena kanindé, e obtiveram em sua formação além de conhecimentos dos saberes indígenas próprios do povo kanindé, também obtiveram conhecimento e formação sobre: Antropologia, Arqueologia, História Indígena, Memória Local e Patrimônio Indígena, Museologia, Cartografia Social, Fotografia, Áudio Visual entre outros como forma de resguardar e conhecer saberes para fortalecer o conhecimento e a identidade dos kanindé. A partir de então se desenvolveram várias atividades de formação para com os indígenas que culminou com a criação do Núcleo Educativo do Museu Indígena Kanindé. O aprendizado dos Monitores do núcleo educativo do Museu Kanindé sempre foi um desejo do cacique Sotero para que pudesse dar sustentabilidade a cultura e a memória dos Kanindé, diante das ações de formação desenvolvida pelo Museu

os estudantes / monitores se tornaram homens e mulheres de grande conhecimento e futuras lideranças, as formações foram de suma importância e Muitos desses alunos que participaram das gerações anteriores do Núcleo Educativo atualmente passaram no vestibular e hoje fazem universidade em cursos que vão desde a gastronomia, administração, biologia, Agronomia, Humanidades entre outros. A vontade dos alunos, bem como da comunidade no geral é de que os mesmos voltem e deem sustentabilidade e continuidade à educação e cultura do povo Kanindé. Compreendemos que o museu indígena Kanindé configura-se como espaço propício para a educação indígena, pois este espaço cultural deve promover e orientar atividades de pesquisa e extensão cultural, com objetivo de refletir sobre a construção de estratégias de desenvolvimento para a própria comunidade, deste modo, nos últimos anos o museu indígena Kanindé vem realizando diversas ações em parceria com a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos que contribuem no fortalecimento da organização comunitária ao trabalhar diversas formas de socializar a memória, o patrimônio, bem como as práticas culturais, difundindo a história local como forma de assegurar às futuras gerações a memória social dos Kanindé. Hoje o Museu Indígena Kanindé constitui-se num centro de documentação que guarda interessantes indícios sobre o processo de organização política em torno da identidade étnica. Participa ativamente das mobilizações indígenas que envolvem as temáticas da memória, do patrimônio e dos museus a nível local, estadual e nacional. Essa participação ativa vem proporcionando um respaldo e grande reconhecimento de suas ações de gestão, ação educativa e manutenção do patrimônio e da memória local. Os Kanindé sempre demonstraram ao caminhar por ser um povo forte, guerreiro, que sempre buscou formas de sobrevivência e sobressair das dificuldades, preconceitos e das diversas perseguições dos opressores. Os mesmos são responsáveis por contar e refazer sua própria história, retirando de suas vidas os entraves que hoje servem como aprendizados e na luta por afirmação indígena. Seus guardiões da memória estão conseguindo fortificar e solidificar e enriquecer o movimento, a cultura e a afirmação étnica. Fundamentais na caminhada para afirmação étnica Kanindé, sem dúvida, a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos e o Museu Indígena Kanindé, com suas filosofias e metodologias de educação diferenciada vem contribuindo para o enriquecimento cultural e valorizando da cultura do povo Kanindé. Suas ações educativas e práticas de formação em letramento buscam sempre formação crítica de novas lideranças, possibilitando nossa entrada nas universidades e produzindo conhecimentos que garantiram nossa sustentabilidade e bem viver na comunidade. a diversidade existente na memória do povo Kanindé é existente para fortalecer as diversas dinâmicas sociais dentro da comunidade e que esses espaços conhecidos pelos guardiões da memória como veredas nos são primordiais para entendermos todo o processo de história, afirmação étnica e organização comunitária entre os índios Kanindé no Ceará.

Palavras-chave: Museu; Educação; Formação Social

11h Ecos de Museologias Afirmativas: o Caso dos Museus Indígenas

Suzy da Silva Santos (USP)

Resumo: Nas últimas décadas as discussões sobre representação, representatividade e participação social nos espaços museológicos vem sido levadas a cabo e diversos eventos do campo. As chamadas “museologias afirmativas”, desenvolvidas no âmbito da Museologia Social, privilegiam diferentes tempos e espaços, baseiam-se em pesquisas diversas e desenvolvem-se a partir de pontos de vista e experiências próprias, respeitando os lugares de fala de cada grupo organizado. A Museologia Indígena vem sendo conceituada por lideranças indígenas de diversas etnias, que vem se apropriando dos conceitos do campo museológico, adaptando-os às realidades próprias, associando-os aos contextos sociais em que estão inseridos e museus indígenas em que atuam, e transformando-os. Teoria e prática se retroalimentam nessas iniciativas culturais denominadas Museus Indígenas. A presente comunicação, além de estimular uma discussão

teórica entre a (re) construção dos conceitos museológicos na contemporaneidade, enfatizando o lugar de fala de agentes históricos que preservam e produzem os patrimônios musealizados dos museus indígenas e são os principais beneficiados com a sua manutenção, salvaguarda e valorização, tem como objetivo apresentar o panorama contemporâneo dos museus indígenas brasileiros.

Palavras-chave: Museologia Social; Museu Indígena; Museu Comunitário; Museologia Afirmativa.

GT 9 - MUSEOLOGIA SOCIAL E DIREITOS HUMANOS

MESA 5

Coord: Mario de Souza Chagas; Marcelle Pereira; Silmara Küster de Paula Carvalho.

10h40 Narrativas do desastre: o caso do naufrágio do navio Haidar em Barcarena, Pará
Rayana Silva (UFPA); Erika Mourão Ferreira (UFPA); Leonardo de Souza Silva (UFPA)

Resumo: O presente trabalho foi realizado na área da Praia do Conde – curso hidrográfico do Rio Pará -, localizada no município de Barcarena, Estado do Pará, na qual temos a presença de um sistema portuário que desenvolve atividades relacionadas à redistribuição e fornecimento de óleo combustível para o entorno. Para além, a mesma faz parte de uma paisagem composta por um grande complexo industrial caracterizado pelas empresas Albras/Alunorte, Imerys Rio Capim Caulim (IRCC) e Pará Pigmentos/AS (PPAS), voltadas para a extração, beneficiamento e exportação mineral em grande escala. Esses são fatores que motivaram esta pesquisa, uma vez que podemos entender o complexo como uma “zona de risco”, a ameaçar as comunidades e o sistema natural que o circunda. Um bom exemplo, é o naufrágio do navio Haidar em Outubro de 2015, no porto da Companhia Docas do Pará (CDP), que levou consigo 5 mil bois vivos e gerou também o vazamento de grande quantidade de óleo nas águas do Rio Pará. Acontece que tais impactos afetam não somente o meio natural, mas também as pessoas das redondezas, suas formas de sociabilidade e territorialidades. Sendo assim, procuramos investigar e compreender as narrativas e/ou memórias locais acerca do ocorrido, baseados (as) na produção teórica das Ciências Sociais, em especial, da Museologia e da Antropologia. Ambas ajudam para que analisemos o mesmo acontecimento sob várias perspectivas. Entendendo, especialmente, que os objetos materiais considerados nos diversos contextos sociais não só desempenham funções identitárias, mas na verdade organizam na medida em que são categorias materializadas, a percepção que temos de nós mesmos individual e coletivamente. Assim, pensando o naufrágio, fizemos uma “etnografia do desastre”, atentando (as) à responsabilidade de levar os fatos relatados a público, com a mesma importância que possuem para os narradores. A prática etnográfica, utilizada como metodologia, ocorreu em ida a campo durante o mês de julho de 2018, a partir de entrevistas formais e informais, sem questionário definido, abrangendo principalmente ribeirinhos, pescadores e/ou demais civis moradores do entorno. Com ela, conseguimos entender a realidade do outro e perceber que a paisagem estudada está abandonada pelas pessoas, porém, repleta de objetos que remontam às práticas da pesca, do lazer e também do naufrágio. Há um conjunto de objetos, coisas ou artefatos, que em conjunto com os relatos, ajudam a entender como foi ou como se encontra atualmente a organização social na Praia do Conde.

Palavras-chave: Naufrágio; Narrativa; Etnografia; Cultura Material.

11h MST: patrimônio cultural, memória e cidadania

Rose Elke Debiasi (UFSC)

Resumo: A partir da publicação da Mesa Redonda de Santiago (1972), da Declaração de Quebec (1984) e da Declaração de Caracas (1992) o fazer museológico adquire um maior alcance social. Trata-se de documentos fundamentais para compreender a mudança do pensamento museológico na contemporaneidade. Com essas contribuições, houve um alargamento do conceito de patrimônio e de bem cultural, além de um novo entendimento sobre a categoria “museus”, os quais passaram a contar com a participação das comunidades. A Constituição Federal (1988), nesse sentido, atentou para os grupos formadores da sociedade brasileira que estavam fora do reconhecimento e da ação do Estado. Isso significa o reconhecimento das expressões culturais de grupos formadores da sociedade brasileira, particularmente de indígenas, afro-brasileiros e comunidades detentoras de manifestações de caráter tradicional e de transmissão oral. O reconhecimento do patrimônio intangível nas referidas comunidades demonstra a potencialidade que o patrimônio tem para fornecer visibilidade à diversidade e pluralidade culturais do país. Partindo desse entendimento, nossa intenção nesta comunicação é perceber como um movimento social, especificamente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentro de suas diversas manifestações, (re)constrói o seu patrimônio cultural e suas narrativas. O objetivo, portanto, é refletir sobre o processo de constituição e transmissão do patrimônio político, cultural e religioso do MST. Esse patrimônio pode ser percebido na valorização de símbolos representativos da trajetória de luta e resistência do Movimento, na utilização de determinadas expressões, na mística, na preparação para uma ocupação de terra e no processo de montagem das barracas de lona preta. Manifesta-se, igualmente, na valorização, na representação e no reconhecimento de determinadas lideranças em âmbito nacional, bem como no papel que elas assumem no grupo político e no respaldo que adquirem na seleção, convencimento e recrutamento de novos integrantes. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizaremos pesquisa bibliográfica e documental, observação in loco e um conjunto de entrevistas temáticas realizadas com militantes vinculados ao MST desde 1985, buscando identificar como o patrimônio cultural é acionado, reivindicado e resignificado por seus líderes.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; MST; Memória; Cidadania.

11h20 Memória do Sofrimento na América Latina: a relação patrimônio e direitos humanos

Jeniffer Alves Cuty(UFRGS)

Resumo: Parte de uma pesquisa mais ampla sobre Política de Memória como prática de justiça social diante dos rastros de dor identificados em sítios ou museus na América Latina e na África. Dedicar o olhar sobre contextos sociais desiguais e que sofrem com massacres cotidianos ou excepcionais, construção de discurso do ódio, étnico, religioso ou político. Aborda a categoria Dever de Memória em relação ao sofrimento humano, tanto como tema de pesquisa quanto como postura ética a ser assumida no cotidiano acadêmico em Museologia. Opera com a perspectiva da memória projetiva, assim como com teorias originárias da Ciências Humanas, bem como das Ciências Sociais Aplicadas, como Direito e Museologia. Compreende que o tempo se torna humano quando é narrado e essa narrativa pode ser expográfica e museológica, como a encontrada em Museus de Resistência, foco inicial da pesquisa. Discute, por meio de dados coletados em campo, as narrativas do sofrimento expostas em museus e sítios de memória em Buenos Aires, Argentina. Considera que essa perspectiva qualifica o olhar sobre a realidade

brasileira, a ser debatida após visitas em locais de tortura e de extermínio, no Rio Grande do Sul, em disciplina específica dedicada à temática da pesquisa. A compreensão de patrimônio foi sendo repensada no interior das dinâmicas sociais, especialmente nas práticas significadas por grupos sociais, antes, desumanizados e eliminados em seus traços identitários. O universo de valores reconhecidos, em tempos de hábitos globalizados, ultrapassa os propostos histórico e artístico. O fenômeno de valoração do patrimônio encontra sua seara de legitimidade na interação sujeito-objeto-espaço da memória coletiva halbwichiana. Esta relação compreende ainda a noção de fato museológico, proposto por Waldisa Russo Camargo Guarnieri, na qual o sujeito se correlaciona com o objeto em um determinado contexto, transformando-se mutuamente. Todos são únicos e, ao mesmo tempo, representam uma coletividade, adoecida e vitimada por políticas de esquecimento. A narração de um sobrevivente de um campo de concentração possui a força de narrativa de todos os demais sobreviventes. No entanto, este indivíduo não passou pela experiência da barbárie na sua completude (a morte). Valor de testemunho, valor de experiência do dilaceramento estão dispostos à nossa reflexão. O espaço, na sua conformação social entrelaçada aos rastros ali deixados, revela-se narrador central.

Palavras-chave: Memória do Sofrimento; Valoração do Patrimônio; Direitos Humanos; Dever de Memória; Desumanização.

GT 10 - PATRIMÔNIO E MEMÓRIA DA ALTERIDADE EM COLEÇÕES MUSEOLÓGICAS DE ARTE E CULTURA POPULARES

MESA 4

Coord: Vânia Dolores Estevam de Oliveira; Ricardo Gomes Lima; Elizabete de Castro Mendonça.

10h40 Patrimônio Cultural da Casa José de Alencar: Novos olhares, novas possibilidades

Márcia Pereira de Oliveira (UFC); Frederico Andrade Pontes (Casa de José de Alencar/UFC)

Resumo: O presente artigo tem como tema o 'patrimônio cultural' tendo como perspectiva a Casa de José de Alencar, equipamento cultural pertencente à Universidade Federal do Ceará. Termo que contempla diversas categorias, foi criado no final do século XVII e passou a ser amplamente utilizado a partir das Revoluções Francesa e Inglesa. A emergência dos Estados-nação e a necessidade da criação de laços de identidade e pertencimento fizeram emergir políticas de patrimonialização de prédios, objetos e monumentos com o intuito torná-los espaços de memória das jovens nações e de educar a população. Atualmente, o termo procura contemplar outras manifestações culturais, integrando formas de viver e fazer ao mesmo tempo em que se procura oferecer lazer, entretenimento, educação além de opções de empregabilidade e renda para as comunidades locais.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Casa de José de Alencar; Equipamento Cultural.

11h Múltiplos Olhares: a Documentação Museológica para Coleções de Cultura Popular

Renata Cardozo Padilha (UFSC); Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes(UFSC);

Letícia Borges Nedel (UFSC)

Resumo: O trabalho propõe-se a solucionar problemas de ordem técnico-científica relativos à documentação de acervos museológicos por meio de uma metodologia que contemple a dimensão política e memorial dos processos de documentação e registro. No âmbito da documentação museológica, constata-se que ainda hoje muitos museus não possuem registros informativos de seus acervos, o que impossibilita a recuperação de dados e a produção de novos conhecimentos, além de obscurecer informações essenciais das coleções. As coleções de cultura popular, especialmente, por restarem muitas vezes invisibilizadas em reservas técnicas de museus arqueológicos, etnológicos e de outras tipologias, raramente tiveram suas especificidades atendidas pelos sistemas de documentação. No MarquE, instituição criada em 1961 como Instituto de Pesquisa ligado à cátedra de Antropologia da Faculdade de Filosofia da UFSC, onde a coleção de “cultura popular” testemunha uma sucessão de investimentos intelectuais e profissionais de dirigentes que atuaram como intérpretes das manifestações do “folclore” e da “cultura popular” ao longo da história de vida da instituição, a proveniência da coleção com projetos extintos ou reputados como ultrapassados contribui tanto aumentar as lacunas informacionais do acervo, quanto os lapsos da memória do museu, da museologia e da antropologia no sul do Brasil. O intuito deste trabalho é partir da experimentação de documentação e pesquisa dessa coleção para testar caminhos capazes de incorporar às formas de registro museológico memórias, documentos e outras evidências da experiência de pessoas que vivenciam a “cultura popular” dentro e fora do ambiente institucional do museu, assim como os processos, eles mesmos culturais, de elaboração dos parâmetros de representação das alteridades internas à nacionalidade brasileira por diferentes gerações de pesquisadores das culturas populares, entre as décadas de 1960 e 2000. A ideia é que o mapeamento de possibilidades informativas sobre bens musealizados possa transcender os métodos tradicionais de inventários do patrimônio cultural e responder a questões éticas, de cidadania e direitos na contemporaneidade. Aliada a uma perspectiva processual das coleções, ela permite subsidiar debates sobre gestão de acervos, organização e representação da informação de memórias invisibilizadas, “objetos sensíveis”, repatriação de bens culturais, patrimônio imaterial e efemeridade e, com isso, proporcionar aos públicos o acesso ampliado e democrático às informações das coleções de museus.

Palavras-chave: Cultura Popular; Documentação Museológica; Museu de Arqueologia e Etnologia; Gestão de Acervos.

11h20 Preservando a Memória e Paixão Jurunense: documentação dos troféus da primeira escola de samba de Belém – Pa, Rancho Não Posso Me Amofiná

Ana Victória Cruz (UFPA)

Resumo: A ideia para este trabalho surgiu a partir da bolsa de pesquisa PIBIPA – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Produção Artística – durante a graduação em Museologia no ano de 2017. O interesse pelo mundo carnavalesco foi intensificado pelas visitas feitas na sede da Escola de Samba Rancho Não Posso Me Amofiná, localizado em Belém no bairro do Jurunas em Belém, e ao observar o rico acervo e paixão que possuem pela agremiação. A partir da divisão das eras carnavalescas, notou-se que o Rancho possuiu grande importância para a

construção do carnaval paraense, pois foi em 1934, início da Era do Samba, a inauguração da primeira escola de samba em Belém, no dia 31/01, por incentivo de Raimundo Manito. E no bairro do Jurunas, surgiu o “Rancho Não Posso Me Amofiná”. A justificativa da pesquisa está pautada na noção de que os troféus apresentam um caráter de memória coletiva, ressaltam a identidade da comunidade jurunense e representam todos àqueles que participaram de alguma maneira na conquista desses títulos, seja administrando ou compondo samba-enredos ou confeccionando as fantasias. Outro fator importante para reforçar a importância desta pesquisa está no fato de que não há uma documentação sobre o acervo, havendo até dúvida por parte do corpo administrativo da escola sobre a quantidade de troféus ou fotografias, por exemplo. Em resumo, esta pesquisa buscou por meio da documentação, elaborar um sistema organizacional para os troféus visto que próprio corpo administrativo da escola não possui um conhecimento mais aprofundado sobre os troféus, e devido ao estado de conservação da própria vitrine, houve a identificação dos problemas presentes nos mesmos para, se possível, em um trabalho futuro dar continuidade a pesquisa. Assim, como resultado final deste trabalho, os troféus da Escola de Samba Rancho Não Posso Me Amofiná apresentam 80% de sua documentação concluída e através desta e por observações do ambiente interno da vitrine, verificou-se que a vitrine apresenta infestações de aranhas e baratas, o que ocasiona danos aos objetos presentes dentro da mesma. Desse modo, visto que os troféus, as medalhas, os livros, por exemplo, representam a história e a memória da escola por meio de um suporte físico, a solução em curto prazo seria que a vitrine e os objetos passassem por uma higienização pelo mais frequente com a finalidade controlar o índice de sujidade dentro da mesma, e há médio e longo prazo, elabora um plano de controle e monitoramento de pragas com a ajuda de um profissional, sempre se baseando baseado na realidade da escola. Outro objetivo a ser alcançado em longo prazo seria adaptar e expandir a vitrine com o propósito de adequar o espaço para novos troféus e facilitar o manuseio dos objetos em seu interior.

Palavras-chave: Acervo; Cultura Popular; Documentação.

GT 11 - HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA NO BRASIL

MESA 5

Coord: Henrique de Vasconcelos Cruz; Priscilla Arigoni Coelho.

10h40 E agora, José? Uma reflexão sobre a importância de José Valladares para a Museologia
Larissa Saldanha Oliveira (UFBA)

Resumo: O presente artigo pretende refletir sobre José Antonio do Prado Valladares e a sua relevância para a área museológica no Brasil. Em especial, para o Museu do Estado da Bahia durante 1939 e 1959 (quando veio a falecer tragicamente num desastre aéreo), período o qual esteve à frente dessa instituição; buscando compreender de que forma as contribuições dele ainda se fazem pertinentes no cenário museológico baiano e brasileiro. Sendo assim, trata-se de um trabalho importante para a história e memória dos museus e da Museologia no país. Além disso, suas produções científicas – principalmente, o seu livro “Museus para o Povo: um estudo sobre museus americanos” (1946) – contribuíram sobremaneira ao desenvolvimento dessa ciência aplicada. Segundo José Valladares (1946), os museus teriam o papel de democratização da cultura. Por isso, ao realizar essa análise institucional, através de uma abordagem da sua trajetória individual, é possível debater não apenas a salvaguarda do

patrimônio histórico, mas refletir a respeito do serviço prestado ao público e à educação no (s) museu (s); conseqüentemente, divulgando e fortalecendo esse campo de pesquisa. Buscar entender a singularidade do trabalho dele no campo museológico auxilia na compreensão da Museologia do seu tempo e, portanto, das principais reformulações ocorridas, assim como das dificuldades enfrentadas na sua gestão. Na direção do museu mais antigo do Estado da Bahia, José Valladares já sublinhava a importância da função educativa dos museus e se envolvia em diversas questões (desde a elaboração de normas até acomodação e ampliação do espaço), embora o seu trabalho como museólogo ainda seja pouco conhecido. Por fim, refere-se a uma investigação qualitativa, cujo método a ser utilizado será a pesquisa bibliográfica e documental, baseada em fontes escritas – livros da área; artigos da internet; documentos arquivados no próprio Museu, tais como: cartas e recortes de jornais da época (A Tarde e Tribuna da Bahia). Em certa medida, espera-se também esclarecer as diferentes relações existentes na conjuntura da Bahia naquele tempo, ressaltando os aspectos museológicos, a fim de apontar como as mudanças políticas influenciaram o campo museal.

Palavras-chave: Legado; José Valladares; Museu de Arte da Bahia (MAB).

11h Museu Paranaense: caminhos, contextos, ações museológicas e interações com a sociedade

Ricardo Carvalho Rodrigues (Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba)

Resumo: Esta comunicação é resultado da pesquisa para obtenção do título de Doutor em Museologia desenvolvida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa – Portugal – e finalizada em dezembro de 2018, com orientação da Profa. Dra. Maria Célia T. M. Santos. Serão abordadas as ações museológicas desenvolvidas no Museu Paranaense em dois períodos distintos: 1874 a 1902 – gestão de Agostinho Ermelino de Leão e 1902 a 1928 – gestão de Alfredo Romário Martins, com o objetivo de avaliar, nos devidos momentos históricos, as relações dessas ações com a sociedade local da época, suas coleções, edifícios e documentos, além de analisar a importância das gestões no desenvolvimento do museu, bem como as sociedades atendidas, a partir das relações exercidas pelos seus diretores. A partir do registro de jornais locais e nacionais, percebe-se a interação do Museu com a sociedade local, em que pese o segmento atendido, através de ações sociais, políticas, culturais, de pesquisa. Assim, a reconstrução da história do Museu Paranaense apresenta um museu com trajetória própria, desalinhada as propostas pelos museus do século XIX e XX. Também foram estudados os motivos da invisibilidade do Museu Paranaense no contexto museológico brasileiro até a atualidade, apesar de suas ações diferenciadas terem acontecido desde o século XIX. A pesquisa trouxe como uma de suas conclusões a alteração da data de fundação para 1874, apresentando-se diversas referências para tal. A análise das informações obtidas pretendeu contribuir para uma releitura da historiografia dos museus brasileiros, incluindo o Museu Paranaense no circuito museológico brasileiro do século XIX, como um museu regional que tem em sua trajetória ações inovadoras de interação com parte da sociedade local e que podem colaborar nas reflexões do campo museal brasileiro e internacional. Serão apresentados documentos que demonstram o papel do museu como zona eleitoral, salão de bailes, espaço de formação agrícola, referência geográfica, espaço de pesquisa, produção de conhecimento local e nacional, divulgação cultural e comercial do Paraná. Esta comunicação pretende ainda posicionar o Museu Paranaense no cenário da história dos museus brasileiros, em especial no século XIX até a atualidade.

Palavras-chave: Museus brasileiros; História dos museus; Museologia; Função social dos museus; Sociomuseologia.

11h20 O Museu da Indústria: Um Projeto Utópico Num Estado Autoritário

Paula Talib Assad (IEB/USP); Sophia de Oliveira Novaes (USP)

Resumo: A presente proposta é fruto do processo de pesquisa do Projeto Jovem Pesquisador FAPESP, junto ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), sobre o legado teórico e empírico da museóloga Waldisa Rússio (1935-1990). Rússio, durante a segunda metade do século XX, participou de diversos projetos e teve projeção em âmbito nacional e internacional no campo teórico e prático da Museologia, na qual se destacou pelo olhar sensível às questões sociais e políticas de seu tempo. O estudo de caso proposto tem como objeto o Museu da Indústria. Idealizado entre 1978 e 1987 pela museóloga, articula conceitos da Nova Museologia visando a preservação da História e das técnicas do patrimônio industrial paulista do século XIX e XX em vias de desmonte frente à modernização. A partir deste projeto polinucleado e integrado à dinâmica do operariado, Waldisa Rússio defende o conceito de “museu processo”. Um dos braços deste projeto estatal estaria na Fábrica Santa Helena (Jacareí, SP), responsável pela manufatura de tapetes por artesãos locais, o projeto visava musealizar as técnicas e o saber deste processo. Nesse sentido, destacam-se as Oficinas Infantis, experiências de difusão do projeto do Museu da Indústria realizadas no Parque da Água Branca (SP- SP). Essa atividade reuniu exercícios de tecelagem, desenho e estamparia. Segundo registros presentes no Fundo, a atividade contou com a visita de 21 mil pessoas, especialmente crianças, que foram convidadas a experimentar o fazer pelas mãos, repensando a manufatura como atividade livre de criação. A partir dessa perspectiva, em 2018, no âmbito do Projeto Jovem Pesquisador, foi desenvolvido uma série de ateliês pela cidade de São Paulo com o intuito de revisitar as propostas de Rússio. Em especial, a ação realizada no Jardim do IEB-USP, junto a jovens de 15 a 20 anos, levantou a discussão sobre a função dos museus. Apesar do Museu da Indústria nunca ter sido implementado em sua completude, a documentação nos suscita a articulação entre uma teoria e uma prática museológica fundamentada em preceitos democráticos voltada às comunidades locais, a atividade humana e aos saberes particulares. Assim, propomos a partir do debate entre a narrativa histórica do Museu da Indústria e a experiência aplicada no IEB-USP, discutir o pioneirismo de uma ação democrática na história da Museologia durante a Ditadura Civil e Militar (1964-1985) e, por outro lado, a possibilidade de reflexão sobre estas na contemporaneidade.

Palavras-chave: Museologia; História da Museologia; Educação Museal.

GT 12 - PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS EM TEORIA MUSEOLÓGICA

MESA 4

Coord: Alexandro Silva de Jesus; Bruno Brulon Soares; Daniel de Souza Leão Vieira.

10h40 Musealização e Governamentalidade: Entre a ciência e o paradoxo dos museus

Glauber Guedes Ferreira de Lima (UFG/LoughboroughUniversity London)

Resumo: Este trabalho consiste em uma análise sobre os gestos epistemológicos produzidos no sentido de constituir os processos de (re)inscrição de sentidos, sob a alcunha de musealização, como objeto de estudo de uma pretensa ciência social – a museologia. Esta reflexão considera

centralmente dois trabalhos: “The Birth of the Museum: History, Theory, Politics”, escrito por Tony Bennett, que parte de uma perspectiva dos estudos culturais, e “Passagens da Museologia: a musealização como caminho” publicado recentemente por Bruno Brulon, o qual tem realizado esforços em potencializar o status científico da museologia. O argumento consiste em apresentar a musealização enquanto um objeto privilegiado para a reflexão sobre os museus, mas sob uma perspectiva que ilumina sua condição de tecnologia, no sentido foucaultiano do termo, de inscrever sentidos sobre a realidade na condição de atender à alguma emergência contemporânea. Este conceito amplia a potência do museu ao passo que vem sendo concebido de forma a legitimar suas intervenções sobre sujeitos e espaços sem depender da materialidade convencional do museu. Para tanto, a concepção museológica sobre a racionalidade política do museu, que se materializa por meio da própria musealização, será discutida em meio à crítica dos estudos culturais produzida por Tony Bennett que percebe um paradoxo nos museus entre suas práticas e respectivas premissas democratizantes. Enquanto na museologia há harmonia entre musealização e democratização, nos estudos culturais (em Bennett, mais particularmente) esta consiste em um paradoxo que deixa traços na subjetividade que produzida a partir desses lugares. Neste sentido, este trabalho aponta para um entendimento da musealização como um expediente de governamentalidade, o qual consiste menos em um instrumento de produzir democratização a partir da conferência de sentido ao que antes estava subalternizado, e mais em um expediente de regulação de sujeitos e grupos sociais.

Palavras-chave:

.....

11h Da Disposição Museo-lógica: Notas Para Uma Perspectiva Contemporânea Em Teoria Museológica

Alexandro Silva de Jesus (UFPE)

Resumo: A comunicação que esse resumo antecipa à maneira de um *exergo*, buscará responder a problemática sobre a construção de um acordo epistemológico para a museologia, a partir de dois gestos ou rubricas analíticas (*Da mais nova Humanidade/Da disposição museo-lógica*). *Da mais nova Humanidade*. Esse gesto de abertura se debruçará, antes de tudo, sobre o processo que desencadeou essa novíssima realidade da museologia, a saber, sua classificação entre as Humanidades pelo Cine Brasil 2018. Esse gesto percorrerá primeiro, a documentação que o Inep produziu para fundamentar e orientar sua proposta, e os e-mails trocados entre a Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, os colegas lotados nas escolas de Museologia no Brasil, e o Inep. Essa análise querará demonstrar certos aspectos da problemática epistemológica que a museologia enfrenta, ainda. Disto, o gesto prossegue pensando quais os desafios que o recolhimento da museologia sob as Humanidades guarda. Por outro lado, esses desafios – legítimos em todo o caso, e que traduzem grande oportunidade para o campo – correm o risco de desmobilização. Ao menos por dois motivos, correlacionados: de um lado, o fato do Inep dispor uma classificação parcial, que vale apenas para certas dinâmicas acadêmicas vividas pelo campo, e, de outro, que sua outra pertença – ela também parcial – entre as ciências sociais aplicadas vem lhe permitindo a concentração de seus esforços para o trabalho prático, e percepção estreita da sua “vocação” técnica. Por isso mesmo urge desfazer a con-fusão entre teoria museológica, de um lado, e história do museu e da museologia, de outro. Da disposição museo-lógica. Esse segundo gesto oferecerá perspectiva teórica para a expressão processo de musealização. Nesse caso, trata-se de demonstrar: a) a partir da tradução da teoria do arquivo de Jacques Derrida e da filosofia da cultura de Giorgio Agamben, alinhamento alternativo entre processo de musealização e museu: b) a circunscrição do fenômeno – valendo-se, aqui, de uma

nota de Davi Kopenawa sobre a ideia de museu; c) seu efeito por sobre a cultura; d) a triangulação da problemática museológica como a problemática entre arquivo, memória e experiência; e) o destino da teoria sobre as disposições museo-lógicas como parte de uma teoria geral sobre os afetos.

Palavras-chave: Processos de musealização; Da disposição museo-lógica; Acordo epistemológico; Humanidades; Teoria dos afetos.

11h20 Por uma Museologia Marxista

Wagner Miquéias Felix Damasceno (UFSC)

Resumo: Neste estudo trazemos a contribuição do pensamento marxista para a teoria museológica, sobretudo no que se refere ao *museu* e ao conceito de *musealização*. Em geral, os teóricos e profissionais de museus agem como se o museu “pairasse” sobre a sociedade, parecendo, assim, que as contradições e conflitos sociais são fenômenos alheios a esta insigne instituição. A partir da noção de *totalidade* convidamos a pensar o *museu* em nossa formação social capitalista, argumentando que a relação museológica é uma relação dialética entre *sujeitos* e *objetos* que ocorre em uma dada formação histórica e social. Portanto, uma relação que extrapola o dualismo cartesiano ou o pragmatismo positivista que, para nós, constituem o “pano de fundo” epistemológico da Museologia e que terminam por orientar a ação museológica de muitos profissionais. Aceitando o desafio proposto por este Seminário – numa conjuntura marcada por crise do capitalismo, degradação das condições de trabalho e aumento das diferentes formas de opressão – sustentamos que o marxismo oferece ferramentas epistemológicas e políticas relevantes para os profissionais do campo museológico.

Palavras-chave: Museus; Musealização; Marxismo; Totalidade; Dialética;

GT 13 - EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPO DE TRÂNSITO: TRANSFORMAÇÕES E IMPACTOS SOCIAIS

MESA 5

Coord: Marcela Maria Freire Sanches; Silvilene Moraes.

10h40 Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao Ar Livre

Vanessa Freitas (Universidade do Porto)

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir as potencialidades e os desafios da mediação cultural da arte contemporânea quando exposta ao ar livre, isto é, a partir de obras que são apresentadas no contexto de parques e jardins de instituições museológicas. Dessa forma, são abordadas as aproximações e os distanciamentos entre a arte e a natureza em aspetos institucionais, expositivos e educativos a partir de dois estudos de caso – a Fundação de Serralves, em Portugal, e o Instituto Inhotim, no Brasil. A pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Doutorado em Museologia na Universidade do Porto, em Portugal, e ocorreu entre os anos de 2013 e 2018. As reflexões teóricas que orientaram este trabalho vinculam-se às perspectivas da arte-educação e da museologia crítica. Tais fundamentos indicaram os

enquadramentos relevantes para pensar a mediação em museus, as suas práticas, os principais debates sobre esse tema e o desenvolvimento do conceito de mediação descentralizada, que pode ser definido como elemento transversal das práticas museológicas. Ainda que marcado por procedimentos híbridos, o posicionamento metodológico deste trabalho é, fundamentalmente, qualitativo. O caráter quali-quantitativo é expresso nas 23 entrevistas semiestruturadas com profissionais dos museus supracitados e nas entrevistas e questionários aplicados a 76 visitantes. Os dados coletados tiveram ênfase em identificar as potencialidades da mediação da arte ao ar livre a partir da motivação e experiência de visita, além da avaliação das ferramentas e serviços institucionais. As conclusões do trabalho podem ser divididas em três dimensões. A primeira relaciona-se à organização institucional, que cria aproximações e distanciamentos entre os campos da arte contemporânea e do meio ambiente. A segunda aponta que a maneira como as obras de arte são expostas ao ar livre modifica os modos de encontrar e de se relacionar com elas. A terceira mostra que a experiência de visita num espaço que integra a arte e a natureza pode proporcionar vivências ligadas ao lazer, à informalidade e à construção de significados – entendendo esses elementos como bases significativas para o desenvolvimento de práticas educativas. Por fim, aponta-se que a existência de um projeto educativo de caráter contínuo, experimental e flexível pode ser útil no sentido de fazer uso das propriedades latentes da mediação em torno da exposição da arte contemporânea ao ar livre, tanto em Serralves como em Inhotim.

Palavras-chave: Mediação; Arte ao ar livre; Instituto Inhotim; Fundação de Serralves.

11h Uma ciência pelas crianças e a imersão na oficina MediAntar

Creuza Daniely dos Reis (UFMG); Paula Nuryele de Andrade (UFMG)

Resumo: O Espaço do Conhecimento UFMG é um dos equipamentos culturais de Belo Horizonte e uma importante “vitrine” para a população das pesquisas feitas dentro da universidade. As ações educativas visam fazer com que os visitantes, incluindo as crianças, se apropriem das discussões das exposições e construam, eles mesmos, seus conhecimentos. Entre os meses de janeiro e fevereiro de 2018, foram desenvolvidas atividades sobre a exposição “Expedição Antártica”, que trouxe pesquisas realizadas pela UFMG no continente. Um dos projetos, o MediAntar (Medicina Antártica) busca entender como o corpo se adapta às condições extremas do ambiente, como o vento severo, falta de luz e a dificuldade de caminhar na neve. Na exposição, essas condições foram simuladas em três cápsulas sensoriais. Esse trabalho trata das ações educativas relacionadas ao projeto “MediAntar”, feita com crianças entre 3 e 9 anos, com o objetivo de divulgar ao público infantil as pesquisas feitas no continente, através de uma oficina pensada para que as crianças pudessem experimentar o cotidiano dos pesquisadores, entendendo como é sobreviver num ambiente com condições bastante diferentes das que o nosso corpo está acostumado. Tomamos como base a apresentação de Sílvio Gallo no Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo (Santa Catarina, 2012), com o tema as múltiplas dimensões do aprender, onde defende que foquemos na aprendizagem como processo. O desafio era realizar a simulação de uma análise de urina. Para tanto, as crianças exploraram a exposição, recebendo instrumentos ao longo do percurso: luvas, conta-gotas e tubo de coleta. Antes de recebê-los, as crianças tiveram que explorar e conhecer o continente e as cápsulas. Entregamos também uma ficha, com perguntas, que as estimulavam a observar o que acontecia com o próprio corpo. Essa ficha foi pensada de forma que as crianças que não sabiam ler pudessem preenchê-la. Ao final, elas coletaram urina artificial e avaliaram se era saudável. Procuramos estimular a autonomia das crianças, deixando que, a partir da experiência vivenciada e da conversa

onde trocamos informações, elas tirassem suas próprias conclusões. Avaliamos, por meio de observação durante a oficina, que a atividade estimulou a capacidade inventiva das crianças. Elas assumiram o papel de pesquisadoras de forma fluida, graças à sua imaginação e o estímulo das mães e pais que estavam acompanhando a atividade e compraram a ideia. Concluímos então eu o objetivo da oficina foi alcançado.

Palavras-chave: Educação infantil; Ação educativa; Aprendizagem; Antártica; Divulgação científica.

GT 14 - CORPOS FEMININOS NEGROS: REPRESENTAÇÃO NOS ESPAÇOS DE MEMÓRIA

MESA 3

Coord: Maria das Graças de Souza Teixeira; Joana Angélica Flores Silva; Janaina Couvo Teixeira Maia de Aguiar.

10h40 Onde se Alocam Corpos Femininos Negros na Discussão Museológica Contemporânea?
Joana Angélica Flores Silva (UFS)

Resumo: O presente trabalho se debruçará sobre as discussões trazidas pela Museologia contemporânea, de maneira a identificar narrativas sobre os corpos negros femininos no contexto da teoria museológica, produzida no Brasil, nos últimos dez anos e que contribui para os estudos no contexto da Diáspora na perspectiva desse campo de saber. Tomarei como delineamento para essa pesquisa, as reflexões epistemológicas produzidas pela Museologia Social no intuito de repensá-las a partir das intersecções de raça, gênero e classe e relacioná-las a fatos, temporalidade, simbologia, objeto e narrativas com as formas de musealização das memórias preservadas nas instituições museais do país. Como trazem em suas coleções esses corpos não “identificados”, mas, subjetivamente imbricados nas peças de mobiliário, acessórios, vestimentas etc. que deslocam-se no tempo enquanto acontecimentos e permanecem ilegíveis? Objetos esses que induzem de forma aparentemente despretensiosa a uma única interpretação de quem vê. Lê-se apenas a representação de um sujeito a partir da construção simbólica sobre a imagem construída, encenada. Induz-se a reconhecer, aquele (a) que luta e o (a) que vence é também o (a) que coloniza. Nesses lugares depositam-se as lembranças do sujeito que também é reverenciado por essas narrativas que legitimam os não lugares para os grupos historicamente anulados do processo histórico. Para tanto, utilizarei das narrativas construídas em torno das representações simbólicas para identificar as teorias que projetam ou não, os discursos que fundamentam o processo de (re) interpretação dos signos e corroboram para a permanência de um imaginário coletivo e colonizador que contribui para uma reprodução imagética que reitera o discurso de subalternidade ainda refletido nas práticas museológicas, na atualidade. Assim, a indagação “quem fala por quem nas narrativas museológicas?”, ou “quem fala sobre os corpos que trazem a escravidão enquanto alegoria para esse (não) lugar nos museus?”, contribuirá para incitarmos uma investigação sobre a produção discursiva que versa sobre esse campo de saber para além da própria ciência museológica.

Palavras-chave: Corpos Femininos Negros; Teoria Museológica; Diáspora.

11h Processo Curatorial Participativo: Tensões na Tessitura de uma Exposição Denuncia

Maria das Graças de Souza Teixeira

(UFBA / Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

Resumo: Análise de duas edições de projeto expositivo ocorrido nos anos de 2015 e 2018 no Museu Afro Brasileira da Universidade Federal da Bahia, utilizando o método da escuta sensível, por meio de curadoria participativa, permitindo compreender a (in)visibilidade da mulher negra no processo de genocídio da juventude negra.

Palavras-chave: Processo curatorial participativo; Exposição; Escuta sensível.

11h20 LABGEO: um laboratório que abriga as Geo-grafias de escritas femininas negras dentre outros projetos

Alexandre Silva de Miranda (Colégio Técnico/ UFRRJ); Geny Ferreira Guimarães

(Colégio Técnico/ UFRRJ); Marília da Silva Paula Cruz (Colégio Técnico/ UFRRJ)

Resumo: A Geografia é uma área do conhecimento que abrange uma gama muito extensa de assuntos que podem ser desde a natureza, política e economia, chegando até discussões socioculturais que se estabelecem no tempo e no espaço. Abrange ainda pensar a construção do espaço geográfico por meio da dimensão racial do espaço e assim, levar em consideração gênero, raça e sexualidade. Deste modo foi criado o Laboratório de Geografia ou LABGEO para:- armazenar e produzir materiais didáticos e recursos educacionais;- reunir estudantes do ensino médio e da graduação para desenvolverem pesquisas juntos;- participar de Editais, Concursos, Olimpíadas etc.;;- desenvolver projetos de iniciação científica, apoio estudantil e extensão na UFRRJ. Sendo que o foco deste resumo expandido será dado para um dos projetos de iniciação científica em curso e intitulado GEO-grafias. Objetivo Geral: apresentar a organização e manutenção de um Laboratório de Geografia voltado para o Ensino Médio onde professores e estudantes possam desenvolver pesquisas de Geografia cujas atividades estejam integradas ao NEPEG (Núcleo de Estudos e Pesquisas Geo-Culturais – um grupo para leituras, estudos e discussões em torno de memória, ancestralidade e questões culturais contemporâneas da Geografia Cultural, no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR/UFRRJ)Objetivos específicos:- enumerar os vários projetos do LABGEO;- apresentar com detalhes o projeto foco desta apresentação: GEO-grafiasMetodologia: O Projeto GEO-grafias, inicialmente, GEO-grafias Negras abrange pesquisas sobre escritoras negras, construção de exposições fotobiográficas das mesmas e a realização de Geo-Saraus onde podem ser manuseadas as suas obras e recitados poemas, trechos de contos e romances.Considerações: Este tipo de projeto dentro de um Laboratório de Geografia, sendo parte de um grupo de pesquisa CNPQ, ainda, realizado tanto enquanto iniciação científica como extensão no Colégio Técnico da UFRRJ quebra barreiras das limitações impostas a professores de Educação Básica e de temáticas para pesquisas no mundo acadêmico. Serve enquanto espaço de representação propositiva de características de culturas negras; manutenção de suas memórias e referências de suas produções de forma não estigmatizadas ou inferiorizadas socialmente. Trazendo práticas museológicas para dentro da escola.

Palavras-chave: Antirracismo; Geografia Cultural; LABGEO; Iniciação Científica; Ensino Médio.

GT 15 - MUSEOLOGIA E ARTE EM DIÁLOGO: ARTICULAÇÕES NECESSÁRIAS EM TEMPOS DE FRAGMENTAÇÃO

MESA 5

Coord: Anna Paula da Silva; Neila Dourado Gonçalves Maciel; Mariela Brazón Hernández.

10h40 A Coleção Amazoniana de Arte da UFPA - Seção Arte Pelo Olhar Da Museologia
João Victor Polaro Soares (UFPA); Orlando Franco Maneschy (UFPA)

Resumo: O presente resumo da pesquisa possui como objetivo trazer o panorama que está sendo pesquisado enquanto reflexão acadêmica sobre a Coleção Amazoniana de Arte da Universidade Federal do Pará - UFPA, contudo, dando especial destaque a seis artistas da chamada Seção Arte. Busca-se por meio da abordagem de suas obras, mostrar a importância da coleção para os estudos em Museologia, sobretudo em Museologia na Amazônia, destacando os desafios da produção dessa área de conhecimento para a região, sendo específico e não colonializante. Assim, esse estudo teve início partir da pesquisa concebida na iniciação científica PIBIC/CNPq, ano 2017/ 2018, cujo título do plano de trabalho é "Coleção Amazoniana de arte da UFPA - Perspectiva no Encontro dos Documentos no) Arquivo (da Coleção .Amazoniana de Arte da UFPA", sendo vinculado ao projeto Percursos da Imagem na Arte Contemporânea e seus Desdobramentos - Arte e Patrimônio Artístico na Amazônia com a orientação do Artista e Curador Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy. Para tanto, faz-se nessa recente pesquisa um apanhado conceitual abordando os significados de Museologia, musealização, onde se encontra entender esse processo de transformação do objeto em um objeto museal, dentro do diálogo entre espaço, objeto e sociedade, e aplicação desse conhecimento epistemológico na área das Artes, e por fim, às coleções. Logo em seguida, é apresentado o objeto de estudo, onde busca-se traçar a trajetória da coleção destacada em conjunto com sua historiografia e olhares de agentes próximos, como o curador geral e artístico, um museólogo e pesquisadores da academia, pois seus entendimentos são essenciais para justificar a relevância da coleção para os estudos em Museologia. Em suma, conclui-se com a aplicação do olhar da Museologia sobre a coleção,

desta forma, abarcando o processo fenomenológico da musealização, os quais analisam a contribuição do Museu da UFPA como espaço desse acontecimento, além de indicar a função de uma possível curadoria museológica, onde se permitiria traçar diretrizes museais como documentação, conservação e comunicação eficientes para a referida coleção.

Palavras-chave: Museologia; Musealização; Coleção; Amazônia.

11h Intercâmbios Museológicos e Artísticos: análise do Manual de Vernizes de João Stooter
Rita de Cássia Cavalcante (UFMG); Igor Cândido Costa (UFMG);
Stephanie Nunes de Lima (UFMG)

Resumo: Pensando nos conceitos museológicos contemporâneos que estão atentos aos intercâmbios entre áreas do conhecimento, como o campo da história da arte, o objeto de estudo desta referida pesquisa será o manual intitulado "Arte de brilhantes vernizes, & das tinturas, fazelas, & o como obrar com ellas..." do artista João Stooter. A busca pelo florescimento

da arte de fabricação de vernizes na marcenaria e na eboraria portuguesas foi o que motivou João Stooter a escrever um manual dedicado a ensinar o manuseio de ingredientes usados em receitas de colas e vernizes para o acabamento de obras artísticas. Natural de Antuérpia e nascido possivelmente no início do século XVIII, João Stooter buscou aprimorar o trabalho de marceneiros, torneiros, escultores e pintores portugueses que tinham a oportunidade de produzir obras em madeiras nobres do Brasil e da África, que chegavam à Europa, no século XVIII. O livro foi publicado originalmente em Antuérpia, no ano de 1729 e, posteriormente, a obra recebeu alterações e foi republicada em Lisboa, na Oficina de José de Aquino Bulhões (1786), na Oficina de Francisco Borges de Souza (1790) e na Tipografia de Nunes Esteves (1825). Apesar de suas reedições, atualmente, o manual é uma obra de grande raridade. O presente trabalho está sendo desenvolvido pelo RARIORUM - Núcleo de Pesquisa em História das Coleções e dos Museus da Universidade Federal de Minas Gerais e pretende apresentar a investigação, em andamento, sobre a vida do autor, seu ofício e a forma como foram produzidas as várias edições de seu livro, gerando um aprofundamento da compreensão do conteúdo histórico, técnico e artístico apresentado no manual. Além disso, será apresentado um estudo multidisciplinar desenvolvido entre as áreas de Museologia, História, Química e Conservação e Restauro sobre os termos empregados nas formulações dos vernizes e a metodologia a ser empregada para reproduzir e caracterizar as formulações apresentadas no manual, contribuindo para o desenvolvimento da história da arte, história da arte técnica e dos processos de conservação de bens artísticos nos espaços museais, no que diz respeito à salvaguarda de coleções de marfins e a plena exibição dos objetos em exposições de arte por meio da produção de uma edição comentada do manual aqui citado.

Palavras-chave: João Stooter; Conservação de bens artísticos; Manual de vernizes; Museologia.

11h20 LÚMEN: um estudo da projeção como estratégia de comunicação de monumentos

Arthur Gomes Barbosa (UnB)

Resumo: Lúmen é, para a óptica, uma unidade de medida de fluxos luminosos. De origem latina, a palavra é entendida como “luz como meio de iluminação” e adotando uma interpretação iluminista, passamos a entender iluminação como forma de conhecer, de ver. Nos apegamos então a etimologia da palavra para tratarmos da projeção, técnica que utiliza da luz, da imagem, tempo e do espaço, que se aplica sobre suportes variados que passam a ser modificados, transformados e ressignificados, defendendo que o uso de tais práticas “ilumina” questões referentes ao seu suporte, no sentido de ser capaz de trazer a tona discussões adormecidas. Desta forma, o presente artigo visa, em um primeiro momento, apresentar um breve histórico da mídia em questão e sua utilização em suportes arquitetônicos, tendo como objetivo o levantamento de discussões a respeito do uso da projeção enquanto mídia artística e comunicacional, como estratégia de comunicação do patrimônio edificado, apresentando as possibilidades destes usos na comunicação de monumentos e museus assim como na transformação de seus suportes, defendendo a hipótese de que a projeção, enquanto manifestação artística, é capaz de ativar potenciais simbólicos de seu suporte. Para isto, tomaremos como plataforma de observação o Museu Nacional Honestino Guimarães, que em diferentes ocasiões foi suporte para projeções. Para este trabalho, utilizaremos a projeção AllSeeingEye, da artista polonesa Joanna Rajkowska, executada em 2013. Destacando o uso de tais práticas sobre objetos monumentais tombados, cuja alteração é interdita, levando em consideração ainda os sentidos presentes nos monumentos e na arquitetura e como estes são comunicados e re-comunicados dentro do contexto contemporâneo, visamos questionar os processos de ativação de um monumento,

objeto referencial de memória, por meio de práticas artísticas. Levando em consideração as noções de atualização e ressignificação, entendendo o processo de atualização como uma ação que reaviva o sentido inicial da construção, recomunicando-o por vias extrínsecas ao monumento, que acabam por depositar ou ativar uma nova camada de sentido, atualizando-o. Já o processo de ressignificação ocorre quando há alteração e revisão do sentido inicial, uma vez que o monumento é um signo. Defende-se então que a projeção, como linguagem e uma ação é uma estratégia de atualização do patrimônio, levando em consideração as problemáticas do tombamento e da preservação, que por vezes atuam “engessando” os usos destes suportes como objetos comunicacionais e de memória, a projeção possibilita uma ressignificação do objeto sem ferir sua estrutura. Sendo assim, o uso de tais estratégias possibilita novas formas de difusão do conhecimento, construção de público, e comunicação do patrimônio edificado dentro do espaço urbano. Para trabalhar esta premissa, levantamos questões, de maneira exploratória, por meio da revisão bibliográfica e análise dos usos da projeção na arquitetura no contexto contemporâneo, prática que vem se tornando comum, principalmente no exterior em eventos como as “Festas das Luzes” (Fêtes des Lumières) e “Noites Brancas” (Nuit Blanches), considerando ações de atualização dos monumentos, ação que reaviva o sentido inicial da construção, recomunicando-o por vias extrínsecas ao monumento, que acabam por depositar ou ativar uma nova camada de sentido, atualizando-o; e de ressignificação do suporte, processo que altera e revisa o sentido inicial do suporte como signo. Passando ainda pela projeção como tecnologia, linguagem comunicacional e prática artística além de noções de comunicação e marketing cultural, levantando possibilidades de utilização de tais práticas nas comunicações do patrimônio brasileiro.

Palavras-chave: Patrimônio; Vídeo Arte; Monumento; Projeção.

WWW.SEBRAMUSREPOSITORIO.UNB.BR

REALIZAÇÃO



UnB



Faculdade de
CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

Curso de
Museologia



UnB

Grupo de Pesquisa **Museologia,
Patrimônio e Memória**

Programa de **Pós-Graduação
em Ciência da Informação** - PPGINF

APOIO



MUSEOLOGIA VIRTUAL



UnB | FACE

Faculdade de Economia, Administração,
Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas